

DEATH AND THE LAST VAMPIRE
BOOK I

BITTEN
BY
DEATH

VEGAS IMMORTALS
HOLLY ROBERDS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



SINOPSE

Se você visse o rosto dele, você também desejaria morrer.

Minha vida é uma merda. Mais precisamente, eu chupo – sangue.

Acordei em uma mesa fria de um necrotério, há duas semanas, sem lembranças e com um novo hábito de beber que prejudica seriamente minha capacidade de fazer amigos.

Agora estou procurando respostas na Cidade do Pecado sobre meu passado e quem eu era, mas outra pessoa está *me* caçando.

Quando a própria Morte vem me buscar, me vejo diante do ser mais magnífico e aterrorizante que se possa imaginar. Quem diria que o Ceifador usava um terno sob medida e administrava o hotel mais exclusivo de Las Vegas?

Ele quer me manter prisioneira? Tudo bem, vou sacudir a gaiola e tornar a vida dele um inferno até conseguir minha liberdade.

E eu absolutamente não posso, sob nenhuma circunstância, deixá-lo saber que sua mão está envolvendo minha alma.

CAPÍTULO UM

Acordei com um suspiro.

Estou morrendo?

O frio me envolveu e cortou meus ossos como mil adagas.

Apesar de estar na escuridão total, pude discernir facilmente o que estava ao meu redor. Eu estava numa caixa de metal, do tamanho de um caixão. Havia uma estranha tonalidade vermelha na minha visão. Tentei gritar, mas nada saiu. Quando fechei a boca, mordi meu próprio lábio com um corte preciso. Estendendo a mão para tocar meus caninos, encontrei incisivos alongados e afiados. Presas?

Que terrível inferno?

O gosto de sangue metálico deslizou pela minha língua e algo selvagem me atravessou. Antes que eu percebesse, eu tinha arrancado a porta de aço do recinto do tamanho de um caixão apenas com os pés.

A necessidade de cobrir meus seios nus e região pubiana foi um pensamento fugaz enquanto eu olhava boquiaberta para a prisão de aço em que acabara de entrar. A picada aguda do antisséptico dominou meus sentidos junto com o cheiro de carne fria e em decomposição. Eu não estava morrendo. Eu já estava morta, um pedaço de carne fria na gaveta do necrotério até poucos minutos atrás. O frio congelante penetrou até a medula dos meus ossos.

Emoção e pânico cresceram dentro de mim apenas para serem abafados pela fome... de sangue.

Oh Deus, eu precisava beber, me alimentar, me empanturrar ou iria morrer.

Esqueça isso. Eu claramente já havia morrido.

Passei pelas portas de vaivém, passando por uma caneca de café pela metade. Eu pude sentir o cheiro, percebendo instantaneamente que o café era barato e que havia esfriado horas atrás. Segui meus sentidos aguçados, focando no alvo da minha sede cegante.

Meu coração não batia, mas algo profundo e primitivo batia dentro de mim, me controlando, me levando a uma sala onde arranquei a porta de uma geladeira com pouco esforço. Joguei a placa retangular de aço para trás de mim, sem me importar com o tremendo som de estrondo que ela fez ao se chocar contra os armários ao longo da

parede. Eu havia encontrado meu prêmio: bolsas transparentes cheias de um líquido vermelho e vital.

A necessidade se dobrou, me agarrando com tanta força que quase me deixou de joelhos. Em vez disso, peguei uma bolsa e mordi-a, sugando-o até secar como uma criança desidratada com um sachê de suco.

O sangue estava frio. Queria que fosse quente, fresco, cheio de sabor e textura lisa, mas mal podia esperar. Esvaziei a bolsa em segundos e peguei outra. Rasguei uma quinta e depois uma sexta bolsa de sangue, e quando terminei de sugar dois terços da geladeira do hospital, o barulho dentro de mim diminuiu. Apesar do líquido frio, o calor se espalhou pelos meus membros. A crise que vibrava em minhas células diminuiu. Eu não sentia mais que ia morrer.

Olhando para meu corpo nu e manchado de sangue, a realidade da situação se cristalizou ao meu redor. Minhas pernas ficaram desossadas e deslizei para o chão. As gavetas da geladeira aberta bateram nas minhas costas, mas não me importei.

O que diabos eu era?

Vampiro, meu subconsciente sussurrou.

Quem era eu?

Minha mente ficou em branco.

Eu era uma mulher, esqueça isso... uma vampira que tinha acabado de se empanturrar de sangue, nua, em um hospital no meio da noite. Apesar de não haver janela, eu sabia instintivamente que já estava escuro há cinco horas. Como eu sabia disso?

Meus pensamentos dispararam enquanto eu buscava mais informações... um nome, uma vida, os rostos das pessoas que eu conhecia, qualquer coisa. Eu estava vazia.

Um focinho empurrou a porta, interrompendo minha crise existencial. Fiquei surpresa ao encontrar o olhar infalível de um cachorro. Era elegante e preto, mas seu rosto estreito e cauda espessa me lembravam de uma raposa. Seu pelo era preto como tinta e seus olhos eram dourados, quase luminescentes. Do outro lado da sala, ele esticou o pescoço em minha direção, farejando o ar. Não havia coleira ou guia presa ao cão.

Claro, um cachorro vagando livremente em um hospital. Por que não?

Instintivamente levantei a mão, querendo tocar o pelo macio e aproveitar o sonho vívido em que estava obviamente envolvida. — Olá — eu disse suavemente, encontrando minha voz embora minhas palavras saíssem roucas.

Quando inclinou a cabeça, olhando para mim, seu rosto mudou por um breve momento. Em vez de um rosto peludo, vi seu crânio canino. O lábio do cachorro se abriu, mostrando os dentes para mim com um rosnado baixo.

Peguei minha mão de volta, pressionando-a contra meu peito. Cachorrinho *não* gostava de mim.

O rosnado se aprofundou. O cachorro ia atacar.

Apesar do perigo, não consegui ficar de pé. Talvez eu devesse deixar isso me destruir, pensei, estranhamente desconectada do meu corpo e da situação.

Então o cachorro desapareceu, virando no corredor de onde veio.

Está bem, então.

Acordei no necrotério de um hospital, uma vampira sem memórias, destruo uma geladeira cheia de sangue como a farra desenfreada de sorvete de uma garota depois de um rompimento ruim, e então um cachorro estranho aparece, me ameaça e depois desaparece.

Claro.

Algo borbulhou dentro de mim. Ele subiu pela minha garganta até sair da minha boca.

Eu ri.

No começo, começou como uma risadinha, depois se transformou em uma gargalhada e logo eu tinha lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

A segunda coisa que aprendi sobre mim mesma, depois de perceber que era uma vampira, foi que tinha um senso de humor sombrio e exagerado.

Isso ou eu estava louca como uma maluca.



— Por...por favor — ele gaguejou. — Misericórdia.

— Misericórdia? — Fiquei de pé, elevando-me sobre o homem trêmulo que implorava de joelhos. Minhas palavras saíram nítidas e concisas. — Você realmente acha que pode pedir misericórdia à própria morte e esperar obtê-la?

Apertando as mãos em oração, ele balançou a cabeça. Nossas vozes ecoaram na sombria antecâmara de pedra. A luz laranja das tochas tremeluzia sobre seu rosto e sobre sua careca.

— Você deseja que eu pense que você é humilde, bom e especial. — Meus ombros ficaram tensos e flexionados sob meu terno. — Você acredita que a própria morte deveria poupá-lo porque eu me importo. — Quase cuspi as últimas palavras. Então, agarrando o homem pelas lapelas, levantei-o e me inclinei, praticamente cara a cara com ele.

— Você não é especial. Ninguém é poupado. Todos devem cumprir seu fim como tal, e você já fez suas apostas. Agora é hora de você sacar.

Então mostrei a ele a verdadeira face da morte.

Seu grito penetrante reverberou ao meu redor enquanto seu puro terror permeava o ar.

Depois que terminei com ele, arrumei minha terno e subi os poucos degraus até a única cadeira de veludo vermelho na sala. Pegando a xícara de café expresso, tomei um gole do elixir escuro e amargo. Havia sido um longo dia. A exaustão que senti não teve nada a ver com falta de descanso. Era a mesma coisa dia após dia, embora eu valorizasse meu dever, o trabalho era punitivo, sem fim, e era apenas meu fardo. Não adiantava pensar em como as coisas poderiam ser diferentes, nada mudaria.

O clique rítmico e eficiente de sapatos caros e engraxados me alertou para a presença de meu assistente. Quando me virei para Timothy, seu cabelo normalmente despenteado parecia mais desordenado e a preocupação apertava seus olhos.

— Senhor, temos um problema.

Colocando a xícara na mesa com um tilintar, dei-lhe toda a atenção. — O que é?

Não era típico de Timothy hesitar. Uma de suas melhores qualidades era ser receptivo com notícias, sejam elas boas ou ruins.

— Houve um avistamento de um...

— Diga isso, homem.

— Um vampiro, senhor.

— Você deve ter cometido um erro — eu disse lentamente.

Balançando a cabeça, os lábios franzidos de desgosto.

Eu estava errado, algo havia mudado. E não para melhor.

CAPÍTULO DOIS

Minha vida foi uma droga nas últimas duas semanas. Vivendo nos esgotos, alimentando-me de ratos, tentei recompor minha vida anterior. Eu só marquei uma vantagem para o meu passado.

E você não sabe, o potencial guardião dos segredos da minha vida só tinha que se chamar Chad.

— O que você quer, vadia? — Chad cuspiu em mim, um escarro caindo direto no meu rosto. Chad era um loiro sujo de um metro e oitenta, de trinta e poucos anos, com fortes cicatrizes de acne e mau hálito. Não, não importa que eu dificilmente fosse à imagem de uma boa higiene. Com tudo o que passei nas últimas duas semanas, esta foi a coisa mais próxima que tive de um banho.

Limpendo a saliva que esfriava rapidamente em minha bochecha, não me preocupei em esconder minha expressão de desgosto. Minha outra mão apertou sua garganta. Um grito delicado saiu de Chad. Seus globos oculares esbugalhados se voltaram para baixo confirmando que ele estava realmente a trinta centímetros do chão, com os pés pendurados como os de uma boneca de pano.

Ok, então minha recém-descoberta existência de morta-viva veio com algumas vantagens interessantes.

Ficamos nos fundos do bar que ele frequentava, The Hairy Harbinger. Chad tinha saído para fumar e foi então que o encurralei. Ninguém provavelmente ouviria seus gritos por causa do rock clássico e das máquinas caça-níqueis estridentes que vinham de dentro.

— Vamos, Chad — eu ronronei. — Não seja assim. Você estava lá na noite em que aquela garota foi assassinada.

— O que você está falando? — Ele disse asperamente, ainda tentando tirar meus dedos de sua garganta, sem sucesso.

O cara parecia mais na defensiva do que confuso com a minha presença. Não houve nenhum brilho de reconhecimento em seus olhos quando apareci, o que fez dele um suspeito ainda menos provável do meu assassinato.

— Estou falando da garota que foi encontrada com a garganta rasgada. Você foi visto no local. — Virei à cabeça na direção do beco, dois quarteirões adiante.

— Eu contei à polícia o que aconteceu. Eles me deixaram ir — protestou ele. O ressentimento ferveu nos olhos de Chad. Chad não era a lâmpada mais brilhante da penteadeira.

Abaixei Chad para que seus pés tocassem o chão, mas mantive meu aperto firme. Com a perspectiva de que ele pudesse se soltar e fugir, uma emoção passou por mim, apertando meus mamilos enquanto o predador dentro de mim despertava. Eu culpei o rápido ritmo de suas veias sob minha palma. Seu sangue era perturbador, tentador, apesar de sua cara feia, a excitação enrolava em minha barriga.

Eu recuei com o pensamento. Não para ele, *eca*.

Ainda assim, a perspectiva de uma refeição humana quente... seu sangue cantava para mim. Seria tão doce cravar meus dentes em seu pescoço e secá-lo. Suprimi um arrepio. Era arriscado estar tão perto de um humano quando eu mal conseguia sangue de verme suficiente para me manter sã. Mas eu tinha que descobrir a verdade. Descobrir o que aconteceu comigo.

Afastei a ideia de rasgar sua garganta e disse: — Sim, bem, eu não sou a polícia, então *me* conte o que aconteceu. — Dei-lhe uma sacudida, forte o suficiente para deixar seus dentes chacoalhando.

Antes de sair do necrotério, consegui localizar e ler meu arquivo antes de roubar um jaleco e sair correndo de lá. No envelope pardo havia fotos do meu corpo. Meus membros estavam abertos em ângulos estranhos, meus lábios cinza-azulados, olhos arregalados e vazios. Com a cabeça inclinada para o lado, a carne mutilada do meu pescoço rasgado estava perfeitamente exposta para a câmera. Eu estava usando um vestidinho preto e botas de salto alto, mas não havia nenhum vestígio de bolsa, telefone ou qualquer tipo de identificação. Havia uma nota anexada informando que se tratava de um possível assalto, mas os ferimentos pareciam ter sido infligidos por um animal. Fiquei tentada a pegar uma caneta e escrever “ataque de vampiro” ao lado da nota original.

O legista também tentou verificar minhas impressões digitais, mas o scanner apresentou erro. Examinei as pontas dos meus dedos e descobri que eram estranhamente lisas. Muito suave. Para o legista, eu ainda era uma Jane Doe¹.

¹ Pseudônimo coletivo que é usado quando o nome verdadeiro de uma pessoa é desconhecido ou está sendo intencionalmente oculto.

Ugh. Que nome idiota. Fiquei tentada a pegar a caneta uma segunda vez para escrever em uma caligrafia melhor.

Mas a coisa mais importante que descobri foi o local onde meu corpo foi encontrado. Recorri a ficar por aquele mesmo beco, em busca de pistas, quando ouvi trechos de uma conversa de alguns caras fumando do lado de fora de um bar na esquina, The Hairy Harbinger. O lugar era um buraco escuro na parede que fedia a cerveja fraca e vômito. *Posso lhe servir um ferimento de faca junto com esse uísque barato?*

Os dois homens conversaram casualmente sobre como Chad tropeçou “naquela garota morta com um belo par de pernas”. Eles refletiram se ele havia feito isso, já que não seria a primeira vez que ele seria violento com as mulheres.

Depois de duas semanas esperando para ver se Chad apareceria, finalmente abordei um dos fumantes. Pelo baixo preço de 250 dólares, ele persuadiria Chad a desistir. Eu consegui o dinheiro e agora que tinha a única pista do meu passado em minhas mãos, valeu a pena.

— Como eu disse à polícia — Chad enunciou cada palavra com ódio palpável. — Eu estava fumando lá fora, esperando um amigo quando ouvi alguém gritar. Alguns turistas que saíram da Strip tropeçaram no corpo. Eu não vi merda nenhuma.

Seu coração batia de forma irregular e seus olhos corriam aqui e ali, confirmando o que eu suspeitava de Chad, o Encantado.

— Você é um mentiroso — eu disse, dando-lhe meu melhor sorriso psicótico. Seus olhos se arregalaram e ele ficou imóvel enquanto seu olhar se fixava em minha boca. Certo. Presas de vampiro. Esqueci que isso seria útil para táticas de intimidação.

De repente, as palavras jorravam dele como uma cachoeira. — Eu estava fumando, como disse, mas enquanto esperava vi alguém no beco. Levei um minuto para perceber que eles estavam despejando um corpo.

A antecipação tomou conta de mim. Finalmente, uma maldita pista do que aconteceu naquela noite. Eu fui morta em outro lugar. Eu precisaria descobrir onde estive e por que o vampiro moveu meu corpo. Os demônios sugadores de sangue não se importavam com os corpos deixados em seu rastro? — Como eles eram?

Quando Chad emitiu outro grito, percebi que precisava afrouxar um pouco o aperto. — Desculpe, você me deixou um pouco animada.

Agora me diga como eles eram. — Uma parte de mim ainda insistia que ninguém sentiria falta desse canalha. Eu poderia bebê-lo até secar e deixar o mundo um pouco mais brilhante.

Não. Reprimi meus instintos e lutei contra a sede com tudo que havia em mim. Minha sede não me controlaria e eu não me tornaria uma assassina.

O olhar de Chad passou por mim e algo mudou. Seu rosto ficou sem cor e se eu não o estivesse segurando, suas pernas teriam falhado. Os minúsculos cabelos ao longo da minha nuca se arrepiaram em atenção. Como se eu soubesse com certeza que um raio estava prestes a me atingir bem nos cinco centímetros de carne exposta entre meu casaco e a linha do cabelo.

Soltando o homem à minha frente, me virei, já desejando não ter feito isso.

O que vi foi assustador o suficiente para me matar... de novo.

A figura que se aproximava de nós não era um ser normal. Apesar de ter o rosto de um homem, o poder fluía dele em um majestoso manto escuro. Embora eu não precisasse respirar, o pânico cortou meu peito enquanto o ar era sugado do espaço ao meu redor. Meu estômago afundou e meu corpo já frio caiu para temperaturas árticas.

Foi como ver um eclipse solar, não impossível, mas queimou. Sua mandíbula quadrada cerrou-se com uma tensão visível. Olhos vingativos ardiam com fogo dourado, e sua constituição muscular preenchia o traje que ele usava. Seus movimentos eram líquidos, não naturais. O único sinal de que ele era humano era a barba escura emoldurando perfeitamente seus lábios carnudos.

— É o diabo. — O sussurro de Chad saiu rouco. Eu não tinha percebido que o tinha deixado ir, mas ele permaneceu congelado no lugar, olhando para a criatura que se aproximava com horror e pavor abjetos. — Ele finalmente veio buscar minha alma.

O homem exalava poder. Na presença dele, eu era uma mera formiga. Ele iria me esmagar sem qualquer consideração.

Ele é apenas um homem, eu disse a mim mesma, engolindo em seco.

Como se ouvisse meus pensamentos, o rosto do homem tremeluziu. Tive vislumbres do que imaginei ser sua verdadeira

forma... uma caveira com buracos nos olhos negros, sugando a escuridão que ameaçava me arrastar e me engolir inteira. Olhar para ele era como encontrar o fim de tudo.

Com base na reação de Chad, você não precisava ser sobrenatural para ver que esse cara tinha um grande encanto. Mais importante ainda, o cara parecia seriamente chateado.

Chad tropeçou para longe de mim e eu não tentei impedi-lo.

Talvez porque eu soubesse que estava nos últimos dois segundos da minha vida de morta-viva.

O ser poderoso não prestou atenção à minha marca conquistada com tanto esforço, indo direto para mim.

Merda, merda, merda. O que eu faço.

Uma mão se estendeu para mim. Meus instintos entraram em ação quando me esquivei de seu aperto, depois agarrei seu braço e fiz a única coisa que pude fazer.

Mordi a mão dele.

Ele parou.

— Que diabos está fazendo? — Ele rosnou, um arrepio percorreu meu corpo antes de voltar ao meu estômago. Medo e... luxúria?

Ótimo, quem quer que eu fosse, também era burra.

Meus lábios ainda enrolados na lateral da palma da mão dele, eu disse com a boca cheia: — Mordendo você?

Seu olhar de desgosto incrédulo teria reduzido qualquer outro ser humano a uma poça de arrependimento por ter nascido.

Foi então que percebi que minhas presas haviam retraído e eu o estava roendo como uma criança. Soltando-o, recuando alguns passos, coloquei minhas mãos no ar. — Eu só estava tentando me defender. Ficou claro que você estava vindo até mim com muita veemência.

Examinando as marcas de dentes cegos em sua mão, então eu, o deus, disse: — E você pensou que poderia...

— Morder você? — Estremeci com a minha falta de convicção. Eu não sabia o que era alto, sombrio e assustador, mas tinha certeza de que ser um vampiro que não conseguia morder era uma falha bastante

épica. Eu fui uma grande perdedora na minha vida passada? Os vampiros só faziam uma coisa, certo? Morder pessoas e beber sangue?

Quem eu deveria falar sobre a revogação da minha virgindade?

Oh, certo, V não representava vampiro nesse caso.

O deus limpou as costas da mão nas calças que pareciam muito caras. Ele me lançou um olhar estranho.

O guincho dos pneus encheu o ar. Chad fugiu como um morcego do inferno. Abaixei minhas mãos, batendo um joelho em frustração. — Seriamente? Agora tenho que rastrear a bunda dele novamente. Eu mal tive dinheiro para subornar seu amigo para atraí-lo pela primeira vez. — Estendi a mão com expectativa para o deus. — Você me deve duzentos e cinquenta dólares.

Afinal, eu tinha roubado aquele dinheiro em um cassino em ruínas e cheio de fumaça. Eu estava tentando escolher um alvo para roubar quando ouvi um homem, preso a uma mesa de pôquer, fazer uma sugestão obscena enquanto dava um tapa na bunda de uma garçonete. Ela mordeu o lábio em vez de responder, provavelmente não querendo arruinar suas chances de receber uma gorjeta. Ele teve um dia de sorte, a julgar pelas suas fichas. Enquanto ele olhava de soslaio para sua forma em retirada, eu ativei meu modo de supervelocidade para pegar sua pilha colorida e elegante. Fiz questão de colocar metade delas na bandeja da garçonete quando ela estava olhando para o outro lado. Eu era como o Robin Hood dos vampiros. Mas eu não era tão boa a ponto de deixar esse homem terrivelmente gostoso escapar sem me devolver o que eu havia roubado por direito.

Claramente surpreso, o deus olhou para minha mão estendida como se fosse a mão de um leproso.

Desta vez, quando ele estendeu a mão para mim, consegui envolver minha garganta com os dedos. Meus pés se levantaram do chão vários metros, como fiz com Chad minutos atrás.

Sério, que tipo de carma eu acumulei na minha vida anterior?

Apesar de não precisar respirar, senti o perigo instintivo de que ele quisesse arrancar minha cabeça. Na lista de métodos que experimentei para ver se os mitos sobre vampiros eram verdadeiros ou não, eu tinha quase certeza de que ele me eliminaria.

Eu agarrei sua mão, mas ele não soltou.

— O que você está fazendo aqui, sekhor²? — Ele rosnou.

Definitivamente vou morrer.

Apesar da pressão em volta da minha garganta, eu poderia gritar.
— Foda-se.

O quê? Você quer morrer mais rápido? Meu cérebro lógico chorou.

Suas narinas dilataram-se e a luz dourada brilhou em seus olhos. Ok, ele era algum ser sobrenatural. Talvez ele fosse um vampiro? Talvez aquele que me transformou?

Mesmo assim, ele invadiu, assustou meu alvo, me chamou de algo que parecia ser um palavrão e me agrediu. Eu não estava me intimidando com esse filho da puta, não importa o quão lindo ele fosse. Ou quão assustador é fazer xixi nas calças.

— O que é que foi isso? — Ele disse, colocando a mão em volta da orelha. — Você quer que eu arranque sua cabeça agora mesmo, sugadora de sangue? — Um leve sotaque culto envolveu suas palavras de forma sedutora, apesar de sua ameaça. O timbre baixo de sua voz reverberou pela minha pele, atingindo meus ossos com um golpe devastador.

Sugadora de sangue? Tudo bem, talvez ele não fosse um vampiro, mas eu não estava descartando totalmente essa possibilidade. Apesar de ser um vampiro quase faminto, eu não ouvia o sangue dele como ouvia o da maioria das pessoas. Eu estava salivando por diferentes motivos. As coisas que eu queria fazer com seu queixo não tinham nada a ver com beber sangue.

Desta vez me contentei com um olhar furioso, imaginando cada manobra de quebrar ossos que eu poderia usar nele.

A compreensão surgiu em seus olhos, como se ele ouvisse meus pensamentos em alto e bom som. Meu estômago se apertou com a possibilidade de esse cara sobrenatural poder ler minha mente. Mas não, desta vez eu estava apenas fazendo um excelente trabalho ao transmitir meu “Foda-se”.

Ele me soltou. Eu meio que esperava cair no chão. Em vez disso, milagrosamente caí de pé. Marque um ponto para habilidades de vampiro. Um lado de sua boca se curvou em um sorriso enquanto seus

² Outra forma de se referir a vampiro.

olhos se achatavam como os de um tubarão. Ele agora era dez vezes mais assustador.

— Diga-me como você surgiu e eu serei rápido — ele prometeu. Onde havia uma fúria crua um momento atrás, ele assumiu uma atitude profissional suave. Sua voz era sedosa. Havia uma qualidade calmante e bem praticada em seu tom. Imediatamente acreditei que ele poderia convencer os terroristas a entregarem suas armas simplesmente porque ele pediu.

— Fazer o que rápido? — Esfreguei meu pescoço, me perguntando se poderia machucar.

A máscara lisa escorregou quando ele mostrou os dentes para mim. — Sua morte.

— Sim, bem, a última vez não funcionou exatamente, então o que faz você pensar que teria sucesso?

Dando dois passos em minha direção, ele pareceu sugar todo o ar do espaço entre nós novamente. — Confie em mim.

Se eu ainda tivesse o coração batendo, ele estaria martelando no meu peito. Do jeito que estava, meus mamilos endureceram com o tom áspero de sua voz. Para ambos os nossos créditos, nossos olhos permaneceram trancados, apesar dos picos rígidos agora empurrando minha regata.

— É isso que estou tentando descobrir — eu disse, acenando com o braço na direção que Chad havia decolado. — Você afugentou minha única pista para descobrir quem me mordeu.

Algo endureceu no rosto do deus. — Alguém mordeu você? — Fiquei tentada a perguntar que tipo de sotaque se envolvia sedutoramente em sua palavra. Era culto, mas abrangente, como se ele viesse de todos os lugares e de lugar nenhum.

Talvez eu seja uma linguista; de que outra forma eu saberia sobre sotaques?

— Não é geralmente assim que os vampiros são feitos? — Puxei a gola da minha jaqueta de couro e a regata para o lado para mostrar a cicatriz onde meu pescoço encontrava meu ombro, onde alguém havia arrancado um pedaço de mim. Nada como aquelas lindas e imaculadas marcas de mordidas gêmeas que você viu nos filmes. O otário me mordeu como se eu fosse um brinquedo para roer.

O ouro esvaiu-se de suas íris, deixando um mogno quente enquanto olhavam para minha cicatriz. — Você não se lembra?

Alguns fios do meu cabelo faziam cócegas no meu nariz, mas eu tinha medo de fazer qualquer movimento para empurrá-lo para trás. — Não, claro que não. Não me lembro do meu nome, da minha família, da minha casa, da minha vida. Tenho certeza de que gostaria de tudo isso de volta.

— E daí? — Seu tom era irônico e incrédulo. — Você acha que pode voltar a viver uma vida normal, embora precise viver do sangue de outras pessoas para sobreviver?

Eu levantei meu queixo, olhando para ele. Ok, sim, era um plano muito estúpido quando ele disse isso em voz alta, mas dane-se se eu ia contar isso a ele. A julgar pelo brilho divertido em seus olhos, ele sabia de qualquer maneira.

Dessa vez ele me agarrou pelo braço, me arrastando junto. — Que diabos, cara?

— Cara? — Ele ergueu uma sobrancelha escura perfeita para mim. Lá estava ela de novo, aquela faísca de diversão. Quando foi drenado pela segunda vez, ele disse: — Você responderá a todas as minhas perguntas para me ajudar a encontrar quem criou você.

Parecia um plano brilhante quando eu estava sozinha. Vindo dele, parecia um plano suicida. — E quando eu fizer isso?

Ele parou, me puxando para uma parada abrupta, me deixando cara a cara com ele.

Droga, ele cheirava incrivelmente bem. Qualquer colônia misturada com o cheiro de sua pele foi suficiente para deixar meu cérebro confuso. O calor se espalhou pelo meu estômago e depois se acumulou entre as minhas pernas. Eu o queria. Talvez até mais do que sangue.

Seu olhar permaneceu em meus lábios. Maldito inferno. Ele ia me beijar. Cada fibra do meu corpo morto-vivo implorava por isso, querendo ser incendiado por aqueles lábios carnudos e perfeitos. Eu estava morrendo de vontade de sentir a barba escura passando pelo meu rosto quando descobrisse qual era o gosto dele.

Em vez disso, suas palavras me lavaram de medo. — Eu vou acabar com você.

CAPÍTULO TRÊS

— Você é... você é a Morte? — Ela perguntou. — Como a morte real? O ceifador sobre o qual Blue Oyster Cult canta?

Eu sorri. As coisas ficaram mais fáceis quando fui reconhecido. — Exatamente, e você é uma abominação. — Agarrei sua nuca, ainda pensando se deveria matá-la imediatamente.

— Não sejam precipitados, senhor — disse Timothy atrás de mim. — Devemos questionar o assunto primeiro.

Timothy apareceu com seu tablet na mão. O homem estava colado ao iPad, mas seus olhos continuavam subindo para observar a vampira.

Eu não poderia culpá-lo. Ela não era bonita para o brilho plástico dos padrões de Las Vegas, mas nenhum de nós negaria o brilho que emanava dela. A vampira brilhou, uma luz amarela suave e sedutora que a tornou tão brilhante quanto um farol. Qualquer humano que passasse ficaria cego para sua aura brilhante, mas eu relutava em desviar meus olhos dela.

Algo no meu centro me puxou em direção a ela. Embora já tivessem se passado séculos desde a última vez que estive perto de tal ser, não me lembrava de que a atração fosse tão poderosa.

Por baixo da sujeira, eu conseguia distinguir a mulher por baixo. Ela tinha um rosto em formato de coração e um nariz curto e regular, mas o que me impressionou foram os olhos.

Eu diria que a mulher tem vinte e poucos anos. Ela usava calças mal ajustadas, uma jaqueta surrada e uma blusa larga. Pareciam pertencer a um homem. O cabelo escuro e pegajoso que havia escorregado do rabo de cavalo mostrava uma necessidade desesperada de uma lavagem adequada. Havia um fascínio na curva de seus lábios e nos olhos semicerrados.

Olhando para as íris verde-esmeralda da vampira, meu núcleo mudou, aquecendo e respondendo ao olhar arrogante de seu queixo. A reação foi avassaladora e meu instinto imediato foi arrancar sua cabeça para acabar com esse sentimento.

Em vez disso, soltei o braço dela. Ela piscou e estreitou os olhos para mim.

— Mova um músculo e eu vou te matar num instante — eu disse, minha voz era um grunhido baixo de advertência.

Ela olhou para mim com os olhos arregalados de espanto.

— Pronto — disse Timothy. Ele terminou de digitar e ergueu os olhos, empurrando os óculos no nariz. — Quem transformou você?

— O quê? — Ela gaguejou, olhando de um lado para outro de Timothy para mim.

— Esta é uma entrevista de saída — enunciou Timothy como se estivesse falando com uma criança. — Por favor, me diga quem transformou você em vampiro. — Seus olhos pousaram em mim e vi incerteza ali. — Não sei.

Os dedos de Timothy permaneceram posicionados sobre a tela.

Eu perguntei desta vez. — A questão é: quem é seu mestre e quantos mais de vocês existem? Como você se tornou uma sugadora de sangue?

Ela piscou. — Não sei.

Troquei um olhar com Timothy.

— A perda de memória após uma mudança não é incomum. Talvez ela seja a única — disse ele com um pequeno encolher de ombros.

— Então esse problema será resolvido antes mesmo de começar — eu disse. Nós nos livraríamos dela e o problema seria contido com muito pouco esforço. Por que todos os trabalhos não poderiam ser tão fáceis?

Ainda assim, uma parte de mim resistiu à ideia de extinguir um poder tão convidativo.

Quando olhei de volta para o rosto da vampira, havia algo curioso em sua expressão. Como se ela estivesse presa entre estar resignada com seu destino e querer lutar ou fugir. Eu tinha visto cada reação à morte, mas essa vampira me fez pensar.

Provavelmente porque eu não via um há muito tempo.

Algo caiu atrás de nós.

— Oh, caro — disse Timothy. — Talvez não.

Virei-me para ver três figuras cercadas por um brilho etéreo. Mais vampiros. Havia dois homens e uma mulher... o sangue manchava seus lábios enquanto eles sibilavam para nós. Seus olhos eram vermelhos. Eles estavam se alimentando. Inaceitável.

A ideia de “fácil” praticamente evaporou.

Embora eles compartilhassem a mesma aura da vampira ao meu lado, a deles estava embaçada, como se eu estivesse olhando para eles através de água turva. Nem eles possuíam a mesma atração magnética.

Afastei-me da vampira de olhos verdes, que parecia mais atordoada do que uma ameaça. Dirigindo-me aos recém-chegados, perguntei: — A quem vocês servem?

— Morte — disse a mulher de cabeça raspada e constituição musculosa.

— Oh, você serve? — Eu perguntei, dando alguns passos mais perto. — Foi isso que seu mestre lhe disse? — Eu podia ouvir a diversão e o desgosto em minha voz. — Você ouviu isso, Timothy?

Timothy enfiou o tablet na jaqueta. — Eu ouvi, senhor.

— Eu não sabia que esses três estavam sob meu comando. Você os contratou? — Eu perguntei, enviando-lhes um sorriso que deveria tê-los feito virar e correr como o diabo. Em vez disso, eles se agacharam em posição de combate e seus assobios se intensificaram.

— Não, senhor. — Timothy disse com uma voz calma, quase entediada, então educadamente para os vampiros: — Vocês têm referências?

Um deles se lançou sobre mim. Eu o joguei no chão com tanta força que o pavimento quebrou com o impacto, formando teias de aranha sob seu corpo.



Ver mais vampiros deveria ter me deixado tonta de alegria. *Olá pessoal, faço parte do seu clube de sugadores de sangue, vamos tomar uns drinks e conversar sobre como nossas vidas deram uma guinada tão maluca.*

Mas estava claro que os três vampiros não estavam a fim da comiseração de “Caramba, por que isso aconteceu conosco” que eu tinha em mente.

Minha aposta foi no cara grande e assustador que afirmava ser a Morte. E foi exatamente por isso que corri como o diabo assim que a luta começou. Eu não poderia dizer que odiava minha supervelocidade recém-descoberta enquanto saía correndo de lá.

Infelizmente, eu não tinha ido muito longe antes que alguém aparecesse no meu caminho. Eu derrapei até parar. Ele parecia um cara da academia que passou a maior parte da vida treinando. Visto que ele também tinha mais de um metro e oitenta de altura, sua estatura era impressionante. Até sua cabeça careca parecia estar bombeando ferro. Seu nariz era largo e achatado, fazendo-me pensar em um boxeador que havia levado muitas pancadas no rosto.

Apesar de seu sorriso mega-assustador, fiz uma pausa. Ele deu alguns passos em minha direção.

— Nem pense nisso, parceiro — avisei.

Ele agarrou meu braço, mas eu o afastei.

— Isso será mais fácil se você não lutar comigo. — Seu tom sugeria o mesmo convite sexual aberto que vi no brilho opaco de seus olhos redondos. *Ugh, não obrigada.*

Se ele estivesse me levando ao vampiro que nos criou, eu poderia descobrir o que diabos estava acontecendo. Exceto que havia a parte em que não havia nenhuma maldita maneira de eu confiar nesse cara.

— Você vai querer largar a garota e se afastar — interrompeu uma voz de mulher.

Viramos a cabeça e vimos uma mulher negra com cabelo afro e uma expressão que dizia que ela falava sério. Ela largou a sacola de compras ao seu lado e tirou um taser da bolsa de couro que estava pendurada em seu ombro. Ele acendeu azul duas vezes, um aviso.

O rosto do Brutamonte se iluminou enquanto ele a olhava de cima a baixo.

Bolsas de sangue, amaldiçoei interiormente.

Virando-se para encará-la, ele disse: — Suponho que temos tempo para um lanche. — Eu não tinha certeza se ele estava falando

comigo ou apenas com ele mesmo, mas a ideia de se unirem tomando uma bebida não me atraiu.

— Saia daqui — avisei a mulher.

Olhos castanhos frios e calculistas deslizaram para mim e depois de volta para o Brutamonte. — Não, senhora.

Esta não era uma cidadã comum. Sua postura sugeria que ela tinha recebido treinamento, talvez forças armadas.

Como eu sabia disso? Eu estive no exército em minha vida passada?

Brutamonte sorriu para ela, mostrando suas presas. Seus olhos se arregalaram ao perceber que aquele não era um idiota comum. Ele correu em direção a ela. Ela estava nos últimos dois segundos de sua vida.

Eu bati nele antes que ele pudesse alcançá-la, jogando-o contra uma parede de tijolos. Eu gritei com ela desta vez. — Vá.

Pela maneira como seus olhos desceram até meus dentes, eu sabia que minhas presas haviam se alongado. Felizmente, a mulher não era uma idiota. Ela se virou para correr, deixando as compras para trás.

Ela deu um passo antes que Brutamonte estivesse sobre ela, rápido como um raio. Ela caiu no chão e Brutamonte facilmente a rolou e empurrou sua cabeça para o lado, revelando o comprimento de seu pescoço.

Antes que a presa pudesse arranhar a pele, dei um chute circular em sua cabeça e ela caiu para o lado. Eu dei um segundo chute que o fez rolar para fora do corpo dela. A mulher não perdeu tempo rastejando para trás.

O sangue corria quente em suas veias e seus batimentos cardíacos eram incrivelmente altos. O branco de seus olhos quase engoliu suas íris. A fome bateu em mim enquanto o instinto exigia que eu saltasse sobre ela em seguida. Cerrei os dentes quando a sede tomou conta de mim. Eu deveria ter encontrado mais ratos para me alimentar antes de subir. Eu queria rasgar ela. Ruim.

Não se alimente da mulher que você está tentando salvar.

A mulher levantou-se e correu. Ela correu com um passo atlético.

Cravando as unhas nas palmas das mãos, a vontade de caçá-la me atingiu como um caminhão Truck. Oh Deus. Eu queria persegui-la.

Brinque com ela, encurrale-a e arranque sua jugular. Dei um passo na direção em que ela havia fugido.

Oh, porra não. Apertei os olhos e tentei pensar em qualquer outra coisa. Lama. Aquele cachorro estranho no hospital. A linha sexy da mandíbula da Morte.

Algo forte me atingiu de lado e desta vez eu estava no chão sob o comando de Brutamonte. Ele olhou para mim com um olhar ligeiramente desequilibrado. — Então a garota quer brincar.

Meus instintos me avisaram que esse cara esbarrou, se não ultrapassou, a linha do psicótico. Isso era coisa de vampiro? Eu não era demente... ou assim gostava de pensar.

A lembrança de rir até chorar depois de beber muito sangue passou pela minha mente.

Brutamonte voou de cima de mim, pousando a impressionantes seis metros de distância. Quando olhei, vi a Morte parada ali, com o terno ligeiramente amarrotado agora. O cabelo escuro que estava penteado para trás agora caía sobre sua testa com um leve cacho. Seus olhos ficaram completamente dourados novamente e ele parecia seriamente chateado. Sua energia brilhava no ar ao seu redor, um poder perigoso e sombrio. Sua mão ainda estava levantada, percebi que a Morte havia jogado o garotão como se fosse uma boneca de pano.

O vampiro ficou de pé num piscar de olhos. Curvando-se, ele estava pronto para atacar a Morte como um rinoceronte enfurecido. Mas então seu rosto ficou sem expressão e ele assumiu uma postura neutra. Quase pareceu que ele teve um súbito ataque de amnésia e depois partiu na direção oposta.

A Morte olhou para mim e depois para a direção que Brutamonte havia seguido, como se estivesse avaliando suas opções. Para minha sorte, ele decidiu não perseguir o Brutamonte. Ele me colocou de pé, seu rosto muito próximo do meu.

— Você pediu que eles viessem salvá-la?

— Você está brincando comigo? Não sei quem diabos eles são e não sei o que querem comigo.

— Está claro que eles estavam tentando contatá-la, senhor — disse o homem mais magro com o tablet.

Ele era asiático, com feições quadradas e um corte de cabelo que poderia ter custado mil dólares. Ele usava um terno listrado azul que

parecia elegante, organizado e sempre trazia uma ou cinco canetas extras. Até o lenço rosa no bolso combinava com as meias e a gravata.

Enquanto o cara de terno risca de giz me lembrava de alguém que gostava de horários de trem que funcionavam no horário, Morte era mais o tipo playboy sexy e sombrio. Imaginei que ele poderia escolher qualquer garota e levá-la para um quarto exclusivo nos fundos de um clube para transar com ela até que seu corpo cedesse e depois ir embora sem olhar duas vezes. Ou talvez quando ele a levasse para trás da cortina, ele a partiria como uma vaca para o açougueiro.

Afastando minhas fantasias perturbadoras, se não vívidas, eu pronunciei as palavras. — Eu não os conheço, nem você. Só vim falar com o idiota que saiu daqui quando você apareceu.

O dourado nos olhos da Morte suavizou-se, revelando olhos castanhos que procuraram os meus como se tentassem descobrir alguma mentira. Apertei minha mandíbula em uma linha dura e desafiadora.

— Então eles voltarão para buscá-la — disse Morte. Meu olhar desceu até sua boca. Não pude deixar de notar o quão cheio era seu lábio inferior. De perto, seu apelo sexual era magnético. Como se eu soubesse que dormir com ele iria *realmente* me matar, mas provavelmente valesse a pena. É claro que a morte se assemelhava ao próprio pecado.

— Você vem comigo — ele rosnou.

Abri a boca enquanto meu cérebro calculava as chances de lutar contra a Morte e fugir.

— Eu não faria isso se fosse você — advertiu o outro homem, como se estivesse lendo meus pensamentos. — Venha conosco ou ele pode matar você agora mesmo.

A morte já havia devastado os outros três vampiros em cerca de dez minutos. Minhas chances não eram nada boas.

Minhas mãos tremiam, então as fechei em punhos para esconder o tremor. Lutar contra Brutamonte gastou quase toda a minha energia. Depois houve aquela mulher me tentando com seu sangue. A sede voltou a me atingir, como um fósforo que ameaçava me queimar por dentro. Estranhamente, não me senti atraída por nenhum dos homens na minha presença. Era como se meus sentidos estivessem cegos ao sangue deles. Eu sabia que a Morte era, bem, a Morte. Mas quem era o outro cara? Se eu tivesse que adivinhar pelo seu comportamento

formal e profissional, meu primeiro palpite seria robô. Meu segundo palpite foi ciborgue. Ou talvez ele fosse apenas britânico.

Eu considereei minhas opções limitadas. Mesmo se eu conseguisse voltar ao meu acampamento improvisado, as pessoas estariam em perigo. Eu não poderia arriscar.

Droga para todos. Se eu fosse ficar encurralada, eles com certeza não precisavam saber disso.

Eu me livrei do aperto da Morte, puxei minha camiseta e endireitei minha jaqueta. — Sim, bem, acho que não deveria ir embora até que você me dê meu dinheiro, de qualquer maneira. Anote isso, Jeeves³: duzentos e cinquenta dólares em dinheiro... não, risque isso, trezentos pelo meu trabalho.

Os dois homens trocaram um olhar.

A morte rosnou.

Seu companheiro interrompeu. — Lembre-se, senhor, ela é mais útil agora do que morta.

Atirei a Morte um sorriso presunçoso, cruzando os braços. — Você ouviu isso? Jeeves acha que sou útil.

Coloquei as mãos nos quadris e bati o pé. — Bem? Vamos pegar um carro ou uma carruagem infernal puxada por seus demoníacos cavalos infernais?

³ Mordomo que é personagem principal da série de livros do autor P.G. Wodehouse.

CAPÍTULO QUATRO



A vampira ficou devidamente impressionada com a limusine, saltitando e encontrando todos os compartimentos secretos e botões que pudesse apertar. Ela parecia menos um monstro sugador de sangue e mais uma hiper jovem em seu primeiro passeio. Sentei-me no banco de trás com as pernas cruzadas e um braço esticado ao longo do assento. Nunca tirei os olhos dela. Ela parecia uma criança maltrapilha, mas eu sabia que era melhor não me deixar levar pelas emoções ou pelas aparências. E eu me recusei terminantemente a sucumbir ao seu apelo de sereia, não importa o quanto isso me chamasse.

As pessoas eram todas iguais; vampiros eram piores. Cheios de arrogância, bêbados de poder e com uma fome interminável de morte. Esse era o meu território, eu não toleraria que essas criaturas interferissem no processo natural da vida ou colocassem almas em perigo.

No entanto, a sekhora parecia não ter intenção de escapar enquanto saltava de assento em assento, aterrissando no banco lateral.

Quando a vampira puxou um copo de cristal de uma garrafa de uísque mais antigo que esta cidade, ela disse com naturalidade: — Estou com fome. Se você virar e dirigir para o leste por dez minutos, conheço um esgoto cheio de ratos.

No assento em frente a ela, Timothy desviou a atenção do tablet. — É assim que você tem sobrevivido?

— Sim. — Ela rolou o copo na mão. — Eles fazem o truque em apuros — ela murmurou com uma careta. Então ela olhou para mim por baixo dos cílios e uma corrente elétrica passou por mim. — O que você acha? Que eu comi gente?

Timothy respondeu, enquanto eu continuava a sustentar seu olhar. — Esse geralmente é o caso dos sekhors.

— Não sei o que é a bolsa de sangue de um sekhor, mas não sou um monstro. — Havia defensiva em sua voz. Nós a ofendemos.

Intrigante.

— Sim... bem — disse Timothy, perdendo a compostura por um momento. — Não há necessidade. Eu tomarei as providências apropriadas.

Ela olhou novamente para o copo em suas mãos antes de devolvê-lo ao compartimento de bebidas. — Então, como eu te chamo? — Ela perguntou. — Morte?

— Sim — eu disse sem pausa.

Ela bufou e empurrou o cabelo longo e pegajoso para longe do rosto. — É, não. Que tal eu te chamar de M? Abreviação de Morte?

Forcei a expiração pelo nariz. — Se você insiste, pode me chamar de Grim.

— Não precisa ficar irritado, G — ela declarou antes de se virar para Timothy, que estava fazendo o possível para não rir. Se ele não fosse tão valioso e não nos conhecêssemos há quase tanto tempo, eu teria dito a ele que seu humor me desagradava.

— E você é? — Ela perguntou a ele.

Meu número dois se endireitou. — Você pode me chamar de Timothy.

— Então você é o quê, como a secretária dele? — Ela apontou o polegar para mim.

O nariz de Timothy enrugou-se. — Eu me considero seu assistente.

— Certo, desculpe — ela disse, seu dedo encontrando o botão da janela. — Nós não dizemos mais secretária, não é? — Seus olhos encontraram os meus com a expressão de uma criança culpada, eu sabia que ela estava pensando em pressioná-lo.

Se ela pensasse que poderia escapar pela janela aberta desta limusine, eu seria forçado a mudar de tática para garantir que ela ficasse onde eu queria. Ela não gostaria dos meus métodos. Eu era conhecido por ser punitivo. Mesmo assim, em vez de dizer alguma coisa, esperei para ver o que ela faria.

Seu dedo deslizou para longe do botão e ela foi até o assento do outro lado da limusine, como se encontrasse algo interessante ali.

— E como devemos chamá-la? — Timothy revirou a mão.

— Eu... — ela vacilou.

— Presa pegou sua língua? — Eu perguntei, inclinando minha cabeça.

Suas sobrancelhas se ergueram. — Ah, então ele é engraçado? — Ela disse a Timothy.

Meu assistente me lançou um olhar estranho. — Normalmente não, não.

— Bem, como não tenho a menor ideia de quem eu era ou meu nome, acho que você pode me chamar de, Vivien.

Deixei cair um braço do assento do carro. — Vivien? — Não me incomodei em esconder o ceticismo em minha voz.

Ela franziu a testa. — Sim, Vivien. Eu sinto totalmente que teria sido uma Vivien em minha vida passada.

Sem saber o que estava me possuindo, eu disse: — Você me parece uma Martha.

Ela fez uma cara de desgosto, mostrando a língua para mim. — O quê? Martha? Isso é tão chato. Eu provavelmente era uma Persephone, ou Anastasia, ou talvez se tivesse um nome simples, Hope.

Ela havia pensado nisso. — Hope? Você realmente acredita que seu nome era Hope? — A sekhora provavelmente estava louca por passar todo o tempo nos esgotos caçando ratos. Mesmo assim, ela me prendeu com sua loucura.

Peguei Timothy olhando para mim e percebi que sua atenção estava fixada no sorriso no canto da minha boca. Esvaziei a expressão do meu rosto e recostei-me no banco para olhar pela janela.

Lembrando-me do que aconteceu quando segui a loucura pela toca do coelho de diversões alegres, desliguei a curiosidade que tinha por essa vampira. Foi tão simples quanto fechar uma torneira.

A sekhora encolheu os ombros. — Ok, talvez não Hope. Mas estou me chamando de Vivien. Chame-me de Vivien. — Ela estendeu a mão para Timothy. Ele estava mais perto. Os olhos dele desceram para a mão dela, surpresos, antes de pegá-la e sacudi-la.

A limusine parou e saímos. Eu segurei com força o braço de “Vivien”, puxando-a junto. O ar noturno cheirava a fumaça de cigarro, escapamento de carro e palmeiras terrosas que cercavam a entrada. Embora as pessoas festejassem a noite toda na Vegas Strip, havia muito poucos circulando com o sol nascendo em breve.

Vivien olhou para o enorme hotel, luzes coloridas brilhando na noite para destacar sua impressionante construção, um canto de sereia para todos que queriam experimentar o pecado e o luxo no seu melhor.

— Você está hospedado no grande hotel pirâmide? — Vivien perguntou, franzindo as sobrancelhas.

— Sou *dono* do grande hotel pirâmide — eu disse, imitando suas palavras.

— Eu disse a ele que ele deveria tentar se divertir mais — disse Timothy, agora parado ao nosso lado do lado de fora da limusine, ainda absorto em seu tablet. — Então ele foi para Las Vegas como qualquer outra pessoa faria... e comprou um hotel, transformou-o no local de luxo mais exclusivo da pista e trabalha mais duro agora do que nunca.

As elegantes linhas pretas do hotel apelaram à minha estética. Era agora o centro preferido dos poderosos e ricos, não apenas no país, mas em todo o mundo. Mas para mim, não era um lar, era um lugar onde eu dormia ocasionalmente e onde fazia meu trabalho.

O tom do meu assistente era repreensivo e cansativo. — Agora não — eu disse em advertência. Ele poderia me incomodar mais tarde com meus deploráveis hábitos de trabalho.

Timothy olhou para cima como se percebesse onde estávamos e quem estava ao meu lado. — Sim, bem, bem-vinda à Sinopolis.

— Vamos. — Comecei a ir em direção às portas da frente.

Vivien tropeçou nos pés.

— Eu pensei que os vampiros eram imbuídos de grande força e graça? — Irritação alinhou meu tom.

— Graciosa como uma bailarina ninja agora — ela confirmou. — Simplesmente não sinto que precisamos ter pressa.

Arrastando-a para mais perto de mim, eu estava pronto para lançar outra ameaça ameaçadora, mas parei antes de empurrá-la com o braço estendido.

— O quê? — Ela perguntou.

— Você cheira a lixo e a odor corporal de homem. — Prendi a respiração.

Ela ficou carrancuda. — Bem, desculpe Vossa Alteza, mas viver nos esgotos não me deu muito tempo para limpar ou lavar meus fios roubados.

Em vez de responder, retomei meu passo rápido com Vivien atrás, mantendo meu nariz a uma distância segura dela.

Atravessamos o saguão e o rosto de Vivien se inclinou para contemplar a altura deslumbrante. Todos os quartos tinham varandas com vista para os restaurantes e lojas abaixo. Um enorme oásis ficava no centro com árvores exuberantes e folhagens que enchiam o ar com o perfume de flores frescas e terra recém-revolvida. Houve o suave fluxo da água das cataratas ao redor da piscina transparente. Enormes lustres de ouro e obsidiana estavam suspensos acima.

Vivien diminuiu a velocidade, só que desta vez ficou boquiaberta enquanto absorvia o ambiente. Eu não a pressionei mais rápido, permitindo que ela absorvesse um ambiente que tive muito orgulho de criar. Ela parecia deslocada com suas roupas fedorentas e mal ajustadas, mas eu apreciei a admiração aberta em seu rosto. Os convidados ricos que entravam raramente paravam para observar os arredores com admiração. Em vez disso, eles mal olhavam para o ambiente luxuoso e cultivado, como se esperassem que fosse assim onde quer que fossem.

O hotel era uma obra-prima em vidro e mármore pretos, embelezado com detalhes em ouro envelhecido. Plantas tropicais e móveis de veludo vermelho serviram como toques de cor. Ao contrário de outros cassinos, havia poucas máquinas caça-níqueis aqui. A principal atração eram os bastidores privados da elite do jogo. Se as pessoas quisessem caça-níqueis, havia muitos lugares na Strip onde poderiam encontrar emoções baratas. Mas no Sinopolis, os clientes poderiam entrar com suas fortunas e sair com um reino no bolso se soubessem jogar.

Em vez de ir em direção aos elevadores no centro do saguão, cortamos à direita para um dos meus elevadores particulares. Timothy pediu licença para cumprir seus deveres, deixando nós dois entrarmos no elevador. Quando as portas se fecharam, o eco ambiente do hotel foi cortado. O forro nas paredes deixava tudo tão silencioso que dava para ouvir os batimentos cardíacos de uma pessoa ali. Exceto que Vivien não

tinha batimentos cardíacos. Eu ainda soltei o braço dela porque estávamos em um espaço fechado por pelo menos alguns momentos.

Ela virou a cabeça para o lado, sem olhar para mim, com a voz baixa no silêncio do elevador. — Você não está me levando para algum tipo de masmorra, está?

Havia apenas três botões. O do meio, um botão branco para o lobby, havia um dourado acima e um preto abaixo. Passei por ela para apertar o botão dourado superior. Os botões tinham reconhecimento de impressão digital, portanto funcionariam apenas para alguns designados. — Não.

— Bom — disse ela com súbita confiança. — Porque vim buscar meus trezentos dólares e depois vou dividir.

— E então o que você fará? — Eu perguntei, genuinamente curioso.

— Eu tenho uma lista.

— Por favor, diga.

— A, descubra quem me assassinou. B, chute a bunda deles. C, se lembrar de como era minha vida.

— E D? — Eu incitei.

Ela olhou para frente novamente. — Ainda estou trabalhando nisso. — Seus ombros caíram. — Suponho que eu não conseguiria voltar à vida que tive.

Eu não respondi. Nada disso estaria acontecendo. Eu não poderia permitir a existência dela. Embora o suave desejo em seu tom puxasse algo em meu peito.

Eu endureci por dentro, como fazia sempre que precisava cuidar de negócios. Quando o elevador abriu com um som suave, segurei seu braço novamente e a arrastei para minha cobertura.

— Ei, cuidado, valentão — ela protestou. Eu a soltei. Ela esfregou o bíceps enquanto me lançava um olhar furioso.

— Você vai ficar aqui até que eu venha buscá-la. Você só está viva porque eu permito. Porque você é útil para atrair o vampiro mestre. Mas no momento em que você me incomodar ou me irritar, não hesitarei em me livrar de você.

Vivien veio até mim, a loucura brilhando naqueles olhos verdes.
— Uau, estou aqui pelo meu dinheiro e depois vou embora daqui.

Criatura estranha. Ela ainda estava tentando agir como se estivesse no controle aqui.

Olhando além dela, para as janelas que se inclinavam para cima, 180 graus em torno do topo da pirâmide do hotel, eu disse: — Em breve amanhecerá.

Do jeito que estava, seus olhos caíram, fadiga e fraqueza evidentes em seu rosto. Seria tão fácil acabar com ela agora. Limpá-la da existência. Fiquei tentado a terminar com ela. Mas eu precisava devolver a ordem a este mundo e pretendia usá-la para erradicar o câncer que ameaçava destruir tudo.

— Você realmente deseja que eu te expulse? — Eu disse, apontando para o céu que mudava rapidamente da noite para o amanhecer.

A vampira olhou para o céu iluminado, abrindo a boca e depois a fechando.

Sem esperar resposta, virei-me para o elevador, apertando um botão na parede. Painéis de madeira e persianas baixadas sobre todas as janelas.

— E posso sugerir — eu disse, voltando para o elevador — Aproveitar a oportunidade para tomar banho antes de esfregar seu corpo imundo na mobília. — Meu nariz enrugou ao pensar na destruição que ela poderia causar no estofamento.

Assim que as portas se fecharam, houve um estrondo gigante contra elas... algo de cerâmica, pelo som. Hmm, talvez eu devesse tê-la jogado em uma masmorra em algum lugar.

CAPÍTULO CINCO



Eu esperava que a estátua que joguei contra o elevador fosse cara, embora suspeitasse que a Morte não se importava realmente com coisas materiais ou dinheiro. Ainda assim, a explosão da cerâmica foi satisfatória.

Considerarei apertar o botão do elevador para abrir as portas, mas então eu potencialmente traria algo grande, sombrio e assustador de volta. Eu planejei esperar alguns minutos. Então eu tentaria encontrar o caminho para sair daqui.

E em plena luz do dia...

Esfreguei a mão, ainda me lembrando do meu primeiro teste para ver se a luz solar era realmente letal. A dor tinha sido insuportável. Minha pele carbonizada sarou depois que esvaziei no esgoto uma bolsa de sangue inteira que havia levado comigo. Eu só consegui carregar três bolsas antes de ter que recorrer à sucção de vermes até secar.

Embora eu não estivesse com pressa de queimar até ficar crocante, eu tinha que sair daqui. Ou a Morte viria até mim. Literalmente.

Quem poderia imaginar que a própria Morte seria incrivelmente sexy? Olhar nos olhos de Grim era como se afogar em um tonel de chocolate quente e líquido. Convencendo-me de que estava com fome, o que era verdade, mas chocolate não serviria mais para mim.

A cobertura era enorme. O telhado subia sobre a sala, formando o topo da pirâmide. O lustre gótico da cozinha lembrava os do saguão. Ela se iluminou quando os painéis de madeira e as persianas terminaram de se encaixar. Feito impressionante com cobertura total da janela em um ângulo inclinado. A Morte estava preocupada com atiradores? Não que ele próprio pudesse morrer. Ele poderia? Ugh, a

cabeça de uma garota pode explodir tentando descobrir todas essas coisas sobrenaturais malucas.

O que veio a seguir? Lobisomens e a fada dos dentes? Eu ainda esperava acordar desse pesadelo, mas depois de duas semanas nos esgotos e tentando encontrar meu assassino, minha nova realidade se instalou.

O mínimo que eu poderia fazer era descobrir como minha vida “ou não-vida?” chegou a esse ponto.

Mesmo quando resolvi sair daqui para retomar minha investigação pessoal, um peso se fechou ao meu redor, ameaçando me puxar para baixo. O sol teve esse efeito, eu sabia que assim que ele se pusesse, minhas forças voltariam. Meu estômago roncou, então resolvi me roer. Talvez aquele bastardo quisesse que eu morresse de fome. O tremor em minhas mãos se intensificou.

Fui até a cozinha, que exalava elegância masculina. Uma ilha elegante em cascata de ônix combinava com os balcões e armários pretos. Os eletrodomésticos de aço brilhavam como se nunca tivessem sido tocados. Um refrigerador de vinho de metal estava ao lado da geladeira. Uma rápida olhada dentro e percebi que muitas das garrafas eram mais velhas que eu, vezes cinquenta.

A ideia de ficar presa aqui, comendo-me lentamente de dentro para fora, me deixou enjoada. Então, novamente, quem sabia o que eu faria se estivesse nas ruas lá embaixo com todas aquelas bolsas de sangue andando por aí.

Humanos. Você sabe? Humano, como você costumava ser?

O elevador tocou suavemente. Tirei a mão da barriga e me endireitei.

O assistente de Grim saiu do elevador. Ele fez uma careta para a bagunça de porcelana no chão e pisou cautelosamente entre as peças.

— Você está com meu dinheiro? — Exigi, embora minha cabeça estivesse nebulosa e meu estômago provavelmente desmoronasse a qualquer segundo.

Timothy ergueu um pequeno cooler vermelho e branco.

O alívio tomou conta de mim, embora eu tentasse não deixar transparecer em meu rosto. — Sua majestade sangrou uma de suas muitas mortes por mim?

Timothy atravessou a sala para colocar o cooler na ilha preta. Seu tom era delicado e cortante. — Realmente não é assim que funciona. Ele não mata pessoas.

Espalhando as mãos no mármore frio para suprimir a necessidade de abrir o cooler e beber o sangue que havia dentro, perguntei: — Tão grande, escuro e assustador nunca matou ninguém?

O assistente fez uma pausa, tirando a tampa do cooler.

Sim, foi o que pensei. A Morte sujou as mãos.

— Então, se ele não mata pessoas, o que ele faz? — Eu perguntei enquanto pegava uma bolsa de sangue do cooler. Havia um rótulo nela. Oh doce Jesus, era humano. Um arrepio de prazer antecipado percorreu meu corpo.

Humano tinha um gosto mil por cento melhor que rato. Mas minha consciência me incomodava quando pensei em tentar roubar mais sangue do hospital. O que me levou a concluir que Brutamente era um verdadeiro idiota em sua vida anterior se não tivesse escrúpulos em beliscar aquela mulher que tentou me salvar.

Em vez de me entregar a maleta médica, Timothy deu a volta na ilha para pegar uma taça grande e se afastou de mim. Quando ele me entregou a taça, tive que usar as duas mãos para não derramar. O tremor se intensificou.

— Isso é um enfeite de abacaxi e hibisco? — Eu perguntei, incrédula.

Timothy passou a mão pelo terno. — Sim, bem, só porque você é um demônio sugador de sangue não significa que eu tenha que economizar na apresentação.

Se eu não estivesse com tanta fome, teria continuado a olhar para ele como se ele fosse o louco. Assim que o sangue atingiu meus lábios, soltei um gemido baixo de prazer. Teria sido melhor aquecido, mas eu não rejeitaria um presente humano na boca.

Timothy desviou os olhos e começou a organizar o resto do sangue na geladeira.

— O mestre guia as almas para a vida após a morte, preservando o ciclo sagrado da vida.

Levantei minha boca da taça por um momento. — Existe vida após a morte? Sério? Não me diga. Como é?

A expressão de Timothy ficou cada vez mais tensa. Eu não arrancaria mais nada dele nesse aspecto.

— Você parece ter toda essa coisa de puta idiota resolvida.

Timothy piscou, incapaz de esconder o choque. Com mais algumas piscadas, a compreensão pareceu se espalhar por seu rosto. — Você quis dizer sekhor?

— Sim, isso — levantei a mão para ele. — Minhas impressões digitais sumiram. Isso é coisa de sekhor?

Ele recuperou a compostura. — Sim, sua pele e corpo passaram por uma transformação significativa quando você se transformou. Há uma certa elasticidade em seu DNA agora que permite que você se cure rapidamente de lesões traumáticas ou mesmo fatais.

Então eu tinha super-habilidades de cura, mas não era invencível.

A taça vazia tilintou no mármore quando a pousei. Perguntei em voz baixa: — Ele não vai me deixar ir, não é? — Apesar da minha nova plenitude, o medo agitou minhas entranhas. Pelo menos eu não estava mais congelada. O calor percorreu meu corpo e eu era uma nova garota. Ops, vampira.

Timothy fechou a geladeira e se virou para mim. Seus olhos eram solenes por trás dos óculos de aro metálico. — Ele está encarregado de preservar o ciclo sagrado da vida — repetiu.

Eu não entendi.

Ele continuou a me encarar. Em algum lugar na cobertura, um relógio batia com cliques precisos e medidos, o tempo se expandindo entre nós.

Eu testei a teoria do sol. Eu tinha conseguido um pouco de prata, uma cruz, um bulbo de alho e até um pouco de água benta, mas nenhum deles me machucou como a tradição sugeria. Mas havia algumas coisas que não ousei testar.

— Eu sou imortal, não sou?

Timothy assentiu lentamente com a cabeça.

Lambi meus lábios. Os vampiros ficavam com os lábios secos? — E ele não pode permitir isso, pode?

A voz de Timothy saiu calma e comedida. — Não, ele não pode.

— Eu não pedi isso — eu disse, odiando minha voz embargada.

Timothy pegou o cooler e voltou para o elevador. Quando abriu com um ding, seus olhos permaneceram desviados. — Eu sugiro que você descanse um pouco. Estarei acordado mais tarde para limpar isto. Se precisar de alguma coisa, pegue qualquer um dos telefones e disque três. Essa é minha linha direta.

Quando o elevador fechou, tive uma necessidade irresistível de jogar alguma coisa de novo, mas não adiantou.

Não importava que eu pudesse viver para sempre, teria que enfrentar a mesma dura verdade que todos os outros enfrentaram. A morte era inevitável.



Sentei-me na única cadeira da antessala, pensando em como um vampiro poderia aparecer depois de todos esses anos. Não um, mas cinco. Isto foi uma catástrofe. Aquela sekhora lá em cima na minha cobertura agora claramente não tinha noção do caos que ela representava. Se eu não contivesse a situação, os sekhors correriam soltos; criaturas assassinas e sedentas de poder.

Uma porta se abriu e Timothy entrou. Olhei para cima de onde havia apoiado o queixo no punho. Dois dos meus ceifadores trotaram de cada lado dele, Yelhsa e Nerual. Eu poderia dizer pelo brilho dourado de seus olhos que eles retornaram com ainda mais almas exigindo meu julgamento. Eles foram esperar encostados na parede junto com Aicila, Eener e os outros quinze. A tensão envolveu meu pescoço e costas como uma mola comprimida. O trabalho podia ser exigente, mas o meu dever era sagrado e nunca me esqueci disso.

Timothy parou a poucos metros da escada da minha plataforma. Ele não disse nada, e nem eu por alguns momentos. O peso da situação era mais que premente e não precisávamos comentar o fato da catástrofe. A terrível situação era evidente.

Timothy finalmente quebrou o silêncio. — Por que depois de todo esse tempo?

— Não sei, mas quem está orquestrando isso está agindo rapidamente. Encontramos cinco sekhors, mas Vivien... — Fiz uma

pausa, pensando em quão duro a vampira havia deliberado em escolher um nome para si mesma — Está sozinha há duas semanas, se quisermos acreditar nela. Quem quer que tenha a habilidade de transformar pessoas, não perderá tempo aumentando seu número.

— Somente um vampiro pode transformar outros em seus próprios, e você há muito tempo extinguiu sua espécie. Como eles poderiam simplesmente aparecer depois de todo esse tempo? — Timothy perguntou, repetindo a pergunta que agora me torturava.

Pressionei dois dedos na têmpora, sentindo uma dor de cabeça se desenvolver. — Não sei. — Então me levantei e desci as escadas, gesticulando para que Timothy me seguisse. — No momento, como eles surgiram é irrelevante. Acima de tudo, precisamos encontrar o mestre. Quando o sol se pôr, tiraremos a vampira de volta e a usaremos como isca. Os outros vieram atrás dela, presumo que o farão novamente. Se há uma coisa que me lembro sobre os vampiros é que eles são ferozmente territoriais em relação à sua própria espécie. Eles tentarão colocá-la sob seu controle o mais rápido possível.

Havia hesitação na voz de Timothy. — Você acredita que ela não se lembra de ter se transformado?

Eu fiz uma pausa. A vampira que passava o tempo todo apertando botões em uma limusine como uma criança e insistindo que bebia sangue de animal porque não era um monstro era... incomum. Não como as criaturas de que me lembro, nem como aquelas no beco. Ela queria que eu a considerasse inocente, mas eu não era novo. Eu era velho demais, como Timothy às vezes gostava de brincar.

— Confiar nela seria um erro grave — eu disse. — Um que eu não pretendo ceder.

Timothy segurou o tablet na frente do corpo. — Eu também não acho que deveríamos, senhor, mas aqueles outros vampiros vieram atrás dela. Alguém pensa que ela é especial.

— O que fará dela a isca perfeita.

Tínhamos muito que planejar. Mas primeiro, havia almas que precisavam de julgamento antes que eu pudesse lidar com a questão da sekhor. Seria um longo dia.

CAPÍTULO SEIS



Previsivelmente, os elevadores não subiam, não importa quantas vezes eu apertasse o botão.

Agitada por estar presa, tive que resistir à vontade de pegar uma cadeira e tentar quebrar uma janela. Mesmo que eu esperasse até a noite e conseguisse, não seria como se eu pudesse surfar pela lateral do prédio de vidro como se fosse um grande escorregador.

Ou eu poderia?

Então, novamente, eu tinha certeza de que só seria imortal se não fizesse nada extraordinariamente estúpido para me matar.

Em vez de me atirar do prédio, vaguei pela ampla cobertura. Havia uma mistura de paredes cinza-ardósia, painéis de madeira escura e tijolos expostos de cômodo em cômodo.

Decidindo aproveitar as acomodações enquanto as tinha, fui até um quarto e o banheiro adjacente. Embora tentada a tocar no edredom branco imaculado no caminho, guardei meus dedos sujos para mim. Então pensei melhor, voltei e pressionei minhas mãos imundas no edredom, deixando marcas perfeitas. Depois bati no edredom como se estivesse fazendo um show até parecer que um porquinho coberto de lama estava se divertindo.

Arrependi-me um pouco de ter sujado as cobertas, por causa de Timothy, que parecia tão tenso quanto uma estrela do mar descolorida numa vara. Mas valeu a pena, se eu irritasse sua majestade, mesmo que fosse um pouquinho.

Tirando minhas roupas e jogando-as no quarto ao acaso, fui em direção ao chuveiro. Não porque Sua Alteza quisesse, mas porque tive vontade. Embora estar suja não fosse a pior coisa do mundo – talvez eu fosse uma exploradora da natureza na minha antiga vida? –, um banho de vapor era atraente.

O chuveiro poderia acomodar um grupo de cinco pessoas. Tinha duchas pulsantes posicionadas em toda a volta. Assim que os jatos atingiram minha pele, gemi. O riacho ficou preto enquanto eu esfregava a areia do esgoto, sem economizar no sabonete líquido com sálvia e amora. Não parei até a água ficar limpa.

Apesar de estar fria como um cadáver, gostei do jato de água quase escaldante, como um lagarto. Passei os cinco minutos seguintes me perguntando se os vampiros eram descendentes de lagartos. Pensei em como quase congelei quando não consegui beber sangue. Então, se os vampiros pudessem resistir ao sol, eles ficariam espalhados nas rochas quentes o dia todo?

Aparentemente, a exaustão atingiu meu cérebro. Eu não tinha certeza se era por causa da reviravolta bizarra dos acontecimentos ou porque o amanhecer estava nascendo. A luz do dia parecia sempre minar minha energia.

Com uma toalha branca incrivelmente fofa enrolada em meu corpo e outra em volta de meu cabelo, voltei para o quarto. O closet estava cheio de roupas. Roupas femininas, para ser exata. Elas estavam aqui para acomodar todas as mulheres que passavam? Ou as mulheres vieram aqui, fizeram o trabalho com Grim e depois passaram... adiante?

Minha pele se arrepiou com a ideia de usar as roupas das concubinas mortas de sua majestade, mas elas cheiravam e serviam melhor do que as que eu havia roubado de uma lavanderia.

A maioria das opções eram vestidos de festa curtos e brilhantes, então procurei mais. Coloquei uma calça de couro flexível, uma regata prateada e uma jaqueta jeans por cima. Embora eu tivesse que ficar sem calcinha ou sutiã, não me importei muito com a sensação. Depois de vasculhar um pouco mais o closet, encontrei até umas botas de salto alto do meu tamanho. No último minuto, peguei uma longa renda de couro de um espartilho, enrolei-a no pescoço e amarrei-a. A gargantilha improvisada cobria principalmente as cicatrizes de mordidas.

Em seguida, andei pela cobertura, apesar de estar morta de cansaço.

Haa. Pelo menos, eu sabia que era uma pessoa engraçada.

Eu não seria capaz de relaxar a menos que examinasse o layout. Para minha surpresa, nem uma única porta estava trancada. Descobri uma sala de biblioteca de dois andares, completa com lareira, um bar

elegante e grandes cadeiras de couro estofadas. Os volumes grossos não me atraíram, procurei uma revista com o rosto de alguma celebridade na capa, mas não encontrei nada.

Não foi isso a coisa mais terrível? Tive que me familiarizar novamente com meu rosto no espelho – descartando o mito da não reflexão – mas nunca esqueci uma Kardashian. Que piada.

Havia outros dois quartos e não havia dúvida de qual era o quarto principal. Entrar no quarto de sua majestade era como entrar em um teatro gótico. Pesadas cortinas pretas com franjas douradas e borlas cobriam as paredes. O cheiro de fumaça e sexo permaneceu, junto com seu almíscar. A combinação resultou em um afrodisíaco inebriante que aqueceu e enrolou na minha barriga. Um arrepio passou por mim. Semelhante ao resto da cobertura, este lugar tinha sofisticação masculina, mas havia algo subjacente a este quarto. Luxúria, pecado, mas acima de tudo, perigo.

Eu meio que esperava ver algemas, chicotes ou algum tipo de equipamento sofisticado de BDSM arrumado em algum lugar. Além dos relógios e roupas arrumados com precisão, não havia nada pessoal.

A verdadeira peça central era a cama extravagante. Mais expansiva do que qualquer cama king-size, a cabeceira era de um veludo tufado verde-floresta rodeado por grandes vinhas de filigrana douradas. Alguém havia dobrado a colcha cor de ameixa escura para emoldurar lençóis de cetim preto.

A única razão para ter um colchão tão grande é se você vai enchê-lo de gente. Imagens de membros emaranhados das orgias de Grim passaram pela minha mente.

Então me perguntei quantas mulheres ou homens – eu não sabia a preferência de Grim, se ele tivesse uma – estiveram aqui. Quando ele terminou com eles, ele os matou? Ou se um deles implorasse para que ele os levasse antes de ceifar sua alma? Será que ele pegaria alguns escolhidos naqueles lençóis e os foderia até morrerem? Não, eu não queria pensar nisso.

Apesar de tudo, um calor floresceu em meu estômago enquanto eu imaginava como ele seria sem seu terno caro. Uma garota poderia envolver as pernas em volta daquela cintura estreita, agarrar aqueles braços musculosos e ir para o céu.

Não, não, não, vampira má, eu me repreendi.

Depois de semanas de isolamento, a solidão e a necessidade de toque quase me engoliram por inteiro. Passei muito tempo fantasiando que alguém estava esperando que eu respondesse. Um namorado, um marido, alguém que me amava tanto que estava enlouquecendo pensando que eu estava morta. Então, quando eu voltasse, eles ficariam muito gratos e felizes por fazermos isso funcionar, mesmo eu sendo uma vampira. Eu prometia nunca mordê-lo na cama, e ele esquentava meu sangue todas as manhãs em uma caneca que dizia: — Sugadora de sangue nas ruas, vampira nos lençóis.

Mas Grim nunca faria algo tão doméstico ou mundano. A Morte pegava o que queria, quando queria. Eu poderia imaginar aqueles perigosos olhos âmbar observando um humano se contorcer sob ele enquanto ele permanecia em completo controle.

Saí do quarto. Minha imaginação havia se afastado de mim e estava me levando a um lugar sombrio que me deixava profundamente inquieta.

Depois de bisbilhotar bastante, deitei-me num dos longos sofás de couro. Eu descansaria apenas por um minuto e depois bolaria um plano para sair daqui. Os músculos do meu corpo ficaram pesados. Até minhas pálpebras caíram. Quando finalmente acordei de novo, a maior parte do dia havia passado enquanto eu entrava em mini coma.

A necessidade de rolar e dormir por mais algumas horas era forte. O sol ainda estava alto. Mas então o pânico subiu pela minha garganta. Ele voltaria, e quem sabia quanto tempo eu teria então?

Eu precisava encontrar uma maneira de sair daqui. Ao me levantar, meio grogue, eu estava fraca como um gatinho, mas pelo menos estava limpa e segura, por enquanto.

Aquecendo outra bolsa de sangue em uma caneca – preta, é claro – joguei-a de volta, mal me permitindo apreciar a textura e o sabor.

Minha apreciação inata pela minha refeição me fez pensar se talvez eu tivesse sido chef ou crítica gastronômica em minha vida anterior. Roubei maçãs e pão na primeira semana do meu vampirismo para ver se ainda conseguia comer como uma pessoa normal. Meus sentidos foram aguçados. Os sabores de uma maçã transportaram-me para o sabor da própria quinta onde ela foi cultivada. Infelizmente, quando surgiu minha necessidade de sangue, a comida não fez nada para diminuir a sede.

O sangue ajudou-me a acordar um pouco, então bebi mais duas bolsas até praticamente explodir. Meu corpo cantava, vibrando de energia. Talvez eu tentasse descer a pirâmide, afinal.

De uma forma ou de outra, definitivamente era hora de partir. Mas não antes de eu ser paga. Voltando para a biblioteca, havia uma pesada mesa de executivo ao lado. Vasculhei várias gavetas antes de encontrar uma pilha de dinheiro sob alguns cliques e um grampeador. Contando três notas novinhas de cem dólares, embolsei-as com satisfação. Pensei em deixar um bilhete agradecendo a hospitalidade, mas como eles me hospedaram apenas para me usar como isca e me matar mais tarde, achei que poderia abrir mão das gentilezas.

Olhei para o elevador com um olhar crítico. E se ele abrisse magicamente agora? Apertei o botão para ligar e abrir as portas.

Nada. *Bolsas de sangue.*

Localizei o orifício no canto superior direito da porta, onde cabia uma chave magnética do elevador. Bingo.

Demorou uma hora, mas descobri-o numa gaveta da cozinha. Enfiando-o no buraco e girando-o, as portas se soltaram e eu pude empurrá-las para abri-las. Olhando para o poço escuro, perguntei-me se não deveria bolar um plano menos perigoso do que descer trinta andares. Engoli em seco.

Se eu ficasse, morreria. Se eu caísse, minhas habilidades de vampira entrariam em ação e me curariam, certo? Chupei outra bolsa de sangue frio, embora meu estômago estivesse distendido de tanto. Eu precisaria de todos os poderes de cura que pudesse conseguir.

Estendendo a mão, agarrei o cabo grosso e enrolei meu corpo no aço retorcido. Parando ali até ter certeza de que conseguiria suportar meu peso com facilidade, desci lentamente pelo cabo.

À medida que descia um pouco de cada vez na escuridão envolvente, minha visão ficou vermelha. Eu podia ver no escuro. Ganhando confiança em minha capacidade de sustentar meu peso, percebi que levaria uma eternidade para chegar ao fundo nesse ritmo. Sentindo-me mais ousada, relaxei o aperto e deslizei três metros. Não é tão ruim.

Eu aliviei meu aperto novamente, deslizando para baixo. Parando mais uma vez, um sorriso se espalhou pelo meu rosto. A sensação de poder, capacidade e saber que não poderia morrer me encorajou.

Decidi me divertir um pouco. Soltando minhas pernas do cabo, caí, acelerando pelo aço, o ar passando enquanto meu cabelo voava. Incapaz de me conter, soltei um grito enquanto descia pelo cabo. Assim que avistei o topo do elevador, apertei levemente, diminuindo a velocidade gradualmente até pousar silenciosamente no teto do elevador.

Olhando para minhas mãos, um pouco de pele havia sido raspada, mas ela se recompôs diante dos meus olhos. A sensação foi incrível. Eu realmente poderia fazer muito mais do que imaginava.

Encontrei a trava na porta de cima e abri-a lentamente para ter certeza de que não havia ninguém lá dentro. Vendo que estava vazio, pulei e entrei no elevador, silenciosa como uma gata. As portas do elevador estavam abertas, mas não no nível do saguão. Espreitando, havia paredes de arenito de aparência antiga iluminadas por tochas.

Caramba, a Morte tinha um castelo medieval construído embaixo do hotel ou algo assim?

Vozes ecoaram e saí para ouvir melhor. Havia pilares enormes por toda parte, então tomei cuidado para permanecer escondida enquanto avançava.

Uma mulher estava soluçando. — Você não entende. — Ela era de meia-idade e usava moletom e jeans.

Grim recostou-se em um trono esculpido em pedra, com uma expressão entediada e desdenhosa em seu belo rosto. — Não, eu nunca faço isso, não é?

— Eu farei qualquer coisa, por favor, não faça isso.

O dourado brilhou em seus olhos quando ele se inclinou para frente, os dedos agarrando os braços da cadeira. — Você fará alguma coisa?

Estendendo as mãos em oração, ela gritou: — Sim, sim, qualquer coisa.

Meu estômago se apertou enquanto esperava para ver o que aconteceria. O desespero em seu apelo rasgou meu coração morto-vivo.

Algo molhado tocou minha mão e eu pulei. Olhando para baixo, encontrei a mesma criatura preta parecida com um cachorro que estava no hospital. Um rosnado baixo retumbou em sua garganta. Antes que eu pudesse pensar no que estava fazendo, abaixei-me e cocei

sua cabeça. O rosnado parou. Então, depois de um minuto de carícias intensas, o canino se inclinou ao meu toque.

Ótimo, minhas fantasias malucas de cachorro me seguiram até aqui. Felizmente, não chamei nenhuma atenção enquanto continuava a coçar atrás das orelhas do cachorrinho. Não havia como um cachorro andar sozinho pelo hospital, era menos provável que eu visse o mesmo vira-lata aqui. Devo ter perdido um pedaço da cabeça quando fui transformada... se é que a tive, para começar.

Em um momento, Grim estava a centímetros da mulher, segurando seu queixo com os nós dos dedos. A tensão aumentou enquanto ele a deixava continuar a soluçar. Eu queria pular e dizer a ele para deixá-la em paz, mas me forcei a ficar escondida.

Grim então se inclinou para sussurrar algo em seu ouvido. Recuei enquanto ele olhava além dela, com medo de me ver atrás do pilar.

Então Grim se levantou e uma pesada porta de pedra à sua direita se abriu com um rangido alto. Ele acenou com a mão e o corpo dela estremeceu no ar, voando para a escuridão com um grito aterrorizado que ecoou em meus ouvidos. Outro som emanou da escuridão, um rosnado. Tão profundo, alto e gutural; não era como nenhum animal que eu já tivesse ouvido antes. Agarrei-me firmemente ao pilar para não tremer. Os gritos da mulher ecoaram como se ela estivesse sendo despedaçada. Seus gritos foram interrompidos quando a porta se fechou novamente.

Um gemido suave do cachorro me lembrou de que minha mão havia parado. Voltei a acariciar o cachorrinho, talvez com mais força do que o necessário, mas ele se inclinou.

Timothy apareceu de repente com o tablet, oferecendo-o para Grim assinar. Nenhum dos dois mostrou qualquer indício de emoção ou remorso.

E aqui eu pensei que Timothy era um cara legal, mas ele mentiu. Grim matou e ele gostou. Eu sabia disso pelo brilho em seus olhos e pela elevação de seus lábios quando ele brincava com ela.

Eu tinha que tirar o coágulo de sangue daqui. Recuando silenciosamente, recuei para o elevador aberto. Eu precisava escapar. O cachorro trotou atrás de mim, mas não me seguiu para dentro.

O que quer que estivesse atrás daquela enorme porta de pedra era um destino pior que a morte, eu estava cheia de coisas estranhas e aterrorizantes para o dia. Sim, tudo cheio. Não mais.

Pressionando o botão, o elevador apitou alto. As vozes silenciaram e o cachorro ganiu.

CAPÍTULO SETE



Perfeito pra caralho. Eu poderia muito bem ter ficado só de calcinha, corrido e grasnado como um pato. Poderia ter sido menos sutil. Eu me escondi em um canto, presa em mim mesma enquanto as portas se fechavam, esperando que Grim aparecesse furioso e então me jogasse no que quer que ele tivesse atrás da porta número um. Incapaz de me conter, apertei o botão branco repetidamente. Mas eu não tinha a chave do elevador como Grim tinha. Eu estava totalmente ferrada.

Passos se aproximavam. Meu coração se alojou na garganta. Encostada no canto, como um rato indefeso, esperei que o predador viesse e me despedaçasse.

Talvez eu pudesse escapar pela escotilha superior. Então, novamente, se eu pulasse no elevador e eles o mandassem de volta para a cobertura, eu seria esmagada como uma panqueca. *Um bolo de vampiro?* Eu balancei minha cabeça.

Você é uma vampira agora. Você sobreviveria a isso... provavelmente... talvez.

Eu era superforte e imortal, mas ainda não tinha vontade de ser mutilada.

Magicamente, as portas se fecharam e meus ombros caíram de alívio. Acho que você não precisava de uma chave se o destino fosse o saguão.

Assim que o elevador abriu no nível principal, não perdi tempo e arrastei meu traseiro pelo chão de mármore preto. Eu estava quase chegando às portas da frente quando elas se abriram. Um casal entrou, seguido por raios de sol alaranjados. Recuei com um silvo reativo.

Merda, ainda era dia. Eu teria que me esconder por mais algum tempo. Um ding chegou aos meus ouvidos. Eles estavam chamando o elevador de volta. *Bolsas de sangue.*

Em vez de correr para a Strip, encolhi mais para dentro do hotel.

Diminuí a velocidade para uma caminhada rápida quando recebi olhares penetrantes. A equipe do hotel me olhou, enquanto um segurança caminhava preguiçosamente em minha direção. A Morte era dona deste lugar e de todos lá dentro. Havia câmeras de segurança espalhadas por toda parte, então, não importa onde eu fosse, seria fácil de encontrar.

Se não me falha a memória, havia corredores sem janelas que ligavam alguns dos hotéis.

E ainda assim, você não se lembra de onde morava antes de tudo isso. Trágico.

Afastei o pensamento patético e passei por restaurantes e lojas. Os hóspedes do hotel circulavam, mas não havia nenhuma mistura aqui. Eu me destacava como um donut meio esfarrapado em meio a bolos de casamento de cinco camadas. Pelos seus olhares cortantes, ficou claro que eles também sabiam que eu não pertencia a esse lugar. Eu deveria ter vestido o vestido curto e colante com strass e um casaco de pele se quisesse me encaixar aqui. Ah, ser uma prostituta de alta classe.

Depois de fazer algumas curvas erradas, finalmente encontrei o corredor que levava ao hotel vizinho. Tive que fugir das câmeras de Sinopolis.

A decoração passou de chique e elegante para um tema colorido e infantil de castelo. O ping metálico dos caça-níqueis competia com a música pop tocando ao fundo. A multidão aumentou enquanto todas as pessoas saíam em busca de jantar. A fumaça do cigarro sufocava o ar. As massas aqui eram menos elegantes do que as de Sinopolis. Menos Louboutins, muito mais pochetes. Foi fácil para mim me misturar agora. Embora eu tivesse certeza de que a Morte não tinha acesso a câmeras aqui, me abaixei quando avistei uma. Eu desapareci no meio da multidão, me perguntando se conseguiria continuar assim até o pôr do sol.

Fingi estar interessada em algumas lojas, mantendo-me próxima de outros grupos de pessoas. Eu não estive perto de tantas pessoas desde que me tornei vampira. Incontáveis batimentos cardíacos batiam ao meu redor de excitação e ouvi o sangue correr em suas veias. A perspectiva de uma refeição deliciosa e quente direto da fonte me deixou com uma sensação inebriante de desmaio.

Não. Você bebeu bastante. Não faça isso. Você não é um monstro.

Graças a Deus bebi até quase explodir antes de sair da prisão da cobertura. Eu nunca tinha afundado minhas presas no pescoço de ninguém. Parte de mim queria desesperadamente saber como era. Eu temia que fosse bom demais. Se eu bebesse direto da fonte, perderia o controle? Um nó se formou em meu estômago.

Eu precisava manter o foco. Apenas cerca de meia hora antes que eu pudesse sair dessa espelunca.

A cafeteria lotada era o melhor lugar para se perder. Esperei perto de uma fonte perto de um grupo de meninas que tiravam selfies. Suas risadas atingiam decibéis estridentes que só um cachorro conseguia detectar. Elas me lembraram de um bando de hienas raivosas.

Minha atenção se voltou para um garoto que estava sozinho em uma mesa. Ele parecia ter dez anos, usava uma camiseta do Homem de Ferro e seu cabelo grosso e encaracolado estava cortado rente à cabeça. Ele estava sozinho, com as mãos cruzadas no colo, como se esperasse pacientemente por alguém.

Dois homens e uma mulher discutiam na mesa ao lado dele. Suas vozes arrastadas aumentaram à medida que a luta aumentava. Um homem deu um pulo, virando a mesa antes de mergulhar no outro cara à sua frente. A garota soltou um grito estridente. Eles começaram a dar socos. Para mim, tudo aconteceu em câmera lenta. Eles estavam prestes a cair no garoto solitário e ele não sairia do caminho a tempo.

Tudo ficou mais lento quando usei minha supervelocidade para correr até o garoto. Agarrei o garoto, puxando-o para trás, enquanto os dois homens se chocavam contra sua cadeira. Eu o coloquei no chão e me agachei até a altura dos olhos. — Você está bem, garoto? — Estávamos agora na parede oposta, perto do McDonald's.

Houve mais gritos quando alguém interveio na briga.

Os olhos do menino estavam arregalados, de um branco brilhante contra sua pele morena escura. Seu batimento cardíaco trovejou quando ele quase hiperventilou. Eu não sabia se ele estava empolgado com o quase erro ou porque, em um piscar de olhos, eu o coloquei do outro lado da sala. Com uma rápida olhada, tentei determinar se mais alguém tinha visto, mas todos os olhos estavam voltados para os bêbados de cabeça quente.

— Jamal, você está bem? — Uma mulher perguntou.

Eu levantei-me. — Acho que ele está bem, só um pouco abalado por assistir a alguns idiotas.

Virando-me para a mulher, parei. Ela piscou com dupla surpresa. Era a mulher que tentou me salvar do Brutamonte ontem à noite.

A próxima coisa que percebi foi que estava olhando para o cano da arma dela. Com uma rápida olhada em sua roupa, percebi que ela estava vestida de segurança do hotel e foi à voz dela que ouvi interrompendo a briga.

Erguendo lentamente as mãos, considerei a possibilidade de sobreviver a um tiro no rosto. Eu deveria ter feito mais perguntas ao velho Timmy sobre minha espécie. Mesmo que eu sobrevivesse ao tiro, imaginei que não seria um bom momento.

Estávamos afastados o suficiente para que ninguém percebesse, e ela manteve a arma apontada para mim, mas apontou para que seu corpo escondesse a arma, evitando o pânico público.

— Você é um... — Ela vacilou.

Ela tinha visto as presas. Ela viu como Brutamonte e eu havíamos mudado. Mesmo que ela não pudesse dizer isso em voz alta, ela sabia o que eu era.

— Mãe? — A voz preocupada de Jamal rompeu o terror vítreo em seus olhos. Sua mandíbula endureceu e ela estreitou os olhos para mim.

— Está tudo bem, querido, venha e fique atrás da mamãe.

Jamal parecia relutante, mas obedeceu ao comando da mãe.

— Eu não machuquei o menino. Não tenho intenção disso — eu disse, tentando não assustá-la. Eu tinha uma voz calmante? Eu deveria ter perguntado a Sua Alteza.

Ela bufou em descrença.

Jamal puxou a parte de trás da camisa dela. — Voamos como o Superman, mãe.

Isso não foi bom. Hora de fugir. Eu me virei e corri. Eu fiquei meio metro antes de colidir bem no peito duro de alguém que cheirava a lírios, terra recém-revolvida e uma colônia almiscarada.

Quando inclinei a cabeça, o rosto bonito e robusto de sua majestade me cumprimentou. Dourado formou um arco a partir do centro de suas íris. Fúria apertou seu rosto incrivelmente bonito.

— Indo para algum lugar?

Coágulos de sangue.

CAPÍTULO OITO



A vampira não só escapou da cobertura de alguma forma, ela entrou sorrateiramente em meus aposentos privados de trabalho e então tentou fugir. Eu a subestimei, um erro que não cometeria uma segunda vez. Apertei seu braço com força contundente. Apenas os cantos dos olhos revelaram seu estremecimento.

Se não estivéssemos em público, eu poderia tê-la estrangulado.

A segurança do hotel olhou para Vivien e para mim, com incerteza nos olhos, a arma ainda em punho.

— Obrigado pela sua ajuda, senhora...?

— West. Miranda West. — Sua postura e tom permaneceram rígidos. Aparentemente, meu charme estava um pouco enferrujado. Antigamente eu poderia ter uma mulher me bajulando com um simples olhar.

A maneira como ela olhou para Vivien com olhos arregalados e cautelosos me avisou que ela estava ciente da *estranha* em seu meio.

— Sra. West. — Eu inclinei minha cabeça. Virando-me, sem nunca perder o controle de Vivien, eu disse: — Timothy, se você pudesse agradecer adequadamente a Sra. West por sua ajuda, eu agradeceria muito.

— O que ela fez? — Miranda perguntou, o ceticismo tão denso quanto o cheiro de batatas fritas gordurosas aqui.

— Meu assistente explicará tudo. — Tentei sorrir, mas com base em como o garoto se sacudiu e agarrou os quadris da mãe, pareceu ameaçador. Um efeito colateral de passar muito tempo julgando as almas na antecâmara.

Enquanto eu arrastava Vivien, Timothy deu um passo à frente.

— O que ele vai dizer a ela? — Vivien perguntou em tom mal-humorado. — Que eu tenho sido uma vampira má e você precisa me colocar de volta no meu canil?

— Ele tem talento para fazer desaparecer dúvidas e problemas, seja por explicação ou por dinheiro. — Embora eu duvidasse do comportamento da Sra. West, ela seria passível de suborno, mas essa era outra qualidade que tornava Timothy inestimável. Ele encontraria uma maneira de explicar por que arrastei uma jovem.

Empurrei-nos através da multidão de turistas em férias. — E aqui eu pensei que você gostaria de poder ficar em um canil tão bom.

— Louca por ter mastigado as barras?

Eu me virei contra ela tão rápido que ela quase bateu em mim novamente. — Você acha sensato me testar assim, quando sua existência só é permitida com base em sua utilidade? — Apesar dos meus esforços para manter a calma e o controle, ela estava me irritando.

Seu olhar voou para onde eu segurava seu braço entre nós, e então para meus olhos. A julgar pelo seu suspiro, eu deixei minha máscara mortuária passar.

Embora sua aura fosse brilhante antes, Vivien brilhava como uma estrela agora. Ela estava quase irreconhecível desde que fez a limpeza. Seus longos cabelos não eram de um castanho escuro e lamacento, mas de um ruivo brilhante. Transformado de reto e mole, agora era uma massa volumosa e texturizada que implorava para que os dedos o envolvessem. Não mais manchado de sujeira e fuligem, seu rosto tinha um tom de creme com uma pitada de sardas na ponta do nariz.

Antes ela era atraente. Agora, ela era uma beleza selvagem que me fazia pensar em gatos selvagens e nas selvas exuberantes e convidativas onde eles brincavam. A sombra de seu cabelo me lembrou de um pôr do sol que eu desejava que nunca acabasse. Seus olhos ainda brilhavam com a mesma energia de quando nos conhecemos, alertando-me para não esfregar a pele macia de seu antebraço, embora meu polegar estivesse coçando para fazer isso. Se ela estava ciente de seu poder sobre mim, ela não demonstrou.

Em vez de se encolher, sua expressão endureceu quando ela se inclinou até ficarmos quase nariz com nariz. — Oh, me desculpe. Não estou sendo útil o suficiente? Eu deveria estar limpando os banheiros

da sua cobertura? Fazendo o almoço para você, ou talvez sentada quieta até que você venha me buscar como se fosse um par de chinelos?

— Você é irritante.

— Você quer que todos tenham medo de você, mas adivinhe, botão de ouro? Eu não tenho.

Apesar de seu comportamento enfadonho que me inspirou a trancá-la em uma masmorra de verdade, não pude evitar a contração no canto da boca. — Você me chamou de botão de ouro, sugadora de sangue?

Ela respondeu em um tom arrogante. — Eu prefiro o termo sekhor. Parece mais formal, *vossa majestade*. Não, você está certo. Você se abala tão facilmente que botão de ouro é um apelido muito melhor para você.

O sangue correu em meus ouvidos. Seus olhos verdes brilhavam com eletricidade e ela pressionou a ponta da língua atrás dos dentes da frente, como se me incitasse a começar uma briga com ela. Ela poderia muito bem ter visto do que eu era capaz na antecâmara. Ela sabia que eu era a própria morte, mas ela estava me provocando.

Um número seleta acreditava que poderia desafiar a morte, muitos por arrogância. Alguns ofereceram dinheiro, outros me desafiaram, achando que estavam acima do limite. Mas quando revelei a verdadeira face da morte, todos se encolheram. Vivien não foi desafiadora porque queria me impedir de cumprir meu dever. Pelo que pude perceber, ela me provocou por pura alegria.

Uma mão me deu um tapa nas costas enquanto o fedor de cerveja barata e suor assaltava meus sentidos.

— Haha, arranjem um quarto, vocês dois — disse arrastado um garoto de vinte e poucos anos com gola aberta e boné virado para o lado. Quando ele tropeçou de volta para seus amigos, todos riram e se deram socos no braço.

— Eca, caras-mano são os piores. — Vivien murmurou.

Pela primeira vez, eu não discordei.

Levei-a de volta para Sinopolis, não gostando da facilidade com que ela me provocava. Disse a mim mesmo que estava nervoso depois de um dia tão longo de trabalho; isso, junto com o estresse desse problema com vampiros, eu perdi a paciência com esse sekhor

insignificante. Mas não foi desculpa para eu perder a calma. Eu não podia me permitir distrações, mas ela era um letreiro de néon piscando com sinos e assobios gritando. Difícil de ignorar e mais difícil de não jogar pela janela.

Um trio de homens estava prestes a passar quando um deles parou. Seu rosto ficou sem cor enquanto ele nos olhava.

— Fã seu? — Vivien perguntou, seu tom seco como o martini que eu planejava tomar mais tarde.

O homem tinha estatura média, cabelos castanhos e feições marcantes. Ele usava shorts cargo e uma camisa havaiana. Mas ele não estava olhando para mim. Vivien recebeu toda a força de seu olhar surpreso e de olhos arregalados. Ele olhou como um coelho confrontado por um caçador.

Ele saiu correndo, esbarrando nas pessoas enquanto atravessava o hotel, na direção oposta à que estávamos indo.

Vivien o seguiu, mas eu a puxei de volta.

— Você viu aquilo? Ele me reconheceu. Precisamos segui-lo.

— Ele não era um vampiro — eu disse, sem lhe dar um centímetro.

Vivien ainda se esforçava contra meu aperto, tentando mantê-lo à vista, embora ele estivesse fugindo rapidamente. — Ele sabe quem eu sou. Podemos perguntar a ele como ele me conhece.

— Eu acho que foi um amante do passado com base em sua velocidade — murmurei.

Ela se virou para mim, vibrando de raiva. — Temos que falar com ele. — Seu grito chamou a atenção. Enviei um sorriso tranquilizador aos convidados ao nosso redor. Felizmente, Las Vegas não era um local incomum para pessoas barulhentas e gritantes. Abaixei minha voz, encorajando-a a fazer o mesmo.

— Quem você era não tem importância. Se ele não pode nos levar a um mestre vampiro que transformou você, ele também é irrelevante.

— Talvez ele não saiba nada sobre vampiros, mas talvez saiba algo sobre a noite em que morri que possa nos levar ao mestre.

O caso dela era fraco, na melhor das hipóteses. Presumir que aquele homem estava lá na noite em que ela foi transformada era um

exagero. Eu também não tinha interesse em envolver mortais na questão da sekhor.

— Por favor. — Sua voz ficou rouca. — Ele é a única pista que tenho para descobrir quem eu era. Você não pode imaginar como é não saber quem você é. — Seus orbes verde-mar procuraram os meus, também me implorando para deixá-la segui-lo.

Súplicas, nada além de súplicas, dia e noite, durante séculos, há muito me endureceram contra seus efeitos. No entanto, Vivien de alguma forma despertou um sentimento de culpa dentro de mim com sua súplica sincera.

Eu me virei, arrastando-a de volta para Sinopolis. A vampira tentou puxar na direção oposta. Ela era forte, mas eu era mais forte.

Recebemos alguns olhares preocupados dos hóspedes enquanto eu a carregava pelo saguão do meu hotel. Vivien ficou desanimada, agora arrastando os pés. Eu meio que esperava que ela tivesse um acesso de raiva total.

Relaxeí meu aperto, para que não parecesse que eu era seu cafetão ou namorado abusivo. Pelo menos a equipe sabia que não deveria prestar atenção a mim ou a minha companheira.

— De todas as roupas disponíveis, você escolheu se vestir como um punk delinquente — murmurei baixinho, apertando o botão para chamar o elevador particular. Timothy me garantiu que ainda estava funcionando, apesar da adulteração de Vivien, mas funcionando um pouco mais devagar do que o normal.

As roupas justas de Vivien revelavam uma figura magra e musculosa. Tive o cuidado de desviar os olhos quando percebi que ela havia desistido do sutiã com top brilhante e decotado. Parecia que ela tinha saído do palco depois de uma apresentação de rock. Fique tranquilo, nenhum groupie se curvaria diante daquelas pernas impossivelmente longas tão cedo. Eu me certificaria disso.

Vivien levantou a cabeça ao ouvir meu comentário sobre suas roupas, percebendo a atenção que estávamos recebendo.

— Oh, sinto muito por envergonhar você. O que eu estava pensando? Eu deveria ter me vestido como uma vadia de purpurina, para me encaixar na sua clientela. — Seus olhos voltaram para os espectadores antes que ela explodisse. — Ricky, sinto muito por não ter recebido o dinheiro. Prometo que vou adiantar na próxima vez. O John disse que tinha, mas vou garantir na próxima vez. Por favor,

apenas me dê minha parte. O pequeno Billy precisa de insulina, e não terei dinheiro para isso se você tirar todo o meu verde de novo. — Ela fingiu lutar em minhas mãos sem nenhuma luta real. A conversa começou ao nosso redor junto com um ou dois suspiros assustados.

Eu olhei para ela, com os olhos arregalados, em estado de choque. Um sorriso diabólico brilhou em seu rosto assim que as portas de aço se abriram com um barulho. Ela entrou sozinha no elevador, sem se preocupar mais em esconder seu sorriso maligno.

Assim que as portas se fecharam, bati as duas mãos em cada lado da cabeça dela. Ela estremeceu e seu sorriso evaporou. A raiva queimou através de mim enquanto eu me aproximava dela. Meus dedos se espalharam pela parede de couro preto atrás dela, para que Vivien não os visse se transformarem em garras pretas e afiadas.

— A insanidade começou depois que você se transformou ou sempre foi sua aflição? — Eu gritei, lutando contra a mudança, minhas mãos voltando ao normal.

— Se seguissemos aquele cara, poderíamos ter perguntado — ela gritou de volta. Ela piscou em desafio diante da minha fúria, mas ainda assim recuou contra a parede. — E o que você se importa? Você é a própria morte. O que importa o que aqueles Riquinhos pensam?

— Eu não preciso da aprovação deles. Mas tenho orgulho de criar um refúgio de sofisticação luxuosa. Enquanto você — eu apontei um dedo na cara dela — É como uma fuinha raivosa, furiosa com metanfetamina, pior ainda, eu tenho que ser o único a amordaçar você.

Seus olhos se estreitaram. — Você apenas tenta, valentão.

O fogo varreu através de mim. Minha postura não desapareceu, explodiu em um inferno. Minha mão cobriu sua boca enquanto pressionei meu corpo contra o dela, trazendo minha boca até seu ouvido. — Eu preciso de você como isca, mas talvez você seja mais útil sem a sua língua. Eu me pergunto se ela voltaria a crescer? Quão rápido? Fique tranquila, se for muito rápido, ficaria feliz em arrancar isso para você novamente.

De repente, eu estava muito consciente da maneira como estava pressionado contra ela. Meu peito achatou seus seios e minha coxa subiu entre suas pernas, prendendo seus quadris. Imagens de transar com ela até a submissão neste elevador passaram pela minha mente.

Couro, meu sabonete pessoal e algo divinamente sensual invadiram meus sentidos. Seu cheiro ameaçou me arrastar para dentro

e para baixo. A sensação de seus lábios sedosos contra minha palma aqueceu meu sangue antes de enviá-lo para baixo. Minha respiração ficou superficial quando me afastei para poder olhar para o rosto de Vivien, surpresa com as reações que corriam desenfreadas através de mim. Por um momento, pensei ter visto uma chama gêmea de excitação em seus olhos. Talvez ela também tenha considerado que eu a levaria aqui mesmo.

Um frio úmido esmagou minha mão.

Ela me lambeu.

Limpei a palma da mão nas calças e apertei o botão dourado com a outra mão. Seu comportamento infantil foi uma cura instantânea para minha insanidade temporária.

Meu celibato motivado pelo trabalho estava claramente me levando à loucura. Já fazia muito tempo que não convidava alguém para minha cama. Parecia crucial fazê-lo na primeira oportunidade.



Vivien estava sentada no balcão da cozinha, de mau humor comigo, enquanto eu ficava em frente às portas do elevador com os braços cruzados. Pelo menos havia seis metros entre nós agora, permitindo que meus sentidos se acalmassem da raiva cheia de luxúria que ela de alguma forma me incitou.

— O que estamos esperando? — Ela perguntou. Com os braços também cruzados, espelhando-me, ela sentou-se num banquinho do outro lado da ilha.

— Meu assistente chegará em breve, espero que com um relatório sobre o paradeiro de qualquer atividade recente de vampiros. — Não pude evitar o desdém em minha voz. Eu odiava perder tempo, mas não tinha como rastrear os sugadores de sangue.

— E depois?

— Então você poderá servir ao seu propósito.

— Isca. — Seu tom era neutro.

Não me incomodei em responder.

Ela deixou cair os braços enquanto sua carranca se aprofundava. — Você vai me colocar em um gancho e me pedir para me esquivar na linha?

Uma imagem semelhante me veio à mente, mas na minha versão, ela não usava roupas enquanto se contorcia com uma expressão desenfreada.

— Oh, que bom que você acha que é uma ideia tão estelar. — Vivien zombou. Eu não tinha certeza da expressão facial que fiz, mas a limpei.

— Qual é o problema, afinal? — Ela perguntou. — É porque os vampiros são demônios sem alma? Monstros malignos da noite? Porque não me sinto particularmente malvada ou assassina. — Ela descruzou os braços antes de contrair os ombros e depois girá-los para trás. Ela estava inquieta?

Certamente tive algumas ideias de como aproveitar essa energia extra.

Não seja absurdo. Você não tocará na sekhors... de novo.

— Sua existência não é permitida — eu disse.

— Sim, mas por quê? — Ela choramingou, esticando os braços ao longo do balcão e apoiando o queixo neles. Ela parecia uma criança petulante, entediada, mas adorável.

Ridículo. Sekhors não era adorável. Eles ameaçaram toda a humanidade e muito mais.

— A imortalidade é perigosa. Os humanos buscam a longevidade, mas não entendem as repercussões de viver durante séculos.

Ela se sentou, franzindo a testa. — O que isso significa?

Pensei em não contar a ela, mas calculei minhas chances de ela deixar o assunto de lado e cheguei a um resultado bastante unilateral.

— A imortalidade, para um ser humano, corrompe absolutamente. Depois de obterem poder e quase invulnerabilidade, eles eventualmente se transformam em tiranos violentos e sedentos de poder.

— Você não sabe disso — disse ela, embora a incerteza permanecesse em seus olhos.

— Você sabe quando os últimos vampiros vagaram pela terra?
— Eu perguntei, sabendo que ela, claro, não.

— Meu palpite seria na época em que aquele velho escreveu Drácula. O quê, ele encontrou um? — Ela deu um bufo nada feminino.

— Milhares de anos atrás.

Ela parou. Embora ela tentasse esconder sua surpresa, eu a vi registrar um momento antes de ela enterrá-la.

Abaixei meus braços, focando no armário acima de sua cabeça. — Eu enfrentei a vampira mais velha em uma grande guerra. Ela estava convencida de que os sekhors eram a raça superior. Ela decidiu escravizar toda a humanidade e transformou um grande número de pessoas em sua própria espécie. A batalha para matá-la e ao exercito que ela criou foi sangrenta e continuou por anos antes de finalmente destruí-los.

Meus olhos pousaram novamente em Vivien. Ela não interrompeu, apenas mordeu o interior da bochecha. Ela pode realmente estar ouvindo.

Eu continuei. — A vampira começou como uma mulher humana normal, como você, mas eventualmente ela sentiu o chamado do poder e o perseguiu ao extremo. Então veja, quanto mais você vive, mais invulnerável você se sente. Você se esforçará por mais, não mais satisfeita com uma existência mundana. Como ela, você ficará entediada e evitará comportamentos que antes afirmava que nunca iria ultrapassar. Você passará a ver os humanos mortais como menos que comida, peões, descartáveis. Então, com o tempo, você jogará cada vez mais até acabar como ela. A arrogância de Sekhor apaga qualquer vestígio de humanidade, deixando apenas destruição em seu rastro. Foi decidido que, para preservar o ciclo natural e sagrado da vida, não se poderia permitir que eles existissem.

— Quem decide?

Eu tinha falado demais. Amaldiçoei minha indiscrição. Em vez de responder, deixei a pergunta pairar entre nós em um silêncio pétreo.

— Isso nunca seria eu. — Suas palavras eram pouco mais que um sussurro. Seus olhos se arredondaram e ficaram sérios.

— Você sabe o que significa ser um vampiro? — Eu perguntei, dando dois passos à frente. Deixei o sorriso de desgosto se manifestar em meus lábios. — Da mesma forma que um ladrão de túmulos

desenterraria um corpo, uma força distorcida e antinatural levantou seu cadáver. Agora você é uma praga ambulante, capaz de infectar e condenar inúmeras almas à sua mesma existência básica.

Seus olhos vidrados quando ela balançou a cabeça quase imperceptivelmente, como se tentasse negar alguma verdade que ela sabia o tempo todo. De repente, ela parecia sozinha, diante de um maremoto que estava prestes a colidir com ela e enviá-la ao esquecimento.

Pela segunda vez, ela de alguma forma arrancou um cordão de culpa dentro de mim que eu nem sabia que existia. Ele soou, vibrando por todo o meu corpo, incitando-me a retirar minhas palavras mordazes, ou envolvê-la em meus braços até que eu pudesse acalmar quaisquer pensamentos que agora a atormentavam.

Eu fui duro. Muito duro. Eu estava contando tudo isso a ela por causa dela? Ou estava tentando me convencer de que ela não era nada?

Ela nunca poderia significar nada para mim. Não importava o quão diferente ela era dos vampiros que uma vez enfrentei, ou dos bilhões de almas que encontrei. Eu não podia me permitir acreditar que ela era especial.

No entanto, eu já me permito.

O brilho ao seu redor me chamou, me convidou a entrar em seu espaço e reivindicá-la de uma forma que eu nunca me permiti fazer em toda a minha existência. Mais do que sua aura etérea que deslumbrava, o espírito vivaz de Vivien era positivamente cativante. Eu queria beijar aquela boca inteligente, engolir qualquer piada inflamatória que ela estava dizendo.

Em vez disso, cerrei os punhos ao lado do corpo para não estender a mão para ela.

A vampira é uma isca e nada mais. Sua existência não será permitida. Você sabe que os outros nunca permitiriam que ela vagasse pela terra.

Meu dever de proteger este mundo era mais importante do que olhos que emitiam fogo verde, uma inteligência afiada e uma boca na qual eu não conseguia parar de pensar. Não houve escolha no assunto. Assim que eu contivesse a situação dos vampiros, eu a eliminaria.

Somente quando meu telefone tocou é que Vivien emergiu de sua expressão interior e assombrada.

Eu atendi a ligação. Foi breve.

— Hora de ir — eu disse, desligando. — Seu mestre atacou novamente.

Pela primeira vez, ela não lutou comigo. Ela caminhou até o elevador e desta vez ficamos em lados opostos enquanto corríamos para o que eu esperava ser uma armadilha preparada para Vivien. Talvez tudo isso acabasse antes do fim da noite e meu problema sekhor estivesse resolvido.

Olhando Vivien pelo canto do olho, meu peito se apertou.

CAPÍTULO NOVE



Enquanto Grim lançava seu olhar duro pela janela, Timothy se mantinha ocupado no outro extremo da limusine com seu tablet, como de costume.

A limusine é menor do que da última vez?

Não, do mesmo tamanho, mas viajar em silêncio, presa em um veículo com sua majestade, estava dificultando evitar certos pensamentos.

A memória de Grim pressionado contra mim no elevador me aqueceu uns bons vinte graus. Eu senti seu abdômen esculpido mesmo através de nossas roupas. Seu hálito quente soprava contra meu ouvido enquanto seu aroma delicioso me cercava, uma nuvem de ópio sexualmente carregada.

E aqueles olhos ricos e âmbar eram perigosos e sedutores. Seu olhar era tão intenso que me preocupei que seu escrutínio derretesse minha calcinha do meu corpo... se eu estivesse usando alguma.

Presa contra a parede, uma dor necessitada atingiu meu centro, desenvolvendo uma mente própria. Isso me incentivou a deslizar e resistir contra sua coxa dura. Saber que não havia nada além da perna da calça e minha calça presa contra o meu sexo enviou arrepios elétricos de antecipação aos meus mamilos já tensos antes de voltar para baixo com uma inundação de desejo quente e úmido.

Não foi apenas sua habilidade física que me excitou de dentro para fora. Havia algo nos olhos de Grim, uma fome quase desesperada. Era o olhar de um prisioneiro lutando pela liberdade, enquanto algo dentro dele ansiava por sair. Tudo em Grim era pesado e sério, mas havia uma luz dentro dele. Eu queria arrancar isso dele. Meu instinto me disse que queria sair e brincar comigo.

Eu estava congelada no lugar, com medo de sucumbir a todos os meus impulsos de uma vez. E todos eles estavam gritando comigo como se estivessem em um alto-falante.

Mexa-se. Moa. Beije. Lambe. Chupe.

Grim estava ciente de que ele era sexo intenso? Porque meu corpo estava pronto pra caramba para pular naquela vara e fazer uma viagem longa e dura.

O desejo me atingiu tão intensamente que me lembrou da minha sede de sangue. E embora eu quisesse desesperadamente ceder, recusei-me a deixar meu cha-cha mostrar o caminho. Eu era louca, não estúpida. Se Grim não me recusasse em segundos, ele provavelmente riria do quão lamentável eu era... uma sugadora de sangue repugnante tentando pegar um ser tão antigo quanto o tempo e tão poderoso quanto um deus.

Então, cedi a apenas um dos meus impulsos. *Lamber.*

Quando passei a língua em sua palma, sentindo o gosto de pele salgada, seu olhar escuro e cheio de luxúria foi drenado de toda a fome, deixando nojo em seu rastro. Eu fiz um trabalho especializado para neutralizar a situação. Eu merecia uma faixa.

E agora, eu poderia usar um pouco de gelo, sentar a poucos metros do ser carrancudo inspirava muitos pensamentos perturbadores e cheios de luxúria. Assim que a limusine parou, quase pulei para sair do carro.

Levei dois segundos para perceber onde estávamos. Estacionamos perto do beco onde meu corpo foi jogado. Um calafrio passou por mim que não tinha nada a ver com temperatura ou sede. A escuridão cobriu o beco, mas pude ver na escuridão onde um homem jazia morto. A carne onde seu ombro e pescoço se encontravam foi rasgada e mastigada, de uma forma muito familiar. Era Chad. Ele olhava para a noite com olhos vazios e cegos. Eu queria desviar o olhar, mas não consegui.

Antes de sair do hospital, encontrei cópias das fotos policiais do meu cadáver no necrotério. O assassino colocou Chad em uma posição de imitador. Ele estava deitado de costas, uma perna dobrada em um ângulo não natural e olhando para o céu. Como se alguém o tivesse quebrado e depois jogado fora como um pedaço de lixo inútil, uma casca de banana descartada.

Ver fotos do meu próprio corpo foi perturbador, mas essa reprodução flagrante da minha morte evocou um monte de frio na barriga e deixou um gosto amargo na boca.

Pior ainda, havia uma pilha de corpos nas sombras, além do cadáver de Chad. Mais três mortos. Duas mulheres e um homem, todos sem sangue.

A maldição de Grim ecoou em meus ouvidos. Eu estava condenada a evoluir para um monstro? Há quanto tempo esse mestre vampiro estava correndo por aí, matando pessoas? O mestre começou como eu e lentamente se transformou em um selvagem sem lei? Eu estava a semanas de me transformar na mesma criatura sem alma? A imortalidade e o poder me corromperiam?

Meu cérebro ficou obstruído com muitas perguntas. Eu precisava de um êmbolo para limpar o caminho.

— Eles vão se transformar? — Perguntei. Minhas palavras saíram mais silenciosas do que eu pretendia. Fiquei me perguntando onde estariam os policiais. Então, novamente, se não fosse pela minha visão noturna, eu provavelmente teria andado pelo beco sem olhar duas vezes até a manhã lançar luz sobre a cena horrível.

— Não — disse Timothy fungando, olhando para os corpos. — Se eles fossem se transformar, então nossos ceifeiros não os teriam encontrado. Suas almas exigiam coleta e classificação, e foi isso que nos trouxe até aqui. E parece que a maior parte do sangue foi destinada a deixar uma mensagem para você. — Seu olhar subiu com um foco aguçado.

— Eu — repeti, ainda atordoada. Claro, eu vi. A presença do doce aroma acobreado do sangue cantava para mim, não importa onde estivesse. Mas esta cena fedia a sangue sujo e desperdiçado. Manchado na parede suja de tijolos do beco, alguém havia escrito em letras grandes e irregulares: — Você me emociona.

Grim moveu-se atrás de mim. Sua boca se aproximou da minha orelha, causando arrepios ao longo da minha nuca. — É esse o homem que você estava interrogando?

Tentei responder, mas minha garganta estava seca. Engoli. — Esse é ele.

— Você agora vê o caos e a destruição que sua espécie causa? — A dureza na voz de Grim me disse que ele estava prestes a aumentar a contagem de corpos.

Apesar de seu tom amargo e da cena perturbadora, a poucos passos de distância, eu queria me recostar em seu calor. Eu queria me virar e enterrar meu rosto no peito de Grim e inalar seu cheiro até esquecer todo o resto. Então, novamente, se eu tentasse, ele provavelmente me mataria.

— Você sente o cheiro do sangue deles? Você anseia pela violência? — Sua voz estava crua de emoção. Em algum lugar lá dentro, registrei como era estranho a própria Morte ficar indignada. Ele via esse tipo de coisa o tempo todo. Por que ele se importava? Isso equivaleria a enviar uma enfermeira excessivamente empática para trabalhar num hospício. Esse ambiente a despedaçaria de dentro para fora.

Foi a violência que o ofendeu tanto? Os vampiros? Ou eu?

— Não — respondi honestamente. — Eu não quero isso. Eu nunca... — Seria uma história diferente se eu não tivesse bebido sangue antes? Eu lambujaria e me deliciaria com os corpos aqui?

Agarrando meus ombros, Morte me girou, brilhos dourados chicoteando seus olhos. Era isso. Eu estava morta. Ele me mandaria para o inferno? Jogar-me no quarto com a fera misteriosa que me fez querer me esconder debaixo da cama e fazer xixi?

Meu único arrependimento foi nunca ter recuperado as memórias do meu passado. Ainda ansiava por saber. Eu carregava essa dor comigo desde que acordei na gaveta do freezer. Isso me torcia e me incomodava tanto que às vezes eu temia que isso me virasse do avesso. Quem eu fui? Alguém se importou com o meu desaparecimento? Eu deveria estar fazendo algo importante? Curar o câncer? Cuidando de um bebê? No jantar com minha família e meu marido?

— Você fará, inevitavelmente recorrerá a isso — disse ele, com grande ameaça. — Você continuará a se alimentar e então, um dia, você desejará se tornar uma companheira de brincadeiras e forçar uma de suas vítimas a beber seu sangue enquanto estiver à beira da morte. E com esse ato, você continuará a propagação da sua espécie, como uma doença.

A compreensão de que o mestre vampiro provavelmente me forçou a beber seu sangue para me transformar, enviou um arrepio de repulsa através de mim.

As primeiras palavras de Grim na cobertura penetraram, causando medo em mim, sugerindo que eu estava indefesa contra a

minha natureza. Eu fiz tudo que pude para lutar contra o que eu era, e até agora consegui controlar o caçador animalesco interior do meu lado vampira. Mas eu estava perdendo contra mim mesma?

Meu desafio acendeu, afugentando a dor. Como ele ousa me julgar. Ele não me conhecia. Eu não me conhecia. Eu o empurrei e ele me soltou, embora pudesse ter me dominado.

— Eu morreria primeiro — eu disse, esticando o pescoço para olhar para ele.

— Isso pode ser arranjado. — Seus orbes âmbar deslizaram até meus lábios e sua expressão tornou-se inescrutável, como se ele estivesse envolvido em algum conflito interno.

A raiva ferveu dentro de mim. Nenhuma parte de mim estava envolvida nesse tipo de carnificina. Grim disse que eu eventualmente acreditaria que era melhor que o resto da humanidade. Pfft. Que grande quantidade de porcaria. Eu não era melhor do que ninguém. Estava pior. A sede me controlava da mesma forma que a bebida controlava um alcoólatra. E eu absolutamente odiei isso.

Grim acreditava que eu era uma escrava da minha natureza, e sua opinião negativa sobre mim me incomodava mais do que deveria. Por que importava o que a Morte pensava de mim? Ele planejava me matar de qualquer maneira, mas parte de mim ansiava por sua aprovação. Eu queria que ele me visse como mais do que um inseto a ser esmagado. Não porque eu quisesse me sentir importante diante da morte, mas porque queria que ele, *Grim*, pensasse bem de mim.

Ainda assim, Grim me preparou para o fracasso e não tinha fé em mim, o que era irritante e me fez querer provar que ele estava errado ainda mais.

— Pare de tentar culpar minha própria natureza. Você acha que porque está por aí desde o início dos tempos, você sabe tudo. Você acha que me conhece. — Eu cutuquei seu peito. Ele não arrancou meu dedo imediatamente. Cutuquei novamente. — Você pode ser muito velho, mas isso não faz de você uma autoridade sobre quem eu sou.

Eu não estava interessada em poder. A ideia de alimentar um humano com meu sangue depois de quase matá-lo me deixou mal do estômago. No momento, eu só me importava em caçar quem fez isso para fazê-los pagar. Deixe-os saber que eu não me importei com o bilhete de amor assustador deixado com sangue enquanto eu chorava por eles.

— Senhor — Timothy interrompeu com uma tosse delicada. Grim se virou e saiu tão rápido que o ar onde ele estava permaneceu quente por um momento antes de esfriar.

Eles deram um passo para o lado, baixando a voz, mas minha audição sensível de vampira captou suas palavras de qualquer maneira.

— Trazê-la aqui foi sensato? Provavelmente é uma armadilha — disse Timothy.

Passei a examinar o beco em busca de pistas, mas senti o olhar de raio laser da Morte me rastreando. Fiz o meu melhor para agir como se não tivesse percebido.

Ao me aproximar de Chad, avistei algo. Chegando mais perto, suas vozes desapareceram quando percebi que era um colar. Meu coração pulou de reconhecimento. Tirei a corrente do pescoço mutilado de Chad. Sua ferida sugou o colar, mas eu o soltei. A corrente era barata, nem mesmo de prata genuína, mas o pingente chamou minha atenção. Era um cupcake com cobertura rosa e uma cereja por cima.

Meu estômago deu uma cambalhota quando sentimentos e imagens familiares voltaram para mim rapidamente. O cheiro de bolos recém-assados, tigelas de glacê coloridos, risadas e calor. Meus olhos ardiam com lágrimas não derramadas enquanto a dor profunda retornava com uma dor feroz que rivalizava com a sede de sangue. Eu queria voltar a isso. Precisava voltar para *lá*, onde quer que fosse.

As pálpebras de Chad voaram. Carmesim encheu seus olhos, fazendo-o parecer totalmente demoníaco. Ele sibilou, as presas se alongando, então se lançou sobre mim. Afastei-me cambaleando com um grito de surpresa, puxando a fina corrente de prata e quebrando-a do pescoço dele.

Parece que os ceifeiros perderam uma alma. Aposto que Grim iria reduzir o salário deles ou suspendê-los pelo deslize.

O vampiro Chad saltou sobre mim e sobre os dois homens sobrenaturais. Todos eles caíram em uma onda de punhos. Sem hesitar, vi minha chance e fugi.

Mal tive tempo de reconhecer a ironia de que, embora eles estivessem preocupados com o fato de isso ser uma armadilha, a “armadilha” me ajudou a escapar. Guardando no bolso o maldito colar de cupcake, eu tive certeza de que era meu de antes. Alguém queria

que eu o encontrasse. Um presente do mestre? Com este novo artefato, eu estava mais determinada do que nunca a descobrir quem eu era. E eu não poderia fazer isso na prisão de Grim, por mais legal que fosse.

Estávamos longe da Strip, então não havia multidão para desaparecer. Casas suburbanas passavam como um borrão enquanto eu corria como o diabo, como se a Morte estivesse em meus calcanhares, o que provavelmente estava.

Eu estava pensando em me esconder no esgoto, me esconder no quintal de alguém ou correr direto para o deserto quando uma força poderosa me atingiu. Bati em um Suburban, deixando um amassado do meu tamanho na lateral.

Doeu.

Uma rápida varredura interna me disse que eu não tinha quebrado nenhum osso, mas sim, doeu. Depois de me limpar, procurei o que me atingiu. Um homem com um olho leitoso, cabelo preto e pegajoso e um rosto feito para uma foto me olhou maliciosamente. Olho-leitoso era um pedaço de músculo alto, magro e cheio de veias. Suas maçãs do rosto contrastavam fortemente com o vazio de suas bochechas, como se ele passasse tanto tempo fumando cigarros que seu rosto ficasse assim. Maldade irradiava de seu único olho bom.

Ele sorriu, mostrando-me suas lindas presas. — Você vem comigo.

— Não, obrigada, tenho um compromisso prévio. Tomei chá com a rainha e depois fiz terapia com Bert e Ernie, depois... — eu disse, erguendo as mãos. — Volte amanhã. Na verdade, não se preocupe. Vou pedir ao meu pessoal que ligue para o seu.

No momento em que pisquei, ele cruzou a distância entre nós e acertou o punho em minha barriga. Eu me dobrei, me perguntando se ele havia perfurado o rim direto. Eu dei uma cabeçada nele.

— Argh. — Ele cambaleou sobre as pernas instáveis, pressionando a palma da mão no olho leitoso. Droga, deveria ter mirado no bom.

Ele veio até mim novamente, os punhos balançando como presuntos gigantes. Evitei alguns, mas os que se conectaram me deixaram pronta para chorar, tio. Embora eu não precisasse respirar, a vontade de me enrolar como uma bola para me proteger do ataque me dominou. Eu soquei, arranhei e dei tudo de mim tentando arrancar

seus olhos idiotas. Ainda assim, ele me atacou como se eu fosse um saco de areia na academia.

Eu tropecei, incapaz de continuar me defendendo de seus golpes. Justamente quando ele parou, ouvi o barulho de um canivete se abrindo. Ele sorriu com malícia enquanto eu gemia. — Pensando bem, vou cortar você, pequena vampira, e ver o que tem dentro.

Firmando-me no carro atrás de mim, eu disse: — Deixe-me estragar tudo para você. — Cuspi na cara dele. A gota tingida de sangue pousou em seu olho leitoso. — Açúcar, tempero e tudo bom.

Antes que eu pudesse sair do caminho, sua lâmina cortou minha barriga. A dor lancinante se transformou em uma agonia insuportável quando ele puxou-a para cima e depois a torceu. Pensei ter me ouvido gritar. Minhas mãos voaram para meu ferimento com medo de que minhas vísceras caíssem.

A violência brilhou em seu olho bom. Então algo estranho aconteceu. Assim como Brutamonte, quando o vi pela última vez, o rosto de Olho Leitoso esvaziou-se de qualquer expressão, como se alguém o tivesse lobotomizado. A faca caiu no asfalto e ele recuou. Seu olhar vago e queixo caído me lembraram de um zumbi. O que quer que estivesse acontecendo com ele, não estava sob seu controle.

Então, com um puxão violento, sua cabeça girou antes de quicar uma vez, depois duas vezes na rua. O corpo permaneceu de pé, por uma fração de segundo, parecia que ele havia ganhado uma nova cabeça. Grim ficou atrás da forma decapitada, fervendo de raiva. O resto de Olho Leitoso atingiu o chão com um baque tremendo.

— Indo para algum lugar? — Grim perguntou, sua voz era uma camada profana de ecos. O poder fervilhava nos ombros e nas costas de seu terno em nuvens escuras.

Seus olhos me desafiaram a lhe dar uma razão para arrancar minha cabeça em seguida. Não havia como correr quando todo o meu foco estava em manter minhas entranhas dentro do meu corpo.

O corpo de Olho Leitoso rachou e ficou acinzentado, pedaços de cinza descascando antes de ele se desintegrar em um monte de poeira.

Huh. Que tal isso?

Enfrentei Grim novamente e dei-lhe meu melhor sorriso inocente. — Eu estava procurando um banheiro?

CAPÍTULO DEZ



Exigi que o motorista se apressasse e nos levasse de volta ao hotel. Vivien precisava de sangue para se curar... antes de eu matá-la.

Tamborilei os dedos no joelho, tentando aliviar minha agitação em alguma forma. — Poderíamos ter levado aquele sekhor para interrogatório, forçado a nos levar até o mestre, mas graças a você, tive que matá-lo antes que ele acabasse com você.

Essa foi à causa do meu pânico. Ela me forçou a matar nosso único elo com o mestre. Não tinha nada a ver com o meu medo de que o sekhor tivesse ganhado vantagem sobre Vivien.

Nada mesmo.

Ela se contorceu no banco, ainda pressionando a barriga com as duas mãos. O sangue jorrou de suas palmas, encharcando sua camisa. — Se você está tão bravo com Olho Leitoso, por que não manteve o velho Chad para interrogatório? — Vivien perguntou com um beicinho. Seu rosto empalideceu e ela parecia murcha, sua força diminuindo diante dos meus olhos. Precisávamos obter o sangue para ela, agora. Lutei contra a inesperada onda de pânico.

— Porque — eu disse — É improvável que um vampiro recém-transformado tenha tanta informação quanto o sekhor que foi enviado para resgatá-la.

Ela se curvou. — Ponto justo. Bem, Olho Leitoso fez um péssimo trabalho me escoltando até o mestre. Ele ficou todo maluco e queria me abrir. Mas logo antes de você tirar a blusa dele, vi algo mudar em sua cabeça, forçando-o a parar.

— Você consegue parar de sangrar em todos os lugares?

— Você nem está me ouvindo.

— Você não está aqui para pensar. Você não está aqui para falar. Eu só preciso que você ache o mestre. E você conseguiu encontrar uma maneira de estragar tudo.

Um rubor voltou às suas bochechas e o nó em meu peito se afrouxou. Se eu ainda pudesse irritá-la, ela percorreria a curta distância que faltava para Sinopolis.

— Mais uma vez — ela disse — Foi você quem arrancou a cabeça do cara. Embora você definitivamente se qualifique como um cara sombrio, você deveria fazer com que todos o chamassem de rabugento. Você ao menos ouve o quão machista e autoritário você parece?

— Oh, pelo amor de Deus — eu disse, incapaz de ficar sentado nem mais um segundo. Tirei minha jaqueta e deslizei para o assento ao lado dela. Afastando suas mãos, pressionei minha jaqueta contra seu ferimento.

Vivien olhou nos meus olhos, a boca ligeiramente aberta. Preso em seu olhar, tive vontade de me inclinar e capturar seus lábios em um beijo, carregá-la para meu quarto e mantê-la lá até que o perigo esquecesse sua existência. Uma profunda proteção foi despertada dentro de mim. Eu desejava mantê-la segura e só para mim. Quando ela me enfureceu, eu poderia acorrentá-la, amordaçá-la e fazer coisas criativas e prazerosas com seu corpo até que ela ficasse exausta.

O que havia nela que me atraiu tanto? Seria porque ela era uma sekhor e já fazia séculos que eu não encontrava tal ser? Talvez. Mas o mais provável é que ela me tenha feito sentir como se não estivesse sozinho. Ela foi jogada em um mundo de perigo sobrenatural e aceitou tudo com calma. Sua tenacidade em fazer as coisas do seu jeito, embora tola e teimosa, era revigorante. As respostas atrevidas que essa fogueira lançava em minha direção às vezes me davam vontade de cair na gargalhada. Tudo nela me estimulou para melhor ou para pior.

— Sua jaqueta está estragada. — A voz de Vivien era baixa e rouca.

Fiquei tentado a dizer que minha vida estava arruinada quando a conheci, mas eu não gostava de dramas. Em vez disso, estudei as manchas douradas perto de suas íris. — Você pode me comprar uma nova com aqueles trezentos dólares que você roubou.

Ela franziu a testa enquanto seus olhos brilhavam. — Eu não roubei. Você me custou aquele dinheiro quando expulsou Chad, então

você me devia. Simplesmente peguei o que era meu quando você *convenientemente* se esqueceu de me retribuir.

— Bem, agora você me deve — eu disse, silenciando-a. — Sangrando por todo o meu carro, minha jaqueta e... — Deslizei um dedo sob o pingente de cupcake que estava entre seus seios. — O que é isso? — Ela não estava usando isso antes.

— É uma pista, Scooby Doo. — Apesar de seu sarcasmo, suas palavras saíram ofegantes enquanto eu continuava a mexer no colar com interesse. — Estava no corpo de Chad. Acho que era meu porque quando o vi, lembranças e impressões desconexas voltaram para mim. Acho que poderia ser confeitadeira.

Eu levantei uma sobrancelha. — Bolos, biscoitos, doces? — Minha língua se enrolou em torno das palavras, enquanto meus olhos desciam além do encanto para o que eu suspeitava ser muito mais doce do que qualquer produto assado. Ela engoliu em seco de forma audível e se contorceu quando meu olhar a tocou, viajando pelos seios e depois pelas coxas.

Depois de vê-la quase destruída, quis me assegurar de sua vivacidade. Embora eu nunca fosse seduzir uma mulher ferida ou comprometida, isso não significava que não pudesse imaginar como seria saboreá-la. Ou me pergunto que sons ela faria no auge da paixão enquanto eu a enchia de novo e de novo até que ela perdesse a cabeça. Ela enrolaria as mãos nos lençóis ou enfiaria as unhas nas minhas costas?

Tirei delicadamente minha jaqueta e afastei suas mãos para ter uma visão melhor do ferimento. Com um rasgo audível, rasguei a metade inferior de sua blusa, tomando cuidado para não roçar em sua laceração, revelando seu torso.

— Parece que já está cicatrizando — eu disse, incapaz de evitar que meus olhos se voltassem para seu umbigo. Na verdade, a pele estava se unindo sobre o músculo exposto mais rapidamente do que eu esperava. Ainda assim, ela precisaria de sangue para se recuperar.

O calor preencheu o pouco espaço que nos separava enquanto meus pensamentos continuavam a alimentar minha excitação. Arrastando minha língua pelos dentes, lutei contra a profunda fome que sentia por ela. Embora ela não precisasse de oxigênio, seu peito subia e descia como se sua respiração estivesse difícil. Seus orbes verdejantes brilhavam, lembrando-me o vidro do mar.

Havia algo aqui mais do que luxúria. Algo muito mais perigoso e sinistro. Eu não podia me dar ao luxo de cair no que estava acontecendo entre nós.

Lambendo meus lábios, deslizei para trás e um gemido de decepção escapou dela. Cerrei a mandíbula e me virei.

Controle-se, cara. Ela é muito mais perigosa do que ela imagina.

Assim que voltamos para a cobertura, não perdi tempo pegando uma bolsa de sangue da geladeira, que Timothy fez questão de estocar, e despejei o conteúdo em uma caneca. Fiz o possível para ignorar Vivien, enquanto seus lábios formavam uma boca aberta de espanto, enquanto eu esquentava o líquido frio no microondas. Ela piscou quando entreguei a caneca para ela.

— A palavra que você está procurando é obrigada — eu disse.

Ela piscou uma segunda vez antes de olhar dentro da caneca. — Você me fez o jantar.

— O quê? Não, eu...

Com uma voz cantante, ela disse: — Grim gosta de mim. Ele me preparou o jantar. — Então, com um sorriso maligno, ela disse em tom normal: — O que vem a seguir? Flores, chocolates?

— Não.

Vivien mordeu o lábio pensativamente. — Ou sua linguagem de amor está me presenteando com almas dos mortos? Talvez um esqueleto? Quero dizer, eu não diria não a uma caveira elegante. Ou você pode me conseguir uma daquelas cabeças encolhidas?

Revirei os olhos. — Você é impossível.

Ela balançou nos calcanhares, com aquele brilho travesso nos olhos. — A palavra que você está procurando é *incrivelmente fofa*.

Quando Vivien se dirigiu para a sala, apontei na direção oposta. — Você pode beber na pia ou no banheiro, você está coberta de sangue.

— Eu queria me trocar de qualquer maneira — disse ela, mostrando a língua antes de desaparecer no banheiro, fechando a porta atrás dela.

Com um suspiro, esfreguei meu rosto antes de pegar meu telefone. O hotel era uma máquina bem lubrificada, mas algumas decisões exigiam minha aprovação. Vasculhei minha caixa de entrada

de pedidos de DJs e chefs conceituados pedindo a honra de trabalhar em Sinopoli. Vivien apareceu apenas quinze minutos depois vestindo um moletom preto e boxers. *Meu* moletom e boxers.

A irritação guerreou com outra intensa onda de excitação. Ela estava incrivelmente sexy com minhas roupas, com seu cabelo solto e molhado. Seu aroma limpo era quase atraente demais para resistir. Meus polegares coçavam para engancha a boxer e arrastá-la para baixo de seus quadris e...

— O fato de todo o seu guarda-roupa ser preto é porque é uma ‘coisa mortal’ — disse ela, fazendo aspas no ar — Ou porque é emagrecedor?

Meus ataques regulares de desejo por ela eram mais do que cansativos, especialmente porque ela tinha os maneirismos de uma criança obstinada. Estava prestes a deitar nela quando meu telefone vibrou.

Olhando para a tela, apontei para Vivien. — Estou entrando na sala ao lado para atender esta ligação, mas se você fizer um movimento errado, vou largar tudo para tornar sua vida um inferno.

Vivien saltou na ponta dos pés com energia nervosa. Havia um rubor em seu rosto que eu não tinha notado antes. O sangue deve tê-la revigorado. Ela parecia positivamente hiperativa agora. *Fantástico*.

Relutante em deixar uma Vivien alerta sozinha, eu ainda tinha uma ligação para atender. Foi uma curta caminhada pelo corredor até meu escritório, fechei a porta atrás de mim e deslizei para trás da minha mesa executiva. Ao atender a ligação, liguei meu computador, iluminando várias telas.

— Olá. — Falei com um tom monótono de desinteresse, como se a pessoa que ligou tivesse me interrompido enquanto eu estava lidando com uma papelada tediosa.

— É verdade? — Uma voz feminina perguntou.

— O que é verdade? — Eu perguntei, embora meu estômago embrulhasse.

— Oh deuses, é, não é?

Liguei as câmeras de segurança focadas na minha cobertura. Vivien estava vasculhando a cozinha, tirando tigelas de metal, espátulas e farinha.

O que ela está fazendo?

— Tenho a situação sob controle, Bianca — eu disse.

Meus ceifadores estavam varrendo a cidade. Embora meus ceifadores não conseguissem rastrear os mortos-vivos, os vampiros deixavam um rastro de morte em seu caminho. Não demoraria muito para que a destruição deles atingisse meu radar e então eu avançaria com minha própria ação rápida e violenta.

Um tom firme entrou na voz de Bianca. — Nós devemos nos encontrar. Essa noite. E traga a sekhor com você. Eu tenho que vê-la.

Era inútil fingir que não sabia de quem ela estava falando. Verificando meu relógio, vi que eram 12h30

Belisquei a ponta do meu nariz. — Tudo bem. — Marcamos hora e local, embora eu já estivesse com medo. A última coisa que eu queria era mais pessoas envolvidas neste assunto. O plano era conter as coisas de forma rápida e silenciosa, mas se Bianca estava ligando, provavelmente havia mais coisas que eu precisava saber.

Voltando para a cozinha, encontrei Vivien coberta de farinha, mexendo furiosamente algo que lembrava massa de modelar em uma tigela de metal.

— Eu estive fora por dois minutos. Como você fez uma bagunça tão grande em tão pouco tempo? — Olhei para minha cozinha com horror. Farinha e gosma estavam espalhadas pelas minhas bancadas pretas. Marcas de mãos brancas cobriam meus armários, fazendo parecer que um fantasma habilidoso esteve ali.

Vivien olhou para mim, ainda tentando mexer a massa pesada na tigela. — Estou assando biscoitos.

Minha boca abriu e depois fechou. Quando finalmente recuperei a compostura, perguntei: — Por que você está fazendo biscoitos?

Vivien deixou cair à gigantesca massa parecida com uma massa de modelar em uma assadeira. — Como eu disse, acho que fui confeitadeira na minha vida anterior, comendo muffins e bolos o dia todo. Então eu pensei, ei! Memória muscular. Talvez se eu começasse a cozinhar, a preparar algo fabuloso como costumava fazer, eu pudesse estimular meu cérebro a lembrar-se mais sobre minha vida anterior.

Então a vampira abriu o forno e colocou o monte de massa sobre uma gradinha. Antes que ela pudesse fechar a porta, eu estava ao seu

lado, com a mão em seu braço. — Você não vai colocar isso no meu forno.

Tentando me afastar com seu corpo, ela revirou os olhos. — Escute, eu sei o que estou fazendo. Você vai me agradecer quando estiver comendo esse biscoito superdelicioso do tamanho de um bolo. — Então ela me lançou um olhar cético. — Você come, certo? Quer dizer, encontrei comida na cozinha, mas por que a Morte comeria? Isso é meio idiota.

— Sim, eu como. Eu também bebo, o que você está inspirando a fazer mais ultimamente.

Vivien bufou de impaciência, pois teve a audácia de parecer rude comigo. — Bem, este lugar parece pouco habitado. Você deveria saber que estou ajudando a tornar este lugar mais aconchegante com o cheiro de biscoitos recém-assados.

— *Não* feche esse forno — ordenei.

— Caramba, G. Você tem problemas de controle, sabia disso?

Por que eu estava discutindo com ela? Ela era claramente uma paciente mental em sua vida anterior, o que me deixou louco por pensar que poderia vencer uma discussão. Melhor apenas matá-la agora e tornar minha vida mais fácil.

O elevador tocou e nossas cabeças se voltaram para Timothy, que estava nos observando com um olhar incerto. — Estou interrompendo alguma coisa? — Ele perguntou, limpando a garganta.

Percebi o quão perto estava de Vivien, agarrando seu braço. Afastando-me dela, eu disse: — Não — Meu tom era áspero. As sobancelhas de Timothy se ergueram.

Vivien estreitou os olhos para mim enquanto fechava a porta do forno diante da catástrofe que tentava alegar ser um produto assado. Ela me deu um sorriso triunfante e cheio de dentes.

Talvez ela não ficasse tão presunçosa se eu a jogasse sobre os joelhos e colocasse a mão em seu traseiro.

Parando mais um momento, Timothy nos olhou, talvez tentando ler a tensão na cozinha. — Recebi notificação de sua reunião esta noite — disse ele lentamente. — Devo preparar vocês dois?

Acenando com as mãos para ela. — Faça algo com ela. — eu disse, indo para o meu quarto, onde eu precisava me trocar, agora também coberto de farinha.

Porque se eu ficasse mais tempo, faria algo com ela, e não tinha certeza do que seria.

CAPÍTULO ONZE



Apesar dos meus protestos, Timothy insistiu que não havia tempo para assar e tirou meu grande biscoito gourmet do forno. Ele embrulhou o monte com plástico e colocou-o com cuidado na geladeira quase vazia, garantindo-me que ficaria lá até que eu estivesse pronta para assá-lo. Então Timothy me levou para o quarto de hóspedes onde eu havia encontrado todas as roupas femininas antes.

Quando cruzei os braços pegajosos, percebi tarde demais que eles estavam colados. Fingi não notar. — Então, o que é essa reunião?

Timothy se afastou do tablet por tempo suficiente para me prender com uma expressão de espanto e olhos arregalados. — O Oráculo. Ela quer se encontrar com você e o mestre.

Os nervos vibraram sob minha pele com a menção de um Oráculo. — Ela pode me ajudar a descobrir quem eu sou? — Embora hesitasse em conhecer mais seres sobrenaturais, pude ouvir a esperança em minha pergunta.

Timothy encolheu os ombros. — Não sei. O Oráculo ligou diretamente para o mestre. Se você vai com ele, deve ter sido solicitado.

Ele largou o tablet para tirar dois vestidos do guarda-roupa. — O encontro será realizado em um dos clubes exclusivos do Sinopolis. Algum desses combina com você? — O vestido em sua mão direita era longo e esvoaçante, com um brilho prateado das cores do arco-íris. O da esquerda era apenas um vestido champanhe cintilante. Ambos eram confeitos açucarados que marcariam o usuário como um doce instantâneo.

Soltando os braços com um pouco de esforço, apoiei as mãos nos quadris. — Agora Timmy. Nós nos conhecemos há pouco tempo, mas eu pareço uma garota do tipo arco-íris para você?

Na verdade, ambos eram vestidos lindos, mas a ideia de alguém me dizer o que eu deveria vestir me fez querer vestir um saco de lixo e prender esponjas nos pés como sapatos. Aposto que sua majestade explodiria se eu fizesse isso.

Timothy franziu os lábios pensativamente enquanto os recolocava. Ele pareceu perceber que eu seria uma cliente difícil. Quase me senti mal por ele.

Um brilho preto chamou minha atenção. Passei por ele para esfregar o tecido preto entre os dedos. — Agora este. Isso só me grita.

Timothy empalideceu, sem saber me dando a confirmação de que eu havia descoberto o traje perfeito. Esse traje chocaria melhor do que qualquer saco de lixo.



Grim poderia ter saído da capa da revista *GQ* e depois ido direto para as páginas brilhantes de uma *Playgirl*. O homem nem precisou tirar a roupa para acelerar o motor de uma garota. Sua majestade havia deixado os primeiros botões de sua camisa preta fresca abertos, expondo uma tentadora faixa de gola cor de caramelo. O terno cinza-carvão tinha um brilho caro que me deu vontade de acariciá-lo.

Falando em golpes, Sua Majestade parecia estar tendo um enquanto me olhava. Sua mandíbula praticamente bateu no peito enquanto ele me fixava com um olhar horrorizado.

— Você gosta? — Eu perguntei, girando.

— Absolutamente não — ele rosnou, sua voz ecoando com camadas de muitas vozes. O ar crepitava com ameaça e poder. Se eu não tivesse tanta certeza de que ele precisava me levar até essa garota do Oráculo, eu poderia ter me preocupado que ele me matasse na hora. Em vez disso, sorri ainda mais.

O látex flexível grudava ao meu corpo como uma segunda pele. O macacão tinha tiras de tecido cortadas da axila ao tornozelo de cada lado. Quente de novo, de todo o sangue que bebi, apreciei as alças finas. Eu desisti da calcinha para evitar linhas indecorosas. Quer dizer, eu estava optando pelo espalhafatoso, não pelo lixo. Embora eu duvidasse que sua alteza apreciasse a distinção.

Depois de encontrar mais do que alguns pedaços de massa no meu cabelo por causa da minha tentativa de assar, lavei e sequei novamente. Agora caía para o lado, fresco e volumoso. Enrolei novamente a tira de couro em volta do pescoço, preferindo como ela cobria minhas cicatrizes.

Timothy também me levou até a penteadeira do quarto. Estava equipado com mais maquiagem do que eu sabia o que fazer, mas eu dei o meu melhor. Sombra preta e esfumada fez meus olhos verdes se destacarem. Adicione um pouco de blush, bronzeador e um pouco de brilho labial, e eu parecia menos... morta.

Mais cedo no saguão, Grim perguntou — Por que você usaria *isso* em público? — Não gostei do julgamento dele. Então levei minha moda para o próximo nível. Se ele quisesse que eu fosse a algum lugar com ele, teria que me levar parecendo uma dominatrix.

— O quê? — Eu fiz beicinho enquanto Grim parecia cada vez mais irritado quanto mais ele olhava para mim. — Você não gosta dos sapatos? — Olhei para os saltos altos pretos. O calçado foi uma das duas concessões que fiz em nome de Timothy, sendo a outra uma braceleira de ouro que envolveu meu bíceps.

Grim apontou para mim, mas olhou para Timothy. — Leve-a de volta para lá e da próxima vez que ela sair, é melhor que ela esteja com traje apropriado.

— Se foi bom o suficiente para alguma gatinha sexy que você já pegou, por que não gosta agora? — Eu provoquei, batendo meus cílios para ele.

Um lampejo de confusão passou por seus olhos.

Como se ele não soubesse do que eu estava falando. Aposto que ele escolheu a dedo qualquer garota ousada que usasse esse traje para voltar à sua cobertura para uma brincadeira sexy. Eu não tinha nenhum sentimento sobre isso.

Timothy fez uma careta. — Sinto muito, senhor, mas ela é tão teimosa quanto você.

Timothy lançou um olhar nervoso em minha direção. Eu dei a ele um gostinho do meu lado selvagem. Quando ele tentou insistir na questão do que era “apropriado”, eu o ataquei, perguntando onde ele tinha saído, pensando que ele poderia me dizer o que eu poderia ou não vestir. Soltei palavras como “porco misógino” e ele recuou rápido e

ágil. Mais tarde, ouvi-o falar sozinho, enquanto eu secava o cabelo, sobre não receber o suficiente pelo seu trabalho.

Grim veio em minha direção. — Então eu mesmo vou vesti-la — disse ele, atacando minha direção. Mostrei minhas presas para ele, pronta para brigar.

Apenas experimente, amigão.

Eu precisava de um chicote, ou algo para combinar com as roupas, e para colocar Grim na fila para que ele soubesse quem estava realmente no comando aqui. Sim, eu era tecnicamente sua prisioneira, e sim, eu deveria ser uma isca, mas isso não significava que eu não pudesse atirar sozinha.

Timothy se colocou entre nós no último minuto. — Infelizmente, senhor, não há tempo. Sua reunião é iminente e se você quiser comparecer, vocês dois devem sair agora.

Os punhos de Grim estavam fechados, tremendo ao seu lado. Eu queria empurrá-lo. Faça o Sr. Controle explodir a tampa.

Por que tentar a Morte era tão... divertido? Talvez eu estivesse com algumas batatas fritas antes de uma refeição feliz?

Lembrei-me de gargalhar como uma maníaca no necrotério, coberta de sangue. Sim, eu definitivamente estava desse lado da loucura. Acrescentei o desejo de morte à lista de coisas que sabia sobre mim.

Embora conhecer a Morte fosse *assim*, quem não desejaria ele?

Em vez de me despedaçar por exibir minha fantasia de Patroa Vivien, Grim passou por mim, entrando no elevador. Ele alisou o cabelo grosso e escuro. Observei a tensão ser transferida de seus punhos para o queixo.

Dei um tapinha na bochecha de Timothy enquanto passava por ele, juntando-me à Morte. Quando as portas se fecharam atrás de nós, pensei ter ouvido Timothy murmurar uma prece.

CAPÍTULO DOZE



Fiquei satisfeito ao descobrir que a fila do meu clube, Wolf Town, era impressionante, como sempre. Os frequentadores do clube que esperavam provavelmente começaram a fazer fila no meio da tarde, mas muitos ainda olhavam ansiosamente para os porteiros musculosos, ansiosos para entrar. Isso foi até Vivien e eu chegarmos.

Apesar do traje escandaloso de Vivien, certifiquei-me de que Vivien permanecesse colada ao meu lado, considerando que ela parecia uma criminosa ambulante. E ela estava redondamente enganada se acreditava que provavelmente teria outra chance de escapar.

Todos os olhares se voltaram para nós enquanto passávamos a fila. Ondas de admiração e luxúria tomaram conta de mim, enquanto em outras eu podia sentir uma inveja enjoativa e um respeito relutante. Ninguém se aproximou ou gritou para nós, era assim que eu preferia. Fiz questão de exalar fria indiferença para desencorajar qualquer um de avançar. No entanto, as reações também foram intensificadas pela presença da minha escolta.

Olhando para Vivien, meus olhos se deliciaram com a visão de tiras de carne exposta ao longo da lateral de seu macacão. A excitação passou por mim em uma torrente furiosa. Cerrei os dentes com tanta força que senti gosto de sangue. A vontade de inclinar Vivien sobre a grade mais próxima e arrancar aquela roupa provocante estava me levando quase à loucura. E era por isso que a única maneira de lutar contra a luxúria que martelava cada fibra do meu ser era sufocando-a com raiva.

Será que eu me importava que os olhos da multidão também acariciassem suas curvas, o balanço de seus quadris, enquanto se imaginavam envolvendo as mãos em seus cabelos enquanto batiam nela sem piedade?

Meus pensamentos foram interrompidos antes que eu pudesse responder minha própria pergunta.

— Grim, Grim Scarapelli. — A voz de um homem chamou meu nome com uma familiaridade que ele não conquistou.

Parei, forçando Vivien a fazer uma pausa também.

Na frente da fila, um homem acenou para mim. Os lábios do conhecido ator se abriram em um sorriso afável. Minha aversão pelo homem voltou com efeito imediato. Tive que suprimir o escárnio que ameaçava vir à tona.

— Ei — disse Vivien, com reconhecimento em seu tom — Aquele não é o ator daquele filme que está sendo lançado, *The Red Room*?

— Bradley Hansen — confirmei. Então, olhando para Vivien, eu disse: — Você se lembra desse ator de segunda categoria, mas não se lembra do seu próprio nome?

Ela encolheu os ombros: — Também me lembro da letra de “Oops, I did it Again” da Britney Spears, que Raphael era a tartaruga ninja mais gostosa e que nunca comia neve amarela.

— Não neva em Vegas.

— Eu nunca disse que nevou. Eu estava apenas apontando o quanto sou inteligente e mundana.

Antes que eu pudesse perguntar o que era uma tartaruga ninja, Bradley redobrou seus esforços para nos acenar. — Ei, Grim, há alguma maneira de você dizer a esses caras quem eu sou? — Ele apontou o polegar para meus porteiros com um bufo irônico.

Oh, eu o ajudaria, tudo bem.

— Puta merda, isso é assustador. — Vivien disse baixinho.

— O quê?

— Seu sorriso. Como um tubarão que acabou de ver o seu almoço.

— Isso só vai levar um momento — eu disse, conduzindo-a até o ator. Sua comitiva era composta por dois homens e três mulheres.

A satisfação instalou-se nos olhos do ator à medida que nos aproximávamos. As mulheres, posicionadas em torno de Bradley, voltaram sua atenção para mim. Cada uma delas me lançou olhares

sedutores cheios de promessas. Muitos outros na fila também olharam para mim.

Estava acostumado com isso. Eu praticamente podia sentir o gosto disso nas massas em Las Vegas... um desejo de morte. Parte de mim surgiu para cumprimentar seu desejo e arrancar suas almas de seus corpos. As pessoas vinham aqui em busca de indulgência e prazer, desistindo de suas preocupações e se deixando levar um pouco. Mas havia um lado negro em deixar ir. Muitos turistas flertaram com os limites, se não os ultrapassaram, durante sua estada na Cidade do Pecado. Talvez tenha sido uma das razões pelas quais me senti tão em casa aqui.

Essas meninas eram profissionais. Elas sabiam como fazer Bradley se divertir, e provavelmente foi assim que garantiram um lugar ao seu lado. Não gostava que as mulheres fossem tratadas como mercadorias, mesmo que fossem receptivas a tais acordos.

Dando um aperto de advertência no braço de Vivien, eu a soltei para se aproximar de Bradley.

— Tweedle Dee e Tweedle Dum⁴⁴⁴ aqui não acham que eu seja o elemento certo para este clube — disse Bradley. — Você acredita nisso?

Os seguranças, Jerome e Nick, permaneceram impassíveis mesmo após o insulto de Bradley. Eles agiriam com a maior cortesia até que fosse necessário. Após as avaliações iniciais de Timothy, entrevistei e selecionei pessoalmente todos os membros da equipe de Sinopolis. Eles eram generosamente recompensados, tratados com respeito, em troca, cada um deles era responsável pelo seu profissionalismo e dever. Raramente fiquei desapontado.

Vivien permaneceu enraizada onde estava, como se esperasse que algo acontecesse. Eu realmente não tive tempo de parar, mas não pude evitar.

— Sr. Hansen, quando foi à última vez que você ficou conosco? — Eu perguntei, meu sorriso se alargando. Apenas um homem se mexeu, as sobrancelhas franzidas para se encontrarem com preocupação. Talvez ele tenha visto o que Vivien tinha.

⁴⁴⁴ Personagens fictícios do livro de Lewis Carroll, *Alice Através do Espelho*.

Bradley deixou cair à mão quando percebeu que eu não iria apertá-la, mas seu sorriso não diminuiu. — Sim, já faz um ano desde que consegui voltar aqui.

— Já se passou um ano? — Minha surpresa foi tão falsa quanto suas facetas. — Ah, sim, eu me lembro. Você também tinha várias jovens com você, uma delas eu me lembro em particular. Qual era o nome dela mesmo? — Fingi pensar, deixando cair à mão para pairar a cerca de um metro e meio. — Madeleine. Pelo que me lembro, uma garotinha francesa fofa.

Parte do brilho desapareceu dos olhos de Bradley. — Oh sim? Eu saio com tantas pessoas que não me lembro. — Ele se animou e a postura recuperou. — Mas tenho certeza que você está certo, grandalhão. Então, que tal nos trazer hoje à noite? Eu ficaria feliz em lhe emprestar outra adorável dama para o seu outro braço, já que você tem pouco e eu tenho demais.

Ele se inclinou para o lado para olhar maliciosamente para Vivien. Meu sangue ferveu e meus dentes cerraram com tanta força que fiquei surpreso por eles não quebrarem. Eu queria arrancar sua cabeça e jogá-la no meio da multidão, onde eles poderiam rebatê-la como se fosse uma bola de vôlei. Mas ele merecia ainda pior do que isso.

Joguei meu braço em volta de Bradley, afastando-o de seus companheiros. Agora estávamos de costas para todos, menos para Vivien, que assistia à cena com interesse. — Sim, eu me lembro. Você chamou de *Louca que quer muito*, não foi? — Minha voz era enganosamente leve, mas todo o bom humor desapareceu do rosto de Bradley.

Minhas palavras ficaram cada vez mais frias à medida que prosseguia. — A equipe de limpeza a descobriu em uma suíte quase destruída. Ela foi deixada para trás como se fosse um pedaço de lixo.

Para crédito de atuação de Bradley, ele parecia positivamente confuso. A imagem da preocupação inocente. — Escute, cara...

Eu não o deixei terminar. — Ela estava enforcada, coberta de xarope de bordo e vodca. Estrangulada no que parecia ser um fervor sexual excessivamente zeloso.

A cena ficou comigo. Que algo tão repreensível acontecesse em meus terrenos era inaceitável. Eu ansiava por violência e retribuição por parte daquela pobre menina. E eu teria minha chance.

— Isso foi duas semanas depois de eu estar na cidade — protestou Bradley. — A garota estava envolvida com drogas e todo tipo de merda. Quem sabe quem fez isso com ela. Eu entendo você, é trágico.

Minha mão no ombro de Bradley mudou, os dedos se alongando em garras pretas. Vivien deu um passo para trás, com os olhos arregalados. Bradley ainda não tinha notado.

Minha voz ficou mais baixa. — Eu sei o que você fez, Bradley. E um dia, não muito longe de agora, suspeito, nos encontraremos novamente. Quando chegar a hora, irei responsabilizá-lo por todos os seus erros e garantir que você pague o preço final por eles. Você vai deixar este clube. — Anunciei minhas instruções, não deixando espaço para confusão. — Você informará a essas senhoras que não está mais interessado e se esforçará ainda mais para viver uma vida mais ética se souber o que é bom para você.

Bradley resistiu visivelmente às minhas sugestões absurdas, mas quando abriu a boca para responder, parou. Eu permiti que minha máscara mortuária brilhasse. Bradley ofegou como se o ar tivesse sido sugado de seus pulmões. Com um rosto horrível de ossos e escuridão total e sugadora, forcei Bradley Hansen a enfrentar seu próprio fim e o esquecimento total que todo ser humano temia profundamente. Então ele se virou e viu as longas e afiadas garras negras tamborilando em seu ombro. O som que emergiu de sua garganta foi um grito animalesco de puro terror. Qualquer vestígio de bravata ou força fugiu do chamado namorado da América.

Bradley correu o mais rápido que pôde, tropeçando e caindo algumas vezes. Seus dois amigos o seguiram. Uma das mulheres estava reaplicando o batom quando percebeu que ele havia fugido. Ela fechou a bolsa e correu atrás dele. As outras duas senhoras estavam na fila, a incerteza permanecia em seus rostos. Não baixe a voz quando falei do que aconteceu com Madeleine e parecia que aquelas duas já não tinham a certeza de quem deveriam seguir.

Apontei um dedo agora humano para os guardas para deixá-las entrar. — Senhoras, sugiro que desfrutem de uma bebida por minha conta e procurem uma companhia melhor. — Embora provavelmente fosse minha ilusão, parecia haver uma nova sabedoria em seus olhos, enquanto elas trotavam para dentro do clube.

Vivien optou por não fugir do local, embora um novo medo estivesse estampado em seus olhos. Eu a assustei. Se ela soubesse tudo o que eu era capaz, ela morreria de medo. Quase sorri.

Peguei Vivien pelo braço mais uma vez e a conduzi por Jerome e Nick pelas luzes brilhantes e pela batida forte de Wolf Town.

CAPÍTULO TREZE



Luzes coloridas piscavam e a música pulsava como um coração vivo ao nosso redor. Grim preparou o jantar para mim antes de sair, mas o cheiro de adrenalina, excitação e sangue cheio de excitação permeou meus sentidos, me cercando, me implorando para tomar um gole. Era uma Disney World adulta aqui com a batida coletiva de todas as pessoas que estavam dançando, jogando bebidas e se divertindo.

Grim soltou meu braço, para me guiar com a mão nas minhas costas. Embora ele parecesse relaxado, eu poderia dizer que seus músculos estavam tensos sob o traje. Ele estava preparado para eu fugir. Sua vigilância era irritante. Principalmente porque eu fugiria totalmente, se tivesse alguma chance. Tinha que voltar ao hotel do castelo para procurar aquele cara que me reconheceu.

Assim que tive meu momento, planejei aproveitá-lo. Ou pensei que era isso que eu faria. Perdi a oportunidade perfeita para sair correndo quando Grim estava conversando com Bradley. No entanto, apesar da minha urgência em rastrear minha liderança, não consegui me desvencilhar.

No instante em que coloquei os olhos no ator, meus instintos cantaram *Escóriaaaaa*. Eu peguei cada palavra que eles trocaram. Era uma maravilha que Bradley conseguisse algum papel quando não conseguia sair de um saco de papel. O que ele fez com aquela garota francesa era além de nojento e do mal. Eu meio que esperava que Grim o despedaçasse ali mesmo. Selvagem em um momento, então a imagem de boas maneiras e moderação no próximo, eu pude ver Grim tirando o paletó e colocando-o sobre a poça de sangue de Bradley para as mulheres passarem, para que não manchassem seus sapatos foda-me.

E a maneira como sua mão mudou para a de alguma criatura demoníaca foi de arrepiar os ossos. Sua fúria não estava focada em mim pela primeira vez, mas ficar tão perto da violência mal contida fez

com que o medo percorresse minha espinha gritando “corra, sua idiota!”

Grim me conduziu por um lance de escadas que quase passou despercebido. Outro segurança nos deixou passar antes de barrar a entrada de qualquer outra pessoa.

O patamar no topo dava para Wolf Town. Sofás modernos, cor de berinjela, em forma de U em torno de algumas mesas finais. Já havia bebidas em uma das superfícies de vidro, o que parecia ser um Manhattan e uma taça de vinho tinto. Algo me disse que Timothy tinha algo a ver com a escolha e preparação da bebida.

Percebi que estávamos na seção VIP conectada a um camarote inteiro que circundava o segundo andar do clube. Enquanto o camarote de Grim era um pouco mais alto que o resto, como se alguém devesse esquecer que ele é o rei aqui, os outros camarotes eram ocupados por grandes apostadores, celebridades e garotas exuberantes e brilhantes na casa dos vinte anos com homens questionavelmente mais velhos. *Nojo.*

Você está vestida como uma prostituta dominadora, minha voz interna me lembrou.

Rebati com a explicação de que não era a mesma coisa. Eu não estava competindo por atenção. Eu estava acendendo fósforos sob os sapatos de Grim para ver até que altura conseguia fazê-lo pular.

Tudo bem, então eu não estava disputando a atenção de todos os outros. Apenas Grim.

Estava mais silencioso aqui, já que eles direcionaram todos os alto-falantes e a base para a pista de dança lotada de festeiros se contorcendo.

— É verdade o que ele fez? — Perguntei, embora já soubesse a verdade.

O rosto de Grim endureceu. — Sim.

— Como você descobriu que era ele?

Ele suspirou, um som profundo e cansado que me fez perceber quantos anos ele tinha. — Como aconteceu nas dependências de Sinopolis, eu mesmo cuidei da triagem da alma de Maddie. Ela me contou tudo.

— Como é que aquele bastardo não está na prisão?

— Infelizmente, a vigilância do hotel mostra apenas um homem indefinido usando óculos escuros, um boné de beisebol e um moletom com capuz indo e vindo daquele quarto de hotel. O empresário de Bradley apresentou um álibi que colocava o verme do outro lado do país. Alegam que ele saiu de Las Vegas um dia antes de ela ser assassinada.

Cerrei os punhos enquanto a raiva vibrava através de mim. — Por que você simplesmente não fumou aquele cara? Você não é a Morte? Você não pode tocá-lo e colher sua alma negra e depois me deixar pisar nela?

Com a mandíbula tensa, ele disse: — Não é assim que funciona. Eu não saio por aí matando pessoas ao acaso.

— Com certeza. — Havia um tom histérico em minha voz. Grim virou-se para me dar um olhar inescrutável, mas não me importei. — Você mandou aquela pobre mulher chorando para a morte.

— Você viu isso? — Seu rosto escureceu. — Você não tem noção do que testemunhou. Não sou um anjo vingador. Eu não sou Papai Noel. Você consegue imaginar quanto tempo levaria para punir cada transgressor por seus pecados? Eu faço, porque esse é o meu dia a dia. Olhando nos olhos das pessoas que desejam me defender, dou a devida consideração a cada uma delas. A carga de trabalho é imensa e interminável. Não estou aproveitando a oportunidade de colher almas ativamente. Quando chegar a hora deles, eu cuidarei deles. — Ele se virou, encerrando a conversa.

Eu não sabia por que fiquei tão irritada. Eu realmente esperava que ele matasse aquele ator ali mesmo, na frente de todos? Mesmo assim, a ideia daquele cara andando por aí, respirando, me deixou furiosa. Se eu não fosse uma prisioneira, eu mesmo poderia ter ido atrás dele e o eliminado da face da terra. Mesmo com o sabor incrível do sangue humano, eu duvidava que tivesse estômago para beber daquele monstro. Não havia nenhuma parte dele que eu quisesse em minha boca. Nem mesmo se eu estivesse morrendo de fome.

Grim pegou seu Manhattan e caminhou até a beira do camarote, olhando para a multidão com a outra mão no bolso, como se um rei inspecionasse seu castelo. O rugido da multidão abaixo dobrou e todas as pessoas nas outras salas VIP ergueram taças para ele. O poder que ele possuía era assustador, mas havia algo ainda mais assustador em observar como ele olhava para seu domínio.

Será que essas pessoas sentiam que a própria Morte estava cuidando delas? Eles adoravam secretamente a morte? Foi isso que os levou a este clube? Para que pudessem se perder em vícios e escapar da monotonia, mesmo que isso levasse à escuridão?

Ou talvez eu fosse a única com medo de me perder na escuridão. Não foi a sede, ou a previsão de Grim, foi o ser parado a poucos metros de mim. Apesar de sua promessa de me matar, eu me sentia ligada a ele... um sentimento crescente de confiança que era uma loucura total. Ainda assim, isso não me impediu de querer estar perto dele, acreditar em sua palavra e querer alcançá-lo enquanto ele estava ali, parecendo tão sozinho e um pouco triste.

Peguei o vinho. Embora eu não pudesse dizer com certeza, não achava que tivesse gostado de vinhos sofisticados na minha vida anterior. Eu me considerei uma garota do tipo cerveja barata. Mas para uma garota que agora preferia beber hemoglobina, achei o vinho excelente. Revestiu minha língua com especiarias ricas e mogno, experimentei o solo da Espanha. Apesar dos deliciosos aromas e perfis de sabor, algo no vinho tinto me deixou profundamente inquieta. Meu intestino se apertou com força suficiente para me forçar a colocar a taça de volta na mesa.

A reação visceral e quase dolorosa ao vinho me confundiu. Gostei do sabor, mas também me repeliu. Não porque não pudesse desfrutar de outras bebidas, mas principalmente do vinho tinto. O paradoxo machucou minha cabeça, então deixei passar.

Fiquei alguns passos atrás de Grim, saboreando o clube enquanto ele pulsava com vida. Parte de mim queria sair para dançar até não conseguir pensar direito. Mas não estávamos aqui para diversão. Eu me perguntei se Grim já havia descido e se perdido na música. Descartei a imagem absurda assim que a imaginei. Ele era mais um cara do tango, provavelmente favorecerá passos medidos e precisos para concretizar uma paixão intensa e ardente.

Grim deu um passo para trás, então ele ficou ao meu lado. — Aquela mulher que você me viu matar... — Ele parou.

Eu não tinha certeza se queria ouvir o que ele estava prestes a dizer.

— Ela já havia morrido. O que você testemunhou foi meu julgamento da alma dela. Isto é o que eu faço. — Ele me lançou um olhar de soslaio. — Na maioria das vezes, meus ceifeiros podem

separar as almas e enviá-las aos seus destinos legítimos, mas alguns pedem que eu mesmo faça a avaliação.

Eu ainda estava engolindo a parte sobre como tinha visto a alma da mulher. Eu acreditava que ela estava lá em carne e osso. — O que ela fez? — Eu perguntei, minha voz baixa.

— Ela envenenou a enteada, lentamente, com o tempo. Ela colocou no cereal matinal da criança de seis anos. A mulher queria o homem só para si e tinha ciúmes da criança.

Eu soltei um suspiro. — Isso aí é uma merda de Branca de Neve. — Como as pessoas podem ser tão desprezíveis? Eu conhecia pessoas assim? Eu era uma delas?

— De fato. No entanto, durante o resto da sua vida, a mulher dedicou-se a ajudar os outros, a angariar fundos e a garantir que as aldeias em África tivessem água potável. Ela impactou a vida de centenas de pessoas, por isso a trouxeram até mim, para fazer o julgamento final.

Ele tomou um gole de seu Manhattan, seus olhos deslizando para mim. — Você acha que eu escolhi errado. Que eu fui muito duro com ela? — Grim fez uma pausa e acrescentou: — O pai nunca se recuperou totalmente. Quando sua filhinha faleceu, uma parte dele morreu com ela. Ele ainda está mancando pela vida, acreditando que perdeu a mulher que o salvou de se afogar na dor.

Havia uma curiosidade genuína em sua pergunta, sublinhada pelo cansaço. Ele se preocupava por ter feito a escolha errada?

Dei de ombros, mas depois considerei. — Como uma sugadora de sangue recém-formada, como você disse com tanto carinho, lutei com essa questão muitas vezes nas últimas semanas. O que é uma pessoa? Eu disse a mim mesma que se pegasse uma pessoa e bebesse até me faltar, nunca mais faria isso. Matar uma pessoa não faria muita diferença no quadro geral. O que é um pequeno ser humano insignificante versus o quanto isso significaria para mim?

Apesar da minha temperatura fria, eu esquentei sob seu escrutínio. — Mas mesmo quando eu estava morrendo de fome, sozinha nos esgotos, chupando ratos, isso não parecia certo. Não sou um animal e sou eu quem decide o que farei ou não.

— Você realmente acredita que pode? Lutar contra sua natureza?

Dei de ombros. — Agora sei que vampiros existem, que a Morte tem rosto. — Eu disse a parte devastadoramente lindo silenciosamente para mim mesma, *e que ele tem consciência, então sei que tudo é possível.*

Grim não respondeu, apenas manteve aqueles olhos âmbar líquidos fixos em mim. Tirei o Manhattan das mãos dele e levantei-o para ele. — Acredito que controlo meu destino. — Eu bebi o resto. Sentindo-me encorajada, perguntei: — Agora podemos conversar sobre por que você tem tantas roupas femininas em sua cobertura?

Ele ergueu uma sobrancelha, pegando o copo vazio de mim e colocando-o na mesa.

— Você gosta muito de moda feminina ou é apenas uma porta giratória de garotas em sua casa? — Tentei sorrir, embora parte de mim quisesse seriamente saber.

— Essa última.

Tentei agir como se não tivesse levado apenas um chute no estômago, mas doeu. Por tudo que é sagrado, tive ciúmes do interminável desfile de mulheres que dormiram com a Morte. Se antes eu não me achava mais maluca que um esquilo, isso provou isso.

— Como você observou, o lugar é pouco habitado. Não preciso de muito sono, se houver. Meu pessoal fica de olho nos convidados, incluindo qualquer um que tenha bebido demais, tenha se juntado à companhia errada ou precise de refúgio. Timothy pode acomodá-los na cobertura e trazer roupas limpas e confortáveis quando estiverem prontos para partir.

— São muitas roupas femininas — eu disse, ainda cética.

O momento em que ele me prendeu no elevador com seu corpo repetiu em minha mente. Seu terno sob medida descia até a cintura, enfatizando seus ombros largos. Eu podia sentir as curvas duras de seu abdômen mesmo através de nossas roupas. Eu estava cercada pelo cheiro de solo recém-revolvido, vindo de uma estufa. Ou um túmulo, me corrigi.

E sua colônia era uma mistura de lírios e almíscar. Lírios, a flor fúnebre. Quem diria que a Morte teria um cheiro tão tentador? Isso era uma coisa de fetiche para vampiros?

Grim encolheu os ombros. — Sei que suas roupas são enviadas para limpeza e eles têm a opção de levar suas roupas de festa ou solicitar que sejam entregues.

— Hmm — eu disse, voltando minha atenção para a multidão abaixo. O ciúme sumiu do meu grande balão verde, mas eu ainda estava usando algumas roupas do bando. Ele não tinha motivos para mentir, mas por algum motivo eu queria que ele provasse isso.

— Você achou que eu estava dormindo com mulheres em massa? — A alegria em sua voz me fez olhar para ele. Havia um sorriso conhecedor em seu rosto.

Antes que eu pudesse responder e tirar aquele sorriso presunçoso dele, seu olhar se fixou em algo além do meu ombro.

— Ela está aqui.

CAPÍTULO QUATORZE



O Oráculo subiu as escadas até minha sala privada. Dei um passo à frente para cumprimentá-la. Beijámos ambas as bochechas, enquanto Vivien olhava maravilhada. Bianca parecia exatamente à deusa que era. Cabelo loiro volumoso caindo sobre os ombros magros de modelo. Sua pele bronzeada brilhava ainda mais vibrante do que seu vestido esmeralda, que era uma mistura de brilho e alta costura.

— Grim. — Ela disse meu nome com carinho e eu retribuí.

Apesar do rosto glamoroso de Bianca, a preocupação apertou a pele ao redor dos seus olhos. Mãos bem cuidadas se preocupavam com a bolsa de cetim combinando que ela trouxera.

Fiz a apresentação, abrindo a mão para a vampira. — Esta é Vivien.

A respiração de Bianca ficou presa e seus olhos azuis se arregalaram quando ela percebeu a vampira ostentosa ao meu lado. A visão dela excedia em muito a minha, já que Bianca era clarividente, me perguntei se a aura sekhors de Vivien era tão drogante para ela quanto era para mim. Até Timothy, o mais equilibrado de nossa espécie, lançava ocasionalmente a Vivien um olhar faminto.

Eu parei, observando e esperando para ver o que aconteceria. A probabilidade de Bianca matar Vivien era alta. Não porque Bianca estivesse apta para tal carnificina, mas por causa do perigo que os sekhors representavam. Ocorreu-me que Bianca poderia pensar que o risco de manter Vivien viva por qualquer período de tempo, mesmo como isca, era grande demais.

As duas ficaram se encarando e eu me vi tenso, em alerta máximo.

Por fim, Bianca estendeu a mão. Vivien hesitou e depois aceitou. O rosto de Bianca se abriu num sorriso amigável. — Eu sou Bianca. Prazer em conhecê-la.

Relaxe meus ombros. *Com que diabos eu estava preocupado?*

Então percebi o que me preocupava. Estava preparado e pronto para voar se Bianca atacasse. Eu havia me preparado instintivamente para proteger Vivien.

Porque preciso que ela atraia o mestre, nada mais, insisti comigo mesmo. Quando eu terminasse com Vivien, seria porque eu tinha limpado toda essa bagunça do sekhor, e ela seria o último vínculo que eu precisaria cortar.

Mas a perspectiva de matá-la causou um nó no meu peito. A ideia de alguém a machucar fez com que esses mesmos nós se torcessem com violência aguda. Cada fibra do meu ser proibia isso. Nunca senti necessidade de poupar ninguém antes. Porque agora? Porque ela?

Porque ela poderia ser sua outra metade, sua companheira de vida, sua sekhor... Até mesmo pensar em tais pensamentos era proibido. Fiquei grato quando as duas mulheres interromperam a loucura que agitava dentro de mim.

— Então você é o Oráculo? — Vivien perguntou, soltando Bianca depois de uma breve sacudida. Se eu não soubesse melhor, teria dito que Bianca deixou Vivien constrangida. Mas a vampira era desavergonhada. Por outro lado, detectei ciúme quando ela perguntou sobre as roupas femininas na minha cobertura.

Bianca riu alegremente e corou. — Sim, bem, todos nós temos nossos talentos. — Ela estendeu a mão e deu um aperto afetuoso em meu braço.

Sentamos e um garçom apareceu momentos depois com bebidas frescas e champanhe para Bianca. Vivien devolveu o vinho tinto e pediu uma cerveja. Isso fez com que o canto da minha boca se contraísse. Não iniciamos a conversa até que ele voltou com o pedido dela.

— Oh meu Deus. — Bianca respirou, ainda fascinada por Vivien.

Vivien se contorceu em sua cadeira. — O quê? — Ela perguntou.

— Faz... algum tempo que não vejo uma sekhor — explicou Bianca. Para seu crédito, ela manteve os olhos no rosto de Vivien e não na roupa abertamente erótica que ela usava.

Foi preciso muita força de vontade para manter meu olhar fixo em seu rosto. Um simples olhar, eu me esforcei para esquecer a carne leitosa de seus quadris expostos, ou a forma como o macacão apertado empurrava seus seios para cima.

— Mas você a viu, em sua visão? — Eu perguntei depois de limpar minha garganta e meus pensamentos.

A voz de Bianca caiu para um tom sério. — Sim. Mas primeiro tenho que perguntar. — O copo tremeu em sua mão quando ela o levou aos lábios para tomar um gole. — Faz... o Original ainda dorme?

— Claro que sim. A primeira coisa que fiz foi verificar. — Meu tom foi mais áspero do que eu pretendia, mas presumir que eu não iria verificar se o Original ainda estava protegido era presumir que eu não conhecia meus deveres.

Vivien abriu a boca para perguntar, mas levantei a mão para impedi-la. Ela fechou a boca no que eu só poderia supor ser deferência para com Bianca, porque ela nunca tinha feito isso por mim.

— Não sei como isso aconteceu. — Fiz um gesto para Vivien, que franziu a testa. — Tudo o que sei é que sou eu quem resta limpar a bagunça. E se eu não conter a situação logo, poderemos ter um problema real. Meus ceifadores estão procurando o rastro dos vampiros enquanto conversamos. Os vampiros deixam a morte em seu rastro. Não entendo por que meus ceifeiros estão demorando tanto para encontrar a trilha.

Bianca balançou a cabeça. — Você não encontrará vampiros assim. Eles não estão deixando corpos para trás. Quando eles se alimentam, eles estão se transformando. — Ela fechou os olhos como se estivesse se interiorizando para ver algo ou se lembrando de uma visão passada. — Eles estão tomando cuidado para não deixarem rastros. Todo mundo mordido está sendo transformado. Eles sabiam que você iria caçá-los, e o mestre está sendo cuidadoso.

Exceto quando ele deixou uma pilha de corpos para nos atrair e depois plantou um novo sekhors no meio deles. Eu destruí os sekhors que encontrei até agora, mas se eles estavam se acumulando em número, até eu tinha que admitir que não conseguiria lutar contra um exército sozinho.

À medida que minha frustração aumentava, passei a mão pelo cabelo. Se o que Bianca estava dizendo fosse verdade, o mestre vampiro não era uma geração aleatória. Alguém o preparou e o

informou. Era a única coisa que explicava tais movimentos calculados. Alguém estava por trás de tudo isso. — Então como vou encontrá-los? — Eu perguntei, esperando que esse fosse o verdadeiro motivo pelo qual Bianca queria se encontrar.

— Você não precisa encontrá-los. Eles vão encontrar você — disse Bianca a Vivien.

A garrafa de cerveja parou a meio caminho dos lábios de Vivien. Ela parecia um cervo pego pelos faróis. — O quê?

— O mestre quer você — disse Bianca a Vivien.

— Ele enviou outros para buscá-la — confirmei.

Vivien pousou a garrafa com um estalido. — Mas porque eu? O que eu fiz? — Então ela franziu a testa para mim. — Me buscar? Realmente? Não sou uma bola para um cachorro recuperar.

Eu não mordi a isca, embora ela não estivesse ajudando na minha frustração. — Porque ela? Por que ela é importante?

Bianca inclinou a cabeça para Vivien. — Essa é diferente. Ela foi feita diferente. Ela nunca deveria estar aqui, e o mestre a quer de volta.

Vivien e eu trocamos um olhar. — Diferente como? — Perguntei.

Bianca brincou com o tecido do vestido. — Isso não está claro para mim, mas em breve ficará aparente. Tudo o que posso ver é que o mestre virá buscá-la. Ela é a única que pode atraí-lo.

— Então é um cara? — Vivien perguntou, embora sua voz estivesse mais aguda que o normal.

Os olhos de Bianca ficaram vidrados, olhando além de Vivien. — Sim. O mestre é um homem. Ele está impaciente. Ele quer você de volta. E ele fará qualquer coisa para te pegar... mesmo que isso signifique fazer você ir até ele.

— Pffff. — Vivien fez um barulho rude que assustou Bianca. — Eu não faço nada que não queira fazer. — Ela se virou para mim e ergueu as sobrancelhas em desafio.

— Posso testemunhar isso — eu disse com uma careta. Vivien revirou os olhos ao meu lado.

Eu estava pensando em deitá-la sobre meus joelhos e levar minha mão até suas nádegas para ver se conseguia expressar um pouco daquela atitude. A imagem em minha mente tornou-se sexual

enquanto eu considerava o som que minha mão faria contra seu traseiro perfeito e coberto de elastano.

Os olhos de Bianca ficaram vazios e seus olhos ficaram brancos quando sua segunda visão se tornou conhecida. Ela agarrou meu braço e eu me inclinei, pronto para ouvir qualquer sabedoria que ela pudesse transmitir. Seu sussurro era tão fraco que tive que me esforçar para ouvir. — O braço. O braço do Original. Algo está lá... ou está faltando. Está faltando alguma coisa no Original.

Bianca caiu no meu ombro. Eu a peguei, ajudando-a a se recostar na cadeira. Vivien deu um pulo e foi até uma mesa onde havia uma jarra de água gelada e vários copos. Ela serviu um pouco e trouxe de volta apressadamente. Murmurei um agradecimento quando ela o entregou. Ajudei Bianca há beber um pouco enquanto ela acordava do desmaio. Ela piscou e agarrou meu braço como se precisasse de força emprestada. Segui seu olhar para Vivien.

— O que ela disse? — Vivien perguntou, sua expressão tensa como se temesse a resposta.

— Oh céus. — Bianca se endireitou, parecendo mais consciente agora. — Eu esperava que tivéssemos mais tempo, mas devo me despedir. É melhor voltar imediatamente para Paris. — Com movimentos lentos, ajudei-a a ficar de pé e esperei até que ela estivesse firme o suficiente para se soltar.

Bianca acenou com a cabeça para Vivien com calor genuíno nos olhos. — Estou tão feliz por ter conhecido você. Ainda estou um pouco instável. — Então, virando-se para mim: — Grim, você poderia fazer a gentileza de me acompanhar? — Havia um brilho em seus olhos que me dizia que ela precisava de mais do que um braço estável.

Atirei a Vivien um olhar aguçado para que ela soubesse que voltaria logo e para não tentar nada. Ela bufou enquanto cruzava os braços, depois se virou para observar os dançarinos abaixo.

Bianca ficou em silêncio até chegarmos ao fim da escada. — Grim, você não deve perdê-la de vista. — A gravidade em sua voz me disse para não seguir sua direção levianamente.

— Eu não pretendo — eu disse. Esperei por mais informações, mas ela beijou meu rosto novamente e depois se retirou.

Bianca deve ter visto algo que a fez me avisar. Subindo as escadas, me perguntei se ela previu a fuga de Vivien.

Vivien ainda estava no camarote, inclinada na beirada, os cotovelos apoiados na grade. Seu traseiro se projetava em um repouso casual. *Havia algo diferente nela do que as outras.* Foi por isso que me senti tão atraído por ela?

O ar circundante mudou. O tempo desacelerou ao meu redor enquanto eu caminhava até o camarote, compelido por uma força familiar que eu não sentia há séculos.

Minha expressão deve ter sido estranha porque as sobrancelhas de Vivien franziram quando ela se virou para mim. — O que está errado?

A batida forte e rítmica do clube deu lugar a uma música sensual com uma mulher cantando. A música fazia pensar em sexo e cigarro na Riviera.

Abaixo, a multidão se separou inconscientemente para revelar uma mulher no bar. Ninguém pareceu notar o holofote azul agora apontado para ela enquanto o resto das luzes diminuía. Ambos os braços repousavam ao longo da barra atrás dela, proporcionando-me a visão perfeita para observar sua forma. Ela era a perfeição sexual absoluta e divina. O cabelo caía em cascata pelos ombros em ondas obsidianas. Um vestido dourado abraçava sua forma curvilínea. A cauda de tecido brilhante fluía a seus pés, uma cachoeira brilhante. Minha boca ficou seca.

— Uau, quem é essa? — Vivien respirou fundo, admirada pela mulher que a prendia.

A mulher manteve os olhos escuros afastados, permitindo-me admirar seu perfil e seu pescoço longo e elegante. Um requintado colar turquesa adornava seu decote, o toque de cor perfeito para fazer sua pele bronzeada brilhar sob os holofotes mágicos.

Engoli em seco, tentando manter a compostura. Agora eu sabia por que Bianca fugiu com tanta pressa. Eu estava prestes a descer as escadas até a mulher que me esperava quando me lembrei das últimas palavras de Bianca.

— Não saia do meu lado e absolutamente não fale — eu disse a Vivien, colocando todo o poder que tinha nas palavras.

Ela não soltou ameaças ou resistiu contra minha direção. Ela também não confirmou que me obedeceria. Vivien simplesmente me seguiu enquanto eu descia as escadas. Enfiei as mãos nos bolsos, passando pela multidão dispersa. Os frequentadores do clube estavam

delirando e conversando em câmera lenta, sem perceber nossos movimentos.

A mulher ainda não ergueu os olhos. Por que ela faria isso? Ela estava acostumada a ser abordada primeiro.

— O que você está fazendo aqui, Qwynn? — Minha voz era baixa, mas facilmente ouvida em meio à música sensual.

Qwynn ergueu a cabeça como se estivesse surpresa com minha presença.

— Oh Grim, este é o *seu* clube?

— É — confirmei, embora soubesse muito bem que ela estava ciente do que estava ao seu redor.

Um sorriso malicioso apareceu em seus lábios sensuais, um brilho perverso em seus olhos. — Eu deveria saber. A decoração por si só grita o seu gosto. É positivamente encantador.

— O que você quer, Qwynn? — Eu perguntei, grato por minhas mãos já estarem nos bolsos. Qualquer coisa para mantê-las longe dela.

Ela deslizou um dedo pelo balcão. — Oh, nada, apenas uma bebida. Talvez uma conversa com alguém interessante. — Ela olhou para mim por baixo dos cílios em um movimento que foi praticado e aperfeiçoado ao longo de um milênio. Isso galvanizou os homens a se jogarem aos seus pés, abandonarem seus entes queridos e iniciarem guerras, simplesmente para serem olhados dessa maneira.

— Se isso é tudo — eu disse com indiferença forçada, virando-me para ir embora. Agradei às minhas estrelas da sorte por Vivien ter obedecido, ficando por perto, mas mantendo-se quieta.

— Bem, já que você está aqui... — Qwynn disse, me parando. Ela pegou um cosmopolita que apareceu ao lado dela e ergueu para mim. — Junte-se a mim em um brinde amigável antes de ir.

— Não vou beber esta noite — eu disse, tirando uma mão do bolso e me endireitando.

— Não foi isso que eu vi. — Seus olhos escuros pousaram no local onde eu estivera, observando a multidão abaixo com um Manhattan na mão. — Vamos, só uma bebida. O que poderia doer?

Tudo. Poderia prejudicar tudo.

Eu dei um breve aceno de cabeça. Um copo de conhaque apareceu na minha mão livre.

Deslizando em minha direção com toda a arrogância predatória de uma pantera, ela ergueu o copo. — À história — disse ela, com um sorriso triunfante. O cheiro de perfume caro, fruta proibida e sexo me envolveu.

Nossos copos tocaram com um tilintar ressonante que abafou a voz do cantor. No último segundo, os olhos de Qwynn se voltaram para Vivien enquanto bebíamos.

— Sinto sua falta. — Seu dedo roçou a borda do copo antes de mergulhar no líquido rosa. A ponta do dedo desapareceu em sua boca enquanto ela sugava o álcool.

— Já está entediada com seu último brinquedo? — Perguntei.

Ela fez beicinho. — Eles não significam nada para mim, Grim. Você sabe disso, não é?

Não me preocupei em responder.

— Ela é sua? — Qwynn perguntou com uma voz sedosa, seus olhos curiosos pousaram em Vivien. Senti uma leve pontada de fome ali. Ela também foi atraída pela luz brilhante de Vivien. Em outro segundo, aquela centelha de interesse praticamente desapareceu e Qwynn permaneceu insatisfeita com o efeito de Vivien.

Minha expressão permaneceu dura. — Quem é meu o quê?

— A dominatrix à sua esquerda, que está fazendo buracos na minha testa, é seu brinquedo? — Qwynn desacelerou suas palavras para ter certeza de que eu ouvi cada uma delas antes de colocar uma cereja em sua boca, fazendo um show ao envolvê-la com a língua primeiro. Lembrei-me das coisas que aquela língua poderia fazer. Eu não conseguiria esquecer nem se tentasse.

Com uma rápida olhada, confirmei que ela não estava errada. Vivien parecia pronta para pular em Qwynn e transformá-la em carne de hambúrguer.

— Puramente negócios, eu lhe garanto.

— Talvez um animal de estimação, então? — Qwynn perguntou, seus olhos agora brilhando com poder.

— Cuidado, eu mordo — disse Vivien atrás de mim. Então ela soltou um latido e rosnou como um cachorro.

A vontade de rir me pegou de surpresa, mas a reprimi.

Qwynn não tirou os olhos de mim, mas a raiva brilhou neles antes que ela pudesse esconder. Vivien cortou seu escudo de poder frio e distante. Os poderes de antagonismo de Vivien eram impressionantes. Eu já sabia disso, no entanto.

Qwynn encolheu os ombros e disse: — Que bom ver você, Grim.

Eu apenas concedi a ela um leve levantar de cabeça.

O tempo acelerou enquanto a música soava ao nosso redor novamente. A multidão dançante retomou suas contorções entusiasmadas e Qwynn desapareceu. Os convidados intervieram para preencher a lacuna que ela havia deixado para trás. Tirei a outra mão do bolso e respirei fundo. Drenei o conteúdo restante da minha bebida.

— Então, quem diabos era essa? — Vivien exigiu.

— Não importa — eu disse, caminhando até uma mesa alta e redonda na beira da pista de dança. Coloquei o copo vazio na mesa. Vivien me seguiu.

— Ela era poderosa, como você, como Bianca.

— Sim — confirmei, não querendo mais falar sobre isso, mas Vivien, é claro, persistiu.

— Mas elas não podem colher almas?

— Não, elas são... elas têm poderes diferentes. — Virei-me para encarar Vivien. — Qwynn não é alguém com quem brincar.

— Por quê? Porque ela pode arrancar meu cabelo e arranhar meus olhos? Ou porque ela é sua ex? — Ela cruzou os braços, desafiando-me a dizer o contrário.

Abri a boca, mas nenhum som saiu. Como ela fez isso? Me pegou de surpresa completa e absoluta?

Como se estivesse lendo meus pensamentos, ela acenou com a mão. — Por favor, é óbvio que ela quer você de volta. Eu não sou uma idiota. — Ela empurrou o cabelo para trás da orelha em um gesto vulnerável que era incomum para ela. — O que aconteceu entre vocês dois? E que tipo de garota namora a Morte?

— O tipo com quem não se deve mexer — reiterei, lançando um olhar de advertência para Vivien. — Ela não estava aqui por minha causa. Ela estava aqui para você.

Vivien se aproximou. A presença dela apagou os restos de Qwynn que permaneciam ao meu redor. — O quê? Como você sabe?

— Descobri algumas coisas importantes sobre minha ex-mulher, então sei que ela estava aqui para verificar você, não eu.

— Esposa — ela repetiu em tom mais baixo, como se absorvesse o fato.

Um grito nos interrompeu, de alguma forma atravessando a cacofonia do clube. A música parou e a multidão se separou novamente, desta vez em pânico. Um homem balançava nos braços do vampiro grande e musculoso. Ele estava jorrando sangue por toda a pista de dança, com a garganta arrancada.

CAPÍTULO QUINZE



Brutamonte estava de volta e parecia que havia encontrado um lanche. Afinal, eu o impedi de comer Miranda, então o pobre querido deve estar com fome.

O inferno estourou, enquanto pessoas gritando corriam em todas as direções em uma massa de confusão.

Meu estômago deu uma cambalhota, eu não tinha certeza se era pelo olhar abjeto de terror no rosto da vítima ou se era o cheiro tentador de sangue humano quente me chamando. A vítima caiu no chão como um saco de batatas e Brutamonte caminhou até o homem em convulsão. As luzes do clube acentuavam seu nariz quebrado e rombudo.

Parte de mim esperava que seu cérebro ficasse sobrecarregado novamente, sua violência se esvaísse como da última vez e ele se virasse para voltar para o lugar de onde veio.

Ele mostrou os dentes para mim com uma promessa.

Ou não...

Grim entrou na minha frente e seu poder foi lançado em um manto. Quase todo mundo tinha ido embora, deixando os sobrenaturais para brigar. Quando Grim falou, sua voz estava cheia e sonora, como quando ele gritou comigo sobre minha roupa de Senhora Kitty. — Você entrou no meu clube, machucou um dos meus convidados e acha que sairá vivo?

Brutamonte pegou o objeto mais próximo, um alto-falante do tamanho de um carro compacto. Ele lançou o equipamento de som e eu o observei navegar pelo ar antes de colidir com Grim. Tanto Grim quanto o alto-falante desapareceram quando se chocaram contra a parede oposta enquanto os frequentadores do clube em fuga mergulhavam para fora do caminho.

Meu coração se apertou.

Antes que eu pudesse tentar ajudá-lo, um grupo de boas-vindas de três garotas loiras, de vinte e poucos anos, com olhos vermelho-sangue, entrou em cena e sibilou para mim como um bando de fuinhas irritadas. Elas poderiam ter sido a equipe sueca de ginastas olímpicas por suas características justas, músculos compactos e uniformes justos de elastano. Não. Elas estavam usando muito brilho e suas roupas...

Duas delas deram voltas e reviravoltas impressionantes, condizentes com uma competição de ginástica. Ah, coágulos sanguíneos, eu sabia de onde as reconheci. Alguém transformou artistas do Circo de Soleil em vampiros. Eu tinha visto o trio sinuoso em outdoors.

Pelo menos o mestre não virou o Blue Man Group e os enviou atrás de mim. Esses caras me assustaram muito.

— Me chame de louca, mas eu adoraria começar um treino de tranças com vocês, garotas — eu disse, com admiração honesta pelos cabelos loiros das meninas.

Elas cobraram.

— Acho que isso é um não, então?

Eu me esquivei da primeira com um desvio de última hora, deixando seu impulso fazê-la cair atrás de mim. Quando a segunda garota veio até mim, agarrei seu braço. Com um giro, eu a virei. Ela caiu de costas com tanta força que o chão rachou com o impacto.

Um sorriso selvagem curvou meus lábios. A força do vampiro ainda não havia envelhecido.

A terceira loira virou minha cabeça e deu um soco na minha barriga. Se eu ainda precisasse respirar, isso teria me tirado o fôlego. Meu estômago doeu com o golpe, mas eu ainda estava de pé. Haha, chupe, Barbie ginasta!

Quando dei um passo para trás, meu tornozelo virou e caí como um palhaço sobre uma casca de banana. Malditos saltos altos. Eu sabia que deveria ter escolhido botas de combate. Minha bunda sofreu o impacto da queda, a dor irradiando pelo meu cóccix e coluna, mas meu ego estava muito mais machucado.

A terceira loira não perdeu tempo, subindo em cima de mim, segurando meus braços. Uma segunda loira agarrou minhas pernas. Eu

me contorci e me sacudi, chutando e socando o melhor que pude, mas seus punhos eram como ferro.

— Abacaxis, abacaxis — gritei. Elas não conheciam a palavra de segurança universal? — Não significa não. E abacaxi significa que não — elaborei para o bem delas.

Ainda assim, elas se recusaram a afrouxar o controle, apesar da minha útil lição de consentimento. A última loira se aproximou, tirando as correntes da parte de trás da calça justa. *Uau. Onde ela estava escondendo aquela coisa?*

— Se essa foi sua ideia, não quero que toque em nenhuma parte de mim, ouviu? — Eu disse, falando sério. Ela me ignorou e envolveu o metal frio em meus pulsos.

Eca.

As três vampiras voaram do meu corpo como se tivessem sido levadas por um vento explosivo. Inclinei minha cabeça para descobrir que Grim estava de pé novamente. A escuridão pairava ao seu redor como se ele tivesse aberto um buraco negro. Dourado manifestou e brilhou em seus olhos. Suas mãos se transformaram novamente, alongando-se em garras negras de pesadelo. A pele de seu rosto se agitou e mudou como se ele estivesse prestes a se transformar em outra coisa. Seu sorriso fez meu sangue gelar.

Eu não tinha certeza se queria verificar qualquer transformação que ele parecia estar prestes a fazer, mas estava grata pelo grande monstro assustador estar do meu lado... por enquanto.

Com facilidade, as loiras se levantaram antes de atacar Grim.

O punho com garras de Grim acertou a primeira vampira, fazendo-a cambalear pela sala. Então ele acertou a segunda, fazendo-a se chocar contra o bar com um estrondo de vidro. Ele agarrou a cabeça da terceira loira, com um giro brusco e violento, arrancou a cabeça dela.

Uau. Então essa é uma maneira de matar um vampiro. É assim que ele pretende acabar comigo?

Quando me levantei, outra mão se fechou em volta do meu braço.

— Você vem comigo. — Brutamente rosnou.

— Pela última vez, não vou ao baile com você. Você terá que perguntar a alguma outra garota de sorte. Sugiro verificar os pacientes em coma no Hospital Sunrise.

— O mestre quer você.

A possibilidade de acompanhá-lo e obter as respostas que precisava passou pela minha cabeça. Demorou meio segundo para descartar essa ideia. Eu obteria respostas, mas seria nos meus termos. O mestre teria que buscar suas “emoções” em outro lugar.

Dei um soco, mirando no nariz dele, mas ele pegou. — Você acha que pode lidar com isso, vadia? — Brutamonte perguntou, seu hálito azedo soprando em meu rosto. Então ele me olhou de cima a baixo, como se me despisse com os olhos enquanto passava a língua pelas presas. — Embora talvez possamos parar e nos divertir um pouco ao longo do caminho, visto que você está implorando por uma boa transa com esse traje de sacanagem. — Ele direcionou minha mão para seu pau, eu fiz uma careta quando ele deslizou os nós dos dedos contra uma protuberância crescente. E eles disseram que o cavalheirismo estava morto.

— Ei, seu grande idiota, essa roupa não é um convite sexual. Eu me visto para mim mesma. — Deixei de fora a parte sobre usar o traje colante para deixar Grim louco. — Você gosta tanto, compre seu próprio macacão e ande por aí.

Enfrentando Brutamonte mais uma vez, me perguntei qual seria a probabilidade de eu arrancar sua cabeça como Grim havia feito com a Barbie ginasta. Examinando o pescoço grosso do cabeçudo, não gostei das minhas chances. Então joguei meu joelho em sua virilha. Ele se dobrou com um gemido de dor, me libertando.

Grim ainda estava dançando com as gêmeas que ficaram mais espertas em ficar fora de seu alcance, então eu teria que acabar com o garotão sozinha. Os saltos altos provaram ser um prejuízo em um confronto. Eu precisava me livrar do calçado. Chutei um, depois o outro.

Sem perceber minha própria força, os sapatos não apenas deram uma cambalhota no ar, eles se inclinaram como mísseis. O primeiro acabou cravado na parede oposta, e o segundo caiu primeiro, bem na órbita do olho de Brutamonte.

Opa, rabiscado.

Com um grito enfurecido, Brutamonte agarrou o sapato e arrancou-o da órbita ocular com um som úmido de sucção. Sangue jorrou de sua órbita ocular agora mutilada. Uma raiva assassina brilhou em seu olho bom enquanto ele caminhava em minha direção. Embora eu não fosse uma garota que desistisse de uma briga, a raiva assassina saiu de Brutamonte em ondas incandescentes. Aposto que Brutamonte espremeu meu seio esquerdo, explodindo as veias latejantes em sua careca. Não é meu seio direito. Esse era o meu favorito e eu nunca o colocaria em risco.

Eu recuei, me perguntando se os vampiros ficavam com raiva? Eu não conseguia decidir se era o momento perfeito para perguntar ou não.

Então, como da última vez que encontrei Brutamonte, seu rosto ficou sem expressão, apesar do sangue quase preto ainda escorrendo do buraco do olho. Foi como se nas duas vezes ele tivesse cruzado um limiar violento que era demais para seu minúsculo cérebro calcular, o que acionou um interruptor que o desligou antes de explodir. Brutamonte se virou e saiu correndo do clube.

— Ah, não, você não vai — eu disse, correndo atrás do vampiro surpreendentemente rápido. Eu já tinha visto esse bastardo duas vezes, embora não gostasse que ele me arrastasse até o mestre, pretendia amarrar Brutamonte e exigir algumas respostas minhas.

Acompanhar o idiota não era o problema, mas as ruas estavam repletas de humanos, criando uma pista de obstáculos de baixa qualidade. Contenta em abrir caminho no meio da multidão, Brutamonte avançou como uma bola de demolição. Eu não estava tão disposta a jogar as pessoas no trânsito em sentido contrário, portanto, estava perdendo terreno.

Pelo menos não me cansei nem perdi o fôlego enquanto o perseguia. Eu poderia continuar assim a noite toda. Eu seria capaz de ficar na bunda dele até o amanhecer? Já tínhamos passado por quatro hotéis quando ouvi isso.

Venha até mim.

Era um fio de pensamento, quase imperceptível, mas que se destacava como uma freira num bordel, porque as palavras saíam na voz de um homem.

Brutamonte havia se distanciado de mim e cortado à esquerda.

Senti a sua falta.

A voz estava mais alta, mais clara.

Agora, agora, eu disse a mim mesma. Este era um mau momento para enlouquecer. *Estamos muito ocupados, Vivien. Não há tempo para colapsos mentais.* Virei à esquina para uma rua menos movimentada. Brutamente não estava à vista, mas continuei correndo.

Algo me puxou, me incentivando.

Diminuí minha corrida para um trotar.

Não, você deve vir até mim.

— Sim, não, acho que vou passar — eu disse em voz alta, embora não houvesse ninguém além de mim.

A voz esquizofrênica em minha cabeça não recebeu o memorando de que não estava interessada.

Você virá quando for chamada. Eu fiz você.

A atração magnética dobrou, quase me arrancando do chão. Parei completamente, firmando os calcanhares. Concentrei-me no raspar do asfalto contra meus pés descalços. Brutamente me perseguiu bem, mas suspeitei que ele estava me levando a algum lugar específico.

— Eu não sou seu maldito cachorro, e minha mãe me criou, onde quer que ela esteja — eu disse com os dentes cerrados. Meus músculos ficaram tensos, lutando contra a força invisível que me impelia a continuar. Dei um passo para trás e agarrei-me ao corrimão de uma escada que levava a um bar e churrascaria subterrâneo.

Ninguém me dizia para onde ir. Ninguém me obrigaria a fazer algo que eu não quisesse.

Não? Então talvez você prefira se alimentar?

Algumas garotas risonhas passaram. Eu poderia dizer que elas estavam dançando e bebendo vodca, e uma fina camada de suor ainda cobria suas peles. Uma mistura inebriante de perfume, excitação e adrenalina invadiu minhas narinas.

A sede me atingiu com força total e me dobrei com um suspiro. Foi tão ruim quanto quando acordei no necrotério. Cada parte de mim gritava para fechar a curta distância e arrancar suas jugulares, derramando seu sangue fresco em minha boca. A necessidade exigiu que eu preenchesse o espaço vazio e frio dentro de mim.

Verificando meu torso em busca do cachorro raivoso que estava tentando mastigar para sair do meu corpo, cada átomo do meu ser insistiu que se eu não me alimentasse agora, eu morreria. Meu corpo se comeria de dentro para fora. Eu não sabia se isso era verdade, mas a realidade estava desaparecendo rapidamente.

A presunção satisfeita do mestre ressoou em minha mente, me enfurecendo. Era quase como se eu pudesse sentir suas mãos me manipulando de onde quer que ele estivesse. Ele apertou e pressionou, alimentando a sede dentro de mim até que pensei que perderia todo o controle.

Eu parei, com medo de que um único movimento me fizesse saltar através do espaço entre mim e as garotas que estavam rapidamente se distanciando entre nós. *É isso, fujam, meninas. Afastem-se daqui.*

Justo quando pensei que estava segura, as pessoas se espalharam pela rua, a maioria vestindo a mesma camisa rosa com o rosto de um cantor pop na frente. Um show acabara de acontecer. Tanto sangue, excitação e alegria atingiram o ar que gemi quando isso tomou conta de mim. Parei de respirar, para cortar todos os meus sentidos.

A grade de metal se dobrou com um grito de protesto sob meu aperto esmagador. Meus dedos se enrolaram e minhas unhas cravaram-se na borda de minhas próprias palmas. O sangue jorrou dos cortes, escorrendo pelo meu pulso. Esta foi uma luta perdida. O mestre me tinha em seu poder e não era uma questão de ele me quebrar, mas de quando. A desesperança tomou conta de mim, apenas enfraquecendo minhas defesas mais rapidamente.

Grim apareceu, seu rosto era uma máscara furiosa. — Você achou que poderia fugir?

Agarrei suas lapelas. — Tire-me daqui — eu disse, minha voz rouca e desesperada.

A hesitação substituiu sua fúria, como se ele estivesse tentando descobrir se eu estava tentando enganá-lo. Uma veia latejante chamou minha atenção e minha cabeça girou, apontando para o pescoço exposto de um homem caminhando com sua namorada. Meu corpo tremia de necessidade. Eu estava com tanto frio. Congelada até o âmagô e o calor daquele casal poderia me salvar.

Ao contrário das bolsas de sangue ambulantes, que me tentavam com sua presença, eu não tinha nenhum desejo de cravar minhas

presas em Grim. O que quer que estivesse sob sua pele não me atraiu. Por isso, fiquei grata. Quem imaginaria que eu encontraria segurança nos braços da Morte?

— Certo — Grim disse com alguma compreensão. Ele agarrou meu braço e me arrastou para mais longe na rua, para longe da multidão. Soltei suas lapelas e agarrei um dos seus braços com força contundente.

Esta não é você, tentei dizer a mim mesma. Essa foi uma discussão difícil quando eu não sabia quem eu era e estava pronta para virar um demônio selvagem.

É você, disse a voz do mestre. Foi para isso que eu criei você. Podemos compartilhar tudo.

Você pode dar uma foda congelada em um penhasco, gritei em minha cabeça. Apesar da minha resposta inteligente, criativa e grosseira, a sede estava bloqueando todos os meus sentidos racionais até que o tamborilar primitivo em meus ouvidos foi tudo que ouvi, incitando-me a caçar e me alimentar.

Grim encerrou uma ligação. Eu não tinha certeza para quem ele ligou ou o que ele disse.

— Não acredito que vou ganhar esta aposta. — Sua voz sugeria que ele estava entediado.

Suas palavras penetraram um pouco na sede de sangue. — O quê?

— Timothy e eu fizemos uma aposta. Ele apostou que você era uma vampira de palavra e não atacaria e machucaria ninguém porque alegou que você era teimosa demais para ceder à sede. Embora eu tenha dito que ao primeiro sinal de fraqueza, você desmoronaria e pularia sobre um humano como um animal selvagem e raivoso.

Eu o odeio. Desprezava sua condescendência e superioridade quando ele olhou para mim com seu nariz bonito. E acima de tudo, odiei a segurança que encontrei na companhia dele. Ele foi o único que não conseguiu me levar à violência assassina. Bem, o sangue dele não, mas a maneira como Grim me tratou me levou ao limite. Mesmo assim, decidi se pularia aquele penhasco ou não.

— Você não é a Morte — eu rosnei. — Você é o diabo. Enviado aqui para me torturar.

Um sorriso confuso ergueu um lado de seus lábios sensuais. — Engraçado, eu poderia dizer o mesmo sobre você.

Eu estava prestes a iniciar todas as maneiras que planejava torturá-lo – uma delas envolvia uma bateria de carro e uma melancia – quando uma limusine preta elegante parou no meio-fio. Agora bloqueava o caminho entre eu e todas as pessoas. A exaustão do motor cortou o cheiro tentador de sangue quando Grim se aproximou e abriu a porta.

Antes eu teria cortado meu braço em vez de voltar a ser sua pequena isca para vampiros, mas agora não havia lugar mais seguro do que sob sua supervisão. Fui até a limusine e fingi não estar grata por subir na traseira do longo veículo. Uma janela fechada nos separava do motorista humano.

O telefone de Grim tocou. Ele respondeu, trazendo um vídeo do rosto de Timothy. — Você recebeu o carro, certo?

Eu poderia jurar que ele pretendia perguntar “a tempo”, mas poderia ter sido eu projetando.

— Sim, obrigado, Timothy. — Grim disse, lançando um rápido olhar para mim.

— Por favor, diga a Srta. Vivien que já tenho uma caneca de sangue esquentando para ela e instruí o motorista a levá-la pela entrada dos fundos, passando pela garagem.

— Obrigado, Timothy. — As palavras de Grim foram ásperas, então ele desligou.

O controle que o mestre tinha sobre mim estava diminuindo e eu podia sentir sua frustração através de nossa conexão psíquica. A cada minuto que passava, dirigíamos na direção oposta de onde o mestre estava, mais eu ganhava controle sobre meu corpo, embora a sede permanecesse. Eu estava com tanto frio, com tanta fome, que me perguntei se cristais de gelo haviam se formado na medula dos meus ossos.

Não lute contra o que você é, as palavras do mestre serpentearam pela minha mente uma última vez.

Não me incomodei em responder, em vez disso optei por encostar a testa na janela de vidro e fechar os olhos. Pelo menos agora eu sabia que não acabaria assassinando ninguém.

— O que você apostou? — Perguntei.

— Perdão?

— O que você e Timothy apostaram? — Finalmente me virei para olhar para ele.

— Se Timothy vencer, terei que tirar férias de uma semana. Se eu ganhar, ele terá que se vestir de empregada francesa e me servir o jantar.

— Hum. Bem, desculpe desapontar, mas você escolheu o cavalo errado nessa corrida.

— Parece que sim. — Apesar de sua admissão, não detectei decepção genuína, o que também não foi uma droga. Ele não queria que eu me alimentasse de alguém para ganhar uma aposta. Cara elegante.

— Mas há muito tempo para você provar que estou errado — acrescentou ele com um conhecimento frio.

Deitei a cabeça no banco, tentando acalmar a sensação de sucção torrencial dentro de mim. — Por que eu não quero beber seu sangue? Você não tem nenhum? — Pedi para me distrair mais do que qualquer coisa.

Quando ele não respondeu, levantei a cabeça. Grim ficou tão imóvel que poderia ter sido uma das estatuetas de cera do Madame Tussaud. Seus olhos escuros eram insondáveis. Eu poderia ter caído neles e ainda não saber o que ele estava pensando. Dedos entrelaçados sobre um joelho, sua pose rivalizava com *O pensador*, de Rodin.

O que ele não estava me contando? Havia algo importante – sejamos realistas, mais de uma coisa – que ele estava escondendo de mim. Quando perguntei sobre o sangue dele, cheguei perigosamente perto de algo que ele não queria que eu descobrisse.

Uma onda de sede percorreu meu corpo. Eu não estava mais sob o controle do mestre, mas ainda precisava me alimentar. Ele me irritou e a distância não restauraria meu equilíbrio. Apenas meio litro ou dois de sangue vital faria isso.

— Deixe-me adivinhar. — Minha voz saiu rouca. — Você usa cafeína e almas dos mortos?

As sobrancelhas de Grim se uniram em preocupação por um momento antes de desaparecer. Ele olhou para suas cutículas com indiferença. — Você já considerou que meu sangue é rico demais para você?

— Qual é, talvez você devesse doar para uma boa causa? Por apenas algumas gotas por dia, você também poderia ajudar um vampiro faminto e necessitado. — Faltava minha impressão de Sally Struthers, mas dei o meu melhor.

Ele se inclinou. — Isso não parece dedutível de impostos.

— Sangue azul — brinquei, embora minha garganta parecesse sufocada por lâminas de barbear. Engolindo em seco, fechei os olhos. — Vou morrer se não me alimentar?

— Sim. — Ele disse isso como se fosse um médico, dando um diagnóstico, não querendo enganar o paciente sobre sua morte certa.

— Isso é o que eu gosto em você, G. Você não brinca. — Eu disse isso com leviandade, mas eu quis dizer isso. Por alguma razão, eu sabia que não aguentaria se a Morte fosse um mentiroso. Mas não, ele não se escondeu atrás de enigmas ou meias verdades. Com ele era tudo ou nada.

Arrepios agudos picaram atrás dos meus olhos. Eu não choraria na frente da Morte. Eu recusei. — Você colheria minha alma se eu morresse, aqui mesmo?

— Não.

Quando encontrei seu olhar novamente, vi além de sua habitual superioridade fria e dura; pena estava estampada em seus olhos. Eu odiei isso. Foi porque eu não era boa o suficiente para ele se preocupar ou porque eu não tinha mais alma? Eu não gostava da ideia de não ter alma, mas toda a tradição vampírica era clara sobre os vampiros serem desprovidos de alma. Eu ainda discuti comigo mesma. Se eu tivesse consciência, isso não significava que ainda tinha alma? Então, se Grim não ceifou minha alma, foi porque eu não tinha uma, ou porque ela estava quebrada demais para ser coletada.

— Tudo bem — eu disse em um tom descontente. — Eu vi seu Ganido. Muitas críticas de uma estrela, G. Não recomendaria. A colheita estava apenas pela metade antes que a Morte saísse para comer um sanduíche. E um cara disse que você o colheu enquanto ele ainda estava no banheiro? Por vergonha. — Eu estava tagarelando. Eu não me importei. Cada átomo se comprimia com uma dor semelhante a um vício, exigindo que eu me alimentasse. Foi pura agonia.

Grim pegou o telefone e começou a digitar.

— Estou te entediando? — Eu queria dar um soco nele. Limpar essa expressão idiota e impassível em seu rosto. Se eu morresse aqui mesmo no chão de sua limusine, eu sabia que ele simplesmente se levantaria e continuaria a enviar mensagens de texto para qualquer coelhinha sexual que estivesse morrendo de vontade de pular em sua cama e adicionar outro vestido à sua já impressionante coleção.

Ele havia dito que o armário cheio de roupas femininas tinha sido obra de Timothy, mas pelo menos algumas deviam ser suas conquistas. Eu vi a maneira como as pessoas olhavam boquiabertas para ele. Quando o vi pela primeira vez, lembrei-me de como ele se chocou contra os meus como uma bola de demolição. A necessidade de cair na frente dele e implorar para que ele me levasse ali mesmo guerreou com a necessidade de fugir como o inferno de sua intensidade de outro mundo.

Eu não conseguia entender por que queria que Grim se preocupasse comigo. Talvez porque ninguém fez isso? Porque eu estava sozinha e insignificante.

A limusine parou e em vez de sair, Grim levantou a mão, sinalizando para eu esperar. Eu comecei a tremer. O frio dentro de mim era cortante.

Ele abaixou a janela e uma mão enfiou nela uma garrafa térmica. Grim abriu e entregou para mim. — Beba — ele ordenou.

Não considerei se era uma boa ideia. Simplesmente peguei a garrafa térmica e bebi. Sangue quente e humano deslizou pela minha garganta e soltei um som entre um choramingo e um gemido.

Eu odiava que o mestre tivesse controle sobre mim. Odiava precisar de sangue. E eu odiava não saber o que Grim estava pensando enquanto me observava passivamente.

CAPÍTULO DEZESSEIS



Eu estava familiarizado com a dor. Eu testemunhei isso com tanta regularidade que fiquei embotado com sua natureza. Mas vendo Vivien se contorcer de dor e lutar contra a sede, me vi compartilhando sua angústia.

Cruzei as mãos para não fazer algo que nunca fiz. Confortá-la.

No entanto, fiquei tentado a ir para o lado dela, segurá-la perto de mim até que o tremor diminuísse. Talvez falar algo tranquilizador, embora eu não saiba o que dizer.

A sekhor estremeceu e gemeu enquanto bebia sangue da garrafa térmica.

Vivien não percebeu a quão perigosa era sua pergunta sobre se alimentar de mim. Se ela soubesse a verdade sobre o meu sangue e o que isso faria com ela, quem sabia o que ela faria?

Embora a cada passo ela me surpreendesse. Vivien estava fazendo tudo que podia para lutar contra sua natureza, para proteger os outros.

Quando ela terminou, ela voltou ao assento com evidente alívio. Um pouco de sangue escorria dos cantos de seus lábios agora cor de rubi. Então seus olhos se abriram e ela se sentou como se lembrasse de onde estava e tivesse que se proteger de qualquer ameaça repentina. Havia uma acusação silenciosa em seu olhar, talvez porque eu a tivesse levado de volta para Sinopolis, mais uma vez.

— Relaxe. — Eu instruí. — Vamos ficar sentados aqui por alguns minutos até ter certeza de que você não vai pular sobre nenhum dos hóspedes ou funcionários do meu hotel.

Ela caiu contra o assento novamente. — Sua mãe não lhe ensinou que não é educado olhar fixamente?

Ah, então era para isso que servia aquele olhar. Eu a testemunhei em seu estado mais vulnerável. Ela limpou o sangue restante dos lábios com as costas da mão.

— Minha mãe teve pouco a ver com minha educação — eu disse. — Então ela dificilmente pode ser culpada.

— É por sua mãe que você tem um gosto tão ruim para mulheres?

Eu fiz uma careta.

— Opa? Eu acertei nessa?

— De um ponto de vista puramente psicológico, tenho certeza de que seria possível tirar uma conclusão que une os dois. — Eu odiava admitir isso, mas Vivien repetiu uma reflexão que Timothy proferiu uma vez. Ficou comigo, para minha consternação. Dificilmente se desejava traçar semelhanças entre a amante e a mãe. Felizmente, ela não pressionou.

— Estou surpresa que você não esteja com Qwynn agora — disse ela. A maneira como ela disse o nome da minha ex fez parecer que ela tinha chupado um limão.

A tensão se enrolou nos músculos das minhas costas. — O que te faz dizer isso?

— Quero dizer, além do fato de que ela parece... bem, isso. A mulher parece que estava pronta para te surpreender de dez maneiras a partir de domingo. Você fica entediado com mulheres espetacularmente lindas e dispostas? — Seu tom simplista deu lugar a uma observação silenciosa. — Parecia que você mal podia esperar para colocar as mãos nela.

Sua percepção me surpreendeu.

— Você está certa. Levou tudo de mim para não estender as mãos e... — Resignação, ousou dizer, decepção passaram pelo rosto dela antes de eu terminar. — Torcer o pescoço dela.

As sobrelanceiras de Vivien se ergueram, embora ela permanecesse derretida contra o assento.

— Ela é uma súcubo destrutiva que é uma mera casca de ser. Por muito tempo, acreditei que havia muito mais nela. Eu acreditava que ela possuía... alma. — Incapaz de encarar os olhos curiosos e

sondadores de Vivien, arranquei um pedaço de fiapo invisível da minha calça. — Eu estava errado. A mulher é uma prostituta vazia.

Vivien endireitou-se, parecendo mais ela mesma. — Uau, ela fez um número com você. Como ela enganou você? Você não é o cara que julga as almas?

Meus lábios formaram um sorriso tenso e irônico. — Qwynn aperfeiçoou a arte de se concentrar em um assunto e fazê-lo sentir que é o centro de todo o universo antes de arrastá-lo para seu buraco de prazer e pecado. — Limpei a garganta enquanto Vivien inclinava a cabeça com interesse. Antes que ela pudesse perguntar sobre as proezas sexuais de Qwynn, continuei. — Mas às vezes me pergunto se não vi nela o que queria. Optei por ignorar as partes dela que não correspondiam ao meu ideal. E ela me deixou entrar na minha fantasia de quem eu queria que ela fosse.

Vivien ficou quieta, perdida em pensamentos. Eu estava prestes a bater o pé para colocar algum tipo de som na limusine para me distrair do meu desconforto repentino. Por que eu estava contando tudo isso a ela? Como ela encontrava continuamente maneiras novas e diferentes de me irritar?

— Então, o que ela fez de tão horrível? — Vivien perguntou, finalmente.

— Isso não importa mais. — Eu disse, endireitando meu relógio de pulso.

Vivien se inclinou para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos e oferecendo uma visão generosa de seu decote esticado contra o decote de látex quase cortado. — É claro que sim, se você quer estrangulá-la e não tem coragem de dizer em voz alta o que ela fez com você.

— Foi há muito tempo. — Meu tom era firme e autoritário.

— Se foi há tanto tempo, então não importa se você me contar.

— É desagradável trazer à tona o passado.

— É desagradável beber sangue, mas tenho conseguido saborear muito ultimamente...

— Ela comia cadáveres — eu disse em voz alta, falando por cima dela para acabar com essa briga fútil.

Vivien piscou. — Ela o quê?

Abaixando minha voz para um volume normal, eu disse: — Você tem que entender, eu me imaginava irrevogavelmente apaixonado por Qwynn. Ela era tudo que eu... não sou. Ela é espontânea, apaixonada e conhece as artes sombrias do prazer. Ela me pegou pela mão e me conduziu a indulgências que eu nunca me permitiria. Logo, fiquei viciado em todo tipo de vício. Acima de tudo, meu amor por Qwynn se transformou em obsessão. — Meu tom baixou. — O que tornou ainda mais fácil para ela me enganar e manipular.

Inclinei-me para frente e passei as costas dos dedos ao longo de seu braço nu enquanto falava. — Eu não apenas julgo as almas, eu protejo os corpos dos falecidos. O corpo é um templo para a alma e deve ser tratado com respeito mesmo na morte.

Vivien estremeceu enquanto eu continuava a arrastar os nós dos dedos para cima, para cima, até seu ombro. Meu dedo indicador traçou levemente a coluna de seu pescoço. Nossos olhares se encontraram. Embora seus olhos estivessem vermelhos de sede de sangue, eles ainda eram expressivos e encantadores. Suas pupilas se expandiram como se estivessem tentando me absorver.

Minha excitação se tornou conhecida, forçando minhas calças. A textura sedosa de sua pele implorava para ser tocada, saboreada, lambida e provocada por dias a fio. Meu olhar caiu para o lado dela. Aquelas tiras de carne exposta foram finalmente uma tentação demais para eu resistir. Abaixei minha mão e rocei meu polegar contra a pele exposta do seu seio. Ela não me impediu. Seus dedos estavam apertados em volta da garrafa térmica enquanto ela se abstinha de mover um músculo.

— O corpo merece adoração de todas as formas. Desde alimentos nutritivos até muita água. Proteger a alma dos elementos, é uma máquina complicada, mas também é um sistema delicado. — Minha voz baixou, ficando rouca. — Ele precisa e anseia por toque. Pode processar inúmeros sentimentos, texturas, pressões.

Meus olhos estavam fixos na jornada do meu polegar enquanto ele deslizava lentamente sob a borda do tecido apertado, em direção ao monte de seu seio. Ao fazer isso, os quadris de Vivien balançaram um centímetro.

O movimento me trouxe de volta aos meus sentidos. O que eu estava fazendo?

Você está a segundos de arrebatá-la neste carro.

Ignorei o gemido de perda de Vivien enquanto me recostava, cruzando as mãos no colo, encobrindo a dureza ali. Voltei à minha explicação. — O canibalismo é uma das maiores atrocidades.

— O que explica por que vocês não são grandes fãs de sekhors. — Vivien revirou os ombros para trás como se também tentasse voltar a si. Mas eu podia ver as pontas rígidas de seus seios através do traje e suas coxas apertadas uma contra a outra.

Balancei a cabeça em assentimento, focando novamente em seus olhos. O vermelho havia diminuído e eles estavam verdes cintilantes mais uma vez. — Para sekhors, as pessoas nada mais são do que uma refeição. Mas até mesmo pessoas cometeram atrocidades contra os mortos. No passado, as pessoas transformavam restos humanos em tinturas para fazer o que pensavam ser um remédio. Era abominável e fiz tudo o que pude para impedir. A prática finalmente desapareceu com os novos conhecimentos medicinais do século XVIII. — Com uma inspiração profunda, me preparei para a próxima parte. — Eu poderia ter feito mais para impedir as pessoas de práticas tão atrozes, mas eu próprio estava perdido. Passei todo o meu tempo adorando Qwynn e brincando em seu covil de pecado. Então, na era vitoriana, fiquei sabendo que as pessoas estavam comprando múmias e organizando festas particulares para desembrulhá-las enquanto todos assistiam. E então eles comeriam a carne dos faraós.

O nariz de Vivien enrugou-se. Uma linha se formou entre suas sobrancelhas enquanto seus olhos pareciam absorver cada detalhe horrível que eu compartilhei.

Minha excitação anterior foi afugentada por lembranças amargas. — Tentei descobrir os culpados e acabar com isso, mas eles me escaparam repetidas vezes. Então, um dia, Qwynn insistiu que eu interrompesse minhas investigações por uma noite para participar de um de seus jantares. Mais um de seus casos extravagantes.

Apenas os convidados mais ricos e decadentes foram autorizados a comparecer. Qwynn contratou garçons para andar nus, exceto joias de valor inestimável e tinta dourada que os cobria da cabeça aos pés. A casa tornou-se amplamente conhecida como antro da desigualdade, me lembrei de como Qwynn jogou a cabeça para trás com uma risada rouca quando ouviu. Então ela encomendou uma placa para a casa, batizando-a oficialmente assim.

Naquela noite, o vinho estava delicioso e o ópio encheu o ar até que todos os cômodos ficaram densos com a névoa. Passei por aquela

festa com movimentos líquidos e lentos e com a cabeça confusa. Observei nossos convidados como se estivessem caminhando em um sonho. Não havia nada além dos melhores ternos e vestidos, exceto aqueles que escolheram se despir e foder como cães nos móveis antigos. Havia até um par de leões enjaulados num canto. Um dos grandes felinos havia derretido no fundo da caixa, piscando sonolento, enquanto o outro andava de um lado para o outro no curto recinto, rugindo periodicamente de frustração. Os espectadores gritavam e riam desenfreadamente sempre que o leão os atacava através das grades.

Tudo sobre aquela noite havia cristalizado em minha memória.

— E então veio o jantar em travessas de prata cobertas. As tampas foram removidas, revelando tiras finas de carne seca e acinzentada. — Mesmo agora, a repulsa e a raiva cresceram em mim com tanta força quanto naquela época. — E Qwynn, que estava sentada ao meu lado, sorriu para mim com olhos brilhantes enquanto todos se deliciavam e desciam com vigor sobre a carne. Eles pensaram que isso lhes daria vida longa e status contínuo, uma mentira que Qwynn inventou para tornar moda essa prática horrenda.

Vivien soltou um assobio baixo. — Droga. O que você fez?

— Acabei com a festa — eu disse.

Pela forma como as sobancelhas de Vivien se ergueram, eu sabia que ela tinha adivinhado a maneira como eu tinha feito isso.

A violência me dominou. Eu virei à longa mesa de jantar, quebrando-a em cima de alguns dos convidados. Perdi o controle total enquanto empregados e convidados gritavam e fugiam de casa aterrorizados. Todos, exceto Qwynn, que permaneceu sentada, com uma expressão de leve inconveniência enquanto o caos irrompia ao seu redor. Eu queria matá-la.

— De todas as acrobacias que ela realizou ao longo dos anos, aquela foi imperdoável, e ela sabia disso.

Vivien deixou a garrafa térmica de lado e se inclinou. — Por que ela faria isso?

— Ela alegou que eu precisava provar que a amava mais do que tudo. Se eu tivesse comido a carne dos mortos, isso provaria que eu a amava mais do que o meu dever. Quando não sucumbi ao pedido dela, Qwynn me acusou de negligenciá-la, deixando-a de lado pelo verdadeiro amor da minha existência.

Vivien ergueu a mão, a testa enrugada. — Deixe-me ver se entendi, ela estava brava por você amar seu trabalho mais do que ela? O trabalho de colher almas?

— Meu dever é sagrado e de vital importância para o bem-estar deste planeta, e acreditei que pode haver alguma verdade no assunto. — Mesmo agora a acusação me atingiu. Embora eu soubesse o suficiente agora para atribuir a série de amantes de Qwynn a um poço sem fundo de vaidade, ainda não conseguia me livrar de sua recriminação.

— Que puta egoísta. Ela esperava que você largasse o emprego para alimentá-la com uvas, acariciar seus cabelos e dizer como ela é bonita o dia todo, todos os dias? Mesmo se você tivesse feito o que ela queria, ela acabaria ficando entediada. Não, ela é apenas uma vagabunda infeliz com a intenção de usar os outros como brinquedos.

Mesmo enquanto ela dizia essas palavras, uma sensação de validação tomou conta das memórias que ainda tinham poder suficiente para me ferir.

— Parece que você tem experiência com isso.

Vivien encolheu os ombros. — Eu não saberia se soubesse. Mas posso lhe dizer que sua ex é uma narcisista egoísta. Talvez ela esteja por trás de toda essa coisa de vampiro. Você já pensou nisso? Acontece que ela estava no clube pouco antes de Brutamonte e seu esquadrão de idiotas arruinarem a festa.

Eu balancei minha cabeça. — Ela pode ter a língua de uma cobra, mas não ganharia nada trazendo os vampiros de volta ao poder. — Pude ver que Vivien estava prestes a protestar, então acrescentei: — Sem mencionar que a audácia e a astúcia necessárias para realizar esse tipo de trama estão além de sua capacidade. Ela pode ser uma mentirosa e manipuladora, mas uma mentora, ela não é. Há um jogo maior aqui, só não tenho certeza do que é ainda.

— Hmm — ela disse, não convencida. — E acho que você não quer acreditar que ela está envolvida porque quer evitá-la a todo custo. Só estou dizendo que deveríamos ficar de olho nela.

Ao estudar Vivien, percebi agora que acreditava que ela compartilhava muitas qualidades com Qwynn. Eu pensei que ambas eram bolas de demolição, com a intenção de destruir o meu mundo, a fim de satisfazer as suas próprias necessidades. E embora Vivien tivesse todas as oportunidades de causar danos aos humanos, de

prender almas criando mais sekhors, ela não tinha tais planos. Agora que as tinha visto lado a lado, eram tão diferentes como a noite e o dia.

Mas o que elas compartilharam era muito mais perigoso. A capacidade de extrair uma parte de mim que ansiava por prazer, diversão e refúgio do meu dever sem fim.

Houve uma batida na janela escura, salvando-me dos meus pensamentos. Rolei o vidro para baixo e Timothy entregou o par de botas de salto alto junto com algumas roupas dobradas.

Coloquei-as no banco ao meu lado e disse a Vivien: — Vou sair para que você possa se trocar.

— Espere o quê? — Ela perguntou, deslizando pelo banco mais perto de mim.

— Temos uma última parada a fazer antes do amanhecer. Seu traje não é apropriado para o próximo local. — Apertei o botão, fazendo a janela subir novamente com um zumbido elétrico.

— Não temos tempo para eu entrar para trocar de roupa no banheiro ou algo assim?

— O cansaço que você deve estar sentindo agora deve indicar que o dia está se aproximando rapidamente. Não há tempo. Não posso deixar você sair do meu lado e há um último lugar para onde devemos ir. — Abri a porta e saí.

Vivien foi até onde eu estava sentado. Ela olhou para mim com grandes olhos verdes. Para a desgraça sugadora de sangue da minha existência, fiquei surpreso como ela podia parecer tão séria e devassa naquele traje apertado que pressionava seus seios para minha consideração.

Engoli em seco, afastando os pensamentos de correr meus dedos ao longo de sua carne convidativa ou me inclinar para capturar seus lábios em um beijo quente e exigente.

— Vamos visitar o Original. — Como ela olhou em branco, eu esclareci. — Vamos ver o primeiro vampiro.

CAPÍTULO DEZESSETE



Timothy não se juntou a nós, mencionando que ainda estava cuidando da limpeza de Wolf Town. Fiquei imaginando tudo o que Timothy teria que fazer. Não havia apenas a limpeza, mas também havia festeiros aterrorizados para lidar, e depois a polícia. Ele parecia mais incomodado do que sobrecarregado com sua tarefa. De alguma forma, ele ainda arranhou tempo para preparar aquela garrafa térmica de sangue e entregar uma roupa para mim.

Apreeiei as roupas que Timothy forneceu, as mesmas botas de salto alto que eu usava antes, junto com um top vermelho, jaqueta de couro e jeans. Ele até colocou um cinto com uma grande fivela de lábios vermelhos brilhantes.

Apesar de ser a hora mais fria da noite, ainda não precisei do casaco depois do lanche. Saímos da pista por quinze minutos em uma estrada que serpenteava por um trecho de terra deserto. O prédio estava escondido, fora de vista.

Levantei uma sobrancelha para Grim enquanto fechava a porta do carro atrás de mim. — É aqui que está o primeiro vampiro?

Em vez de responder, Grim estendeu a mão para me convidar a ir primeiro.

— Centro de cuidados da toca dos leões? O Original veio aqui para tratar seu vício em sangue? — Deixei escapar uma risada nervosa. — Talvez eu deva fazer o check-in a seguir? — Depois de chegar tão perto de perder o controle mais cedo, eu estava apenas meio brincando.

Grim tentou esconder o sorriso, mas eu vi mesmo assim. Os vislumbres de seu sorriso faziam coisas engraçadas e vibrantes na minha barriga. Eu atribuí isso a ele ser pecaminosamente sexy. Eu me perguntei se ele parecia delicioso para ajudar as pessoas a lidar com a

transição da morte. Como aqui, você tem que morrer, mas pelo menos esse homem devastadoramente bonito irá mandá-la para a vida após a morte.

Eu também vi seu lado assustador, e foi o suficiente para me fazer trocar de rumo. A ideia de outra tentativa de fuga passou pela minha cabeça antes de passar direto em uma Bugatti. Grim estava certo. Faltava pouco mais de uma hora para o amanhecer e eu podia sentir a letargia tomar conta do meu corpo. Eu já estava pensando em desmaiar e dormir como uma morta por dois dias seguidos. Trocadilho intencional. Tentar lutar, fugir ou ser mais esperta que Grim não estava nas cartas para mim agora. Eu tive que esperar a minha hora.

Grim apertou uma campainha e em poucos minutos um enfermeiro apareceu e abriu a porta de vidro. Ele tinha trinta e poucos anos, rosto redondo, olhos castanhos brilhantes e um sorriso que qualquer garota em sã consciência arrastaria para casa, para a mamãe e o papai. O crachá brilhante dizia Kabir. Seus olhos permaneceram em mim por um momento, seu sorriso se intensificando antes que ele visse Grim. A incerteza brilhou em seu rosto como se ele estivesse considerando a necessidade de ficar nervoso. Ele não tinha ideia.

— Posso ajudar?

— Estamos aqui para visitar minha tia — explicou Grim.

Kabir olhou de um lado para outro entre nós. — Você chegou um pouco cedo para o horário de visita. Você terá que voltar às dez da manhã.

— Você pode abrir uma exceção. — A frieza imperiosa das palavras de Grim exigiu que Kabir obedecesse.

A morte tinha um pavio curto para paciência, vai entender.

A boca do enfermeiro se estreitou. — Receio que você terá que voltar no horário de visita amanhã.

Grim deu um passo ameaçador à frente. — Escute aqui você...

Pressionei a mão contra o peito de Grim. — Dê-nos um minuto — eu disse a Kabir, enviando-lhe uma piscadela de flerte. Aquele brilho voltou aos seus olhos enquanto eu conduzia Grim a alguns passos da porta e fora do alcance da voz. Fiz o meu melhor para não notar o músculo firme e duro do seu peito. Arrepios se espalharam pela palma da minha mão, subindo pelo meu braço e aquecendo meu corpo.

Virando-me para Grim, sussurrei: — Você sempre tenta fazer o que quer assim?

— Eu farei com que ele nos deixe entrar. — Grim disse, sua mandíbula endurecendo. O dourado brilhou em suas íris. Eu me perguntei se ele pareceria tão perigoso sem a barba escura ao redor de sua boca sensual e magnética. O calor viajou da minha mão para o braço e depois se acumulou na minha barriga.

Puxei à mão como se tivesse tocado no fogo e disse: — O método da escavadeira nem sempre é o melhor. Às vezes é necessário um toque mais leve.

Seus lábios se estreitaram. — Diz a sekhor que se vestiu como um brinquedo sexual e jogou seu salto alto no olho de seu oponente.

Em vez de responder às suas acusações ridículas e totalmente precisas, levantei a mão, dizendo-lhe silenciosamente para esperar. Voltei até a porta onde Kabir estava do outro lado, mexendo no telefone. Quando ele me viu aproximar, abriu-a novamente, um pouco mais do que da última vez. Ele lançou um olhar cauteloso por cima do meu ombro na direção de Grim.

— Sinto muito, ainda não posso deixar você entrar — disse ele, com um sincero pedido de desculpas em seu tom.

Levantei as duas mãos. — Claro, você está apenas fazendo seu trabalho. Alguns malucos aparecem no meio da noite no seu turno e incomodam você, eu também não nos deixaria entrar. Mas você vê aquele cara ali? — Eu perguntei, apontando para Grim. — Não quero colocar você em perigo, mas aquele cara é da máfia. Alguém ameaçou a tia dele e ele estava tão preocupado com a segurança dela que corremos para ter certeza de que ela estava bem. Ele não descansará até colocar os olhos nela.

Eu não sabia se Kabir estava acreditando na minha história de besteira e merda, mas quando ele olhou para Grim, eu sabia que ele poderia pelo menos engolir a perspectiva de Grim estar na máfia. Naquele terno preto com um comportamento imperioso, mas ameaçador, ele parecia ter cortado alguns dedos com seu caro aparador de charutos.

Os olhos de Kabir pousaram em mim. — Eu gostaria de poder, mas não posso. O horário de visita é das dez as três amanhã.

Como último esforço, coloquei minha mão em seu pulso para impedi-lo de se afastar da porta. — Kabir, é de extrema importância.

Precisamos ver a tia dele. Por favor, ajude-nos. — Dei um aperto extra em seu pulso. De repente, fiquei presa em seus olhos, em sua essência, em seu próprio ser. Foi como se eu o tivesse sugado por um raio trator que não sabia que tinha até agora. Sua tensão pareceu desaparecer e sua mandíbula relaxou.

— Claro — disse ele, antes de abrir a porta e me convidar para entrar. Seus olhos ficaram vazios e sua resposta foi monótona e estranha.

Que raio foi isso?

Ainda assim, eu não estava disposta a discutir sobre conseguir o que queria. Acenei com a cabeça por cima do ombro para Grim e entrei. Enquanto Kabir seguia até a recepção onde estava a folha de inscrição, senti uma corda nos conectando.

Eu me pergunto...

— Não precisamos assinar — eu disse, lançando a ele meu sorriso mais doce.

Kabir assentiu. — Vou procurar o número do quarto dela. Qual o nome?

Caramba, bolsas de sangue, funcionou. Eu estava usando controle mental vampírico sobre Kabir. Se eu soubesse dessa habilidade antes, poderia ter facilitado muito minha vida nas últimas duas semanas. Eu poderia ter entrado em um hospital ou açougue e *sugerido* que me dessem um pouco de sangue em vez de me alimentar de vermes sujos.

— Não há necessidade. — Grim disse, agora ao meu lado. — Eu sei onde minha tia está.

Eu o segui pelas portas de vaivém e pelos corredores revestidos de papel de parede com lindas campânulas que cheiravam a talco.

— O que você disse para torná-lo tão apaixonado e flexível? — Grim perguntou enquanto caminhava ao meu lado. Havia uma rigidez em seu tom. Se eu não soubesse melhor, poderia ter pensado que ele estava com ciúmes.

Morte, com ciúmes de você chamar atenção? Ele planeja usar você como isca e depois matá-la. Você não é nada para ele. Coloque isso em seu cérebro maluco.

— Com mel você pega mais moscas e tudo mais. Você saberia. O que aconteceu com aquele feitiço magnético que vi você lançar nas

massas desavisadas? Você está irritado? Você precisa de um lanche também?

Grim fez um som entre um bufo e uma zombaria.

Eu não ia dizer a ele que apenas usei o controle da mente no bom e velho Kabir lá atrás. Nem tinha certeza de como me sentia sobre isso ainda. Talvez eu tenha inventado isso? Mesmo assim, o enfermeiro não veio correndo atrás de nós. Mas se ele nos perseguisse, eu teria a chance de experimentar a frase “estes não são os robôs que você está procurando”.

Grim parou na frente do quarto 7000 e abriu a porta. O bipe rítmico de um monitor cardíaco era o único som no quarto. Uma mulher de cabelos negros estava dormindo na cama. Ela pode ter tido a pele bronzeada em algum momento, mas agora estava pálida. Havia uma elegância majestosa em seu nariz e maçãs do rosto. Seu corpo era magro e as bochechas encovadas, mas eu poderia facilmente imaginá-la musculosa e ágil. Ela era uma daquelas mulheres que poderia ter vinte ou quarenta anos.

Grim notou que eu estava pairando perto da porta. — O Original não vai acordar. Ela está em coma. Ela já existe há algum tempo.

Meus ombros caíram e eu relaxei. Estava ficando mais fraca a cada minuto que nos aproximávamos do amanhecer. Eu não estava querendo dançar tango com algum grande poder ruim. Precisava de um tempo limite.

— Então este é o primeiro vampiro. — Eu ri nervosamente. — Eu a chamo de mãe?

Grim caminhou até o outro lado da cama, olhando para a mulher com o que eu só podia imaginar ser um tom de tristeza, talvez remorso?

— Há quanto tempo ela está aqui? — Perguntei.

Grim olhou para cima como se estivesse assustado com seus próprios pensamentos. — Nesta instituição de cuidados? Talvez dez anos, mas temos que transferi-la de tempos em tempos para garantir que a equipe não suspeite.

— Quantos anos ela tem, realmente?

— Cinco mil anos.

Eu me esforcei para engolir isso.

— Bianca disse que algo aconteceu com o braço dela. — Grim murmurou, levantando suavemente o pulso do Original.

— Se ela é uma vampira, ela não precisa de sangue em estado de coma? E você não está preocupado com ela sendo frita? — Eu perguntei, apontando para as persianas semiabertas que deixariam a luz do sol entrar quando o sol nascesse. Ela também tinha batimentos cardíacos, o que me deixou perplexa, mas eu sabia que se o bombardeasse com muitas perguntas, Grim se fecharia como um molusco.

— Não, o Original é — ele fez uma pausa, parecendo lutar para saber como responder — Diferente. — Novamente, havia aquele olhar nostálgico em seus olhos. Ele a conhecia. Provavelmente de cinco mil anos atrás. Que viagem.

— Outra ex? — Perguntei. Minha voz saiu mais suave do que eu pretendia.

Olhando para isso, ele disse: — O quê? Não, mas acho que você poderia dizer que somos parentes.

Assenti, embora entendesse ainda menos. A morte tinha uma família? Quer dizer, ele tinha uma ex-mulher, um assistente e uma amiga que era Oráculo, então por que não?

— Por que ela está em coma?

O olhar sombrio de Grim atravessou o quarto. — Ela é muito perigosa para andar neste mundo.

— Então por que você não... — Eu não sabia por que fiz uma pausa, mas tive a sensação de que isso era um assunto pessoal.

— A matei? — Ele terminou para mim. — Ela é a Sekhor Original e não pode ser morta. Mas é melhor que ela permaneça dormindo. — Ele passou os dedos pelos braços dela, lentamente, com segurança. Observar as pontas dos dedos dele deslizando ao longo de seu antebraço me fez estremecer. Eram mãos fortes e seguras, com dedos elegantes. Eu podia vê-las realizando cirurgias complicadas ou deslizando pela pele nua com uso especializado de pressão.

— Está com frio? — Ele perguntou sem olhar para cima.

— Sim — eu disse automaticamente. Mas a temperatura não teve nada a ver com aquele arrepio que subiu pela minha espinha enquanto o observava. Eu estava imaginando como seria a sensação de seus cuidados delicados em meu braço e em outros lugares.

— Pronto — disse ele, apontando para a parte interna do cotovelo dela. — Você vê?

Ficando do lado oposto da cama, direcionei minha atenção para o local próximo ao dedo dele. — Parece um leve hematoma causado por uma agulha. E daí? — Apontei para o outro braço dela, estava conectado a uma bolsa de soro fisiológico e só Deus sabia o que mais para mantê-la em pé. Ou deitada, por assim dizer.

Ele balançou sua cabeça. — Não, foi isso que Bianca viu. Alguém veio e tirou o sangue do Original.

— Quantas pessoas sabem onde está o Original?

— Somente Timothy, eu e alguns outros de confiança. — Quando ele levantou a cabeça, havia uma nuvem tempestuosa de fúria em seus olhos. — Alguém veio aqui e pegou o sangue dela, então fez um vampiro mestre com ele.

— É assim que você faz um vampiro mestre?

Seu tom estalou como um elástico. — Você não vai falar sobre isso com ninguém.

Coloquei a mão no quadril. — Para quem eu vou contar? Grupos de Vampiros Brinquedos Somos Nós⁵? Caso você não tenha notado, não sou fã dos meus novos irmãos.

Ele não gostou da minha piada e murmurou algo sobre eventualmente me matar de qualquer maneira.

Para distraí-lo de seus eventuais planos homicidas para mim, andei pelo quarto. De repente, cambaleei quando uma tontura me atingiu. Prestes a bater de cara no chão, estendi a mão para a parede, na esperança de me segurar.

A próxima coisa que percebi foi que Grim estava ao meu lado, me segurando. Ele me rodeou em braços de aço, embora houvesse uma gentileza na maneira como ele me tratou. — Precisamos ir — Grim disse, suas palavras entrecortadas. — O amanhecer está chegando.

Balancei a cabeça, lutando contra a vontade de afundar nele. Quando inclinei minha cabeça para encontrar seu olhar, encontrei preocupação estampada em seu rosto. E por baixo disso, uma fome crescente. Encantada por seus olhos cor de uísque, observei um calor

⁵ Rede americana de lojas de brinquedos.

começar a crescer neles, à medida que me tornava ainda mais consciente de nossa proximidade. Eu coloquei minhas mãos ao longo de seus braços, seus ombros musculosos irradiavam calor. Meu estômago deu uma cambalhota e minha boca encheu de água. Poder puro e energia perigosa irradiavam dele, fazendo com que o calor líquido se acumulasse entre minhas coxas. Já havíamos estabelecido que eu era louca e desejava morrer.

O desejo de beijá-lo era tão avassalador que afastou todos os outros pensamentos com um bastão para que pudesse fixar residência como meu único foco. Eu me perguntei se ele tinha um gosto tão bom quanto cheirava. Grim disse que uma vez ele caiu em um poço de vício e prazer, era exatamente onde eu queria estar, tirando aquele terno e alimentando uma fome diferente que ele despertou em mim.

Sua mão moveu-se lentamente para o meu cabelo, enquanto a outra pressionava a parte inferior das minhas costas, me pressionando contra ele. Minha boca caiu em um “O” quando senti a extensão de sua excitação pressionando minha coxa. Minha mente não conseguia entender o tamanho de sua dureza, ao mesmo tempo em que compreendia que os pensamentos de Grim refletiam os meus.

Se alguém acendesse um fósforo em qualquer lugar nas proximidades, todo o lugar explodiria.

Afastando-me dele, o anjo em meu ombro me aplaudiu de pé enquanto o diabo jogava seu forcado no anjo na esperança de pegar sua auréola piedosa ou um globo ocular.

Grim estava certo. Precisávamos ir, antes que eu fizesse algo que me arrependesse, como arrancar minhas roupas e pedir a ele para me levar ao lado de uma paciente em coma que por acaso era minha ancestral vampira e também poderia estar potencialmente relacionada a Grim.

Isso resolveu. Os jatos esfriaram oficialmente.

CAPÍTULO DEZOITO



Assim que entramos na cobertura, fiquei surpresa ao encontrar um cachorro preto elegante sentado em posição de sentido. Parecia exatamente igual ao que eu tinha visto no necrotério e na câmara subterrânea, exceto que os olhos deste brilhavam dourados.

Grim esfregou a testa. — Sim, sim, o trabalho não espera.

O cachorro me avistou e rosnou, um som baixo e estrondoso, depois correu em minha direção. Um grito ficou preso na minha garganta. Numa fração de segundo, percebi que não estava disposta a machucar um cachorro, mesmo em legítima defesa. Minhas partes poderiam voltar a crescer, mas eu não tinha tanta certeza sobre o cachorrinho.

Protegi meu rosto, preparando-me para ser atacada. Duas patas pousaram no meu peito. O cachorro era leve o suficiente para não me derrubar, em vez disso, ele olhou nos meus olhos com expectativa.

— Hum, bom cachorro? — Eu disse, abaixando os braços e passando a mão sobre sua cabeça. O cachorro fechou os olhos brilhantes, como se estivesse deleitando-se com meu toque.

— Qual o significado disso? — Grim perguntou em tom ofendido.

— Eu conheci seu cachorro estranho no necrotério logo depois que acordei uma vampira. — O cachorro caiu de quatro. Ajoelhei-me para segurá-lo contra meu corpo e acariciar seu lado. Ele era um belo cão sobrenatural. — Você realmente deveria controlar seus animais de estimação. Se outra pessoa o visse no hospital, teria um ataque de raiva.

— Você não. — Grim me disse antes de olhar para meu novo amigo peludo. — Explique-se, Assilem.

O cachorro virou a cabeça para olhar Grim. Desde quando Fido não era um nome bom o suficiente para um cachorro?

— Eu sei que ela pode ver você, ela é morta-viva — disse Grim. — O que eu quero saber é por que você acredita que esse comportamento é apropriado enquanto você está no trabalho. O que você tem para dizer sobre você mesmo?

— Ei, maluco — eu disse, acenando com a mão enquanto continuava a acariciar a barriga do cachorro com a outra. — Você está se falando com cachorro? Porque ele não pode falar.

Os olhos de Grim brilharam e meus sentidos me alertaram do perigo. Talvez tenha sido a longa noite ou o fato de eu estar acariciando seu cachorro estranho, mas ele parecia estar no limite. Se eu pressionasse mais, ele poderia me atacar e me matar agora.

— Isso não é um cachorro — disse ele, como se estivesse explicando a uma criança insuportável e burra. — Assilem é um dos meus ceifadores, embora deva agir com dignidade e cumprir seu dever, ele parece achar apropriado implorar por coçadas na barriga. — Ele torceu o nariz e disse as últimas palavras como se tivesse tomado um gole de vinagre. Grim fez uma pausa novamente. — Sim, eu sei que você está sempre trabalhando. — Levei um momento para perceber que ele estava falando com o cachorro novamente.

Assilem rolou de costas enquanto eu esfregava e dava tapinhas em sua barriga com vigor. Por mais cansada que estivesse, foi gratificante acariciar o pelo macio do ceifador. Foi a melhor coisa que me aconteceu, exceto uma refeição quente e fresca. Acontece que a terapia com peles era igualmente eficaz em seres sobrenaturais.

Timothy escolheu esse momento para se juntar a nós na cobertura. Apesar da loucura da noite, ele parecia tão impecável como sempre. Não parecia que ele tivesse tido que lidar com um monte de corpos, uma multidão de convidados aterrorizados e as autoridades. Esqueça o sangue. O que quer que ele estivesse bebendo, eu queria um pouco disso.

Timothy parou quando nos viu, Grim se aproximando de mim, rosnando, enquanto eu estava sentada no chão, aconchegando o focinho adorável de Assilem.

— O que está acontecendo aqui? — Timothy perguntou, seu tom sugerindo que ele sabia abordar com cautela. A maneira como seu

rosto ficou vermelho sugeria que ele estava a meio caminho entre cair na gargalhada ou sair apressadamente da sala cheia de tensão.

Grim ignorou sua pergunta, sua atenção ainda voltada para o ceifador. — Eu não me importo com o que Nire disse a você, isso é completamente inaceitável.

— Quem é Nire? — Eu perguntei, lutando para segui-lo.

Os olhos de Grim se estreitaram quando encontraram os meus. — Outro dos meus ceifadores que você aparentemente conheceu e cortejou com seu tratamento degradante.

— Tratamento degradante? Você quer dizer o cachorro que acariciei em sua masmorra? — Quando os olhos de Grim brilharam por uma fração de segundo, instantaneamente irritados, eu alterei: — O *ceifador* que conheci em sua masmorra?

— Sim, ele transmitiu sua propensão para o afeto e agora meus ceifeiros estão alvoroçados com essa necessidade de animais de estimação. — Ele curvou um lábio. Timothy deu uma olhada na expressão de Grim e desapareceu na cobertura.

Agarrei o rosto de Assilem e dei-lhe um carinho completo antes de dar um beijo no topo de sua elegante cabeça negra. — Eles normalmente não recebem carinho? Quem conseguiria manter as mãos longe de um cachorrinho tão doce? — Eu disse para Assilem com voz de bebê.

Timothy voltou com um copo de uísque. Os aromas no ar me disseram que ele envelheceu muito além da minha idade. — Nenhum humano pode ver os ceifeiros. — Timothy apressou-se em explicar, entregando o copo a Grim, que o pegou com um grunhido de aprovação.

Grim girou o uísque. — Eles não são cães vadios que precisam se rebaixar como cães comuns. Eles buscam as almas dos mortos, depois as classificam e as entregam ao destino apropriado. — Ele tomou um gole de sua bebida e fechou os olhos como se o líquido fosse ambrosia, ajudando a aliviar seus problemas.

Por mais que tentasse, não pude deixar de observá-lo. Eu nunca tinha visto Grim fazer nada além de disparar para frente e para trás, desde o olhar furioso até o olhar mortal. Mas pela primeira vez, enquanto ele bebia, vi o prazer suavizar suas feições. Vê-lo assim parecia muito íntimo, como se eu estivesse me intrometendo em um momento privado.

Garota, você está sendo mantida em cativeiro na cobertura dele. Você tem domínio suficiente aqui para poder pescar a cueca dele e colocá-la na cabeça e dançar se quiser. Ele está apenas molhando o apito.

Abracei Assilem mais perto de mim. — Eu pensei que separar almas era o seu trabalho? Por que você está forçando esses cachorrinhos a fazer o seu trabalho? Isso é abuso de animais. — Então me lembrei: — Oh, isso mesmo, você só aceita casos extras especiais, como a Supremo Corte. Mesmo assim, é um crime você não dar um pouco de amor e carinho aos seus doces ceifeiros. — Assilem se empurrou ainda mais em meus braços.

Timothy abriu a boca e olhou para mim e Grim como se esperasse o início da Terceira Guerra Mundial.

Em vez de voar através da distância entre nós e arrancar minha cabeça, Grim soltou um suspiro sofrido e beliscou a ponte do nariz.

Viva os efeitos do destilado marrom na fera.

Então ele estalou os dedos e apontou para o lado. Assilem se virou para dar uma lambida amigável em minha bochecha antes de trotar e sentar-se obedientemente ao lado de Grim. Grim esvaziou o resto do copo e colocou-o na bancada com um tilintar.

— Abstenha-se de tratar meus ceifadores como cães comuns ou colocarei uma coleira em você — advertiu Grim.

Sem me preocupar em sair do chão, levantei os joelhos e descansei os braços sobre eles. — Perverso G, onde estava isso quando eu estava usando aquela roupa no clube mais cedo? Teria completado totalmente o visual.

Um som sufocado nos fez voltar para Timothy. Ele escondeu o rosto atrás do tablet, fingindo estar absorto, embora lutasse contra o riso.

Desta vez o dourado surgiu dos olhos de Grim. Ele apontou um dedo para mim. — Você vai ficar aqui. Você não irá embora até eu voltar. Então me ajude, se você não fizer isso, vou arrancar sua cabeça como aqueles outros sekhors nojentos.

Com agilidade impressionante, chutei as pernas e caí de pé. Eu saudei. — Sim, capitão.

Grim não me deu uma segunda olhada enquanto se dirigia para o elevador, mas Assilem me lançou um olhar de desejo enquanto seguia seu mestre.

Depois que eles saíram, Timothy deixou cair o tablet, com o rosto mais vermelho do que antes. Só depois que o elevador fechou e desceu é que Timothy falou. — Eu me pergunto por que você sente a necessidade de irritá-lo tanto?

Dei de ombros antes de caminhar até um dos sofás cinza elegantes e me jogar nele. Fechei os olhos e disse: — Posso estar aqui servindo de isca, mas ele não me controla. Se Grim acha que pode me impedir de acariciar um cachorro adorável, ceifeiro ou não, ele precisa de uma verificação da realidade. E talvez ele devesse tentar remover a vara de sua bunda esculpida.

Você deveria ser voluntária. Você adoraria colocar as mãos na bunda dele.

A lembrança de seu toque explorador na limusine enviou calor através de mim novamente. Eu queria que ele fosse mais longe. Inferno, eu queria que ele fosse até o fim. A ponta áspera e firme de seu polegar tão perto do meu mamilo quase me fez perder a cabeça.

Timothy fez um zumbido. Ele não estava convencido. — Sim, bem, não tenho certeza em que realidade você vive, mas posso ver que você tem um total desrespeito pela ordem. Grim prefere que as coisas estejam em ordem. Sem os seus esforços incansáveis, o mundo cairia no caos. Garanto-lhe que ele não se esquece disso nem por um único segundo — murmurou então — Embora às vezes eu desejasse que ele o fizesse.

Eu me apoiei em um braço. — Ele é capaz de relaxar? Eu pensaria que ele se transformaria em confete preto no segundo em que tentasse.

Um pouco da alegria desapareceu dos olhos de Timothy. — Eu soube que você teve um desentendimento com Qwynn?

— Oh, sim — eu disse, caindo de volta no sofá confortável. — Que trabalho ela é.

Timothy assentiu. — O mestre é um ser dedicado ao seu âmagô. Mesmo que ela o machucasse, ele a amava além da razão. Parte de mim acredita que é porque ela despertou o desejo dele de brincar. Mas o que eles tinham era tóxico e quase o destruiu em diversas ocasiões. Ele

não se permite nenhum prazer, temendo que algo terrível aconteça se ele relaxar.

— Isso é um pouco extremo. O que ele descreveu foi obsessão, não amor ou diversão verdadeira. Qwynn não o respeitava. Parece que ela o apertou na coleira até que ele se separou. Ele tem que saber que nem sempre é assim.

Não que eu soubesse. Eu não me lembrava de nada, mas o bom senso me dizia que havia um bilhão de tipos de amor por aí, e Grim pensava que só havia um tipo. Ou talvez ele só fosse capaz de um tipo, o que me fez sentir pena dele. Eu me pergunto o que Sua Alteza pensaria da minha pena.

Timothy franziu os lábios. — Sim, bem, ela teve um milênio para arruiná-lo.

Milênio. Se Qwynn não era um vampiro ou a Morte como Grim, o que ela era? O que era Bianca? Até Timothy disparou meu radar para “estranho”. O desconforto se contorceu em minha barriga como um bando de vermes. Não gostei da ideia de Grim estar com aquela harpia. Ele merecia... melhor.

O que é da minha preocupação o que ele merece? Ele pode ficar com quem quiser. Ele é a morte pelo amor de Deus.

Mesmo assim, disse a mim mesma que ninguém merecia ser manipulado e traído daquele jeito. Qwynn estava determinada a envolvê-lo no dedo como um brinquedo. Qwynn não se importava com Grim. E se Timothy estava certo, isso importava para Grim.

— Por que você está me contando tudo isso? Isso é algo superpessoal. Você não está preocupado que eu conte para a pessoa errada ou use essa informação?

Ele não respondeu por um longo momento. Então ele disse: — Suponho que seja seguro confiar em estranhos.

A única razão pela qual alguém confidenciava a um estranho era porque não acreditavam que o estranho estaria por perto para lembrar ao contador de segredos seus pecados.

Timothy não me contou porque eu era uma aleatória que ele nunca mais veria. Ele poderia me contar porque esses segredos morreriam comigo. Quando tudo isso fosse dito e feito, Grim ainda pretendia torcer minha cabeça como se fosse uma tampa de garrafa.

Meu estômago se apertou, mesmo quando fechei os olhos e coloquei as mãos sob a cabeça. Eu estava com frio novamente. Tentada a pegar um dos cobertores fofos, eu queria me aconchegar nele para me aquecer, mas me contive. Precisava estar gelada para qualquer coisa. Era a mesma razão pela qual eu não dormia no quarto de hóspedes. Eu precisava ficar perto da saída para ficar atenta a alguém entrando ou saindo.

— Você realmente se preocupa com ele — eu disse, tentando parecer indiferente, mas minha voz saiu áspera.

— Você também — disse Timothy, antes de me deixar dormir como uma morta.

CAPÍTULO DEZENOVE



O toque suave do elevador me fez lutar para abrir os olhos. Meus instintos reconheceram que era meio dia e meu corpo lutou para permanecer em um sono profundo e sem sonhos. Se Grim pensasse que poderia me despertar para jogar a isca, ele teria que me carregar até onde guardava a grande caixa e a vara onde poderia me colocar.

Imagens de Grim me jogando sobre seu ombro largo e musculoso provocaram uma sensação de calor na boca do meu estômago. No meu estado meio sonolento, fantasiei que ele estava prestes a me levar para sua cama enorme com lençóis de seda preta.

Antes que meus pensamentos ficassem muito proibidos, o cheiro de um estranho me atingiu. Eu saltei no sofá e encontrei o cano de uma arma familiar.

— Miranda, é isso? — Perguntei, olhando além do cano para o rosto igualmente familiar. — Prazer em ver você novamente. Eu lhe ofereceria uma bebida, mas você poderia atirar em mim. — Eu realmente não estava ansiosa para levar um tiro.

Seu cabelo escuro e crespo caía sobre um dos olhos enquanto ela olhava para mim com foco preciso. Ela veio armada até as guelras, usando uma corrente com várias cruzeiras, um colar de alho em volta do pescoço e uma estaca de madeira no coldre ao seu lado. Ela abandonou o uniforme de segurança, em vez disso, vestiu uma camiseta preta de mangas compridas da Under Armour e calças militares, com botas de combate. Suas roupas eram tão táticas quanto seu olhar de aço. Ela estava aqui a negócios.

— Espere, como você entrou? — Olhei para o elevador. A segurança aqui era tão rígida quanto parece.

— Todos os socorristas sabem como acionar um elevador.

— Você está no corpo de bombeiros? — Eu perguntei, cética. Meus olhos se cruzaram, voltando o foco para a arma. Uma bala no meu crânio me mataria? Quero dizer, Grim arrancou cabeças e isso funcionou. Talvez as regras dos zumbis sejam aplicadas com um tiro na cabeça?

— Não. — Ela encolheu um ombro. — Mas posso entrar e sair de qualquer lugar.

— Escola de segurança? — Perguntei tão casualmente como se estivesse perguntando quantos anos seu filho tinha.

— Exército — disse ela, confirmando minha suspeita inicial.

— Ah — eu disse, mantendo minhas mãos para cima e tom leve. — Então você veio me matar? É meio rude atirar em alguém que está apenas tentando dormir um pouco.

— Dê-me uma razão pela qual eu não deveria matar uma vampira sugadora de sangue? — Apesar de sua expressão decidida, havia uma dúvida real ali.

— Porque eu salvei sua vida? Porque evitei que seu filho fosse esmagado por dois idiotas bêbados? Porque sou bonita demais para morrer? — Minhas respostas caíram. Tanta coisa para manter a calma.

Houve um lampejo de hesitação em seus olhos, mas seu dedo no gatilho nunca relaxou. — Por que o dono de Sinopolis quer você? Por que ele está mantendo você aqui? Você é algum tipo de animal de estimação sugador de sangue para ele?

Eu fiz uma careta. Essa foi a segunda vez que ouvi isso. — Não sou o animal de estimação de ninguém. — As palavras saíram mais ásperas do que eu pretendia. Ela puxou o martelo de volta em sua arma.

Tornei-me consciente do sangue pulsando através de Miranda. Cantou para mim, me implorou para abrir uma veia e beber. Eu sempre estava faminta logo quando acordava. Havia a familiar pontada de fome em meu estômago, se eu não me alimentasse logo, alguma merda ruim provavelmente aconteceria.

— Desculpe meu tom, estou... com fome. E se você não se importa, eu gostaria de pegar uma bebida para não me envergonhar. — Apontei meus dedos em direção à cozinha.

— Não vai acontecer — disse ela, levantando uma cruz com a outra mão. O fundo foi afiado em uma estaca.

Aproveitei a oportunidade para recuar diante da cruz. Um sorriso de satisfação se formou em seus lábios. Agarrei a arma tão rápido quanto um raio, desarmando-a. O terror tomou conta de sua segurança, quando Miranda percebeu que a cruz não fez nada e agora eu estava com a arma apontada para ela.

— Sim, desculpe, a cruz é um mito falso. Eu tentei na primeira chance que tive. O mesmo vale para o alho, embora deva dizer que não experimentei a estaca de madeira no coração. Parecia muito arriscado testar...

Ela chutou a arma das minhas mãos e seu braço voou pelo ar com a estaca improvisada, direcionada ao meu coração. Segurei seus pulsos antes que ela pudesse enfiá-la em meu peito.

— Ei, ei, eu não disse que queria testar. — O cheiro de sua adrenalina atçou as chamas da minha fome.

Não, eu não sou um monstro. Eu não vou machucá-la.

Com força vampírica, eu a empurrei, fazendo-a voar para trás, apenas para cair de bunda no sofá. Eu tinha planejado uma aterrissagem suave, mas o sofá deslizou um metro e meio e foi direto para um pódio exibindo uma pirâmide de vidro de um metro de altura. Ela bateu no chão com uma tremenda explosão de vidro. Ou era cristal? Diamante não faria isso, certo? Grim não poderia estar muito bravo se fosse cristal. Eu penso.

Os olhos escuros de Miranda se arregalaram enquanto ela me olhava do outro lado da sala. Peguei a arma e a estaca de madeira antes de ir até a cozinha. Coloquei-os no balcão com um barulho alto. Ok, então eu os bati. Peguei uma bolsa de sangue da geladeira e arranquei a tampa como se fosse uma bolsa de suco. Coloquei o líquido frio na caneca e coloquei no microondas. Assim que o cronômetro terminou com um bipe alto, peguei a caneca e coloquei em uma taça. No último segundo, peguei uma cereja e um pequeno guarda-chuva como tinha visto Timothy fazer. Ao tomar um longo gole, percebi que o sabor era melhor com aquele toque especial extra. Minha dor diminuiu quando o calor se espalhou por mim.

Eu estava prestes a tomar outro gole quando me virei e vi que Miranda ainda estava no sofá, piscando para mim. — Desculpe — eu disse com um encolher de ombros de desculpas. — Eu fico com fome.

Ela saiu do sofá e caminhou em minha direção. Ou ela estava tentando se aproximar do elevador para fugir.

Continuei a falar como se isso fosse totalmente normal e ela não tivesse tentado me empalar á dois minutos. — A verdade é que estou super aliviada por você ter vindo até mim. Eu ia encontrar você.

Seu queixo ficou tenso e seus olhos se estreitaram.

Eu revirei o meu. — Não é assim. Preciso da sua ajuda com a câmara de segurança do seu hotel. Houve um cara que me reconheceu antes de sair correndo como um morcego do inferno. Preciso descobrir para onde ele foi.

— O que você quer com esse homem?

— O engraçado é que fui transformada em vampira, não me lembro de quem eu sou. — Sentei-me no balcão, esperando que isso a deixasse mais à vontade.

— Amnésia de vampiro? — Ela disse, com mais do que um traço de ceticismo.

Contei sobre as duas semanas da minha existência vampírica, até conhecer Grim. Que eu precisava descobrir quem eu era e que aquele corredor era o único elo com meu passado. Esperava que ela entendesse que eu era uma boa vampira que só precisava beber sangue como ela precisava de água.

Ou eu esperava que ela entendesse. Ela poderia estar apenas esperando a hora de pegar a arma de volta e colocar uma bala no meu cérebro depois de me agredar.

— Por que Grim Scarapelli quer você? — Miranda perguntou.

Uma coisa era derramar meu próprio chá, mas eu não iria derrubar o bule de Grim. — Ele está... me ajudando.

— Parece que ele está mantendo você em cativeiro.

Coloquei a caneca na ilha. Miranda era muito inteligente. Ela tinha visto Brutamonte e eu virarmos vampiros e estava lidando com a informação sobre os mortos-vivos razoavelmente bem. Eu poderia atribuir o fato de ela ter mantido a calma sob circunstâncias inesperadas ao seu treinamento militar. Ainda assim, não achei que contar a ela que a própria Morte administrava o hotel ao lado do dela fosse uma pílula que ela pudesse engolir.

— É uma... aliança relutante. Grim é um... — Tentei pensar em alguma coisa. — Um caçador de vampiros. E você deu uma boa olhada no que é grande e musculoso — eu disse, referindo-me a Brutamonte.

— Ao contrário de mim, aquele caça presa não se importa em comer inocentes. — Acenei com as mãos no ar. — Mais vampiros malignos estão surgindo por toda Las Vegas, como um ramo de margaridas. E Grim tem a intenção de detê-los.

— Então para que encontrar esse homem no hotel tem a ver com caçar outros vampiros?

Uma mulher focada. Eu odiei isso. Principalmente porque eu não tinha o mesmo superpoder. — Hum, nada? — Levantei-me e contornei o balcão, sentindo-me segura o suficiente para estar mais próxima de Miranda. Para seu crédito, ela não se afastou de mim. Ela parecia uma casa de tijolos, desafiando qualquer um a explodi-la.

— Então por que eu deveria ajudar?

— Porque... — Eu não tive uma boa resposta. — Você é uma pessoa legal?

Ela fez o som de uma campainha.

Eu me posicionei e coloquei as mãos nos quadris, me preparando. — O que você quer?

Eu esperava que não fosse para me dar um tiro na cara.

— Quero informações — disse ela com um brilho resoluto nos olhos. — Eu quero saber sobre os vampiros. Se alguma coisa está acontecendo na minha cidade, no meu hotel, debaixo do meu nariz, eu preciso saber.

Oh, Grim não iria gostar disso. Mas Miranda era a única pista que eu tinha para descobrir quem eu era.

Fingi pensar sobre isso e então disse: — Dê-me informações sobre o cara e compartilharei com você o que sei.

Estendi a mão para ela. Ela olhou para ela como se estivesse considerando se isso era um truque ou se talvez me matar ainda fosse o caminho a percorrer. Então ela agarrou minha mão e apertou-a com firmeza.

— A propósito — ela acrescentou em um tom indiferente. — Você tem um bigode de sangue no lábio.

CAPÍTULO VINTE



Um caso se transformou em três, depois em vinte, quando julguei as almas trazidas a mim pelos meus ceifeiros, o dia estava quase acabando.

Relutante em voltar para a cobertura, fiz um passeio por Sinopolis. Cumprimentei cada membro da equipe pelo nome e verifiquei com eles sobre seu bem-estar.

Ao completar minha ronda, tive que me perguntar se estava evitando Vivien. As palavras de Bianca sobre não sair do lado de Vivien voltaram para mim. Mas a sekhor ficava no segundo local mais seguro da Strip. Eu não acreditava que ela aceitaria ser mantida na câmara especial adjacente ao meu “escritório” sob o hotel.

Depois de ver o efeito de Vivien em meus ceifadores, fiquei impressionado com o quanto ela estava alterando minha rotina. Era meu trabalho manter as coisas em ordem, e um rastro de caos seguia Vivien aonde quer que ela fosse.

Eu tive uma conversa severa com Assilem no caminho de volta para a antecâmara, mas não tinha certeza se o ceifador estava ouvindo. Ele começou a coçar a orelha no meio da minha palestra. Desgraçado insolente.

Embora eu tivesse que admitir, eu também fiquei tentado pelo toque de Vivien. Mais de uma vez agora. A atração que ela tinha sobre mim era enlouquecedora. Pelo menos, ela provavelmente ainda estaria dormindo com o sol ainda alto por mais uma hora.

Ao entrar na cobertura, o cheiro de queimado me atingiu no rosto. Vivien estava na cozinha novamente e a fumaça escapava pelas bordas do forno.

Percebendo o desastre, tirei as mãos dos bolsos. — Santo Deus, você não ficará satisfeita até que queime todo o hotel?

As costas de Vivien estavam para mim. Ela não reagiu aos meus gritos. Quando me aproximei, encontrei-a olhando para um canto da cozinha, os olhos vidrados enquanto enfiava uma faca na palma da mão. Minha pele arrepiou. Ela havia cortado uma palavra em sua carne e estava terminando a última letra. Estava escrito, *Minha*.

O mestre a segurou. Ele a estava controlando e enviando uma mensagem. *Maldito seja*.

Arrancando a faca de Vivien, joguei-a pela cozinha. Ela fez barulho e deslizou contra a parede. Próximo passo, eu tinha que evitar que a cozinha pegasse fogo. Pegando uma toalha, abri o forno para tirar a enorme bola de massa. Joguei a massa fumegante e carbonizada, com forma e tudo, na pia e joguei água sobre ela para evitar que o alarme de fumaça disparasse. Seria mais do que inconveniente se o sistema de incêndio do hotel fosse acionado. Voltei para Vivien, agarrando seus ombros e sacudindo-a levemente.

— Vivien. Vivien, volte para mim.

Com os olhos vidrados com um olhar distante, ela permaneceu trancada em transe. Embora ela não precisasse respirar, ela emitia sons baixos e ofegantes. Enrolei uma toalha limpa em sua mão para estancar o sangramento. Tentado a arrastá-la até o banheiro para cuidar dos cortes, lembrei a mim mesmo que ela era uma sekhor e que seu ferimento cicatrizaria em minutos.

— Vivien, não pense que você pode evitar o que fez com minha cozinha. Haverá punição — repreendi. — Talvez eu deva forçar você a esfregar o forno, ou talvez eu dobre você sobre os joelhos e coloque a mão em seu traseiro.

Eu disse a última parte para provocá-la, mas ela permaneceu distante. O medo correu através de mim. Eu a perdi? O mestre poderia manter totalmente sua consciência?

Não, ela era forte demais para ele. Ela provou seu domínio sobre sua vontade muitas vezes para eu acreditar que a perdi.

Continuei a falar enquanto a guiava em direção à sala de estar. — Por que, oh, por que eu não tomei um daqueles vampiros que nos atacaram como refém? Então eu poderia ter me livrado de você e bombeado informações sobre o mestre. Mas não, aqui estamos. Eu posso cuidar de uma vampira que não pode ficar sozinha sem tentar destruir tudo ao seu redor.

Na verdade, eu já tinha me punido pela destruição precipitada dos sekhors na noite passada. Mas a necessidade de chegar até Vivien e protegê-la me levou a matar todos eles, sem deixar ninguém para me levar até o mestre.

Depois de guiar Vivien para se sentar no sofá, segurei seus braços e examinei seu rosto. Ela precisava de sangue? Devo jogar um copo de água gelada no rosto dela? Talvez manter minha palavra e dar-lhe uma boa surra?

A vontade de beijá-la até que ela se recuperasse tomou conta de mim. Inclinei-me para frente até que houvesse apenas alguns centímetros nos separando. Cada fibra do meu ser exigia que eu colocasse meus lábios em sua boca entreaberta até que ela respondesse. No entanto, não me permiti beijá-la.

Mantendo-me ali, à beira do penhasco, lutei comigo mesmo.

— Você sentiria minha falta. — Vivien finalmente pronunciou, embora ainda houvesse aquele olhar distante em seus olhos.

Deixei escapar um pequeno suspiro de alívio. Então perguntei: — O que você quer dizer com eu sentiria sua falta? — Meu tom era frio e imperioso. Eu aprendi como essa atitude a irritou. E me recusei a admitir que ela tinha me assustado.

Vivien piscou enquanto seus olhos focavam em mim. — Eu sou o único sekhors com quem você pode lidar. Qualquer outro comeria você vivo. — A ligeira curva de seus lábios me disse que ela estava voltando para mim.

Meus ombros caíram enquanto eu relaxava, mas permaneci muito perto dela. Meu olhar desceu para a boca de Vivien antes de retornar aos seus deslumbrantes olhos verdes. Havia um anel de ouro ao redor de sua pupila que era responsável pelo tom brilhante do vidro do mar. Fascinado pelas estrias neles, não pude deixar de inalar o cheiro de açúcar e couro que emanava dela.

— Obrigada — disse Vivien, engolindo visivelmente. — Por me impedir de cortar minha mão.

Quando desembrulhei a toalha da mão dela, esfreguei o polegar perto do local dos cortes. Eles estavam quase totalmente curados agora, a única evidência restante eram linhas vermelhas e raivosas. Limpei o sangue restante com a toalha.

— Não quer dizer que você não cumpriria seu propósito sem ajuda, mas Timothy não ficaria nada satisfeito se eu pedisse a ele para limpar sua bagunça. Ele já está preocupado com o massacre da noite passada.

— Ele estava dentro da minha cabeça — disse Vivien, interrompendo minha leviandade. Sua expressão estava mais séria do que eu já tinha visto. Olhos solenes, lábios firmes.

— Você não está com medo, está? — Mesmo quando eu disse isso, não acreditei. Essa vampira, esta mulher, não tinha medo de mim, nem nada, exceto talvez machucar outra pessoa.

— Não vou deixar ele me controlar. — Sua voz era baixa e sua expressão assombrada. Isso me fez pensar sobre o passado dela. Vivien não se lembrava de sua vida anterior, mas de traumas passados impressos na psique e no corpo. Alguém provavelmente a controlou antes, ela fez tudo que pôde para evitar que isso acontecesse novamente. Ela parecia ver até mesmo seus próprios instintos e necessidades como algo contra o qual lutar.

Éramos iguais nisso. Nenhum de nós queria abrir mão do controle. Embora eu considerasse Vivien uma completa desordem e caos, ela tinha seu próprio código que o mestre tentou quebrar. Não porque ela mesma fosse uma maníaca por controle. Não, Vivien decidiu quem ela era e agiu de acordo com essa decisão. E ela decidiu que não era um monstro.

Uma onda de sentimento por ela tomou conta de mim. Apesar de sua necessidade de me irritar, ela me fez sentir mais vivo. Seu brilho me atraiu.

Eu congelei contra o ataque da emoção. Essa era uma sekhor. Não havia futuro para ela. Eu não poderia permitir isso. Mesmo que eu considerasse sua existência aceitável, os outros nunca permitiriam isso. Vivien era perigosa e não sabia nem metade do perigo que representava.

A expressão plácida que eu usava enquanto fazia julgamentos se encaixou. — Então não faça isso. Quanto mais você permitir que ele entre em sua cabeça, mais forte será o controle dele sobre sua mente. Se ele te levar inteiramente, eu vou te matar na hora.

Eu esperava que ela pulasse e me atacasse com comentários mordazes sobre como ela lutaria comigo com unhas e dentes antes de

me deixar matá-la. Em vez disso, ela olhou para a palma da mão agora curada e fechou-a em punho. — Bom.

Desconfortável com a concordância dela, mudei de assunto. — Você ainda não fez a pergunta que todo mundo faz quando conhece a Morte.

— Talvez eu não queira saber.

— Todo mundo quer saber.

— Pelo que você sugeriu, minhas opções são limitadas.

— É verdade... — Sua falta de curiosidade me surpreendeu.

Ela se virou para me encarar melhor, como se estivesse se preparando para algum teste. — Tudo bem, então, se isso te incomoda tanto. Podemos executar seu script habitual. Então, Morte — disse ela em palavras curtas, como se fosse uma repórter dando uma entrevista. — Eu estou morta. O que acontece agora? Existe um céu? Existe um inferno?

Meus lábios se contraíram. — Sim e não. De fato, existe uma vida após a morte abundante e celestial. Mas se uma pessoa não viveu uma vida ética, a sua alma será destruída.

Suas pupilas dilataram e suas narinas dilataram-se. Eu sabia que ela estava pensando no que viu na antecâmara. O que eu fiz com aquela mulher. Não me arrependi de minhas ações, mas me arrependi de ter Vivien testemunhando o julgamento.

Com sua voz normal, Vivien disse: — Uma vida ética? Parece um problema de matemática que me daria dor de cabeça e faria meu estômago doer.

Pela segunda vez, meus lábios ameaçaram se curvar para cima. — Mais ou menos, essa é a soma de tudo. Meus ceifeiros muitas vezes classificam as almas para seu destino legítimo, mas como eu disse, há muitos casos em que meu julgamento final é necessário.

— Então, Morte — ela disse, continuando com sua voz de entrevista, mas agora estava mais suave. Vivien olhou pela janela, mas não antes de eu perceber um olhar vulnerável. — Visto que sou uma sugadora de sangue morta-viva, o que aconteceu com minha alma agora que sou uma sekhor? Ou melhor, o que acontece agora que não tenho alma e para onde foi?

Estudei-a por um longo momento. A maneira como seus cílios desceram, como ela mordeu o interior da bochecha enquanto fingia não se importar com a resposta. Seus dedos brincaram com seu tornozelo. A vontade de estender a mão e tocar o cabelo que havia caído em seu rosto era tão forte que tive que enrolar os dedos na palma da mão.

— Você não perdeu sua alma — eu disse finalmente.

Aqueles cílios se ergueram quando ela encontrou meu olhar. Meu estômago caiu. O que ela estava fazendo comigo? Ela estava controlando minha mente? Não, eu sabia a resposta. Ela não tinha habilidades hipnóticas, isso era impossível.

— Quando você foi transformada em uma sekhor, sua alma ficou presa dentro de seu corpo por toda a eternidade.

— Congelada por dentro — ela sussurrou para si mesma.

— Cristalizada. Não tenho certeza se você está ciente do brilho que emite. Sua alma sofreu uma pressão incrível e como um diamante você agora emite um brilho sobrenatural. E o seu é... — *Fascinante? Magnético? Irresistível?* Limpei a garganta, não escolhendo nenhuma das palavras que imediatamente me vieram à mente, e continuei — Ser uma sekhor mudou você irrevogavelmente e não posso desalojar sua alma de seu corpo para acompanhá-la até a gloriosa vida após a morte.

— Mas você também não pode destruí-la?

Eu balancei minha cabeça. — Não, mas posso destruir o recipiente e sem ele a alma perece.

— Huh — ela disse, agora olhando para um canto da sala.

— O quê? — Na verdade, eu queria saber o que ela estava pensando.

— Quando eu mudei, o mestre me roubou qualquer chance dessa gloriosa vida após a morte da qual você fala. Estou decidindo como me sinto sobre isso. Não que eu tenha certeza de que teria entrado de qualquer maneira, visto que não sei quem eu era antes de tudo isso.

— Talvez seja melhor não investigar o seu passado?

Ela bufou. — Certo, porque se eu descobrisse que sou algum tipo de Madre Teresa, ficaria super chateada por ter perdido minha chance

de um paraíso cheio de biscoitos, com festas na piscina e go-go dancing.

Percebendo a expressão em meu rosto, ela olhou para mim. — Ok, sim, sabendo o que sabemos sobre mim, é improvável que eu tenha saído em viagens missionárias. Mas talvez eu fosse uma boa confeitadeira que distribuía cupcakes de graça para velhinhas ou para pessoas que estavam sem sorte?

— Então você concorda, é uma má ideia investigar o seu passado?

— O quê? Não, não é isso que estou dizendo. Mais do que nunca, preciso saber quem eu era. E então, quando eu encontrar esse bastardo que me transformou, farei com que ele pague. Porque ou ele me roubou a chance de uma vida gloriosa após a morte, ou sou uma psicopata sádica e é da minha natureza buscar vingança. Olá, meu nome é Vivien. Você roubou minha vida após a morte. Prepare-se para morrer. — Ela semicerrou os olhos para um inimigo imaginário e fez movimentos de golpe com a mão.

Eu balancei minha cabeça. — Talvez você estivesse simplesmente mentalmente perturbada. — Eu me levantei para ir, mas fiz uma pausa. — Se você insiste em investigar seu passado, acho que deveria estar ciente de uma coisa.

— Oh sim? — Ela olhou para mim, expectante. Por um momento, ela pareceu quase infantil, ansiosa para saber o que eu compartilharia, mas com medo do que aprenderia.

— Você pode ter ganhado força e sentidos vampíricos, mas não ganha outras habilidades inerentes.

Ela piscou para mim.

— Ou seja, se você fosse uma confeitadeira, você realmente se lembraria de como fazer um cupcake. Apesar de tudo o que você demorou na cozinha, você não prestou atenção às suas afinidades naturais.

— Como o quê?

Meus olhos pousaram no elevador. — Por que você sabia como procurar a chave de emergência do elevador? Por que você sabe lutar?

Ela franziu a testa. — Todos os outros vampiros que encontramos podem lutar.

Eu balancei a cabeça. — Eles podem. O mestre está escolhendo tipos específicos de pessoas para recorrer. Ele não está transformando dona de casa ou programador de computador. Ele quer um exército. — Apertei meus lábios por um momento. — Mas os soldados custam um centavo a dúzia quando você pode fabricá-los. Então, por que ele te quer tanto?

Ela encolheu os ombros. — Uma personalidade vencedora chama muita atenção das pessoas. Não que você saiba.

— Se você quer dizer me irritar além do meu limite, então sim, você está realmente ganhando.

Vivien me deu dois polegares para cima. Estávamos de volta ao ponto de partida. Ela era uma dissidente antagônica e eu era seu carcereiro. Assim que encontrássemos o mestre, essa aliança provisória terminaria e eu acabaria com ela como se ela não fosse nada. Não prestei atenção ao aperto no peito que acompanhou esse último pensamento.

— Nós sabemos que ele quer você. Vamos sair com você hoje à noite e ele certamente enviará alguém para buscá-la. Desta vez estaremos preparados. — Eu parecia estar de volta ao controle. Isso era um negócio, nada mais. — Se limpe e me encontre aqui em dez minutos.

Vivien caminhou até mim com um brilho inidentificável nos olhos ao entrar em meu espaço pessoal. Eu congelei, não confiando em mim mesmo para me mover. Meu instinto foi colocar a mão em sua cintura e atraí-la para mais perto.

Com um sorriso lascivo, Vivien enfiou um dedo na boca e lentamente o puxou de volta.

Cada pensamento que eu tinha interrompido enquanto me concentrava total e completamente nela. O deslizamento de seu dedo contra seus lábios me fez enrijecer abaixo da cintura, minha respiração ficando superficial. Uma fome profunda, antiga e animalesca se tornou conhecida dentro de mim quando abaixei minha cabeça mais perto.

Deuses, ela sabia o que estava fazendo? Quando aquela unha perfeita emergiu de seus lábios molhados, eu estava a segundos de bater minha boca na dela e mostrar a ela como era sentir a verdadeira fome e desejo. Tive a ideia de arrastá-la para o meu quarto, amarrá-la e dar uma amostra do desejo doloroso que ela evocava em mim. Eu a faria implorar e gritar para que eu satisfizesse o prazer que despertei

nela. No entanto, eu negaria sua libertação até que ela gritasse para que eu a quebrasse.

Então ela enfiou o dedo frio e molhado direto na minha orelha. Eu me afastei e peguei seu pulso, mas ela já tinha ido embora, indo para o quarto de hóspedes.

Retirei tudo. Matá-la era a única conclusão lógica.

CAPÍTULO VINTE E UM



Graças a Miranda, minha guarda pessoal Jane, dormi menos do que o normal. Depois que ela me acordou, não consegui voltar a dormir. Assim foi minha incursão na cozinha durante o dia. Entre o colar e meu instinto, eu tinha certeza de que era o tipo Betty Crocker. Fiquei chateada ao saber que eu não era a extraordinária Sra. Baker, mas Grim fez parecer que eu estava mais perto de um ninja. Eu também não odiei essa ideia.

Vivien, vampira, princesa ninja. À espreita para lutar contra o grande mestre vampiro, chutar alguns traseiros e salvar o dia.

Pensei se isso seria muito longo para caber em um cartão de visita enquanto me preparava. Coloquei uma blusa vermelha e calça de couro preta e me refresquei. Mas mesmo depois de jogar um pouco de água fria no rosto, minha cabeça ainda estava confusa por estar acordada durante o dia. Ou talvez o cansaço fosse do mestre vampiro sondando meu cérebro como um ET universitário estudando para a prova final de anatomia. Odiava como ele puxava minhas cordas como uma marionete. Eu sabia que ele estava lá e tentei impedi-lo. Mas seu aperto era tão forte que eu peguei a faca e cortei.

Quando Grim e eu saímos para o saguão de Sinopolis, me perguntei se o café ainda era algo que poderia tirar os hamsters da minha cabeça de suas bundas fofas e girar o volante novamente. Eu não perguntei a ele para onde ele estava me levando.

Mas isso não parecia certo. Como ele saberia que eu me importava se eu não o atormentasse indefinidamente? Eu estava prestes a perguntar sobre nosso destino quando parei. Grim continuou mais alguns passos antes de perceber que eu havia parado. Gelo frio pingou em meu estômago.

Fechando alguns passos atrás de mim, Grim disse em um tom áspero: — Precisamos ir.

— Algo está errado. — Engoli em seco, incapaz de transmitir melhor a estranha sensação que me mantinha cativa.

O saguão ficou embaçado, colocando certos elementos em foco. Através dos aromas avassaladores de vegetação exuberante e flores, detectei um cheiro de cobre. Era sangue, sangue familiar. Girando, movendo-me como se estivesse na água, vi as duas figuras paradas nas portas da frente enquanto todos passavam, sem perceber nada.

— Oh Deus, Miranda — eu respirei.

Eu senti Grim ao meu lado.

Brutamonte estava lá, segurando Miranda West na frente dele. Apesar da raiva e do ódio que irradiavam de seus olhos, ela permaneceu imóvel. Para qualquer outra pessoa, ele deve ter parecido um namorado afetuoso pela forma como seu corpo pressionava as costas dela. Do ponto de vista que Grim e eu tínhamos, a boca de Brutamonte pairava a poucos centímetros de seu pescoço, pronta para arrancá-lo. Mesmo que eu avançasse com velocidade sobre-humana, o sekhor teria tempo de sobra para matá-la.

O rosto quebrado do boxeador se curvou em um sorriso maligno. Ele sabia que me tinha.

Ao meu lado, o poder de Grim chicoteava como uma capa, envolvendo-me com a mesma sensação que tive na primeira vez que o conheci. Como se eu estivesse no limite de tudo e de nada. Isso me fez sentir como se o chão estivesse caindo sob meus pés enquanto uma escuridão que me consumia se aproximava de mim. Concentrei-me na carranca profunda de Miranda, fundamentando-me em seu medo.

Gritos explodiram ao nosso redor, mas não foram por causa de Brutamonte. Ele ainda não tinha feito nenhum movimento. Do outro lado de Grim, um homem tirou uma arma de debaixo de sua jaqueta de grife, um olhar selvagem contorcendo seu rosto. Era Bradley. Pelas olheiras sob seus olhos injetados e pelo cheiro de bourbon que emanava dele, o namorado da América não estava bem desde seu último encontro com Grim em Wolf Town.

— Você — o ator gaguejou. — Você é um monstro. E você não pode me levar para o inferno se eu te mandar para lá primeiro.

Fan-louco-tástico. Mauricinho enlouqueceu.

O sorriso no rosto de Brutamonte me disse que isso não fazia parte do plano, mas ele achou graça.

Grim ergueu as mãos, embora eu duvidasse que ele estivesse tão preocupado com sua própria segurança quanto com a de todos os outros. — Bradley, me escute...

Bradley, na verdade, não ouviu. A arma disparou com um estalo e mais gritos ecoaram por toda parte. Então Grim apareceu na frente dele num piscar de olhos. Sua máscara mortuária tremeluziu quando ele agarrou Bradley. Não, Bradley não... sua essência. Uma semelhança fantasmagórica com o ator brilhou e ficou mais brilhante sob o controle de Grim. Com um estalo doentio, Grim separou a alma do ator de seu corpo. O grito foi estridente e ensurdecador, mas não saiu da boca aberta de Bradley. A própria alma gritava de pura agonia, como se estivesse sendo torturada. Os olhos de Bradley eram redondos, cheios de horror, eu sabia que ele também podia ver o que Grim estava fazendo com seu espírito.

Brutamonte falou, chamando minha atenção de volta para ele. Eu ouvi suas palavras do outro lado do saguão. — O mestre queria que eu passasse outra mensagem para você.

As presas de Brutamonte afundaram no pescoço de Miranda. Seus olhos se arregalaram, revelando o branco deles. O cheiro do sangue dela encheu o ar enquanto ele perfurava sua pele. Meu estômago revirou e depois caiu.

— Não. — A palavra não saiu mais alta do que um murmúrio quando me concentrei em Brutamonte, que estava olhando diretamente para mim. Aproveitei o mesmo poder que usei para encantar o enfermeiro, conectando-me ao sekhor do outro lado do saguão. Como um cinto de segurança clicando no lugar, fixei-me em sua mente. Brutamonte parou logo antes de rasgar sua garganta.

Eu podia sentir o gosto do sangue de Miranda no ar, mas coloquei todo o meu foco no vampiro enorme. A confusão brilhou em seus olhos quando forcei sua cabeça a se afastar do pescoço dela. Ele havia planejado fazer um grande espetáculo gráfico de matá-la, bem aqui no saguão, na frente de todas essas pessoas. Certifique-se de que eu a veja morrer em um espetáculo horrível.

Aparentemente, o mestre não se contentou em mandar flores para uma menina. Ele queria me cortejar com derramamento de sangue e violência.

Algo empurrou minha mente, tentando afrouxar meu controle sobre Brutamonte. — Oh, inferno, não — eu rosnei entre os dentes. — Você a deixa em paz.

A voz do mestre invadiu minha mente. *Solte meu servo. Deixe-o extinguir seus laços falsos. Venha até mim. Pertencemos um ao outro.*

Não respondi por que a concentração necessária para segurar Brutamonte estava me esgotando fisicamente. Era como tentar montar um touro que estava fazendo tudo o que podia para me derrotar. Eu finquei meus calcanhares proverbiais e segurei firme para salvar minha vida. Se não o fizesse, Brutamonte a mataria num instante.

As mãos de Brutamonte apertaram o braço de Miranda até que ouvi um estalo audível. Ela fez uma careta e gemeu. Ainda assim, eu estava ganhando. O rosto de Brutamonte estava se afastando lento, mas firmemente de seu pescoço.

Foi isso que o mestre fez com Brutamonte e Olho Leitoso. Eles ficaram muito violentos, então ele agarrou suas mentes e os deteve. Mas ele era mais forte ou tinha mais prática do que eu.

Eu estava começando a ficar cansada. Minha concentração vacilou e meu corpo parecia estar sendo enterrado sob um peso tremendo. Se eu simplesmente deixasse de lado a mente de Brutamonte, estaria livre da tensão.

Não. Eu tinha que salvar Miranda. Ela era a única que me ajudaria a encontrar aquele cara, me ajudaria a encontrar meu passado. E você não sabe, eu era teimosa demais para deixar alguém tirar minha chance de encontrar o que era meu.

Quando forcei o aperto de Brutamonte a afrouxar com um último empurrão, Miranda não perdeu o ritmo. Ela se soltou e correu como o diabo até estar ao meu lado.

Não perdendo tempo também, Brutamonte atacou uma mulher que havia chegado muito perto. Apertei ainda mais sua mente e ele tropeçou. A mulher se esquivou de seu caminho.

O pânico tomou conta de mim. Havia muitas pessoas. Eu podia sentir a sede de sangue no ser desse vampiro odioso. A fome não o estava comando. Ele queria torturar, mutilar e machucar as pessoas ao seu redor.

Usei meu poder para virar Brutamonte. O primeiro conjunto de portas automáticas para o exterior abriu-se. Enquanto ele caminhava, ele começou a gritar maldições. O mestre recuou com força. Uma dor lancinante me pressionou enquanto eu me recusava a deixá-lo ir. Caí de joelhos, sentindo o peso de cem tijolos me pressionando. Algo

escorreu do meu nariz. Gotas vermelhas agora decoravam o piso de cerâmica.

Brutamonte parou. Mais um passo e o segundo conjunto de portas se abriria. Só restava luz do dia suficiente para fumar seu traseiro.

Deixe-o ir. A voz instruiu, choque e decepção transbordando sob a superfície.

Você primeiro, eu atirei na minha cabeça dessa vez.

Brutamonte levantou um pé e depois o colocou de volta onde começou.

Bolsas de sangue.

Eu estava cansada. O mestre estava vencendo. Eu queria dizer a Miranda para ficar longe de mim. A ferida aberta em seu pescoço, juntamente com seu coração batendo forte, me atraiu como um ímã. Isso desviou meu foco de Brutamonte.

Então o poder de Grim estava lá. Ele disparou e deu um “empurrão” em Brutamonte. As portas se abriram e Brutamonte voou para a luz do sol. Seu grito parou quando seu corpo pegou fogo instantaneamente. O tamborilar em meus ouvidos abafou os gritos das pessoas em pânico.

Eu precisava de sangue. A fome tomou conta de mim com tanta força que fiquei feliz por já estar no chão. No entanto, eu não conseguia desviar os olhos da massa flamejante de um ser.

Minha garganta secou enquanto eu observava. Se eu saísse para o sol, o mesmo aconteceria comigo. Não que eu não pudesse morrer. Sabia que poderia, mas ver isso tornou as coisas muito mais reais. Eu não queria morrer assim. Gritando no fogo.

Finalmente, o corpo de Brutamonte caiu no chão, uma massa fumegante e carbonizada.

Timothy apareceu de repente no local junto com vários funcionários do hotel, orientando as pessoas e tentando controlar a situação.

Então eu estava pendurada no ar. A princípio, pensei que o mestre tivesse conseguido mexer com meu cérebro, ou talvez a fome me deixasse tonta. Mas com uma rápida olhada para baixo, confirmei que estava a vários metros do chão.

— Você é o mestre. — Grim rosnou na minha cara. Seus olhos brilhavam dourados. Talvez tenha sido porque eu estava exausta tentando controlar Brutamonte, mas me peguei pensando que havia uma beleza elegante na expressão feroz de Grim. Eu queria tocar os músculos flexionados de seu queixo e passar a mão por seu cabelo escuro. Algumas mechas agora caíam sobre sua testa.

Era essa a parte em que ele arrancava minha cabeça? Isso seria melhor do que morrer queimada? Mais rápido, provavelmente.

Sua acusação penetrou em meu cérebro confuso. — Eu não sou o mestre.

Por cima do ombro, vi o corpo de Bradley no chão. Seu rosto era uma homenagem congelada ao horror de seus últimos momentos terríveis.

— Oh sério? — A repulsa brilhou nos olhos de Grim. — Então como você controlou a mente daquele sekhor? Somente um mestre pode fazer isso. Você está escapando durante o dia de alguma forma e transformando as pessoas, não é? Você é a responsável por tudo isso.

Eu não tinha energia para lutar contra a raiva de Grim. Miranda ficou de lado, com a mão no pescoço. Se ela tirasse a mão, permitindo que seu sangue batesse no ar, eu provavelmente me transformaria em uma massa trêmula de desejo. Eu já estava com tanto frio. Meus dentes estavam batendo. Com minhas presas para fora, eu poderia acidentalmente mastigar meu lábio.

— Senhor — interrompeu a voz de Timothy. — Talvez seja melhor levarmos esta cena para um local mais discreto.

Grim não respondeu, apenas continuou a me encarar com ódio ardente e... traição?

Doeu. Pior do que pensei que seria. A opinião de Grim sobre mim importava. Puxei sua corrente e trabalhei para aumentar sua pressão arterial, mas fiquei magoada por ele pensar que eu menti para ele. Eu não era uma mentirosa.

A voz de Timothy estalou como um chicote desta vez. — Já tenho muito trabalho para limpar essa bagunça. Se você deseja se desfazer da sekhor, peço que faça isso em outro local.

A próxima coisa que percebi foi que Grim estava me arrastando atrás dele.

— Sra. West, é melhor você vir também — ouvi Timothy dizer a ela.

Grim nos direcionou para uma parede de espelhos. Avistei meus olhos vermelho-sangue e meu rosto pálido e trêmulo. Eu realmente parecia patética.

O Mestre dos Mortos revelou uma porta secreta na parede de espelhos. Entramos em uma sala de jogos privada que estava vazia. Fumaça de charuto, uísque caro, suor, poder e medo permaneciam aqui. Fortunas foram feitas e perdidas nesta sala.

Depois de me jogar à força em uma cadeira, Grim andou na minha frente. — Você pensou que poderia me fazer de bobo? Você acha que não sei que o mestre pode controlar mentes? Bem, pense novamente. — Ele se inclinou para perto, as presas alongadas em sua boca, enquanto seus olhos brilhavam tanto quanto o sol. Olhar para eles queimou. Arrepios deslizaram por todo o meu corpo com tanta força que tive vontade de passar a mão pelos braços. Mas tive a sensação de que se fizesse algum movimento brusco, ele acabaria comigo ali mesmo.

— Eu não sei do que você está falando. Só aprendi que podia controlar a mente de alguém no centro de saúde. Foi assim que consegui entrar. Dei um golpe em Kabir que não sabia que possuía. Não usei novamente até agora para salvar Miranda.

O mestre deixou claro que me queria, mas agora estava tentando romper quaisquer outros laços que eu tivesse. A característica patente de um psicopata obsessivo. Tirar Miranda do caminho significava que era mais provável que eu fosse até ele. Ele estava disposto a fazer qualquer coisa necessária para me isolar e encurralar. Eu estremeci, meu estômago dando cambalhotas.

Grim ainda parecia prestes a me rasgar em pedacinhos. Para mostrar a ele que não estava com medo, olhei de volta. Mas eu estava com medo. Fiquei apavorada. Eu não sabia o que era essa vida, ou não-vida. Não tinha o equilíbrio e sentia uma chicotada por tentar acompanhar tudo, enquanto afastava continuamente as numerosas mãos que continuavam envolvendo minha garganta. Sem mencionar que sem sangue eu estava tão indefesa quanto um bebê e desprezava minha dependência.

Estava tudo bagunçado. Qualquer que fosse a minha vida antes, tinha que ser melhor do que isso. Dane-se o que Grim disse. Aprenderia

a cozinhar e abriria uma loja que funcionasse apenas à noite, claro. Enquanto eu estivesse forte, faria planos e viveria nos meus termos.

— Sra. West, por favor, faça a gentileza de sentar-se ali. — Timothy a conduziu para o canto oposto da sala.

Miranda se manteve firme, apesar de segurar o pescoço com uma das mãos enquanto o braço quebrado pendia em um ângulo estranho. — Não sei como, mas ela salvou minha vida, não uma, mas duas. Eu não vou o deixar machucá-la.

Ela deve ter perdido o que Grim fez com Bradley Hansen. Ou talvez fosse como os cães ceifadores, ela não o viu arrancar a alma daquele cara como eu vi. Provavelmente pareceu que Bradley desmaiou.

— Sim, mas se você continuar perto dela com suas feridas abertas, você só poderá causar mais problemas — apontou Timothy.

Não recuando da nossa partida gritante, eu expliquei para Grim. — Eu não sou o mestre. Não sei o que está acontecendo. Sim, lutei com o mestre pelo domínio sobre aquele gigante de nariz quebrado, mas se você não tivesse empurrado o garotão porta afora, talvez eu não tivesse vencido a luta. Acredite em mim, não quero mais aquele monstro dentro da minha cabeça, tentando me intimidar.

O brilho desapareceu de seus olhos, deixando-os com um tom marrom derretido. Meu olhar caiu continuamente para as presas que restavam. Elas não eram como meus incisivos afiados de vampiro. As dele eram mais grossas, mais ameaçadores. Minhas presas perfuravam, onde seus dentes iriam destroçar e rasgar como os de um animal.

Quando ele falou novamente em um tom áspero, os cabelos da minha nuca se arrepiaram. — A única maneira de você ter tal poder é porque recebeu sangue do primeiro.

Um pouco da minha arrogância foi drenada de mim. — O quê?

Ele colocou a mão nos braços da cadeira, inclinando-se tão perto que pude sentir seu hálito quente e fui imediatamente cercada por seu cheiro. Meu corpo quase avançou para encontrar seu calor. Eu queria me envolver nisso, nele.

— Você tirou sangue do Original. O primeiro sekhor. Você diz que não se lembra de quem era, e talvez eu diga que você esteve mentindo esse tempo todo. Você estava me manipulando.

— Para fazer o quê? — Eu revelei, encontrando minha luta. Eu não iria sentar aqui e ser acusada de algo que não fiz. — Como poderia uma pequena vampira manipular a Morte para fazer alguma coisa? E o que eu iria querer de você?

Eu senti mais do que vi Timothy mudar. A expressão de Grim esvaziou-se como se estivesse preocupado que eu pudesse ler algo em seu rosto. Ambos sabiam algo que eu não sabia. — Até onde eu vi, tudo que você precisa fazer é arrancar cabeças de vampiros como se fossem tampas de rosca e isso não será mais um problema. Então por que eu me daria ao trabalho de ir até você? Por que trabalharia tanto para descobrir quem eu era? Por que eu pediria ajuda a Miranda apenas para matá-la antes de conseguir a informação que precisava?

Grim se endireitou, deixando o ar frio e vazio onde ele estava. Endireitando as lapelas, seus olhos voltaram para um tom castanho âmbar. Mas ele fechou a boca, então eu não sabia se tudo nele havia voltado ao normal.

— Sim, foi o caso em que a Sra. West invadiu minha cobertura. Ainda precisamos resolver isso, não é? — Grim disse em um tom gelado.

Eu levantei-me. — Você sabia disso?

Então percebi que ele também sabia que o mestre controlava os sekhors. Quando mencionei a lobotomia repentina de Brutamonte, Grim mudou de assunto. Não porque não estivesse interessado, mas porque já sabia o quão poderoso era o mestre vampiro. Droga, como eu tinha perdido isso?

Timothy revirou os olhos com um bufo leve e delicado. — Você escapou uma vez, não achou que iríamos observar você?

Cruzei os braços. — Estou surpresa por não ter levado uma surra por isso. Você parece querer me punir por todo o resto.

A cabeça de Grim girou, outro brilho dourado acendeu em seus olhos. Deixei cair os braços. Ok, talvez não seja um bom momento para irritá-lo ainda mais. Mas eu estava com frio, fome e exausta depois de usar minha mágica de controle mental woo-woo.

— Bem, por que não vemos o que a Sra. West desenterrou, certo? — Ele disse.

Eu não sabia se era o tom dele que chegava perto de um grande perigo ou se era algo que ela via em seu rosto, mas a durona Miranda, que raramente recuava de uma luta, deu um passo para trás.

CAPÍTULO VINTE E DOIS



No início, fui contra a investigação do passado de Vivien, mas agora percebi que era inevitável. Talvez eu devesse ter investigado a história dela no momento em que decidi usá-la como isca. Descobrir por que o mestre vampiro a queria tanto.

Então por que você não fez isso, idiota? minha voz interna me repreendeu. Porque você não queria chegar mais perto desta sekhor do que o necessário? Porque você já se sente atraído por ela e não precisa mais de motivos para se relacionar com ela?

Caminhei atrás de Miranda, que se movia rapidamente, considerando o que acabara de passar. Timothy chamou um médico que nos encontraria em Camelot, o hotel vizinho, para cuidar dos ferimentos, mas não podíamos esperar mais por informações. Timothy comprou um curativo para o pescoço de Miranda e fez uma tipoia improvisada com uma camisa que comprou em uma de nossas lojas de presentes. Então meu assistente saiu, com a garantia de que se juntaria a nós em breve.

Recusei-me a soltar Vivien, segurando seu braço com força contundente, embora ela não deixasse transparecer que meu aperto a incomodava. Ela cerrou o queixo e não olhou para mim desde que saímos da sala dos grandes apostadores. Timothy providenciou um par de óculos escuros para esconder seus olhos vermelhos e ela se esforçou para acompanhá-los. A sede a estava consumindo.

Se ela pensou que poderia me fazer sentir culpado por acusá-la de ser o vampiro mestre, ela estava enganada. Eu não devia nada a ela, muito menos confiança.

Eu estava com raiva. Zangado comigo mesmo por não prestar mais atenção. Também fiquei zangado com Vivien por envolver a Sra. West neste assunto. Não ajudou o fato de Bradley ter me forçado a

tomar medidas extremas com ele. Eu o ceifei antes do tempo, um dos castigos mais dolorosos de que fui capaz. Mas ele forçou minha mão.

— Não sei por que vocês estão tão irritados — resmungou Vivien. — Fui eu quem você acusou de mentir e ser um mestre vampiro. Se você tivesse me contado sobre os poderes de controle da mente, poderíamos ter somado dois mais dois.

— E por que você não me contou como cortejou o enfermeiro com tanta habilidade quando fomos ver o Original?

Ela encolheu os ombros, seu lábio inferior se projetando em um beicinho. — Eu não estava cem por cento certa de que isso aconteceu. Parte de mim insistiu que eu tinha inventado, ele simplesmente mudou de ideia sobre não nos deixar entrar.

Não gostando da lógica que ela apresentava, mudei de tática. — Você envolveu a Sra. West nessa bagunça. Ela é humana e não deve se envolver em assuntos sobrenaturais.

Ela fez um som rude. — Miranda é ela mesma e ela própria se meteu nisso. Ela poderia ter corrido para as montanhas, mas não acho que essa seja a personalidade dela. E não, não gosto mais do que você do fato de o mestre ter como alvo ela. Se ela tivesse morrido por minha causa, ou pior... — Suas palavras foram sumindo enquanto ela mergulhava no horror imaginado disso. Então ela disse: — Eu também quero o mestre morto. Mas não quero encontrá-lo em seu território, é por isso que toda vez que seus capangas chegam, acabo fugindo. Seu poder está aumentando, e não tenho certeza se vencerei se houver outra batalha de vontades.

— Ele está transformando mais pessoas, criando uma horda. O poder deles alimenta o dele.

— Bem, vamos deixar uma coisa bem clara. Não pretendo transformar um monte de gente em vampiros para lutar contra ele. Você entendeu? Quando chegar a hora, você fará o trabalho sujo e acabará com ele.

— Acordado. — Trocamos um olhar, nossos olhos demorando muito. Seu brilho pulsava ao seu redor como um farol quente, convidando-me a avançar, mas resisti. Eu sempre resistiria.

A tensão que subia e voltava entre nós havia se esgotado. Ela pode ser um mestre vampiro, mas não sabia realmente o que era. Ela não mentiu ou me manipulou. Eu não deveria me consolar com isso, mas eu fiz.

Quando chegamos ao escritório de segurança de Camelot, Miranda usou seu cartão-chave para abrir a porta.

Um homem hispânico com bigode fino e olhos cinzentos e penetrantes girou em sua cadeira em frente à parede de câmeras de segurança. A sala era menor que meu closet. O garoto que eu tinha visto com a Sra. West antes estava sentado em um puf em um canto, brincando em um tablet. Ambos se levantaram ao ver o estado de Miranda.

Ela ergueu a mão ensanguentada, o que não ajudou em nada a angústia deles. — Javier, preciso da sala.

Ainda assim, nenhum deles se mexeu. Os olhos de Javier se moveram para cada um de nós, avaliando silenciosamente. Ele não era um segurança vagabundo. Pude vê-lo coletando as informações que cada um de nós apresentou e avaliando a ameaça que representamos.

Pena, talvez eu tenha que matá-lo. Eu não tenho tempo para ninguém ficar no meu caminho agora.

— Estes são seus amigos? — Javier perguntou, com um fio subjacente de ceticismo em sua voz. Quando ele se levantou, sua mão foi para a arma. Ele estava pronto para fazer isso se a Sra. West insinuasse que era necessário. Fiquei surpreso ao descobrir que meu hotel vizinho empregava uma equipe tão vigilante. Eu teria que elogiar o dono do hotel na próxima vez que o visse.

Miranda explicou. — Eles estão aqui por um assunto delicado de segurança e eu preciso da sala. — Quando ele ainda não suavizou sua postura, Miranda disse seu nome em tom persuasivo.

— O Sr. Landis sabe disso? — Javier perguntou, finalmente tirando a mão da arma de fogo. Ele estava se referindo ao gerente de segurança.

Havia pouco que eu não sabia sobre o negócio vizinho.

— Não — ela disse, prendendo-o com um olhar firme que transmitia que ela não tinha intenção de informar ninguém sobre nossa visita. Havia profunda confiança e camaradagem entre os dois.

Com um aceno de cabeça, Javier relaxou sua postura e passou por mim, fechando a porta atrás de si.

— Então acho que ele não recebe o suficiente para fofocar — disse Vivien.

— Fizemos duas turnês juntos em Fallujah. Consegui esse emprego para ele — explicou Miranda.

O garoto foi em direção à porta. — Não, Jamal — disse Miranda. — Preciso de você aqui, onde posso ficar de olho em você.

O garoto olhou para mim com apreensão. Tentei sorrir. Ele deu um passo para trás. As crianças geralmente podiam sentir que algo estava diferente em mim. Em seus ossos, eles sabiam que a morte estava próxima, não importa o quanto eu tentasse me misturar.

Uma batida na porta nos distraiu. Abri-a, pronto para liberar toda a minha fúria para fazer com que quem quer que fosse, corresse embora. Timothy ficou ali com uma expressão plácida, segurando uma caneca de viagem.

— Muito assustador, mestre — ele disse ironicamente.

Abri mais a porta para deixá-lo entrar. Ele passou a caneca para Vivien, que lhe lançou um sorriso esperançoso. — Jeeves, você me trouxe uma caixa de suco especial?

Timothy estremeceu. — Jeeves?

— E quanto a Alfred, então? Melhor? — Ela perguntou.

Timothy torceu o nariz.

Peguei a caneca dela. — Desculpe-se.

— Isso realmente não é necessário... — Timothy protestou, mas eu o interrompi.

— Agora — eu disse, colocando aço na palavra enquanto me dirigia a sekhor.

Vivien abriu a boca como se fosse dizer algo ainda mais antagônico, mas então pareceu pensar melhor. Voltando-se para meu assistente, ela disse em tom moderado: — Desculpe, Timmy. Obrigada por isso. — Ela acenou com a cabeça em direção à caneca de viagem que eu segurava.

— Isso foi tão difícil? — Eu perguntei, devolvendo a bebida. Ela engoliu o conteúdo enquanto conseguia me encarar através dos óculos escuros que usava.

A criança soltou uma risadinha e depois bufou.

— Fique aí com seu iPad. — Miranda orientou Jamal. Quando a criança não se mexia, ela falou com uma autoridade mais assustadora

do que qualquer tom militar; ela usou sua voz de mãe. — Mova-se, jovem.

Jamal sobressaltou-se e depois se recostou no seu lugar no puf.

— Não vou deixar meu filho sozinho em casa com tudo o que está acontecendo agora — explicou Miranda. — Aqui, ele pode se divertir comigo ou com Javier por perto.

— Mãe solteira? — Vivien perguntou entre goles.

— O pai dele morreu em combate há três anos. — Miranda entregou a linha com eficiência praticada e muito orgulho. Ainda assim, vi o lampejo de dor em seus olhos.

Eu me perguntei se eu havia julgado a alma do marido dela, ou talvez um dos meus ceifadores o tivesse escolhido. Jamal estava olhando para mim novamente, como se sentisse meus pensamentos.

— Não se preocupe, garoto — disse Vivien, captando o olhar dele também e me cutucando nas costelas com o cotovelo. — Ele não morde. E eu também não. — Ela baixou os óculos escuros para piscar para ele. Um sorriso apareceu nos cantos dos lábios do garoto em resposta.

Miranda sentou-se diante do computador e digitou. Vivien não perdeu tempo e sentou-se no assento vazio ao lado dela, colocando os óculos escuros no balcão. Seus olhos haviam retornado ao tom verde-mar normal.

— Acho que encontrei o seu cara — disse Miranda. — Vou levar apenas um segundo para exibir a filmagem.

Enquanto esperávamos, Vivien girou na cadeira. A cada rotação, soltava um guincho estridente, mas isso não a impedia de fazê-lo. O arranhão enferrujado me deixou nervoso.

— Você vai parar com isso? — Eu disse na quarta rodada.

— O que você vai fazer se eu não fizer isso? — Ela disse, me olhando nos olhos, quebrando o contato visual apenas o tempo suficiente para completar outra rotação completa.

Várias ideias vieram à mente. Nem todas eram familiares.

— Lá vamos nós — disse Miranda, abrindo o vídeo meu arrastando Vivien de volta para Sinopolis. Mais uma vez, o homem parou com reconhecimento óbvio antes de sair correndo.

Vivien largou a caneca de viagem depois de terminá-la. A cor havia retornado às suas bochechas e seus olhos brilharam de interesse quando ela se inclinou para frente, com a boca entreaberta.

Miranda ampliou um pouco mais o rosto do cara. Mais perto e suas feições ficariam muito pixelizadas, mas foi o suficiente. Nariz rombudo, olhos pequenos e cabelo castanho claro. Ele usava bermuda e camisa havaiana.

Vivien sussurrou algo.

Miranda me poupou o trabalho de perguntar. — O que é que foi isso?

— Skip — disse Vivien, desta vez mais alto. — O nome dele é Skip.

— Como você o conhece? — Eu perguntei, colocando as mãos nos bolsos. — Um ex-amante, talvez? Isso explicaria por que ele fugiu para as colinas.

Vivien me lançou um olhar, enquanto as sobrancelhas de Miranda se ergueram, um sorriso brincando no canto da boca.

— Não — protestou Vivien. — Ou, eu não sei. Acho que não, mas não sei de onde o conheço. Só sei que o nome dele é Skip.

Aproximei-me de Vivien, coloquei as mãos nas costas da cadeira e me inclinei para ver melhor. Embora o pessoal aqui fosse excelente, eles poderiam usar monitores maiores.

Concentrando-me no homem na tela, considerei sua ligação com Vivien. Eu não estava brincando quando sugeri que ele era um ex-amante, mas também aprendi a não presumir nada sobre ninguém. Havia um milhão de motivos pelo qual ele poderia tê-la reconhecido e fugido. Ele não era um vampiro, disso eu tinha certeza. Ele não tinha o brilho etéreo que os sekhors emitiam.

Enquanto ponderava as implicações, percebi que Vivien havia parado. Quando virei à cabeça, ela fez o mesmo até que estávamos olhando nos olhos um do outro. Minha respiração parou. A tensão encheu o ar entre nós, praticamente me sufocando. Aqueles complexos olhos verdes desceram para meus lábios enquanto ela engolia.

Os lábios de Vivien estavam a poucos centímetros de distância novamente e a atração magnética entre nós era tão forte que tive que agarrar sua cadeira com mais força para evitar diminuir a distância entre nós. Ao fazer isso, meus dedos roçaram suas costas expostas. Sua

pele era suave como a seda, o aroma de couro e baunilha envolveu meus sentidos novamente.

Visões de girar sua cadeira e bater minha boca contra seus lábios enviaram uma onda de calor pelo meu corpo. Eu não só queria prová-la, queria sugar e beliscar a coluna de sua garganta, até o topo de seus seios. Então eu passava a língua em seus mamilos através da camisa até que eles endurecessem em picos através do tecido. Eu lavaria sua pele e partes mais sensíveis com minha língua curiosa e exploradora até que ela implorasse por liberação debaixo de mim.

As pupilas de Vivien expandiram, quase me engolindo inteiro.

Miranda rompeu minha fantasia intensa, impedindo-me de agir de acordo com qualquer um dos meus pensamentos insanos. — Usei as câmeras para segui-lo de volta ao quarto — disse ela. — Décimo andar, quarto 1009. Skip, aqui, fez as malas com pressa e saiu correndo em menos de dez minutos. Ele pagou o quarto em dinheiro e reservou-o com o nome de Raoul Duke.

— Nome falso. — Vivien anunciou em voz alta.

— Se meu nome fosse Skip, eu também usaria um nome falso — disse Miranda, ainda estudando a tela.

Vivien fechou os olhos em concentração. — Eu conheço esse nome, Raoul Duke. — Ela estalou os dedos com um sorriso triunfante. — Espere, eu sei. Esse é o nome do personagem de Johnny Depp no filme *Medo e Delírio em Las Vegas*.

— Mesmo assim você não se lembra do seu nome — apontei.

Sua vitória brilhante escureceu em uma carranca.

Miranda continuou. — Eu peguei a limpeza do quarto a tempo e os impedi de entrar até que eu vim buscar você.

Fiquei atrás da cadeira de Vivien para não alarmar ninguém com a ereção dura que agora ostentava. Tentei me concentrar nas palavras de Miranda, mas tudo que consegui pensar foi que se fosse qualquer outra situação, eu facilmente seduziria qualquer mulher que prendesse minha atenção e cuidaria do meu *problema*. Tratava das minhas necessidades com a mesma eficiência com que escovava os dentes. Mas com Miranda e Jamal na sala, eu precisava me concentrar inteiramente nos negócios e negligenciar minhas necessidades repentinas e urgentes.

Jogando os ombros para trás, lembrei-me de como conseguia fazer isso todos os dias. Deixei de lado meus próprios desejos para cumprir meus deveres, essa era a única maneira que poderia ser. Qwynn me ensinou os perigos de escolher o prazer ao invés do dever. E Vivien representava o mesmo perigo que minha ex-mulher representava. Eu poderia me afogar nela, esquecendo todo o resto.

— Devíamos dar uma olhada no quarto — disse Vivien, pressionando as mãos sobre a mesa e ficando de pé com uma repentina energia nervosa. Recuei para que as rodas da cadeira não arranhassem meus sapatos. Ela provavelmente estava revigorada pela caneca de sangue que drenou.

Quando encontrei o olhar de Timothy, ele estava me observando com uma expressão estranha. Ele sentiu minha crescente atração pela sekhors?

Era provável. Por um momento, me perguntei se meu assistente contaria aos outros, ou pior... não, não conseguia pensar nele descobrindo nada disso.

Timothy voltou seu olhar para o monitor, eu fiz o mesmo, tentando ignorar a agitação em meu estômago.

Levantando-se também, Miranda disse: — Eu também vou.

— Senhora — interrompeu Timothy — O médico virá cuidar de seu braço. Acho que você deveria esperar aqui e deixá-los continuar sem você.

A boca de Miranda se estreitou. — Você me curou bem o suficiente por enquanto. Se você acha que vou perder a chance de descobrir o que diabos está acontecendo por aqui, você está completamente errado.

Meu assistente e eu trocamos um olhar. Era óbvio que não mudaria de ideia.

Com um suspiro, eu me submeti. — Traga o menino também. Não o quero sozinho depois que os sekhors atacaram a Senhora.

Seguimos até a porta. Atrás de mim, Miranda perguntou a Vivien: — Sekhors?

— Outro nome para vampiros — esclareceu Vivien.

Timothy estava ao meu lado enquanto Jamal seguia atrás de sua mãe, com fones de ouvido nos ouvidos.

— Parece meio... obsceno. — Miranda disse baixinho.

Vivien se animou. — Isso foi o que eu pensei. — Então, silenciando a voz, caso Jamal pudesse ouvir, ela disse: — Achei que ele estava me chamando de puta horrível quando disse isso pela primeira vez.

Um bufo veio do meu lado. Lancei um olhar sombrio para Timothy. Ele fez sons como se estivesse limpando a garganta.



Os lençóis estavam amarrotados, meio puxados da cama do hotel. E o quarto cheirava a bebida barata, homem sujo e cheiro de maconha. Ao contrário das suítes de Sinopolis, o quarto em Camelot era tão genérico quanto qualquer outro hotel três estrelas. Lençóis baratos, televisão de tamanho decente, mas o quarto tinha uma vista excelente da Strip. Atravessei o quarto para fechar as cortinas para que Vivien pudesse entrar sem pegar fogo.

Vivien não perdeu tempo e foi trabalhar verificando o quarto. Seus movimentos eram praticados e metódicos enquanto ela puxava os lençóis e verificava todas as gavetas. Ela atravessou o quarto com concentração obstinada. Não creio que ela percebesse que parecia ter caído em algum tipo de rotina.

— O que você está procurando? — Jamal perguntou. Miranda lavou o sangue da mão e seus dedos se curvaram ao redor do ombro dele para mantê-lo por perto. Timothy ficou do lado de fora enquanto todos nós enchíamos o quarto. Nós o chamaríamos se precisássemos dele.

— Qualquer coisa que possa me dizer onde ele estava antes ou para onde poderia ir — disse Vivien distraidamente. Ela não percebeu que estava fazendo isso de novo. Voltando a algum hábito inconsciente, como fazia quando lutava contra vampiros. Estava ligado ao passado dela, e senti que estávamos perto de puxar o fio certo para que tudo se desenrolasse diante dos nossos olhos.

— Posso ajudar? — Jamal perguntou a Vivien, antes de olhar para sua mãe.

Vivien fez uma pausa e abriu as gavetas. — Claro, garoto, vá dar uma olhada no banheiro e anote quaisquer itens pessoais que ele possa ter deixado para trás, depois volte e me diga o que você vê. — Quando ele estava prestes a desaparecer, ela o deteve. — Certifique-se de levantar a tampa reservatório do vaso sanitário e me avise se houver alguma coisa no reservatório.

Assim que Vivien fechou o armário, sem deixar nenhum objeto pessoal para trás, Jamal saiu do banheiro com um relatório. — Sem itens pessoais. Ele até levou os sabonetes do hotel. Levantei a tampa como você disse e não havia nada além de alguns pedaços de fita adesiva presos dentro.

Vivien sorriu e deu um tapinha nas costas de Jamal. — Bom, garoto. — Ela desapareceu no banheiro. Eu a segui, Jamal em meus calcanhares.

Miranda relaxou enquanto seu filho de dez anos lhe lançava um sorriso gigante e bobo de orgulho.

Cruzei os braços, esperando que Vivien revelasse a fonte de sua excitação.

A cerâmica arranhou-se enquanto Vivien puxava a tampa do reservatório e colocava a tampa na bancada do banheiro. Toalhas amassadas espalhavam-se pelo chão e pelo balcão. — Bem, pelo menos podemos adivinhar por que ele fugiu — disse Vivien, apontando para a fita adesiva.

— O que isso significa? — Jamal perguntou. Na verdade, eu também estava curioso para saber sua excitação.

Havia um brilho intenso de vitória em seus olhos. — Alguns caras adoram o serviço de quarto, mas escondem seus objetos de valor no reservatório do banheiro.

— Por que não usar o cofre do quarto? — Eu perguntei, apontando para o armário. Os cofres eram padrão nos quartos deste hotel.

— A gerência do hotel ainda pode abrir os cofres — disse Vivien — Mas ele queria que o que quer que esteja embalando passasse completamente despercebido. E estivesse em um local seguro onde ninguém o encontrasse.

— Você acha que ele estava transportando drogas — disse Miranda.

Vivien fez uma arma com o dedo e apontou para Miranda. — Exatamente. — Então, virando-se para mim, ela disse: — Você acha que sou algum tipo de policial? Talvez seja por isso que Skip fugiu? Eu poderia ser uma grande detetive da polícia. Talvez eu esteja envolvida com narcóticos.

— Sim — eu disse. — Porque você é excelente em situações em que precisa seguir regras e ceder à autoridade. — Apesar de suas habilidades investigativas, duvidei que ela fosse um oficial da lei.

Vivien franziu a testa. — Ei, eu poderia ser. Eu sou mais como uma policial do tipo Mel Gibson. Provavelmente tenho algum passado trágico que me deixa louca, mas também muito inteligente. — Ela estalou os dedos. — Aposto que até torturo algum pobre coitado que fica tentando encolher minha cabeça, mas em vez disso brinco com a dele.

Jamal se iluminou. — E seu capitão está sempre chateado por você ter destruído um monte de carros tentando pegar seu homem.

— Sim, sim. — Vivien assentiu com vigor. — Mas sou boa demais para demitir, então eles têm que me manter a bordo.

Ambos agora estavam incentivando um ao outro com suas teorias fúteis.

— Talvez você tenha um parceiro que ajude a cobrir você também. Policiais canhões soltos sempre têm algum parceiro puritano que os ajuda a cobrir seu traseiro.

— Tempo esgotado. — Miranda segurou as mãos, embora ao lado do corpo, para acomodar a tipoia. — Acho que a única coisa que podemos confirmar aqui é que você e meu filho adoram filmes de ação. E isso ainda não nos ajuda a encontrar Skip.

— Você está certa — disse Vivien, franzindo a testa novamente. Ela passou por nós e foi direto para o lixo que estava na cômoda. Retirando papéis, ela os alisou sobre a mesa. Uma ruga de concentração se formou entre suas sobrancelhas. — Você disse que ele ficou aqui por quanto tempo? — Vivien perguntou a Miranda.

— Sete dias. Ele estava reservado por treze dias, mas fugiu para as colinas quando avistou você.

— Esse cara tem uma queda pelo Luigi Pizza Palace — disse ela. — O endereço fica um pouco longe da Strip, ele tem três recibos

aqui e sempre pede a mesma coisa. O cara tem um hábito e é assim que vamos encontrá-lo.

Jamal olhou para Vivien com os olhos arregalados e maravilhado.
— Fantástico. Você vai pegar esse cara usando pizza?

— Sim — ela disse. — E da próxima vez que ele pedir uma pizza, vamos forçá-lo a dar algumas respostas.

— Incrível — o garoto respirou.

Compartilhei um olhar com Miranda. Sem dizer uma palavra, concordamos que a descoberta dela era viável e que estávamos na presença não de uma criança, mas de duas.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS



Grim e eu voltamos para a cobertura, onde ele ligou para o Pizza Palace. Embora eles tivessem um endereço anexado ao seu número de telefone, Skip fez pedidos em vários locais. Grim usou suas habilidades de persuasão para convencê-los a notificá-lo quando Skip fizesse seu pedido regular. A armadilha estava armada, agora só nos restava esperar.

Fiquei feliz que Grim aceitou meu plano de seguir as migalhas do meu passado. Mas o que diabos aconteceu na minha vida anterior que deixou um mestre vampiro obcecado por mim? Eu roubei o carro dele? Recuse-o para um encontro?

Pelo menos eu sabia que as respostas viriam e que nos levariam ao mestre. Então agora poderíamos descontrair e relaxar até Skip pedir uma pizza.

— Quer se pendurar um pouco no gancho isca? — Grim perguntou enquanto desligava.

Tanta coisa para relaxar. Embora eu não tenha ficado muito chocada. Grim realmente não era o tipo de cara que senta e espera.

— Você está perguntando à isca como é? Isso não parece ser você — eu disse, colocando as costas da minha mão em sua testa como se estivesse verificando sua temperatura. Agarrando minha mão, Grim segurou-a contra o peito em vez de soltá-la.

Mais uma vez, fui pega sob seu domínio especial, como na sala de segurança. A necessidade de agarrá-lo pelo pescoço e puxá-lo para baixo para um beijo profundo e quente até que nós dois perdêssemos a cabeça era avassaladora. O calor desceu pelo meu estômago e inundou minha região baixa quando caí de cabeça naqueles olhos cor de bourbon. Eu o queria. Duro.

No momento em que ele passou do modo de culpar para o modo de “fazer algo a respeito”, a tensão entre nós se dissipou. No entanto, a atração parecia estar crescendo exponencialmente.

Mas eu precisava mais da minha liberdade. Eu recuei. Ele soltou minha mão. Eu queria que ele me agarrasse novamente. Queria arrancar sua camisa preta da calça e passar os dedos por seu abdômen para ver se eles estavam tão esculpidos quanto eu imaginava.

— Claro — eu disse, conseguindo não soar tão ofegante e incomodada quanto me sentia. — O que você tinha em mente?

Os olhos de Grim percorreram meu corpo de cima a baixo com um calor que me pegou de surpresa. De repente, eu não tinha tanta certeza do que ele queria dizer com “se pendurar no gancho isca”.



— Você não acha que esse biquíni é um pouco exagerado? — Eu perguntei, parada ao lado da piscina infinita. O ar da noite estava fresco, mas eu tinha bebido até voltar a ter uma temperatura corporal confortável novamente.

Com as mãos nos quadris, torci à pélvis para que minha calcinha cravejada de strass captasse as luzes externas. Pontos refletidos percorreram o rosto de Grim enquanto eu fazia isso. O top era igualmente ostentoso. O biquíni vermelho-sangue tinha tantos cristais brilhantes que parecia pertencer a uma caixa trancada ao lado de algumas tiaras reais. Um colar combinando com joias incrustadas circulava em meu pescoço, em vez do couro amarrado que eu usava para cobrir as cicatrizes.

Valsando pelas piscinas e cabanas particulares de Sinopolis, eu estava fazendo minha parte, pendurada no gancho, esperando que algum outro sekhors batesse à sua porta.

Vamos, mestre idiota. Saia, saia, onde quer que esteja.

Era apenas meia-noite e lá embaixo a piscina comum de Sinopolis estava agitada. Houve uma festa com algum DJ famoso. Aqui em cima, dava para ouvir a batida rítmica da base e o rugido da multidão quando a batida diminuía. Os sons passaram pela minha pele

exposta. Eu podia sentir o gosto da vida e da emoção no ar, vindo de baixo.

Grim me garantiu que a piscina privada era uma localização melhor. Se os sekhors tivessem entrado no clube Wolf Town, não haveria dificuldade em invadir as piscinas privadas de Sinopolis. Havia poucas pessoas rondando a piscina privada, principalmente aqui para usar as gigantescas banheiras de hidromassagem.

Posicionado em uma espreguiçadeira, Grim não se recostou. Ele sentou-se com uma perna de cada lado da cadeira, observando, esperando.

Enquanto eu brincava de biquíni na calada da noite, Sua Majestade se dignou a tirar a jaqueta e desabotoar dois botões da camisa preta para revelar uma quantidade atraente de pelos escuros no peito. Eu queria enfiar minha mão ali e passar meus dedos por ele e explorar o músculo duro que aparecia. Agarrei meus quadris com mais força para não fazer tal coisa.

Grim me examinou com o que eu só poderia imaginar ser uma indiferença calculada. — Queremos que você seja notada para que o mestre mire em você, este traje é... — ele fez uma pausa. — Satisfatório.

Satisfatório? Ele poderia muito bem ter dito a palavra P. Se ele tivesse dito que eu parecia bem, eu teria dado um soco nele na hora. Até eu sabia que parecia uma deusa do sexo brilhante. Meu cabelo ruivo estava preso em um coque bagunçado, mechas caindo em volta dos meus ombros. O biquíni compensava perfeitamente a inclinação e o tom do meu longo torso enquanto acentuava o volume dos meus seios. Até a parte de baixo era perfeita para me fazer parecer bootylicious⁶. No entanto, Eu me limitei aos saltos altos. Isso era óbvio demais.

Eu já tinha vestido o macacão BDSM para zombar com Grim antes, mas desta vez o traje me foi apresentado em uma caixa dobrada em papel de seda. Eu não tinha certeza se o presente era porque Timothy e Grim agora acreditavam que era do meu gosto, ou porque minha última fantasia havia atraído os vilões de forma tão eficaz. De qualquer forma, eu não estava tão confortável com essa roupa. Mas eu seria amaldiçoada se deixasse Grim perceber qualquer indício desse desconforto.

⁶ Termo usado para uma mulher sexualmente atraente.

Sorrindo interiormente, eu queria ver se conseguia quebrar seu comportamento frio. Vendo uma moeda, me virei e me abaixei para pegá-la, dando a ele um show incrível. Timothy gentilmente providenciou uma depilação rápida em casa quando vi esse biquíni, então eu sabia que sua visão era impecável.

Quando me virei, estendi a moeda para ele. — Você quer isso? — Perguntei, piscando inocentemente enquanto colocava ênfase nas minhas duas últimas palavras, implicando mais do que a moeda.

— Não, obrigado — disse ele, pronunciando as palavras com fria indiferença. Apesar de seu tom e queixo duro, seus olhos brilhavam dourados e suas narinas dilatadas.

Entendi.

Joguei a moeda no ar. Ela fez um arco perfeito no ar até Grim. Ele estendeu a mão com reflexos extremamente rápidos e pegou-a entre o polegar e o dedo médio. Então ele embolsou a moeda com fluidez, seu olhar aquecido ainda colado em mim. Aborrecimento brilhou naqueles olhos âmbar derretidos.

Eu fui uma grande vagabunda na minha vida passada?

Pensei nisso por um momento, mas depois descartei o pensamento. Eu não estava deixando meu cha-cha me guiar indiscriminadamente. Mais do que tudo, meu objetivo era irritar Grim. Isso implicava que eu era uma merdinha antagônica, como Timothy já havia apontado.

Mesmo se eu estivesse tentando seduzir Grim, quem diabos poderia me culpar?

O ar esfriou notavelmente quando ele quebrou o contato visual, pegou seu celular, subitamente absorto. Com os dedos voando como se ele estivesse orquestrando os movimentos dos exércitos, fiquei ressentida com sua súbita indiferença.

Talvez ele estivesse me ignorando para jogar Candy Crush, simplesmente tentando passar o tempo enquanto eu balançava a bunda aqui. Quem eu estava enganando? Grim provavelmente nem tinha ouvido falar do aplicativo. Isso seria muito próximo da diversão, algo que ele não faz. Todo o trabalho e nenhuma diversão faziam de Grim um garoto chato.

Voltando pela piscina em direção ao hotel, fiquei tentada a começar a cantar músicas da Disney. Certamente minha rotina inocente, sacanagem e de donzela em perigo atrairia meu perseguidor.

Um homem que estava alternando entre a banheira de hidromassagem e a espreguiçadeira na última hora em que estive aqui chamou minha atenção pela terceira vez.

Ele era bonito, tinha vinte e poucos anos. Musculoso e ágil, sugerindo que ele passava muito tempo na academia, a julgar pelo peito nu, ele se depilava suavemente. Ele tinha olhos azuis claros e me dava um meio sorriso toda vez que eu passava, sem se preocupar em esconder que estava me observando. Eu não tinha certeza se era porque eu tinha sentidos vampíricos ou se era observador, mas eu poderia olhar para algumas pessoas e classificá-las como Riquinhas. Havia algo na pele delas que era um pouco mais fresco, os dentes um pouco mais brancos.

Quando seus olhos encontraram os meus, seu sorriso se espalhou, revelando dentes perfeitos. *Uh, oh.* Ele pegou duas bebidas na mesa ao lado dele e se aproximou. Ele cheirava a cremes faciais caros e flocos de milho.

— O garçom trouxe dois mojitos — disse o homem, lançando-me outro sorriso deslumbrante. Foi sublinhado com humildade suficiente para não parecer arrogante. — Suponho que você iria querer o segundo?

Suave. Mas a ideia de tomar uma bebida de um estranho me deixou tão nervosa que quase tive vontade de afastá-lo de mim.

— Acabei de tomar uma bebida, então não estou com sede — eu disse, não mentindo tecnicamente. Seu sangue acenava, mas eu tive mais do que suficiente para resistir.

Com uma risada tímida, ele olhou para as bebidas. — Sim, suponho que essa foi uma cantada bem idiota.

— Isso geralmente funciona? — Eu perguntei, honestamente curiosa.

Ele colocou os mojitos de volta na mesa ao lado de sua cadeira. Com um encolher de ombros, ele passou os dedos pelos cabelos loiros escuros. — Às vezes.

Havia algo tão limpo e organizado nesse cara. Aposto que ele pagava os impostos em dia, nunca usava o utensílio errado e era

excelente em fazer as pessoas se sentirem à vontade. Provavelmente explicava o trabalho bem remunerado que lhe dava acesso à piscina privada de Sinopolis. Curiosamente, o despachei.

Você não está com medo de que ele possa matá-la a qualquer momento.

Ótimo, eu estava comparando esse cara agradável e carregado com o carrancudo e sério mestre da morte do outro lado da piscina.

— Acho que pensei, ou melhor, esperava que você continuasse passando na esperança de que eu dissesse olá — disse ele.

— Oh, eu estava...

Dedos quentes acariciaram minha pele nua enquanto uma mão deslizou pela minha cintura. — Digamos, em outro compromisso. — Grim terminou para mim. Eu me virei para olhar para ele. Seu olhar era plano, perigoso.

O boneco Ken tentou manter a compostura, mas uma gagueira incômoda se infiltrou em suas palavras. — Sr. Scarapelli, me desculpe. Eu não queria incomodar a sua... — Seus olhos se voltaram para mim por um momento, mas ele não terminou a frase. — Costumo ficar em Sinopolis a negócios. Faço até parte da sua associação de convidados VIP. Seu hotel é incomparável em conforto.

Não culpei o cara por seu nervosismo. Eu quase pulei quando Grim apareceu ao meu lado. Do jeito que estava, eu queria me contorcer sob seu leve toque. Meu sangue correu mais quente do que um momento antes e de repente fiquei tonta.

Não se incline ao seu toque. Não se incline, repito, ao seu toque.

Será que o bastardo achou que eu cairia simplesmente porque ele prestou atenção em mim? Ele parecia não se importar com nada nem ninguém, e era por isso que ele era capaz de reivindicar o que quisesse quando colocasse toda a sua força nisso. E eu não sabia que ele estava me marcando como fora dos limites do boneco Ken.

No momento, fiquei grata por o sutiã do meu biquíni estar tão coberto de joias porque meus mamilos estavam tensos de dor ao serem tocados. Apesar das gananciosas terminações nervosas do meu quadril insistirem para que eu empurrasse mais em sua palma, de alguma forma consegui manter o controle de mim mesma.

Grim libertou o homem de sua bajulação com um leve aceno de cabeça. — Fico feliz em saber que você gosta da nossa hospitalidade.

Esta rodada é por minha conta. — Seus olhos tocaram as duas bebidas. Então Grim começou a me levar de volta para onde ele estava sentado. Tentei enviar ao Boneco Ken um último sorriso amigável, mas ele parecia estar mentalmente revendo sua falta de calma na frente do dono do hotel.

Grim não tirou a mão do meu quadril, mas foi à carícia leve de um cavalheiro. Sempre no controle, esse cara.

Lambendo meus lábios e tentando focar em qualquer lugar que não fosse o toque de Grim, esperei até que estivéssemos fora do alcance da voz para fazer minha pergunta. — Você pode dizer que tipo de alma as pessoas têm antes de colhê-las?

— Geralmente — disse ele. — Embora as almas estejam em constante fluxo. No momento em que as encontro, muitas vezes sei onde elas seriam classificadas, mas elas podem se transformar em algo bem diferente dentro de alguns dias.

— Que tal esse fofinho aí atrás? — Eu perguntei, querendo saber se ele era tão legal quanto parecia.

Grim fez uma careta e então me soltou, colocando distância entre nós. Ele ficou incomodado com minha intromissão em suas habilidades de colheita? Ou o apelido que dei àquele idiota? De qualquer forma, fiquei grata por ele ter me deixado ir. Meu cérebro estava à beira de derreter minhas orelhas tentando resistir a pular nele.

Grim enfiou as mãos de volta nos bolsos, daquele jeito casual que os modelos fazem para exibir suas calças de grife. — Ele teria acesso à vida após a morte. Ele é um homem bom, brando e inofensivo. Talvez um pouco egoísta por ter sido criado por pais ricos e um pouco ingênuo nas relações de seus parceiros de negócios.

De repente, impaciente para sair daqui e sair dessa roupa exposta, esfreguei um braço. — Já se passou mais de uma hora. Você não acha que o mestre ou um de seus capangas já teria aparecido?

— Paciência. — Grim olhou para fora do patamar e para o grupo abaixo. As massas se contorciam no show de luzes e da música eletrônica. Foi a mesma postura que ele adotou em Wolf Town. Como se ele estivesse inspecionando seu reino de alguma torre distante, com grande carga e responsabilidade. Fiquei impressionada com a necessidade de aliviar o peso invisível que quase podia ver pressionando-o. Quem poderia imaginar que a Morte poderia parecer tão... humana.

— Você já esteve lá? — Eu perguntei, ficando ao lado dele.

— Ocasionalmente, irei e farei uma breve aparição em alguns dos eventos maiores — disse ele.

Eu o cutuquei com meu ombro. — Isso não foi o que eu quis dizer. Você esteve lá, dançando, bebendo, se soltando?

Um sorriso apareceu em um lado de seus lábios. — Misturar-se entre as massas?

Revirei os olhos e dei-lhe um empurrão de verdade dessa vez. — Quero dizer, divirta-se. Divertido, Grim. Você sabe o que é isso?

Virando-se para olhar para mim, seus olhos escureceram com arrependimento ou desgosto. — Tive vidas inteiras de experiências com prazer.

Eu entendi a que ele estava se referindo. — Não estou falando sobre o que você teve com Qwynn. — A maneira como ele descreveu aqueles tempos parecia uma viagem de hard metal com orgias e drogas ininterruptas. — Diversão não é apenas uma questão de vício. Talvez se você relaxar um pouco aqui e ali, não seria uma toca de coelho tão profunda quando você finalmente cedesse.

Com base na posição de sua boca, ele não concordou. E ele certamente não pareceu gostar da minha intromissão para dar minha opinião sobre como ele viveu sua vida eterna.

Olhando para trás, para a piscina, eu disse: — Quando foi a última vez que você foi nadar? — Caminhei até a beira da piscina brilhante e iluminada. O cheiro de cloro e vodca cara picou meu nariz quando chegamos aqui. Mas com tantas flores tropicais plantadas ao redor do terreno, elas suavizaram a intensidade dos odores iniciais.

Grim me seguiu até a borda. — Costumo nadar. Principalmente depois de um longo dia de trabalho. Acho isso revigorante.

Eu suguei minhas bochechas logo antes de esticar o braço, empurrando Grim para fora da borda e para dentro da piscina. Ele mal tirou as mãos dos bolsos antes de cair na água com um barulho tremendo. Não fui rápida o suficiente para levantar os braços e não ficar meio encharcada.

A cabeça de Grim emergiu, crepitando de choque. Antes que ele pudesse sair com uma explosão de poder assassino, eu pulei. Agarrando minhas pernas, gritei: — Bala de canhão. — Bati na água, uma explosão na atmosfera tranquila da piscina privada.

Submersa na água, a alegria e a paz me cercaram. Deixei-me afundar lentamente, aproveitando a sensação. Talvez a existência imortal não fosse tão ruim se você pudesse unir sua vida com mais momentos como este.

Finalmente, chutei as pernas e nadei até a superfície. Emergindo no ar da noite, empurrei meu cabelo agora solto e molhado para trás. O cabelo preto imaculadamente desgrenhado de Grim pingava em seus olhos carrancudos. Seu lábio inferior brilhava em um beicinho que era ao mesmo tempo ameaçador e adorável.

— Ei — eu disse, permitindo que o sorriso florescesse em meu rosto. — Acabei de aprender que sei nadar. — Eu levantei o punho no ar enquanto continuava a pisar na água. — Incrível. — Então, antes que ele pudesse me chatear, nadei e passei meus braços em volta de seu pescoço.

A carranca que Grim ostentava deu lugar à surpresa, quando coloquei meu rosto a centímetros do dele. Apesar da confusão que eu tinha causado, os outros convidados estavam fazendo um trabalho fantástico cuidando da própria vida.

— Aposto que sei algo que você nunca fez antes em toda a sua existência — murmurei, lambendo os lábios.

Meu movimento capturou seu olhar cheio de luxúria. — Nunca aposte com a Morte — ele rugiu. — Especialmente quando ele é dono de um cassino.

Lutando contra o sorriso, eu disse: — O que devemos apostar?

Suas mãos finalmente pousaram em minhas costelas nuas. Seu toque era irritantemente leve novamente. A necessidade bateu no meu centro. Queria que ele pressionasse as mãos contra mim, deslizasse-as sobre meus seios e depois abaixasse.

— O habitual envolveria sua alma, mas... — Ele parou.

— Certo, vampira — eu disse, com compreensão. — Bem, que tal eu receber meus ganhos mais tarde, então?

Então, antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa, cedi ao impulso e o beijei. Nossos lábios já estavam molhados da piscina e deslizaram um contra o outro com um calor sensual. Suspirei contra sua boca enquanto ele persuadia a minha a abrir. Quando nossas línguas se encontraram, fogos de artifício explodiram dentro de mim.

Todo pensamento racional desapareceu quando me afoguei no gosto dele.

Eu tinha razão. Poderia morrer assim. Nem ficaria brava com isso.

Grim beijou profundamente, completamente, despertando cada terminação nervosa do meu ser. A pressão de seus lábios prometia sexo que esfolaria a pele do meu corpo. Havia uma fome crua e desesperada em seu beijo, fazendo-me pensar quando foi à última vez que ele fez isso.

Minhas pernas encontraram seu caminho em volta de sua cintura por vontade própria. Suas mãos caíram na minha bunda, alinhando meu sexo com sua ereção. Um gemido torturado escapou da minha garganta enquanto a fricção subaquática alimentava a incrível necessidade dentro de mim.

Mais. Tudo em mim gritava por mais.

Quando me afastei, seu cabelo escuro caiu sobre seus olhos em uma bagunça sexy. Perigo e poder mal contido emanavam de seu corpo poderoso. Dourado rolou sobre suas íris. Isso me assustou e excitou. Eu vi a máscara mortuária de Grim, eu o vi se transformar em uma fera e o vi arrancar a alma de alguém com uma violência que eu nunca soube que existia.

Eu não tinha certeza se havia um monstro neste homem ou um homenzinho no monstro.

De qualquer forma, meus demônios queriam dançar com ele.

— Parece que serei eu quem receberá todos os ganhos aqui — disse Grim. Havia uma vantagem, ou talvez uma promessa, em suas palavras.

Eu fiz o meu melhor para controlar minha necessidade furiosa. — Oh, não era *disso* que eu estava falando.

Ele levantou uma sobrancelha em questão.

Então, com um sorriso tímido, passei o polegar sobre seu lábio inferior carnudo e disse: — Está com você. — Então, levantando minhas pernas, plantei meus pés em seu peito debaixo d'água e me lancei para longe dele.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO



Vivien se afastou de mim enquanto ria loucamente. Ela realmente acabou de me envolver em um jogo de pega-pega?

Fiquei me perguntando o que ela diria se eu lhe contasse que joguei jogos aquáticos com o próprio Marco Polo. Ela provavelmente jogaria a cabeça para trás e riria, sem se importar com o volume ou com quem ouvisse.

De repente, minha única missão passou a ser ver se conseguia fazê-la rir com abandono. Deslizando para o nado peito, procurei diminuir a distância entre nós. Embora ela soubesse nadar, ela não era particularmente elegante ou rápida, espirrando água pesadamente em suas tentativas de fugir de mim. Mesmo totalmente vestido, eu a alcançaria facilmente.

Vivien olhou por cima do ombro e me avistou. Seus salpicos dobraram. Meu coração batia forte de excitação e levei um segundo para perceber que estava sorrindo de orelha a orelha. Ela gritou quando eu me aproximei dela.

Mergulhando na água, decidi que iria fazer um ataque furtivo e evitar que ela espirrasse ao mesmo tempo.

Meus dedos quase roçaram suas costas nuas quando algo atingiu a água com uma explosão estrondosa. Eu estava prestes a voltar à superfície quando vi uma figura grande e escura se chocar contra Vivien.

Avancei, impulsionado pelo meu poder, e agarrei o agressor. Caímos debaixo d'água, para longe de Vivien. Não consegui ver se ela havia saído da piscina enquanto lutava com um indivíduo musculoso que não só se comparava a mim em força, mas também em velocidade.

Quando percebi a identidade do meu oponente, me desvencilhei e saí da piscina em pouco tempo. Encontrei Vivien gotejante, agora

pálida como um fantasma, com os olhos arregalados e as pupilas dilatadas de medo. A água também escorria da minha forma totalmente vestida quando o outro homem saiu da piscina. Eu me mantive entre eles, minha postura rígida e pronta para o caso de ele atacar ela novamente.

Semelhante em altura, o outro homem era mais magro que eu, mas cheio de músculos. Suas feições eram mais claras que as minhas, seu olho esquerdo, marcado por uma cicatriz macabra, brilhava em azul. — Anu — disse ele. — Devemos matar a sekhor.

— Anu? — Ouvi Vivien repetir para si mesma baixinho.

— Eu preciso dela, irmão — eu disse, inclinando levemente a cabeça. Se acontecesse um conflito, eu lutaria para mantê-lo longe dela, mas rezei para que isso não acontecesse.

— Anúbis, não temos tempo para isso — disse ele, avançando.

Meus dedos se alongaram em garras demoníacas e minhas presas se alongaram. Minha pele ficou preta como lodo quando dei um passo à frente. Eu liberei meu poder quando entrei em minha semelhança divina com mais de dois metros de altura. O tecido rasgou de forma audível ao redor de meus músculos enquanto eu agora parecia um cão preto infernal sobre duas pernas. Na minha periférica, Vivien estremeceu. Alguns desprezaram meu poder como próximo ao esquecimento. Era desorientador e gelado até a medula dos ossos.

Minha voz era rouca, monstruosa. — Eu não quero lutar com você, irmão. Você é tão poderoso quanto eu, e uma colisão entre nós resultaria, sem dúvida, em danos colaterais.

Endireitando-se de sua postura agressiva, a boca do meu irmão se abriu, mas ele não teve resposta. Eu sabia que o tinha confundido, mas não havia como evitar.

— Anu, você perdeu a cabeça? — Ele perguntou. — Ela é uma sekhor. Ela não pode ter permissão para viver. Se você não acabar com ela, eu acabarei.

— Eu sei que o que estou dizendo não faz sentido, mas você deve confiar em mim, irmão.

O olhar de Fallon se voltou para Vivien, lançando-a sob o brilho de sua luz azul. Eu poderia dizer que ele estava debatendo se deveria ou não atacar.

— Então você não confia em mim? — A indignação me encheu. Meu poder chicoteou ao meu redor como cem víboras, atacando o ar com fúria. Meus músculos incharam, rasgando minha camisa e calças. — Então você terá que passar por mim para chegar até ela. — Meu rosto rachou e se transformou no focinho preto e cheio de um chagal monstruoso. Rosnei, mostrando meus dentes, os olhos brilhando. Minha voz ficou ainda mais sombria. — É isso que você quer?

Fallon se endireitou e cerrou os dentes. Ele apontou para Vivien. — Você sabe o que os outros fariam se soubessem que ela estava viva. Eles não seriam tão confiantes.

Eu rugi. — Estou lidando com a situação.

Fallon ergueu o queixo e me deu um breve aceno de cabeça, embora seu rosto ainda estivesse contorcido de descontentamento por não ter conseguido matar Vivien naquele momento.

Com isso, eu me virei. Vivien olhou para mim, os olhos arregalados, com medo genuíno brilhando neles. Eu não daria a Fallon a chance de mudar de ideia. Peguei Vivien nos braços e saí correndo. Tomei uma rota secreta pelos fundos do hotel até uma porta que estava escondida de todos os outros. Abri-a e nos levei até um elevador que nos levaria até a cobertura. Tive que me abaixar para caber no elevador. Uma vez lá dentro, coloquei Vivien no chão.

Fechei os olhos e respirei fundo, permitindo que meu corpo se acalmasse e voltasse à forma humana. Minha camisa havia sumido e minhas calças estavam esfarrapadas. Assim que minhas garras voltaram às pontas normais das pontas dos dedos humanos, quebrei o botão superior.

As emoções se chocaram dentro de mim. Eu não conseguia pensar direito. Foi á poucos minutos que estávamos na piscina espirrando água um no outro? Beijar um ao outro até quase perder todo o controle. Eu havia perdido o perigo de vista e estava me amaldiçoando por ter sido tão tolo. Eu não tinha aprendido que a diversão, como Vivien a chamava, só levava a problemas e ao caos?

Quanto a Vivien, evitei olhar para ela, relutante em ver seu medo ou repulsa por ter visto minha forma animal. Entramos no elevador em silêncio. Felizmente, todos os poucos convidados haviam desocupado a área da piscina quando Vivien e eu tivemos nosso interlúdio e não testemunharam a briga ou minha transformação. Menos uma bagunça para Timothy limpar.

A surpresa foi registrada no rosto de Vivien quando as portas se abriram para a biblioteca da minha cobertura, separando as estantes. Embora o elevador que usei para transportar Vivien do saguão de Sinopolis até minha residência fizesse apenas três paradas, sendo a terceira minha antecâmara, o elevador secreto que dava para minha biblioteca percorria um trajeto muito mais complexo. E não havia absolutamente nenhuma chance de eu revelar isso a Vivien. Já era irritante o suficiente que eu fosse forçado a usar a entrada dos fundos, revelando-a a ela.

Fui direto para o banheiro, pegando uma toalha para tirar o resto da água da piscina. Pendurei a toalha no pescoço e fui até o meu closet.

— Então você vai me contar? — Vivien perguntou, parada na minha porta.

— Te contar o quê? — Eu perguntei, meu tom rígido, enquanto eu trocava minhas roupas.

— O que você é? — Seu tom era suave e cuidadoso, como se ela temesse que eu me virasse e arrancasse sua cabeça com uma mordida. Ela deveria estar preocupada.

— Eu sou a Morte. Você sabe disso — eu rebati. Raiva e confusão se contorciam em mim como fios energizados.

Por que estou com raiva? Consegui contar vários motivos imediatamente.

Porque não pude contar ao Fallon a extensão dos problemas da Sekhor. Eu estava fazendo o meu melhor para lidar com o assunto de forma rápida e silenciosa, mas se ele envolvesse os outros, tudo se tornaria uma bagunça de proporções catastróficas.

E agora parecia que eu estava guardando segredos em vez de proteger minha família. Eu não me importava com as aparências, mas respeitava meu irmão e parecia que escolhi uma sekhor em vez dele.

O próximo pensamento foi muito mais perturbador. Eu *tinha* escolhido Vivien em vez do meu irmão. Eu precisava de Vivien para encontrar o mestre, mas era mais do que isso. Eu não tinha mais certeza de que poderia matá-la.

A compreensão arrepiante tomou conta de mim. Não importa o quanto eu me lembrasse do meu dever, desenvolvi sentimentos por Vivien. Eu a queria. Queria arrancar aquele biquíni com os dentes e trabalhar nela de frente para trás até que ela esquecesse o nome pela

segunda vez. Ainda mais, ela me fez rir. Ela era teimosa, rebelde, um canhão solto, ao mesmo tempo observadora, experiente e diferente de qualquer outra pessoa que eu já conheci. E eu encontrei um número impressionante de almas, mas ela ainda se destacava, uma estrela brilhante e ardente entre um bilhão de meteoros.

— Se isso não importa, então você pode me dizer — disse Vivien, com um tom mais duro.

Virei-me para encará-la, as emoções ainda fervendo sob a superfície. Havia hesitação em seus olhos, mas ela continuou a empurrar. Parecia ser a natureza dela, mulher tola.

— Você realmente quer saber? — Com toda a ameaça deliberada de um predador, me aproximei dela, mas ela não desviou nem recuou. Em vez disso, Vivien ergueu o queixo, seus olhos transmitindo que ela poderia lidar com qualquer coisa que eu jogasse em seu caminho.

Bem, nós descobriríamos.

— Eu sou um deus.

CAPÍTULO VINTE E CINCO



Um deus?

Coloquei a mão contra a porta do enorme closet de Grim para me sustentar, já que minhas pernas foram magicamente substituídas por borracha. Meu estômago deu um mergulho gelado enquanto as engrenagens do meu cérebro faziam o possível para girar mais rápido. Imaginei pessoas minúsculas correndo em volta da matéria rosada do meu crânio, gritando umas com as outras em pânico.

Como ela está processando, Jenkins?

Não parece bom, senhor.

Droga, Jenkins, comece a puxar todas as alavancas. Mas pelo amor de Deus, fique longe daquela que solta baba. Não precisamos que ela pareça mais estúpida do jeito que está.

Vou tentar, senhor, mas talvez tenhamos que dar a ela tudo o que temos.

O desafio fervia nos olhos de Grim. Antes, ele era um tipo assustador e reprimido. O que me enervou foi que eu sabia que ele poderia se transformar em um ser aterrorizante e poderoso a qualquer instante, mas não sabia quando ou o que iria provocar isso.

Agora, ele era totalmente selvagem e primitivo. Eu preferia esse lado selvagem e feroz dele. Como se eu estivesse olhando nos olhos da fera, sabendo exatamente o que estava enfrentando.

— Ok, você é um deus. O deus da morte. — Repeti isso na minha cabeça mais algumas vezes e tentei manter contato visual. — Seu irmão, ele é um deus? — Eu perguntei lentamente. — E Bianca?

Grim assentiu.

Eu empalideci. — Timothy?

Ele assentiu pela segunda vez.

— Sua ex? — Quando minha voz ficou tão baixa?

Grim me fixou com aquele olhar penetrante. Não houve necessidade de ele assentir novamente. Entendi a foto. Eu estava no meio de deuses literais. Meu cérebro do tamanho de uma ervilha provavelmente explodiria se eu pensasse muito sobre isso, então silenciosamente nomeei as Kardashians para não derreter.

Um deus. Um deus? Claro. Foi verificado. Porque agora, eu estava mil por cento convencida de que Grim era um deus do sexo.

Cada célula do meu corpo vibrava em consciência por estar perto do mestre da morte seminu. Com licença, deus da morte.

As suspeitas que eu tinha sobre o que ele escondia sob aqueles trajes foram confirmadas. Ele tinha abdômen definido e lambível e braços musculosos mais perfeitos. Uma tatuagem cobria seu ombro esquerdo e descia sobre seu bíceps. Era uma caveira com um cocar de faraó. Seu torso desceu para o que restava de suas calças, que ficavam perigosamente baixas em seus quadris. O estado de nudez de Grim não ajudou nem um pouco minhas habilidades de processamento.

E Jenkins acidentalmente puxou a alavanca de baba. Mordi o lábio para mantê-la sob controle.

— Seu irmão te chamou de Anu — eu disse, engolindo a saliva e tentando entender tudo. Eram os pedaços de uma história que ouvi uma vez, mas não conseguia lembrar.

Grim pressionou a mão no batente da porta acima da minha cabeça, inclinando-se para perto. O cheiro masculino de Grim e cloro invadiu meu espaço. — Eu sou o deus dos mortos, também conhecido como Anúbis.

— O deus egípcio — sussurrei. As coisas se encaixaram. Como eu não tinha visto isso antes? Seus ceifeiros eram chacais. A forma que ele assumiu na piscina lembrava um chagal gigante e monstruoso. Inferno, até mesmo sua decoração gritava uma mistura de egípcio moderno e antigo. A antecâmara parecia algo saído de um filme de múmia. O cara vivia em uma pirâmide literal. Como eu tinha perdido isso?

Quero dizer, você foi transformada em vampira e esqueceu seu próprio nome. Talvez você tenha uma folga por não reconhecer que a mitologia antiga ganhou vida.

Digerir a ideia de que eu estava andando pela cidade com a Morte já tinha sido um grande salto. Gostei de pensar que lidei com essa notícia surpreendentemente bem. Mas as informações se acumulavam em camadas e eu estava lutando para acompanhá-las.

Apesar da revelação recente, mais cem perguntas giravam ao meu redor. Qualquer outra pessoa provavelmente teria pensado em suas perguntas para escolher as mais pertinentes, mas deixei escapar a primeira que me veio à mente.

— O que você está fazendo fora do Egito?

A expressão sombria de Grim deu lugar à surpresa quando ele deixou cair o braço e se endireitou. — Essa é sua primeira pergunta? — Só assim, a borda de sua besta se derreteu, Grim estava em algum lugar entre o selvagem e o contido.

Ah, coágulos sanguíneos. Essa foi à primeira pergunta mais idiota. Por que eu não poderia ter perguntado outra coisa? Mas agora que perguntei isso, não consegui pensar em mais nada.

Ele recuou. — À medida que o mundo se expandiu, os deuses se espalharam por toda parte, passando muito tempo em diferentes partes do globo.

— É por isso que Bianca se parece mais com uma Barbie do que com uma egípcia? — Perguntei.

Grim puxou as pontas da toalha em volta do pescoço, fazendo com que seus braços flexionassem. Meu estômago deu um salto e depois deu uma cambalhota fantástica. Todas as minhas partes gritaram uau, enquanto jogavam os braços para o alto como se estivessem em um show, gritando por um bis. Mais uma vez, fiquei incrivelmente consciente de que estava usando apenas um biquíni. Meu cabelo pingava no carpete dele.

Foco. Você está muito além da sua cabeça, sem mergulhar na intensa atração ardente que sente por ele.

— Porque — explicou Grim — Bianca passou séculos na Europa e na Holanda. Nós nos adaptamos ao nosso ambiente ao longo do tempo, o que inclui nossa aparência e nomes.

Lancei-lhe um olhar desconfiado. — Então você escolheu um nome de gangster italiano porque conviveu com a máfia por muito tempo?

Suas sobrancelhas se juntaram.

Talvez não.

Eu precisava fazer perguntas melhores. — Por que os deuses não gostam de sekhors? Você disse que a imortalidade corrompe absolutamente. Se os deuses também são imortais, então por que está tudo bem para você viver para sempre, mas não para mim? — Primeiro veio o orgulho, seguido pela indignação quando percebi a quão boa era minha pergunta. Coloquei as mãos nos quadris.

Os dedos de Grim flexionaram ao redor da toalha. — É exatamente como eu te disse. A humanidade pode ser corrompida. Como deuses, para começar, nunca tivemos humanidade.

Apontei um dedo para ele. — Ah! Você é quem não tem alma, então.

Balançando a cabeça, revirando levemente os olhos. — Não. Nós não temos almas. Somos seres divinos. Não é o mesmo.

— Bem, se você pode viver para sempre sem se tornar mau, eu também posso. Então, para evitar que minha alma cristalizada se atrofie, preciso fazer flexões na versão da alma. Talvez isso signifique trabalhar como voluntário no refeitório regularmente. Isso resolveria o problema.

Ele balançou a cabeça, uma carranca puxando seus lábios novamente. — É difícil de explicar.

— Eu também sou imortal, tenho tempo — eu disse, apontando para meu pulso onde estaria um relógio.

— Sekhors já foram escravos dos deuses.

Meu queixo caiu com tanta força que tive certeza de que caiu no chão.

— Desculpe-me?

— Durante muitos séculos vivemos em simbiose, cuidando uns dos outros. Mas os sekhors sempre tiveram fome de poder e inúmeras cidades foram mergulhadas no fogo e no derramamento de sangue. Finalmente, foi decidido que os sekhors não poderiam mais existir. Se fossem exterminados, a destruição cessaria.

Foi isso? Os vampiros eram violentos e cruéis e por isso os deuses os exterminaram. Engoli em seco, finalmente encontrando uma pílula que não consegui engolir.

Um telefone tocou, fazendo-me estremecer.

Grim foi até um conjunto de gavetas, abrindo a parte superior. Havia uma fila de celulares sobre um pano de veludo. Pegando o que estava tocando, Grim atendeu, seus olhos ainda em mim. Ele não disse uma palavra, eu não sabia se ele estava preso naquele momento comigo ou se estava ouvindo atentamente.

Mesmo que a forma monstruosa de quase dois metros e meio que ele assumiu na piscina fosse assustadora, ele lutou contra seu próprio irmão para me proteger.

Porque ele precisa de você como isca.

Ainda assim, vê-lo ficar todo protetor me fez sentir coisas que eu ainda não havia processado. Isso despertou algo em mim. Ter esperança? Imediatamente tentei afastar a ideia. O que eu pensei? Ele iria me manter viva e me pedir em namoro? Ele era a Morte. O antigo deus da morte, Anúbis.

Então algo novo me ocorreu. Deveria ter sido meu primeiro pensamento, mas os carinhas que comandavam meu cérebro já estavam trabalhando horas extras.

Se o Original que estava em coma era um deus, isso significava que recebi o sangue de um deus?

— Sim, obrigado por me avisar, Timothy. Estamos a caminho. — Grim desligou o telefone. — Precisamos ir agora. — Seu tom não admitia discussão.

Mas eu queria tolerar. Eu queria tolerar com força.

Ainda não terminamos de falar sobre isso. E da próxima vez haveria mais roupas, menos baba e mais respostas.

CAPÍTULO VINTE E SEIS



Assim que a porta se abriu, deixei cair a caixa de pizza, para que ela não obstruísse mais meu rosto sob o boné. — Oi, Skip — eu disse.

Os olhos de Skip se abriram. Ele tentou fechar a porta, mas uma mão o deteve. Grim abriu caminho para dentro do apartamento e eu o segui, fechando a porta com um chute. Ela quebrou na moldura atrás de mim.

Certo, força de vampiro.

Eu precisava esfriar isso. Mas a excitação vibrava sob minha pele. Eu finalmente conseguiria algumas respostas.

Grim apontou para a poltrona reclinável La-Z-Boy⁷ — Sente.

Skip abriu a boca para protestar, mas os olhos de Grim brilhavam como ouro derretido.

A bunda de Skip bateu na poltrona tão rápido que quase fez tudo voar para trás. Seu pé saltou em agitação. Eu fiz uma careta. Meias com sandálias. Deus, eu esperava que Grim estivesse errado e este não fosse meu namorado. Eu morreria se descobrisse que estou namorando um daqueles caras de meias e sandálias.

Ou, quero dizer, morrer de novo.

Coloquei o boné e a caixa de pizza em uma mesa de madeira surrada. Eu coloquei calças escuras e um top novamente.

— Você a conhece? — Grim perguntou, sua voz reverberou com ecos monstruosos.

Os olhos selvagens de Skip oscilavam entre nós.

⁷ Marca americana de móveis de luxo, com alto padrão de conforto.

— Agora, gênio — eu rebati.

Skip assentiu.

— Qual o seu nome? — A ameaça de Grim era palpável, rolando dele em ondas pesadas e negras. Tudo isso foi direcionado a Skip.

— Dev... Devon Seward.

— Ele está mentindo — eu disse. Eu sabia muito pouco, mas sabia que bebia sangue, queria Grim nu e o nome desse cara era Skip.

Grim ergueu a mão para mim. Oh, não, ele não fez isso. Ele me deu “fale com a minha mão”? Porque eu poderia mordê-lo imediatamente.

— Qual o nome dela? — Grim perguntou em seguida.

A confusão brilhou no rosto de Devon, como se ele estivesse se perguntando se isso era algum tipo de brincadeira. Skip, ou Devon, olhou para mim e Grim, até perceber que a piada não estava chegando. — Jane — ele gaguejou novamente.

Algo caiu no fundo do meu estômago. Reconhecimento. Desapontamento.

Chega de me imaginar como Vivien ou Persephone.

— Sobrenome? — Grim sondou. Nuvens escuras de morte continuaram a se enrolar em seus ombros, sufocando o ar. Até eu senti a opressão do poder de Grim.

— Eu... eu não sei, cara. Só sei que o nome dela é Jane. — A voz de Devon estava estrangulada, quase histérica. Lágrimas vazaram dos cantos dos olhos.

— Como você a conhece? — Grim baixou seu medidor assustador alguns níveis. Boa decisão, porque parecia que Skip precisava de toda a concentração para não cagar nas calças no assento de couro cinza.

As palavras de Skip tropeçaram umas nas outras enquanto ele gritava: — Ela é uma caçadora de recompensas.

Cada fibra do meu ser se acalmou enquanto eu digeriria isso.

Eu era uma caçadora de recompensas.

Isso pareceu certo para mim? Olhando para dentro, pensei no que Grim disse. Como eu poderia lutar, sabia coisas que só um

criminoso superficial saberia. Como consegui rastrear Skip vasculhando seu quarto de hotel. Eu até localizei Chad quando precisei de informações.

Quando encontrei os olhos de Grim, ele parecia estar esperando uma confirmação minha. Engoli em seco, minha garganta subitamente seca. — Skip. Você é alguém que foge da fiança.

As palavras de Devon afundaram em minhas entranhas, cheias de verdade. Eu sabia que ele estava certo, enquanto o resto das minhas memórias e da minha identidade permaneciam indefinidas.

Dando um passo à frente, assumi o controle desta inquisição. — Você me conhece porque já tentou escapar da fiança antes, Devon?

Controlando-se, Devon balançou a cabeça. — Não, só sei que você está me rastreando. Minha ex disse que você veio até minha casa há algumas semanas e me mandou uma mensagem com uma foto da campainha dela com a câmera e me disse que estava tentando me encontrar.

— Você foi preso por aparecer na festa com drogas, Devon? — Eu perguntei, colocando minha mão em cada lado de sua cadeira como Grim tinha feito comigo. Eu queria que Devon se sentisse encurralado, pequeno e preso. Foi assim que Grim me fez sentir repetidamente. Eu queria que Devon se contorcesse do jeito que eu fiz. Eu o puniria por minhas decepções.

— Sim, eles mandam mensagens e eu faço entregas no quarto. — Agora que Grim não era o único em seu rosto, parte da atitude de Devon retornou. — E você está me incomodando por prestar um serviço. Se não fosse eu, seria outra pessoa. Você deveria manter seu nariz de vadia fora da minha vida.

Um poder sombrio e sugador de almas brilhou atrás de mim quando Devon me chamou de vadia. — Oh, você vai se arrepender de ter dito isso. — Grim disse em um tom arejado. Ele não se moveu, me dando amplo espaço para trabalhar.

Uma linha se formou entre as sobrancelhas espessas de Devon enquanto ele espiava por cima do meu ombro. — Você vai mandar o monstro de volta para mim?

Grim riu sombriamente. — Ele acha que eu sou o monstro aqui.

Levou um segundo para Devon voltar seu foco perplexo para mim. Abrindo minha boca, deixei minhas presas se alongarem e sibilei

em seu rosto. O grito agudo que saiu de Devon poderia ter quebrado o vidro quando ele pulou da poltrona. Eu dei um soco nele, calando-o.

Ficamos ali no apartamento de merda de Devon em silêncio por um longo momento.

— Jane — eu disse finalmente, antes de fazer uma careta. — Blech. — Pelo menos não havia como meu sobrenome também ser Doe. Certo?

— É o suficiente para sair. — Grim disse. — Entre sua profissão e seu primeiro nome, além disso — ele zombou da forma propensa de Devon — Jovem, temos tudo o que precisamos para desenterrar o resto.

Encontrando seu olhar nivelado, fiz a pergunta óbvia. — Por que um vampiro mestre iria querer uma caçadora de recompensas?

— Não sei — disse ele. — Mas vamos descobrir.

Saí do apartamento de Devon com passos decididos, embora não estivesse olhando para onde estava indo. Eu me sentia entorpecida. Meu passado estava prestes a ser desbloqueado.

O que, eu realmente pensei que era uma detetive de polícia importante? Não importava. Mas havia alguém lá fora que sentia minha falta, precisava de mim, estava me procurando. Alguém, ou vários alguéns, ficaram acordados a noite toda preocupados, imaginando onde eu estava, e se os encontraria.



Grim estava certo. Demorou pouco para Timothy descobrir minha identidade. Desde o momento em que chegamos ao endereço cadastrado em meu nome, entendi por que pensava que era confeitadeira. Eu morava em um apartamento logo acima de uma empresa chamada “The Cupcakery”.

Eu não tinha minha chave, mas quebrar a fechadura foi simples. Fiquei na soleira, hesitante em entrar. O cheiro de bolos recém-assados e açúcar saturava minha casa. A lua estava cheia e brilhante, iluminando tanto o quarto que nem me preocupei em acender a luz. Não pude deixar de pensar em como o apartamento estava morto, como eu. Não queria atrapalhar isso.

Era aqui que eu encontraria respostas, talvez minha memória fosse estimulada. Ou talvez, a parte de mim que vivia neste lugar também tivesse morrido e nenhuma busca em meu passado devolveria meu senso de identidade. A vontade de dar meia-volta e voltar para o carro de Grim quase me dominou. Ele dirigiu até aqui desta vez em vez de usar a limusine. Seria muito chamativo nesta parte da cidade.

Apesar das minhas reservas, forcei-me a entrar. Não havia como ir embora agora.

Grim me seguiu, mas ficou perto da porta como se sentisse que eu precisava de um minuto.

Era um estúdio com paredes brancas e eletrodomésticos antigos. Uma rápida olhada na minha geladeira revelou alguns iogurtes vencidos, enquanto meu freezer continha refeições congeladas e sorvetes. Nos armários havia uma xícara de macarrão instantâneo e duas canecas. Uma delas tinha a forma de um unicórnio com uma lasca de um lado. A outra tinha um monte de caveiras e dizia “Morte antes do descafeinado”. Olhei de soslaio para Grim, que levantou uma sobrancelha. Ele podia ver de onde estava.

Minha frágil mesa de carvalho tinha duas cadeiras que não combinavam, e o colchão inteiro ficava no canto do chão. Pelo menos estava coberto por uma roupa de cama de flores roxas brilhantes. Era uma das coisas mais alegres que já comprei.

Estava voltando para mim. As memórias voltaram para mim a cada passo que dava em meu antigo lugar. Uma pilha de livros de bolso, com quinze livros de altura, estava ao lado da minha cama, em uma torre precária.

— Sem fotos de família. — Grim disse, sua voz baixa e rouca, de alguma forma apropriada para o silêncio da sala. Ele estava iluminado pela luz da escada enquanto se apoiava no batente da porta.

— Eu não tenho família. — Toquei a mesa iluminada por um raio de luar. Algo em meu peito se contorceu com grande decepção. — Ou não é a família com quem converso há muito tempo. Meus pais morreram quando eu era jovem. Fui morar com minha tia e meu tio. Nós não nos demos bem. Eles queriam que eu agisse de uma certa maneira, para me adequar à vida perfeita deles, e eu queria viver nos meus próprios termos.

Esperei que ele dissesse algo sarcástico, mas ele se conteve. Deve ter quase matado ele.

Nas últimas semanas, imaginei todas as possibilidades, desde ser uma policial, uma cientista tentando curar o câncer, até uma confeitadeira com marido e alguns filhos.

A realidade era pequena, sombria e deprimente comparada a todas as minhas teorias. Pior ainda, eu estava sozinha. Sem família, sem amigos. Ninguém sentiu minha falta. Eu estava desaparecida há mais de duas semanas e ninguém estava por perto o suficiente para pensar sobre isso. Parte de mim costumava gostar disso. Eu poderia ir e vir quando quisesse, sem responder a ninguém.

Mas quando minha memória foi apagada, pinteí imagens de como queria que minha vida fosse. Fazia algo importante e estava cercada por pessoas que me amavam. A realidade não estava à altura. Coloquei a mão sobre a mesa, segurando-me contra a sensação de afundamento e sucção em meu centro.

Respirei o cheiro de açúcar e bolo para me acalmar. Tocando o pingente em meu pescoço, lembrei-me que a dona da padaria lá embaixo me deu o pingente no meu aniversário de um ano, junto com meu cupcake favorito. O nome dela era Cheri, e ela sempre foi legal comigo e fazia um bom café. Não éramos próximas o suficiente para sermos consideradas amigas, mas na minha opinião éramos. Ela era a coisa mais próxima que eu conhecia de uma amiga, mas ir toda semana buscar algo doce não constituía exatamente um relacionamento real. Aos olhos dela, eu era uma cliente regular. Ainda assim, o colar significava mais para mim do que ela imaginava.

— Sou caçadora de recompensas há três anos. — Continuei a acariciar a madeira amassada e estragada da mesa. — Antes disso, era uma série de trabalhos estranhos e de merda. Mas finalmente encontrei algo que realmente combinava comigo.

— Caçando pessoas? — Grim perguntou, finalmente endireitando-se.

— Sim — eu disse, meditando. — O que isso diz sobre mim?

Grim se aproximou de mim e ficou do outro lado da mesa. Sombras ainda cobriam seu rosto e fiquei grata por não poder ver sua expressão. O próprio deus da morte deve ter se sentido tão degradado por entrar em uma morada tão pequena e de merda.

— Significa o que você quiser.

Eu bufei. — Eu vivo como um panda de lixo⁸, caço criminosos para ganhar a vida e ninguém percebeu que eu estava desaparecida.

Grim contornou a mesa e pegou meu queixo com a mão, me pegando de surpresa. — Você não é julgado pelo que faz, ou mesmo pelo quanto foi amado. O que importa é que você viveu de uma forma fiel à sua alma.

A luz da lua atingiu seus olhos, transformando-os em âmbar líquido. Então senti como se estivéssemos envoltos em uma bolha. Havia segurança e calor em nossa bolha particular. Não importava que ele fosse o ser mais letal da Terra, a necessidade de entrar totalmente em seus braços era esmagadora. Eu queria me fundir com Grim. Deixa-lo me beijar sem sentido, mesmo que ele me mate quando terminar.

Passei muito tempo mantendo as pessoas distantes desde que meus pais morreram, embora dissesse a mim mesma que queria que fosse assim. Mas nestes últimos dias, forçada a ser sua prisioneira, passamos a nos entender. É verdade que nos irritamos e enfurecemos um ao outro, mas havia uma semente de intimidade em seu centro.

Grim era o único que se importava se eu sobrevivesse, mesmo que fosse para me usar como isca. E, de repente, mais do que tudo, eu queria que ele precisasse de mim.

Minha voz estava rouca quando falei. — Você está me dizendo que as pessoas que ganham o concurso de popularidade não recebem um cartão de acesso automático?

Ele se aproximou, seu polegar roçando levemente meu queixo agora. — Estou dizendo que sou um excelente juiz da alma e você viveu em alinhamento tão próximo com a sua que não sabe fazer ou ser qualquer outra coisa.

Minha visão ficou turva, mas continuei a encontrar seu olhar. Grim inclinou a cabeça, os lábios se aproximando dos meus. Seus dedos deslizaram ao longo da minha mandíbula enquanto deslizavam pelo meu cabelo na base do meu crânio, causando arrepios quentes que subiam e desciam pela minha espinha.

Apesar de não precisar respirar, fiquei tonta, praticamente vibrando de necessidade. Minha mão se apoiou na mesa, me

⁸ Expressão usada para definir alguém bem pobre, que vive se alimentando de restos ou coisas de segunda mão.

preparando para o que eu sabia que aconteceria. Meus olhos se fecharam.

As luzes se acenderam, afugentando nossa intimidade com um brilho forte. Grim e eu nos separamos.

Timothy ficou ali, com uma sobrancelha levantada enquanto examinava nós dois. Ele veio em um carro separado, tendo que cuidar de alguma coisa antes de se juntar a nós. Após um momento de silêncio tenso, ele perguntou: — Encontrou alguma coisa que nos levasse ao mestre?

— Meu laptop — eu deixei escapar. Virei e fui para minha cama. Levantando a ponta do meu colchão, tirei um computador velho e recondicionado.

Abrindo, não demorou muito para inicializar. Não me lembrei da minha senha, mas meus dedos voaram com memória muscular, digitando-a automaticamente.

A primeira coisa que apareceu foi a foto de um homem. Havia um sorriso no canto de sua boca, como se ele guardasse um segredo que nunca planejou compartilhar com ninguém. Cabelos loiros finos, olhos claros e barba aparada. Ele parecia normal, pouco notável, mas olhar para ele fez minha pele arrepiar.

Grim colocou a mão na parte inferior das minhas costas para me alertar de sua presença enquanto se inclinava. — Landon Crane. Diz que foi preso por um grande número de multas de estacionamento. Ele faltou ao julgamento há dois meses e ninguém conseguiu contatá-lo. Eles pensaram que ele estava fugindo.

Meu corpo ficou tão frio quanto quando acordei naquele freezer. Concentrei-me no calor da mão de Grim enquanto enfiava os nós dos dedos na mesa de cada lado do meu laptop. — Era para ser dinheiro fácil. Eu o encontrei em um site de namoro e marquei um encontro. Eu tinha feito isso algumas vezes neste restaurante italiano. Faria com que saíssem comigo antes do jantar chegar. Eu daria a eles a ideia de que era quente e pronta para brincar. A maioria deles caiu nessa, mas esse cara não — eu disse, balançando a cabeça.

— Por que você não prendeu os encontros no momento em que as encontrou? — Timothy perguntou, sem seu tablet pela primeira vez.

— Além de ser melhor tomar uma bebida e baixar as defesas, gostei dos donos dos restaurantes. Eles sabiam o que eu estava fazendo e os garçons sabiam que nem deveriam fazer os pedidos de comida. Eu

não queria que a casa deles fosse destruída. Geralmente eu fazia com que os bandidos me seguissem pelos fundos, onde eu poderia algemá-los no beco sem causar confusão.

Os dedos de Grim roçaram minhas costas nuas com uma pressão reconfortante, fora do alcance dos olhos de Timothy. — O que aconteceu?

— Tentei chegar ao restaurante quinze minutos antes do meu encontro, mas Crane já estava lá. — Lembrei-me de que meus instintos estavam em alerta máximo, embora não conseguisse identificar o porquê. Crane parecia amigável e relaxado. Ele era um trabalhador administrativo de classe média de alguma empresa de tecnologia. O mais interessante sobre ele era que ele gostava dos aparelhos da Brookstone e ia aos jogos quando tinha tempo.

— Quando sugeri que levássemos a festa para outro lugar, ele disse que gostava que as coisas acontecessem devagar. Eu poderia dizer que ele não iria se mexer, então conversamos um pouco.

A mão de Grim parou. — A respeito?

Eu gostaria que ele continuasse sua leve massagem, mas não disse nada sobre isso. — Não muito. Contei a ele minha história de capa, como eu era motorista de Uber entre os empregos. Dá aos homens a chance de dizer o que eles acham que você deveria fazer, e você aprende muito sobre eles rapidamente. Ele não fez isso. Tive a sensação de que ele sabia que eu estava mentindo. Em vez disso, bebemos vinho e conversamos sobre... — Procurei em minha memória. — Incêndios e gelo, talvez algo sobre o aquecimento global. É confuso.

Timothy balançou a cabeça como se tentasse encontrar algum significado nisso e falhasse.

— E então? — Grim cutucou, acariciando minhas costas novamente.

— Nada. — Dei de ombros. — Não me lembro de nada depois disso. Acordei um bloco frio em uma gaveta de cadáveres.

Timothy e Grim trocaram um olhar. — Este homem é nosso mestre ou está ligado a ele — disse Timothy. Em seguida, gesticulando em direção ao meu laptop, ele perguntou: — Posso?

Assentindo, recuei enquanto ele usava seu tablet para capturar todas as informações pertinentes. Minhas costas pressionadas contra Grim, suas mãos segurando meus braços. Ele não me tocou como fez

quando nos conhecemos. Um pedaço de carne que ele precisava para ter certeza de que não fugiria. Era mais como se ele estivesse tentando me firmar, me assegurar de que estava ali. Virei minha cabeça e olhei em seus olhos.

Suas profundezas âmbar pareciam conter apreensão e arrependimento. Como se ele também soubesse que minha utilidade estava quase cumprida e soubesse que nosso tempo logo chegaria ao fim.

Eu disse a mim mesma que estava projetando. Fui eu quem não quis morrer. Fui eu quem quis me inclinar e beijar aqueles lábios novamente. Eu me perguntei se ele me daria um último beijo, ou ei, talvez um pãozinho no saco antes de me matar. Suas mãos caíram, deixando minha pele fria quando ele deu um passo para trás.

Então lembrei que ele era Anúbis, o deus egípcio dos mortos. Eu ainda não tive tempo de absorver o que tudo isso significava. Mas eu suspeitava que os deuses não ofereciam trégua aos vampiros com a cabeça na guilhotina.

Timothy falou enquanto trabalhava no meu laptop. — Posso ter alguns recursos, ou talvez a Sra. West possa me ajudar a investigar melhor a identidade deste homem.

Desviei meu olhar de Grim para olhar para Timothy enquanto dizia: — Deixe Miranda fora disso. Eu sei que ela quer ajudar, mas ela está perdida e não quero que ela ou seu filho se machuquem.

— Acordado. — Grim atravessou o apartamento para olhar pela janela.

Timothy se levantou, colocando o tablet debaixo do braço. — Estou nisso. Vou levar o carro de volta para Sinopolis e depois mandarei o motorista buscá-lo para lhe dar mais tempo para... investigar. — Ele nos deu um aceno de cabeça, mas seus olhos permaneceram primeiro em mim, depois lançou um olhar para Grim antes de sair.

— Então — eu disse, soltando um suspiro. — Acho que meu nome não é Vivien.

Grim não disse uma palavra.

Balancei os braços para frente e para trás, tentando afrouxar o nó apertado que se formou em meu peito. — Eu sou uma Jane. Uma simples Jane. — Então murmurei: — Bem feito para mim.

— Acho que Vivien combina com você — disse ele, virando-se para olhar para mim. — Você deveria ficar com ele.

Mordi meu lábio inferior.

— Verdadeiramente — ele continuou. — Você morreu e renasceu, para todos os efeitos. E não tenho tanta certeza de que Jane conseguiria enfrentar Vivien. — Um lado de seus lábios se ergueu.

— Você acha? — Eu perguntei, soltando meu lábio inferior. — Bem, Vivien está farta de lembranças por hoje. Então, estou de volta ao meu prestigiado trabalho como minhoca no anzol. — Então, rindo, eu disse: — Talvez eu devesse me contorcer aqui mesmo. Veja se o mestre ou seus subordinados aparecem no meu apartamento.

As janelas à nossa direita explodiram quando uma figura passou por elas. Fechei os olhos contra o ataque do vidro. Mais janelas foram quebradas e ouvi vários pares de botas caindo no chão. Quando abri os olhos novamente, encontrei dez pessoas no meu apartamento. Não, não pessoas. Sekhors.

— Eu odiaria se um milhão de dólares e uma bazuca aparecessem em minhas mãos — anunciei em voz alta.

Infelizmente, meu truque de magia só funcionou com a primeira coisa que eu disse. Droga.

CAPÍTULO VINTE E SETE



Minhas mãos se transformaram em garras para que eu pudesse rasgar os sekhors. Vivien estava ao meu lado, chutando, socando e esmagando nossos agressores. Incisivos afiados cortaram meus braços, pernas, costas e peito enquanto se atiravam em mim. Aqueles que cravaram os dentes na minha carne tiveram que morrer primeiro. Eles não poderiam beber o sangue de um deus.

Não importa quantos vampiros eu decapitei ou destruí, mais continuavam chegando. O cheiro do sangue deles pairava pesado no ar e espalhava-se pelas paredes. Quando eles quebraram as janelas pela primeira vez, empurrei Vivien para trás, com a intenção de lutar contra todos eles. Mas em algum momento eles me dominaram, envolveram-na e a puxaram para fora. Lento mas seguramente, ela foi forçada a se afastar de mim. Eles estavam nos separando intencionalmente.

— Vivien — gritei.

Seus olhos encontraram os meus, pouco antes de um saco ser jogado sobre sua cabeça. Três sekhors amarraram-na com uma corda e levaram-na embora.

Lutei para segui-los, mas havia seis sekhors comigo. Uma mordida na minha perna, sentindo o gosto do meu sangue, depois outra no meu braço. Eu não podia permitir que nenhum deles bebesse meu sangue e sobrevivesse, o que me impedia de chegar até Vivien. Eu estava perdendo tempo à medida que a distância aumentava entre nós.

A raiva gritou através de mim em uma chama ardente, e a espessa fumaça negra do meu poder encheu a sala. A violência tomou conta de mim quando a expressão no rosto de Vivien antes de ser levada queimou em minha mente. Então deixei escapar um uivo penetrante enquanto meu corpo explodia em músculos e tendões monstruosos, minha pele ficando tão preta quanto a areia do Nilo.

Minhas presas afiadas afundaram na cabeça de um sekhor antes de eu arrancá-la. Sangue jorrou de seu pescoço decapitado.

Eu mataria todos eles e encontraria Vivien nem que fosse a última coisa que fizesse.



Quando voltei para Sinopolis, Timothy estava lá para me encontrar na entrada privada. Eu estava coberto de sangue, nu e tinha muitas marcas de mordidas. Apesar da minha aparência, ele não parou para comentar. Ele me seguiu até o elevador, com o tablet levantado.

— Tentei manter a Sra. West fora disso, mas ela insistiu. Com a ajuda dela e uma conversa com nossos ceifeiros, Acissej, Llij e Ekoorb, conseguimos descobrir quem realmente é Landon Crane. O homem pode ter sido preso por multas de estacionamento não pagas, mas é culpado de coisas muito piores. — Sem esperar que eu o avisasse, ele seguiu em frente. — Sr. Crane tem perseguido e assassinado mulheres nos últimos vinte anos. Foram sete no total, até agora. Tenho certeza de que se entrevistarmos mais de nossos ceifadores, iremos desenterrar ainda mais. — Ele me seguiu até a cobertura e até meu quarto. Puxei uma camiseta preta pela cabeça, puxando-a para baixo, sem me preocupar em limpar o sangue em mim. Então coloquei uma calça de moletom. Eu não sabia se teria que voltar à minha semelhança divina novamente e os moletons eram mais indulgentes.

Eu julguei as almas de perseguidores e assassinos. Muitas vezes, partes de suas almas estavam faltando ou ficando rançosas. O ódio e o mal eram um câncer que apodrecia suas almas. Eu conhecia a espécie deles muito bem.

— Como ele escolheu suas vítimas? — Perguntei.

Timothy abriu uma galeria de fotos. Mulheres jovens, loiras, de olhos azuis e pele clara. Lembrei-me dos ginastas com quem lutei em Wolf Town. Elas combinavam com os gostos de Crane. Se Landon Crane era o vampiro mestre, isso ainda não explicava por que ele queria Vivien. Ela tinha cabelos ruivos, olhos esmeraldas e era feita de fogo.

Os lábios de Timothy praticamente desapareceram. — Qual você acha que é o plano dele?

Eu balancei minha cabeça. — Eu não sei, mas ele está com Vivien. Tenho que encontrá-la. Eu preciso recuperá-la.

— Quer dizer que você tem que encontrar o mestre para poder matá-lo?

Um rosnado saiu da minha garganta quando levantei a cabeça para encontrar os olhos de Timothy.

Em vez de responder à minha agressão, ele manteve uma atitude fria e calma. — Senhor, o sekhor. Você sabe que nenhum dos outros permitiria que Vivien vivesse, especialmente *ele*.

Ele não estava falando sobre o mestre. Meu assistente estava se referindo àquele a quem eu respondia. Tudo o que ele ordenou deve ser obedecido por todos.

— Não vou deixar ninguém machucá-la. — As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse pensar.

Esperei que Timothy me dissesse que era impossível, irracional e perigoso. Mas perder Vivien me tirou dos trilhos e eu estava preso por um único fio. Se quebrasse, o ser mais próximo de mim sentiria minha ira antes que eu destruísse este mundo para encontrá-la.

Houve um estrondo na sala principal. Timothy e eu saímos correndo rapidamente e encontramos a Sra. West vindo em nossa direção. O branco de seus olhos quase engoliu suas íris escuras. — Jamal está desaparecido.

Timothy e eu trocamos um olhar. Meu assistente expressou meus pensamentos. — O mestre tentou usar a Sra. West contra Vivien, então podemos inferir isso...

Miranda apontou o dedo para nós. — Que você vai me ajudar a encontrar meu filho ou enterrarei vocês dois. — A raiva saiu dela em ondas. Ela era um míssil teleguiado, buscando seu filho, e destruiria qualquer coisa em seu caminho. Apesar de ser uma mera mortal, acreditei nela quando ela ameaçou que seria um inferno se não encontrássemos Jamal.

Então Miranda pareceu finalmente registrar meu estado sangrento e desleixado. — Onde está Vivien?

Não perdi tempo em direção ao elevador. Miranda e Timothy me seguiram. — Ela foi levada.

As palavras de Bianca voltaram para mim. *Não a perca de vista.* Meu estômago se apertou.

— O que esses vampiros estão planejando? — Miranda me perguntou, quando saímos para o hotel. Seus olhos estavam marcados de medo e fúria.

— Não sei, mas não pretendo esperar e descobrir. Conheço alguém que pode ajudar — falei enquanto Timothy e Miranda acompanhavam meu passo pelo chão de mármore preto.

Os ceifadores estavam procurando um rastro de corpos, mas estava demorando muito. Eu precisava encontrar Vivien e me recusei a esperar.

— Isso é desaconselhável, senhor — disse Timothy, com a voz tensa.

— Quem? — Miranda perguntou.

— Alguém que tenha a habilidade de encontrar os vampiros — eu disse.

A mandíbula de Miranda se contraiu. — Então faça.

Timothy colocou um braço na minha frente para parar meus passos. Eu queria jogá-lo do outro lado da sala por ficar no meu caminho, mas me controlei.

Isso era tudo que eu estava fazendo, percebi. Controlando-me. Perto de Vivien, me impedindo de estender a mão, embora eu a quisesse. Ela despertou algo dentro de mim e agora que ela estava desaparecida, o fogo que eu sentia havia desaparecido com ela.

Ao contrário de Qwynn, eu não era o brinquedo de Vivien para manipular e contorcer. Vivien era ousada, irreverente, ao mesmo tempo brincalhona, intencional e incansável na busca pelo que queria. E eu não pretendia perdê-la e aumentar minha longa lista de arrependimentos.

Timothy falou com Miranda. — Dê-nos um momento.

Recuperar seu filho era tudo o que importava, mas a Sra. West viu a expressão nos olhos de Timothy e obedientemente saiu pelas portas da frente do hotel e caminhou até a frente.

Timothy também era um deus, embora seu poder e talentos fossem muito diferentes dos meus, eu poderia dizer que ele precisava

dar uma opinião sobre esse assunto. — Se você for até Bast, ela provavelmente matará Vivien.

— E você se importa se ela viver? — Perguntei. — Admita, cara, você está preocupado que eu não a mate quando chegar a hora. Você diz que eu deveria me preocupar com os outros, mas você é quem está preocupado.

— Vivien representa uma ameaça. Isso é inegável, mesmo que ela não saiba. Mas transcrevi o suficiente do tempo e da vida para saber que nada é certo, especialmente a natureza de uma pessoa. — Timothy balançou a cabeça. — Mas foi você quem se apegou. Estou começando a pensar que você não se importa mais com as regras.

— E daí se eu não fizer isso? — Eu disse, meu tom o congelando.

— Dane-se, você está se perdendo e não consegue ver isso. — Timothy voltou a usar maldições mais antigas quando estava profundamente estressado. Embora eu não precisasse de suas palavras para me dizer isso, uma linha de preocupação se formou em torno de seus olhos. — Independentemente do que você e eu acreditamos sobre Vivien, haverá consequências se ela viver.

— Eu vou lidar com ela quando chegar a hora. — Eu disse as palavras, mas elas saíram vazias, vazias de promessas.

— Anúbis. — A voz de Timothy ganhou um tom duro que ele raramente usava. — Você está disposto a lançar o mundo no caos por essa sekhors?

— Trata-se de encontrar o mestre — respondi. — Eu conheço meu dever. Não pense que esqueci isso por um único segundo. — Eu terminei com essa conversa. Precisava agir. Eu precisava encontrar Vivien e Jamal. Eu me preocuparia com os detalhes mais tarde. Ou melhor, nunca. Era por isso que tinha Timothy, para que ele pudesse cuidar disso. — Agora você e eu sabemos que só há uma pessoa que consegue encontrar os sekhors. — Fiz uma pausa com expectativa.

Meu assistente baixou a cabeça. — Você a encontrará no The Kitty Claw Café.



Não perdi tempo viajando pela Strip. A Sra. West não conseguia ficar sentada, então mandei-a verificar as imagens de segurança de alguém que pudesse estar nos seguindo. Embora Timothy e eu soubéssemos que eu iria procurar a única pessoa que poderia ajudar.

Empurrei a porta do café para gatos e livraria. O cheiro de café fresco, doces e livros novos pairava no ar. Gatos malhados, siameses e pretos vagavam livremente pela loja. Um deslizou para evitar que meus pés pesados caíssem nele. A maioria dos felinos havia se espremido nas prateleiras em cima dos livros. Eles me observaram passar com os olhos semicerrados. Caminhei até a parte de trás do café, onde grandes janelas davam para a piscina do hotel abaixo. Uma mulher estava encolhida em uma enorme poltrona azul Tiffany com um livro e uma taça de vinho tinto.

— Ora, Anu? — Disse a mulher de cabelos escuros com franca surpresa. — O que você está fazendo aqui? — Ela se levantou com elegância fluida de seu lugar aconchegante, deixando de lado o vinho. Um gato pulou de seu colo com um miado descontente enquanto ela se levantava. Um felino estava deitado nas costas da cadeira, enquanto outros quatro estavam esparramados nas proximidades. Eu trabalhei para evitar que meu lábio se enrolasse. Nunca me importei com gatos.

— Preciso de sua ajuda, Bast.

Bast atendia pelo nome de Galina agora, mas quando a chamei pelo antigo apelido, seus olhos brilharam em verde brilhante por um segundo. Eu tive toda a atenção dela.

Uma linha se formou entre as sobrancelhas de Galina enquanto ela observava meu estado sangrento e desgrenhado. Galina era alta, elegante e ágil. O cabelo preto ondulado estava cortado acima dos ombros. Ela usava calças de ioga de grife e um grande suéter branco que milagrosamente estava livre de pelos de gato.

Sentindo o tempo passar pelos meus dedos, não tive tempo de acalmá-la nas coisas. — Existem sekhors em nossa cidade. Eu estava usando um deles como isca para atrair o mestre vampiro quando ele conseguiu agarrá-la e levá-la de volta para seu esconderijo. Ela era minha única pista. Meus ceifeiros não podem rastrear sekhors, mas seus servos podem.

A boca de Galina estava aberta, chocada. Um dedo ainda segurava seu lugar no livro de capa dura que ela estava lendo. Quando ela se recuperou, ela pegou um marcador na mesa ao lado dela, colocou-o no livro e colocou-o sobre a mesa. — Sério, Anu, não os chamamos mais

de servos. Eles são meus enviados. — O gato que pulou do colo dela estava sentado perto dos meus pés. Ele esticou uma perna e começou a lambar suas partes íntimas. *Amável.*

— Preciso de sua ajuda, Galina — insisti.

Galina passou o braço pelo meu. — Conte-me tudo. Como você descobriu a presença dos sekhors?

— Não temos tempo, Galina. — Fechei os punhos, querendo abrir um buraco no tempo e no espaço para chegar onde Vivien estava.

Dando-me um olhar imparcial, Galina ficou pensativa por um momento. — Os outros sabem disso?

— Apenas Timothy e Bianca. Fallon sabe que estou cuidando da situação.

Sua boca se apertou em uma linha fina. — Você deveria ter vindo até mim antes. — Ela fez um som como pss pss pss. Todos os gatos se endireitaram, olhando para ela. Um casal pulou graciosamente de suas prateleiras e ficou de pé, dando-lhe toda a atenção.

Não expliquei que pretendia resolver a situação de forma rápida e silenciosa. Que alertar os outros criaria pânico, e os deuses não lidavam bem com o medo. O resultado geralmente deixava um rastro queimado na terra.

As pupilas se estreitavam em fendas, seus olhos pareciam de gato enquanto brilhavam verdes. Em poucos instantes, todos os gatos se dispersaram em busca de Vivien. Eu só podia esperar que eles encontrassem ela e Jamal a tempo. Caso contrário, este mundo sofreria a minha ira.

CAPÍTULO VINTE E OITO



Alguém tirou o saco da minha cabeça, deixando meu cabelo uma bagunça selvagem e cheia de estática. Eu não conseguia alisá-lo ou afastá-lo do meu rosto, pois minhas mãos estavam algemadas à cadeira em que eu estava. O metal frio atingiu meus pulsos e tornozelos. O cheiro de concreto triturado e metal recém-cortado encheu meu nariz, me dando vontade de espirrar.

Piscando contra a luz brilhante em meu rosto, não consegui ver além da luz do holofote, mas reconheci o cheiro. Estávamos nos túneis sob a Las Vegas Strip.

Lutei contra o pânico que crescia em meu peito.

Por um dia, fiquei nos notórios túneis antes de perceber meu erro. Havia uma abundância de moradores de rua agachados sob a Strip.

Quando a sede de sangue me atingiu, a necessidade de caçar me atingiu com tanta força quanto quando o mestre a alimentou em mim. Não era apenas o sangue dos transeuntes me chamando, eu queria persegui-los na escuridão, talvez deixá-los correr um pouco antes de pegá-los e drená-los. A perspectiva causou emoções em todo o meu ser. Uma parte de mim sussurrou: *Esta é a sua nova natureza. Não lute contra isso. Caçar, beber, matar.*

Mas eu lutei contra isso. Lutei muito. Estava pronta para caminhar para a luz do sol antes de deixar meus impulsos assumirem o controle.

De alguma forma, consegui me controlar o suficiente para correr até uma extremidade remota dos túneis, longe de toda e qualquer pessoa. Eu tinha sido uma massa miserável, faminta e trêmula, esperando até o sol se pôr para poder escapar para um esconderijo mais isolado. Os esgotos que encontrei não eram tão confortáveis

quanto esses túneis e com certeza não tinham um cheiro agradável. Mas não havia pessoas que eu pudesse colocar em perigo.

Mas eu coloquei Grim em perigo. A última vez que o vi, ele estava lutando contra os sekhors da melhor maneira que podia. Mesmo com sua força sobrenatural, eles o dominavam. A morte e a violência o cercaram em uma nuvem negra enquanto ele lutava. Mas mesmo uma massa de formigas de correição pode ultrapassar um elefante. O sangue vazou através de suas roupas enquanto os vampiros se agarravam como sanguessugas.

Pouco antes de eu ser presa, os olhos dourados de Grim encontraram os meus e brilharam de medo e alarme. Naquele momento, tive certeza de que a preocupação dele ia além de me manter por perto como um lanche de carne. Saudade e necessidade se estenderam entre nós como uma corda física. Isto é, até eu ser embrulhada como uma salsicha e levada embora. Grim não queria que nada acontecesse comigo, apesar de alegar que teria que me matar assim que eu cumprisse meu propósito.

Minha garganta se apertou com um desejo profundo e com a necessidade de saber que ele estava bem. Eu sabia que ele era um deus imortal, mas a maneira como aqueles sekhors o atacaram... eles pretendiam desmontá-lo. Meu coração inabalável se apertou ao pensar que eles poderiam machucá-lo ou possivelmente matá-lo.

Eu queria tanto estar com ele, agora. Eu o deixaria julgar minha roupa, olharia para mim com desprezo e zombaria de seu olhar perpétuo. Ele poderia até me desfilhar com um vestido antigo enfeitado com babados, se fosse isso que ele quisesse. Qualquer coisa, desde que eu soubesse que ele estava bem.

A realidade é que eu captei sentimentos pela Morte e que a Morte captou sentimentos por mim era tão errada... e ainda assim, tão certa.

Ele viria atrás de mim. Eu sabia disso até a medula dos meus ossos.

Uma figura apareceu na frente da lâmpada. — Olá de novo.

Arrepios subiram pelos meus braços e pescoço. O medo inundou minha boca com um gosto metálico. — Você.

Meus olhos se ajustaram, observando as feições de Landon Crane. A última vez que o vi, ele parecia normal, inofensivo. Agora, eu sabia o que ele era. Um lobo em pele de cordeiro. — O que você fez comigo? — Exigi, fazendo a pergunta que me atormentava há semanas.

— Eu diria que a questão é: o que você fez comigo?

Com as mãos atrás das costas, Crane usava uma camisa listrada enfiada em jeans com um cinto. O cabelo loiro penteado para trás estava ralo nas têmporas. Ele havia raspado a barba, revelando um queixo estreito, fazendo-o parecer dez anos mais jovem. Aquele sorriso secreto e enervante apareceu no canto de seus lábios e seus olhos estavam muito fixos, como se ele estivesse engolindo informações com eles. Ele deveria estar ouvindo e rindo das histórias de um colega de trabalho perto do bebedouro de alguma empresa de tecnologia, e não escondido nos túneis sob a Las Vegas Strip.

Meu rosto se contorceu em confusão. — *Você* me transformou em uma vampira e me jogou em um beco, depois enviou um bando de seus sekhors para me matar. — Não fez sentido.

Ele esfregou o queixo enquanto se afastava da lâmpada. — Sim, posso ver como nada disso faria sentido. Mas nunca tive a intenção de matar você. Eu enviei meu pessoal para *resgatá-la*. — Aborrecimento apertou seus lábios e cortou suas palavras. — Infelizmente, os brutos que tenho transformado às vezes têm vontade de sair do controle. As feras sanguinárias não têm o hábito de controlar sua raiva. Mas eu não deixei que eles machucassem você. — Seus olhos arredondados e vidrados. — Eu nunca permitiria que eles machucassem você. Você é especial. No momento em que eles se tornaram canhões soltos, eu agarrei sua vontade e os forcei a irem embora.

Lembrei-me de como o rosto de Brutamonte se esvaziava toda vez que ele fervia, então ele se afastava. A mesma coisa com o Olho Leitoso. O mestre puxou a coleira de seus asseclas com força. Bem, eu matei seus cachorros no final.

Ele alisou meu cabelo estático para trás. — Eu tentei te mostrar que você e eu estávamos destinados a ficarmos juntos, mas você não gostou do bilhete de amor que deixei para você no beco?

Eu queria afastar minha cabeça, minha pele recuando ao seu toque. Mas quando olhei nos olhos dele, vi algo mais do que um homem brando e inofensivo.

Eu me lembrei disso. Algo bateu em meu cérebro, despertando uma memória antiga, no momento em que percebi que Landon Crane não era quem parecia.

Quando entrei no restaurante vinte minutos mais cedo, Landon já estava sentado e esperando. Havia duas taças de vinho tinto sobre a

mesa, mas não parecia que ele tivesse tocado nas suas. Também não me mexi para tocar no vinho, já que: A) era uma cervejeira e B) tecnicamente estava trabalhando.

Eu fiz minha pesquisa, investiguei seu passado. Certifique-se de que não haveria surpresas. Crane foi parado e preso quando o policial descobriu que o registro do carro havia expirado e Crane tinha várias multas de estacionamento não pagas de toda a cidade. A maioria das pessoas não percebe que você não tem permissão para pagar multas de estacionamento na prisão. Eles o libertaram, mas ele nunca pagou as multas, perdeu a audiência no tribunal e pareceu praticamente desaparecer. Isso foi há quatro meses.

Mas eu o encontrei on-line sob o pseudônimo de Landon Bird – diabo inteligente –, e consegui que ele concordasse em nos encontrar para um encontro. Ele estava em vários sites de namoro online. Depois de uma breve introdução e troca de informações básicas no restaurante — *Olá, trabalho como motorista de Uber, adoro cachorrinhos e espero viajar pela Europa algum dia* — fiz minha jogada.

Eu me recostei na cadeira e enviei-lhe um olhar penetrante acompanhado de um meio sorriso sedutor. — Por que não vamos direto ao assunto, Landon. Estou aqui para me divertir. Embora pudéssemos sentar aqui e trocar algumas informações superficiais sobre nós mesmos, ambos sabemos que estamos realmente esperando pelo que acontecerá no final da noite. Gosto do que vejo e estou sugerindo que façamos o que dois adultos consentidos muitas vezes negam a si mesmos. Sobremesa antes do jantar.

A maioria dos caras ficou surpresa com minha abordagem avançada, mas, no final das contas, fui uma lufada de ar fresco. Tirei todo o trabalho da situação e prometi um biscoito cookie sem culpa, do qual a maioria dos homens comeria com prazer.

Landon Crane apenas piscou para mim.

Eu o estudei de volta, me perguntando se ele era lento. — Sexo — eu finalmente disse. — Estou falando de sexo, Landon. — O garçom começou a se aproximar, mas quando ouviu minhas palavras, fez o possível para passar casualmente por nós.

— Se dispensarmos as gentilezas, você não acha que algo se perderá na experiência? — Ele finalmente perguntou.

— Você está me dizendo que não está interessado em sexo?

— Pelo contrário, sou um ávido caçador de emoções. — Olhos fixos nos meus, algo não identificável escondido atrás deles, ele acrescentou: — Ao contrário da minha aparência.

Decidi mudar para uma tática de incitação. Encolhendo os ombros, passei o dedo pela borda da taça de vinho. — É verdade, se eu tivesse que adivinhar, diria que sua ideia de uma noite selvagem pode ser pagar seus impostos.

Mesmo depois de todas as minhas pesquisas, parecia que seu pior pecado era aquela pilha arrumada de multas de estacionamento não pagas que haviam saído do controle.

— Um verdadeiro caçador de emoções não busca atenção — disse ele, ajeitando o guardanapo no colo.

O que diabos isso significa?

Alguns homens instantaneamente caíram sobre si mesmos com a necessidade de provar a sua masculinidade ou sexualidade. Mas não esse cara, legal como um pepino.

A realidade de que talvez eu realmente tivesse que ficar e pedir comida me irritou. Mas, novamente, talvez deixá-lo cheio e letárgico aumentaria a facilidade de colocar algemas nele assim que saíssemos do restaurante. Mesmo assim, não gostei de passar uma refeição com esse cara. Ele deixou meus dentes no limite.

Atirei-lhe uma piscadela de flerte e dei-lhe uma olhada óbvia. — Que tipo de emoção você procura? — Eu queria que ele mordesse a isca, queria acabar logo com isso e fugir dessa vibração assustadora que Landon Crane emitia.

— Você já usou batom? — Ele perguntou, mudando de assunto abruptamente. Seu tom era muito uniforme, vazio. Havia uma fome insondável nele que se abria, ameaçando me engolir inteira.

Suprimindo um arrepio, eu disse: — Não, a menos que seja necessário. — Eu optei por um brilho labial com sabor de abacaxi para dar um pouco de brilho, mas os batons exigiam muita manutenção e muitas vezes acabavam manchando meu rosto. Eu era mais o tipo de garota com delineador escuro.

— Pena. — Seus olhos deslizaram para meus lábios. — Você ficaria espetacularmente linda em um tom chamado Fogo e Gelo.

Meu sangue congelou enquanto tudo dentro de mim se acalmava. Meus instintos atingiram o auge em uma onda de compreensão que era

tão insana que não poderia ser verdade. Minha imaginação estava me escapando. Disseram-me isso durante toda a minha vida. Muitas noções caprichosas e ridículas. Ainda assim, não consegui afastar o pensamento que tomou conta do meu cérebro. — Você pode me dar licença por um minuto? — Eu perguntei com um sorriso de desculpas. — Tomei um grande gole mais cedo e ele voltou batendo. — Landon assentiu levemente.

Eu não conseguia sentir minhas pernas enquanto elas me levavam de volta ao banheiro. Sinos de alarme dispararam na minha cabeça, abafando o som do restaurante. Depois de fechar a porta, peguei meu telefone e fiz uma busca.

Batom Fogo e Gelo. Os bilhetes de estacionamento. Eram peças se organizando rapidamente enquanto a voz de Landon ecoava em minha mente. — Sou um ávido caçador de emoções.

Vários corpos de mulheres apareceram no ano passado. Correção, corpos sem membros. A imprensa informou que a polícia suspeitava de um serial killer, mas nada foi confirmado. Mas fui até a delegacia e ouvi os policiais conversando sobre a ligação entre os corpos. Fogo e gelo. Era um batom barato e comum de farmácia, mas tinha sido aplicado nos lábios de todas as garotas, após a morte.

Procurei em meu telefone a localização dos corpos, descobrindo sobre o que eu esperava estar errado. O veículo de Crane foi multado relativamente perto de quatro dos seis. Soltando um suspiro, me apoiei na parede. Isso foi demais para ser uma coincidência.

Eu poderia ir embora? Fingir que nunca vi a foto de Landon Crane? O pagamento não compensava o perigo em que de repente me senti mergulhada. Mas minha maldita consciência me disse que eu precisava tirá-lo das ruas o mais rápido possível. Eu conversaria com os policiais da delegacia, contaria o que descobri e tornaria isso problema deles.

Depois de uma rápida conversa estimulante no espelho e um jato de água fria no rosto, voltei para fora.

Assim que me sentei novamente, Crane disse: — Por um momento, não pensei que você voltaria.

Minha risada soou forçada. — Não conseguiu se livrar de mim tão facilmente.

Houve uma mudança quase imperceptível em seu comportamento, como se ele estivesse ouvindo com mais atenção o que eu estava dizendo.

A ansiedade se amontoou ao meu redor até que eu não consegui respirar. Eu não tinha mais ideia se parecia ou agia normalmente, e não como se estivesse sentada em frente a um serial killer. — Você estava dizendo que eu ficaria bem em Fogo e Gelo? Essa era a cor que sua mãe usava ou algo assim? — Pelo que eu sabia, os serial killers vinham principalmente de infâncias complicadas. Infâncias epicamente confusas.

A escuridão brilhou em seus olhos por um momento. — Ou alguma coisa parecida.

Merda, eu não deveria ter perguntado. Mas agora que eu tinha uma suspeita sobre quem ele era, isso estava estampado em minha mente em grandes letras neon, *serial killer*, completo com uma seta piscando apontando para sua cabeça.

Landon brincou com a haste de sua taça de vinho. — Você tem razão. Por que nos negar a sobremesa? Sentado aqui com você, fiquei com bastante... fome. — Então ele fez algo extremamente aterrorizante. Ele sorriu.

Eu duvidava que seus vizinhos fizessem algo assim: — Eu nunca teria suspeitado que aquele cara fosse um assassino. — Eles seriam cem por cento testemunhas dizendo: — Sempre houve algo estranho nele, mas o que você vai fazer? — Porque o sorriso dele me deu arrepios absolutos, como um palhaço de brinquedo dos anos setenta que ainda estava muito feliz em conhecer você e seu baço delicioso.

Apesar de seu sorriso assustador, fiquei grata por isso estar quase acabando. Saí pelos fundos e fiz uma rápida viagem de carro até a polícia com ele no meu banco traseiro enjaulado. Eu lancei a ele um olhar que era ao mesmo tempo tímido e ardente.

— Mas primeiro... — ele ergueu sua taça de vinho — ...para os caçadores de emoções.

Peguei a minha e nossas taças tilintaram. Normalmente, eu teria apenas fingido tomar um gole, mas Crane bebeu o seu, fazendo contato visual para ter certeza de que eu fazia o mesmo. O pinot estava decente quando deslizou pela minha garganta. Inferno, isso pode até ajudar meus nervos.

Propus que saíssemos pelos fundos porque conhecia um local divertido para começar a festa. Ele jogou uma nota de vinte na mesa e me seguiu.

Ao passarmos pela cozinha, comecei a me sentir corada e tonta. Meu estômago começou a revirar. Mas foi só quando a pesada porta de aço se fechou atrás de nós que percebi que ele tinha me drogado.

Eu queria me virar e bater na porta para alguém abri-la novamente. Mas a porta grossa trancava automaticamente quando fechada – geralmente um bônus, para que meus procurados não pudessem voltar para dentro. O pessoal da cozinha estava acostumado a ignorar qualquer confusão no beco quando eu estava por perto.

Com as pernas trêmulas, como um potro recém-nascido, dei dois passos, tropecei, dei outro e caí nos braços de Crane. Suas palavras ecoaram ao meu redor enquanto eu era engolida pela escuridão. — Você me excita.

CAPÍTULO VINTE E NOVE



— Você me drogou, seu filho da puta. Bebeu meu sangue e me jogou em um beco — gritei para o psicopata parado acima de mim. Foi por isso que eu não gostava de beber vinho tinto no Wolf Town Club e me recusei a aceitar a bebida daquele Boneco Ken. Embora eu não me lembrasse conscientemente, meus instintos lembraram e estavam me avisando.

Crane continuou a acariciar meu cabelo enquanto eu me esforçava para fugir. — Um cálculo infeliz da minha parte. Mas no restaurante eu sabia que você era especial. Normalmente eu nem daria uma segunda olhada em alguém com suas feições; prefiro as de pele mais clara e fria. Mas você era diferente das demais, mais inteligente. Eu vi isso em seus olhos quando você descobriu quem eu era e o que tinha feito. Não tenho certeza de como você fez isso, mas soube no instante em que você fez isso. — Ele riu baixo. — E como você sabia sobre minha mãe... — Ele parou, maravilhado.

Ele deu um passo para trás, sua mão caindo do meu cabelo. Eu queria desesperadamente tomar um banho quente até poder limpar seu toque. Se eu fosse loira e de olhos azuis, meus membros já estariam espalhados pelo estado? Como todas aquelas mulheres que ele torturou e cortou em pedaços? Morta-viva não parecia o pior dos dois destinos, mas ainda estava em debate.

Ele continuou. — Você sabe quantas vezes fico surpreso? Raramente. É por isso que eu não apenas te droguei, mas também adicionei sangue do Original ao seu copo quando você saiu para o banheiro. Mas mesmo assim eu queria que você estivesse ao meu lado, me ajudando a mergulhar o mundo no fogo e torná-lo novo. Há muito tempo que procuro alguém igual e sabia que finalmente o tinha encontrado. Eu diria que talvez tenha me tornado muito romântico quando sugeri que você seria minha rainha em uma nova terra.

Crane disse a última parte com a timidez de um garoto de escola, o maldito doente.

— Ei, psicopata, se você queria que eu fosse sua rainha, por que me largou em um beco?

Então, com um puxão desconfortável no colarinho, ele disse: — Você teve uma reação ao sangue diferente da minha. Quando bebi o sangue do Original, mudei, enquanto estava consciente, em um tempo relativamente curto. Você parecia realmente morrer.

— Então você decidiu, que era melhor incluir uma refeição? — Perguntei, virando a cabeça para o lado para mostrar meu pescoço cheio de cicatrizes, embora estivesse velado pelas tiras de couro.

Ele encolheu os ombros, não parecendo tão envergonhado. — Se você se lembra, não jantamos. Eu estava morrendo de fome quando saímos. Não desperdicei, não queria. — Então ele sorriu. — Embora eu acredite que me alimentar de você nos tenha ligado psiquicamente. É por isso que você conseguiu ouvir meus doces sussurros em sua mente.

— Você me fez gravar sua mensagem em minhas próprias mãos com uma faca de carne — eu disse, completamente chateada agora. Uma vez eu me preocupei que o mestre vampiro tivesse começado como eu e se transformado em um bastardo odioso e monstruoso. Mas esse maluco começou já perverso e violento, não havia possibilidade de eu acabar como ele.

Ajoelhando-se ao meu lado, ele colocou a mão na minha. Eu gostaria de poder arrancá-la, mas estava bem algemada.

— Outra nota de garantia para que você soubesse que eu estava vindo atrás de você. Desde que soube do seu renascimento, estou desesperado para chegar até você.

— Se você estava tão desesperado, por que não veio me buscar? — Perguntei.

A voz de uma mulher respondeu por ele. — Porque ele estava tentando esconder o que tinha feito.

Qwynn entrou na luz da cela.

— Eu sabia que sua bunda vadia estava envolvida nisso! — Exclamei, minhas algemas chacoalhando.

Seus braços estavam cruzados sobre o que parecia ser uma série de tiras pretas cruzando seu torso e seios até uma gola que envolvia

seu pescoço. Se eu não soubesse melhor, poderia pensar que ela estava mordendo meu gosto por BDSM do Wolf Town Club.

Metade de seu longo cabelo preto estava preso em um rabo de cavalo, enquanto a maquiagem dos olhos era escura e sedutora. As feições felinas de Qwynn ficaram entre o aborrecimento e a diversão. — Devo dizer que ficar acorrentada como uma cachorra combina com você.

Então, deixando cair os braços e virando-se para Crane, seu aborrecimento aumentou. — Sua pequena cobra. Você tentou esconder de mim que era um mestre. Você vai matá-la imediatamente e nunca mais pensará em sair da linha ou eu arrancarei sua cabeça.

Crane não se comoveu. Ele a olhou com frieza e tédio, como se ela não passasse de uma garota boba e inútil. Eu me perguntei se ele sabia que ela era uma deusa. A deusa das vadias manipuladoras, mas cada uma com a sua.

— Você precisa de mim. — Crane disse em um tom calmo. — E você precisa de mim feliz. Se você me matar, todos os sekhors morrerão e você terá que começar tudo de novo. Só que desta vez você não terá o elemento surpresa nos outros. Você realmente pode se dar ao luxo de me matar? — Ele caminhou até o meu lado e agarrou minha nuca com dedos frios e úmidos. — Quanto custa para você me deixar ter uma rainha para que ambos possamos servi-la?

Qwynn parecia prestes a ranger os dentes, mas imaginei que ela nunca faria algo aparentemente tão pouco atraente. Suas pálpebras baixaram em um olhar mordaz de desdém que teria congelado o sangue nas veias de qualquer homem. — Você fez outro mestre. Se você simplesmente a transformasse, não estaríamos tendo essa conversa.

— Posso controlá-la — respondeu ele, como se tentasse apelar à mãe para que o deixasse ter um cachorrinho. *Juro que vou cuidar dela, levá-la para passear e alimentá-la todos os dias.*

— Grande chance disso. — Eu bufei.

Nenhum dos dois se preocupou em olhar para mim. — Prove e você poderá ficar com ela — disse Qwynn.

— Nossa, você realmente acha que tem idade suficiente para uma responsabilidade tão grande? — Eu provoquei.

Soltando meu pescoço, Crane foi até Qwynn, com um sorriso no rosto que fez meu interior gelar. — Eu tenho apenas o método certo para demonstrar. — Ele bateu palmas e um dos sekhors avançou com um embrulho pendurado no ombro. Ele colocou a pequena forma humana no chão, com um saco cobrindo a cabeça, com mãos e pés amarrados. Crane caminhou até o recém-chegado, com um sorriso no rosto, depois puxou o saco como se estivesse realizando um truque de mágica.

Meu estômago gelou quando o pânico explodiu dentro de mim. O garoto tinha uma mordaca enfiada na boca, bochechas manchadas de lágrimas e olhos arregalados e cheios de medo. Era Jamal.

CAPÍTULO TRINTA



Os enviados de Galina rastrearam os sekhors rapidamente, mas não o suficiente para o meu gosto. Não perdi tempo descendo até os túneis abaixo da Strip. Eu mandei uma mensagem para Timothy e Miranda, dizendo-lhes para me encontrarem lá. Galina me emprestou um de seus enviados para me levar até os sekhors, enquanto esperava na entrada do túnel por Timothy e Miranda. Eu não sabia no que estávamos nos metendo, mas planejei assumir a liderança.

Era amplamente conhecido que moradores de rua faziam moradas nesses túneis, passei por vários berços, pilhas de roupas e livros de bolso manchados de água. Mas meus instintos me disseram que esses invasores haviam desaparecido. Mais precisamente, senti a morte persistente nesses túneis. Um esconderijo perfeito para o mestre e seus sekhors.

Com cuidado para não fazer barulho enquanto o som ecoava aqui embaixo, segui o persa branco e fofo pela escuridão.

O gato parou para lamber as patas e percebi que o enviado de Galina não iria mais longe. Meus olhos brilharam, lançando luz no túnel. Eventualmente, abriu-se para um grande espaço. Uma pilha de corpos drenados foi deixada descartada em um canto.

— Ela não é sua, você sabe. — A voz de um homem ecoou pelo túnel.

Olhando em volta, mas não vendo ninguém, eu disse: — Não sei o que você quer dizer.

— Eu vi como você olha para ela. Como você a protege. — O mestre. Tinha que ser. Seu tom era frio e indiferente, mas por baixo eu podia sentir a obsessão faminta tingindo suas palavras.

A voz parecia se mover ao meu redor, vinda de cima... a acústica fazia com que o som saltasse. Tentei discernir de onde vinha.

— Eu tenho usado Vivien para encontrar você — eu disse, tentando mantê-lo envolvido na conversa para que eu pudesse identificar sua localização.

— Não — ele sibilou. — Você veio atrás dela. Eu entendo. Eu também não pude resistir a ela. Não tenho certeza se ela entende, mas você entende. Jane é especial. Seu espírito é imutável e sua inteligência é única. Já peguei muitas mulheres, separei todas elas e não vi nada parecido com *ela* antes.

Crane disse isso com toda a desconexão de um cirurgião ou cientista profissional. Ele me enojou.

Ele continuou. — Mas no momento em que vi Jane, olhei nos olhos dela, eu sabia que ela já havia passado pelo fogo. E agora ela não teme a queimadura, as mudanças que virão porque ela sabe quem ela é. Você sabe quantas pessoas realmente se conhecem?

Meus sentidos se alargaram enquanto tentava rastrear de onde vinha sua voz, mas ela saltava nebulosamente no espaço cavernoso. Tentei não deixar suas palavras penetrarem, mas não pude deixar de concordar. Vivien poderia sobreviver mais do que ela imaginava.

— Eu mostrei a tantas mulheres quem elas são, coloquei seus corações batendo diante dos olhos e elas não conseguiram lidar com a verdade. Mas eu vi que Jane não tem medo de nada. Não é esse o tipo de mulher que você quer ao seu lado?

— Por que você está fazendo isso? — Perguntei. — Como você sabia que deveria tomar o sangue do Original?

— Eu disse a ele — respondeu uma voz feminina. Qwynn saiu de um dos túneis, junto com três sekhors atrás dela.

— Qwynn, você enlouqueceu?

Ela encolheu os ombros e caminhou em minha direção. — Você não está cansado, Anu? Você não está cansado de ter que cuidar de todas aquelas almas? Você não quer uma pausa?

Ela estava tentando me tirar do caminho. — Onde está Vivien? Onde está a criança?

Qwynn segurou meu rosto entre as mãos. — Eu fiz isso por você. — O brilho habitual de malícia estava faltando em seus olhos. Ela estava falando sério.

— Isso não será suportado — eu disse.

— Você não está cansado de julgar almas? Por toda a eternidade, o julgamento será seu fardo.

— Minhas responsabilidades são importantes e necessárias.

— Não se não houver almas para julgar. — Suas sobranças levantaram.

— Então é isso. Se os sekhors retornarem ao mundo, prendendo a alma ao corpo, você acha que eu, o que... terei mais tempo para você?

— Você não está cansado de viver em segredo? Somos deuses, deveríamos governar este mundo. No entanto, dizem-nos que devemos manter a cabeça baixa e obedecer à lei. — Por um momento, a fachada caiu quando ela deu um passo à frente, suas mãos emoldurando meu rosto enquanto ela examinava meus olhos com pura necessidade. — Por nós. Por amor, Anu. Estou tentando libertar você. Pertencemos a um mundo onde fazemos as nossas próprias regras e vivemos eternamente como achamos adequado. Junte-se a mim e poderemos usar os sekhors para derrubar esta suposta ordem e conquistar este mundo.

— Pelo menos você pode finalmente admitir — eu disse, cobrindo as mãos dela com as minhas. — Que você não se preocupa com nada, exceto com o poder. — Eu me afastei, tirando suas mãos de mim. — Você não quer que eu passe todo o meu tempo julgando almas, Qwynn? Acredito que essa é a única coisa com a qual você se importou. Quanto poder eu exerço e tentou dobrar esse poder à sua vontade. — Deixando o poder inundar minha voz, ela ecoou pelas paredes do túnel. — Mas acaba agora, Qadesh.

O gelo entrou nos olhos de Qwynn enquanto ela franzia os lábios e recuava. Eu destruí toda e qualquer ilusão de que seria seu aliado e amante novamente. — Eu deveria saber que você seria assim. Você nunca poderia pensar fora da caixa. Desculpe-me — ela se corrigiu com um sorriso malicioso — O sarcófago.

Eu não respondi com palavras. Eu liberei meu poder, gavinhas escuras de morte me cercando. Eu bati em Qwynn, fazendo-a voar pelo túnel até que ela bateu na parede com um estrondo. Os túneis tremeram com o impacto. Ela caiu de joelhos em meio a um desmoronamento de concreto. Quando ela olhou para cima com malícia brilhando em seus olhos estreitados, ainda havia um sorriso presunçoso curvando seus lábios. — Você acha que não estivemos ocupados nos preparando, Anu? Crane — ela disse mais alto — Seja um querido e envie nossos amigos.

Sekhors emergiram dos túneis por todos os lados, soldados violentos e de olhos vazios, presas pingando saliva. Eu lutei para me livrar do número esmagador de sekhors na antiga residência de Vivien, mas havia dez vezes esse número aqui abaixo da cidade, talvez mais. Meus músculos se contraíram.

— Sinto muito, meu amor — disse Qwynn, levantando-se e voltando para a multidão de vampiros. — Eles estão todos com muita fome e disseram que o sangue de um deus é uma ambrosia deliciosa que eles não podem perder. — Ela desapareceu na escuridão do túnel enquanto os sekhors irrompiam em um grito, avançando em minha direção com uma sede de sangue enlouquecida.

Eu estava em grande desvantagem porque eles me atacaram de todos os lados. Sem esperar desta vez, eu me transformei em minha semelhança com um deus, ossos quebrando e músculos alongando e inchando enquanto me transformava em um enorme chagal negro. Com um rugido que reverberou pelo meu ser e sacudiu o túnel, bati meu punho em um grupo de sekhors que avançava sobre mim, e eles explodiram para trás em uma onda, derrubando os sekhors atrás deles. Dei outro soco, liberando minhas garras e cortando a cabeça de vários outros.

As marcas de mordidas haviam cicatrizado antes, mas minha carne quebrou novamente enquanto todos tentavam cravar os dentes em mim e me drenar.

Em momentos, fui enterrado em vampiros. Pensei em Vivien, em algum lugar desses túneis, tão perto. Ela precisava de mim. Eu podia sentir como se ela estivesse enviando mensagens no ar.

O poder cresceu dentro de mim até que explodi, os vampiros voaram de mim e voltaram para sua própria horda.

— Achei que você precisaria de ajuda, mas parece que você tinha tudo sob controle — disse Fallon, entrando pelo mesmo túnel por onde passei.

Agarrei o sekhor mais próximo e torci sua cabeça e joguei em outro que vinha em minha direção. — Você vai ficar aí parado? — Perguntei ao meu irmão suavemente.

Com um encolher de ombros, Fallon entrou na briga, os olhos brilhando com violência em momentos. Ele abriu caminho entre a multidão até que estávamos lutando lado a lado.

Qwynn e Crane estavam fugindo e poderiam levar Vivien com eles. Se Crane escapasse, ele poderia ganhar ainda mais sekhors.

Foi quando Timothy, Miranda e Galina apareceram. Eles não perderam tempo entrando na luta.

— Onde está Jamal? — Miranda gritou para mim. Um vampiro voou para ela pela esquerda, mas ela se virou e atirou no sekhor entre os olhos.

— Eu vou encontrá-lo — eu disse, aproveitando a oportunidade para parar e seguir na direção em que Qwynn havia desaparecido. Eu precisava encontrar ela e Crane e detê-los. O resto iria adiar os sekhors. Confiei em Timothy e Galina para proteger a Sra. West, embora não tivesse dúvidas de que ela se defenderia.

Com supervelocidade, corri pelos túneis. Parei imediatamente quando avistei uma cela gradeada à minha esquerda, em uma alcova. Era uma construção recente.

Uma figura humana estava lá dentro. Estava sentado, curvado. Reconheci o brilho quente de um sekhor, mas, ao contrário do de Vivien, este era abafado, monótono. Quem quer que fosse, eles estavam conversando. — Oh Deus, oh Deus, oh Deus.

— Vivien? — Eu disse, minha voz ecoando em direção à figura. A figura se contorceu e vi os olhos de Vivien. Eles eram maiores que o normal e vermelhos como sangue.

No segundo que ela me viu, ela se levantou e tropeçou nas grades com um soluço. Ela se pendurou nelas como se estivesse indefesa. Agarrei a porta trancada e arranquei-a das dobradiças, jogando-a atrás de mim. Tudo dentro de mim gritou de alegria quando Vivien caiu em meus braços. Ela estava bem.

Ela agarrou meus braços enquanto suas palavras saíam. — Diga-me que isso é um sonho. Diga-me que você não está realmente aqui. Isto é um pesadelo e você não está aqui. — Vivien parecia fora de si, dominada pelo medo e pela ansiedade.

— O quê ele fez pra você? — Eu perguntei, cada parte de mim chamando a atenção.

Um soluço saiu de sua garganta enquanto ela fechava os olhos com força. — Você está aqui, não está? — Afastei seu cabelo rebelde e bagunçado de seu rosto, mas não consegui acalmar seus sentimentos torturados que irradiavam dela como se fossem uma ferida aberta.

Então seus olhos se abriram. — Você pode consertar isso. Você é o único que pode consertar isso.

Então ela estava me puxando, me levando até onde ela estava ajoelhada no chão. Vi a fonte de sua dor. Eu fiz uma careta.

Jamal estava deitado no chão, com o pescoço mutilado e ensanguentado. Ela se alimentou dele. Sua pele morena e quente ficou pálida. Mesmo na escuridão, pude ver que sua alma mal se agarrava ao seu corpo. Ela quase o drenou.

— Eu tentei parar. — Vivien puxou o cabelo e fechou os olhos novamente. — Tentei de tudo para parar, mas o mestre estava na minha cabeça. Crane é muito mais forte desde que criou um exército de sekhors. Seu poder está crescendo. Ele me forçou a me alimentar e depois tirou minhas forças.

O fato de ela ter deixado algo de Jamal demonstrava grande controle de sua parte, mas a criança ainda não duraria muito neste mundo. Então, virando-se para mim, ela agarrou minha camisa. — Você tem que salvá-lo.

— Eu não posso fazer isso — eu disse calmamente.

Ela agarrou minha camisa, amontoando o tecido em suas mãos. — Eu não preendi a alma dele em seu corpo. Eu não o fiz beber meu sangue. Ele não será um vampiro. Você pode salvá-lo. — Ela engasgou com um soluço. — Você tem que fazer. Jamal não merece isso. Ele não deveria estar aqui.

Eu enfrentei os apelos de milhões e milhões de almas. A morte fazia parte do ciclo da vida. No entanto, as súplicas de Vivien me dilaceraram. — Eu não posso... eu nunca quis... eu tentei parar. Mas você pode salvá-lo.

Agarrei seus braços com uma força contundente. Seu balbúcio torturado foi interrompido abruptamente quando ela se concentrou em mim. Falei devagar, deliberadamente. — A morte é necessária e é natural.

Um novo fogo acendeu em seus olhos quando ela apontou para o corpo caído de Jamal. — Isso não é necessário. Esta é a nossa luta, não a dele. E se você tivesse o poder de salvá-lo, você o faria. Foi você quem disse que valorizava a vida humana. Que Qwynn traiu você quando usou mortais. Não deixe que ele seja um dano colateral nesta batalha. Não a deixe vencer. Não deixe aquele bastardo, Crane, escapar impune.

— Suas palavras quebraram no final. — Leve minha alma. Qualquer coisa.

— Você sabe que não tem alma com quem negociar. — Assim que disse isso, soube que não era inteiramente verdade. Nenhuma força neste universo era sem um custo. E embora eu não pudesse levar a alma de Vivien para salvar a de Jamal, havia outro preço que ela poderia pagar para preservar o equilíbrio. Havia algo que eu poderia tirar dela que me permitiria salvar o menino e ao mesmo tempo manter a balança do destino equilibrada.

Mas se há uma coisa que aprendi sobre Vivien é que ela nunca concordaria com o preço.

— Haverá um custo. — As palavras saíram antes que eu soubesse o que estava dizendo.

Sua cabeça balançou enfaticamente. — Qualquer coisa. Apenas faça. Faça isso agora. — Com os olhos continuando a piscar para Jamal, ela sabia que ele tinha apenas alguns momentos restantes.

— Vivien, você deve saber o preço...

— Agora, Anúbis. — Ela apelou para mim usando meu nome verdadeiro e o poder surgiu em mim. O uso do meu verdadeiro nome me deixou inebriante enquanto a energia pulsava através de mim novamente. Havia poder em um nome.

— Você precisa beber meu sangue.

Os olhos vermelhos-sangue de Vivien se arregalaram. — Eu não posso — ela sussurrou. Ela pensou que iria me machucar. Ela pensou que isso a tornaria um monstro. Ela não sabia a verdade, mas não havia tempo para explicar.

— Então o menino morre — eu disse, minha voz dura.

Sabendo que estávamos sem tempo, ela engoliu em seco e se aproximou de mim. Ela aproximou a boca de onde meu pescoço e ombro se encontravam. Seus lábios pairaram ali por um momento, sua respiração aquecendo minha carne exposta, causando arrepios de sensação por todo o meu corpo.

— Não temos tempo para você se decidir. Se você quiser destruir o mestre e salvar o menino, você beberá meu sangue e fará isso agora — ordenei, minha voz cheia de poder. Eu estava oscilando no limite, prestes a cabecear. Mas eu não podia parar agora.

As emoções bateram em mim em um conjunto confuso enquanto eu a incentivava. Eu queria isso. Tudo sobre isso estava errado, mas eu não podia e não iria parar agora.

Então as presas de Vivien cortaram meu pescoço.

CAPÍTULO TRINTA E UM



Assim que seu sangue atingiu minha língua, gemi de prazer. Embora eu já estivesse aquecida pelo sangue de Jamal, minha temperatura continuou a subir.

Grim não tinha gosto humano. Não, isso era diferente de tudo que eu já havia experimentado. Sabores se desdobraram em minha língua que eu mal conseguia nomear, assim como não conseguia descrever cores que meus olhos nunca tinham visto antes. Agarrei as costas e os braços sólidos de Grim e agarrei-me como uma sanguessuga. Eu podia me ouvir continuando a gemer e choramingar enquanto sugava.

— Suficiente.

Eu mal registrei seu sussurro áspero.

Meus joelhos tremeram, todo o meu ser tremeu. Oh Deus, eu precisava de mais. Eu precisava de tudo. Em algum lugar no fundo da minha mente, senti um estalo, como se alguma conexão tivesse sido quebrada. Esfreguei meu corpo contra Grim. Meus mamilos estavam endurecidos, e a sensação de seu corpo duro apenas alimentou o fogo que ardia dentro de mim. Eu queria queimar.

— Vivien, chega — ele disse um pouco mais alto.

Onde o sangue humano era vida, o sangue de Grim abrangia todo o cosmos. Enquanto bebia, era como girar pelo universo, ao mesmo tempo, perceber que eu também era o universo. Tudo foi feito do mesmo tecido. Eu era feita das mesmas partículas ardentes que compunham as estrelas. O tempo e o espaço se expandiram e se estenderam infinitamente diante de mim, e eu entendi tudo. Então tudo desapareceu, deixando apenas Grim. Ele era todo o meu ser, eu nunca mais poderia me separar dele ou morreria. Precisava dele inteiro em todos os sentidos. Eu beberia seu sangue até virar cinzas.

— Eu disse o suficiente. — Sua voz ecoou pelo túnel, interrompendo minha sensual viagem psicodélica.

Uma mão fria agarrou minha vontade com punho de ferro. Minhas costas se endireitaram com um estalo e me afastei de Grim.

Embora eu imediatamente quisesse chorar, depois de separar seu pescoço, eu sabia que algo pior acabara de acontecer.

— O que você fez comigo? — Eu respirei.

Seus ombros subiam e desciam com movimentos exagerados. O arrependimento pesava na testa de Grim. O sangue escorria das feridas onde eu estava bebendo. A vontade de lambar seu pescoço, me agarrar a ele quase me deixou de joelhos. Mas me forcei a olhar nos olhos dele, que haviam ficado totalmente pretos. — O que você fez comigo? — Eu me repeti.

Mas eu já sabia. Gelo pingou em meu estômago. Senti o vínculo se formar entre nós. Ele pegou meu controle. Ele me ordenou que parasse e eu obedeci.

Grim não respondeu. Em vez disso, ele foi até Jamal. Eu vi um de seus ceifadores arranhando o chão ao lado de Jamal. — Nyliak — Grim murmurou, e o cachorro recuou, baixando a cabeça.

De repente, pude ver a alma de Jamal. Era bonita. Pura luz branca e dourada de pura energia. Pairava sobre seu corpo e estava conectada a ele por uma mera gavinha. Grim estendeu a mão e agarrou-o. Jamal, ou a luz brilhante e tênue que era sua alma, lutou em seu alcance. Grim fechou os olhos em concentração. Lenta mas seguramente, ele fortaleceu a ligação entre a alma de Jamal e seu corpo esgotado.

— Ele vai ficar bem — Grim disse quando terminou, sem olhar para mim. — Ainda precisamos de atenção médica para ele.

— Jamal. — A voz de Miranda ecoou pelo túnel.

— Aqui — eu gritei, minha voz rouca. Tropecei para me afastar de Grim, precisando ficar longe dele. Ele não seguiu.

A voz de Miranda continuou a me guiar pelos túneis. Mas eu estava perdida nos efeitos colaterais do sangue de Grim.

Estava amarrada a Grim. Eu precisava dele, ansiava por ele, e doía fisicamente fugir dele. Eu não conseguia pensar na expressão em seu rosto, como se ele tivesse feito algo tão profundamente lamentável

que eu agora fosse objeto de pena. Lágrimas picaram no fundo dos meus olhos.

Com pensamentos e emoções girando ao meu redor como um tornado, eu me senti como uma vaca levada pelos ventos mortais de algo mais massivo do que eu poderia entender. E eu certamente não esperava Landon Crane quando ele apareceu na minha frente.

O mestre psicopata agarrou meu rosto com uma das mãos, cravando as unhas em minhas bochechas e forçando meus lábios a franzirem. Ele me apoiou vários passos. O cabelo de Crane, antes perfeitamente penteado para trás, agora estava desgrenhado, sua camisa de botão estava uma bagunça amarrotada. Violência e frustração vibravam em sua forma compacta.

— Você irá matá-los, então voltará para mim como uma vadia obediente. — Ele deu outra sacudida no meu rosto antes de me soltar. Esfreguei meu rosto e enrolei meus lábios para ele.

— Mate-os. — Crane apontou para o túnel onde minha audição sensível de vampira poderia captar os passos rápidos e leves de Miranda.

Eu ainda não me mexi.

As narinas de Crane dilataram enquanto ele se concentrava em mim. Crane disse com mais força: — Eu ordeno que você mate-os.

Então percebi a causa de sua raiva. Eu estreitei meus olhos. — Parece que qualquer vínculo psíquico que compartilhamos foi cortado, garoto Landy.

— Não. — Ele bateu o pé com toda a fúria e petulância de uma criança prestes a fazer birra.

Joguei meu joelho em suas bolas. Crane se dobrou com um grito de dor. Foi interrompido quando dei um soco em seu rosto, quebrando seu nariz com uma espetacular explosão de sangue.

— Eu sei que não é Fogo e Gelo, mas a sombra combina com você — eu disse, referindo-me ao sangue escorrendo pela sua boca, agora pingando em sua camisa.

— Mas acho que você poderia usar uma segunda camada. — Dei um segundo soco em sua boca. Ele chorou como uma criança furiosa.

— Você sabe o que é ser controlado? Você sabe o que é ser mutilado e assassinado? Não. Você acha que pode brincar de deus.

Ele tentou interceptar meu próximo chute, mas eu estava mais forte agora. Ele tropeçou para trás sob a força da minha fúria. Aproveitei a oportunidade para dar outro passo e girar para desferir um chute circular que acertou a lateral de sua cabeça. Eu ouvi o estalo de seu pescoço, mas Crane ainda não caiu. Ele era poderoso com seu exército de sekhors alimentando sua força, mas eu engoli sangue de um deus de verdade. Isso, eu fiquei tão lívida quanto um gato preso em um tanque molhado.

— Minha vida não é para você controlar ou brincar. Essas meninas não eram seus brinquedos e este mundo não é seu playground. — Continuei meu ataque furioso, defendendo cada ponto com um soco esmagador ou um chute rápido e cruel.

— Mas enquanto estamos aqui, posso muito bem realizar uma experiência com *você*.

Um par de velhos dois por quatro⁹ estava em uma pilha abandonada e usei o dedo do pé para colocar um em minhas mãos. Antes que Crane pudesse dar outro passo, enfiei a estaca de madeira improvisada em seu coração.

A pele já cerosa de Crane empalideceu. Sua boca formou um “o” enquanto o sangue escorria pelos cantos.

Sua pele rachou, fazendo parecer que havia um mapa de rios vermelhos brilhantes por todo o corpo, subindo pelo pescoço e passando pelo rosto. Então, com um último grunhido, ele explodiu em cinzas.

— Você merecia pior — eu sussurrei. Quando me virei, encontrei Grim parado a certa distância, me observando. Uma sombra cruzou seus olhos, mas eu pude ver a rigidez de sua mandíbula.

O mestre vampiro estava morto. Eu completei meu propósito. Grim deixou bem claro no momento em que eu perdi a minha utilidade que ele iria acabar comigo. Esperei, esperando que ele diminuísse a distância e acabasse com a minha existência. Especialmente agora que bebi o sangue dele.

Ele não se mexeu. À medida que os minutos se estendiam entre nós, percebi que ele não iria me matar. Ele estava esperando para fazer isso mais tarde? Ou isso tinha a ver com eu beber o sangue dele? Eu

⁹ Um tamanho padrão de madeira acabada usada em construção que mede um pouco menos de cinco centímetros de largura e dezoito de profundidade e pode ser cortada em vários comprimentos.

não sabia, mas aproveitaria meu tempo emprestado. Jamal precisava de ajuda agora.

Virando as costas para ele, corri em direção à voz de Miranda. Finalmente encontrei-me com ela e nos abraçamos, aliviadas por nos vermos.

— Jamal? — Ela perguntou, sua voz tensa de preocupação.

Sangue manchado em seu pescoço, rosto e braços. Eu estava prestes a responder quando fui atingida por uma conclusão. — Isso é sangue de vampiro em você? — Perguntei.

— Alguns são deles, alguns são meus — ela disse, empurrando um pouco do cabelo para trás, espalhando mais sangue nele. Ela ainda usava uma tipoia em um braço, e o cheiro de pólvora a envolvia em uma névoa espessa que me dava vontade de espirrar. Ela veio ao resgate trazendo um grande fogo. Miranda West era uma durona.

Então eu percebi uma coisa. Cada vez que eu estava perto de um humano, eu era atraída pelo sangue deles, não importa o quanto eu já tivesse bebido. Chamava-me como uma sirene. Tão perto de Miranda, coberta com seu próprio sangue, deveria me dar vontade de lambê-la como um picolé em um dia quente, mas não senti... nada. Sem atrativo, sem fome, sem nada.

Grim tinha feito algo comigo. Algo que eu não conseguia explicar, mas eu sabia até a medula dos ossos que não queria.

— Mais tarde, você terá que me explicar sobre Grim e seus amigos super-heróis, mas me diga — sua voz mais insistente — Você sabe se Jamal está bem?

— Ele precisa de ajuda, mas vai ficar bem — eu disse, depois a puxei para onde seu filho estava.

Nós conseguiríamos ajuda. Jamal viveria. Mas posso ser morta quando Miranda descobrir que fui eu quem o mordeu.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS



Jamal estava se recuperando no hospital e Grim não se dignou a me matar. Na verdade, ele não tinha falado comigo desde que saímos dos túneis. Ele foi direto tomar banho e se trocar enquanto Timothy, que parecia o mais desleixado que eu já o vi, tendo devastado todos os sekhors com Miranda, Fallon e uma mulher, provavelmente outra deusa, chamada Galina, olhava para Grim.

— Você vai precisar tomar banho e se trocar — ele me disse.

— Por quê?

Seus lábios se apertaram como se ele estivesse relutante em me dizer o que estava por vir.

— Vamos, Timmy — eu incitei. — Diz-me o que se passa.

Embora Timothy geralmente deixasse as coisas escaparem para meu benefício ou para sua necessidade de compartilhar, desta vez ele ficou trancado com mais força do que uma prisão após uma fuga.

— Haverá uma muda de roupa preparada para você quando terminar de se limpar. Você vai se encontrar com... — Ele parou, enquanto seu rosto se contraía em uma expressão que eu não compreendi até depois que ele saiu. Quando as portas do elevador se fecharam atrás de Timothy, ele acrescentou: — Não se esqueça de lavar atrás das orelhas.

Temor. Foi o medo que interrompeu sua explicação. Timothy estava com medo de quem eu deveria encontrar. Quando me perguntei do que um deus tinha medo, a melhor resposta que consegui foi de um gigantesco e malvado Stay Puft Marshmallow Man¹⁰.

¹⁰ É um personagem da franquia Ghostbusters, que às vezes aparece como um monstro gigante, desajeitado e paranormal.

Depois de tomar banho, encontrei um vestido branco e esvoaçante colocado sobre a cama. Recusei-me a vestir a linda confecção feminina e as delicadas sandálias douradas que a acompanhavam. Em vez disso, fui até o closet, onde sabia que poderia desenterrar algo com um pouco mais de atrevimento. Minha confiança estava em terreno instável, então vestir algo mais do meu estilo me fortaleceria para o que quer que estivesse prestes a acontecer.

Grim iria fingir que estava me matando? Ele me sacrificaria com o vestido branco em algum vulcão? Será que ele arrancaria isso de mim e me levaria para algum altar? Ok, esse último fez com que o calor se espalhasse pelas minhas bochechas e entre as minhas coxas. Mas eu ainda não queria estar perto dele depois de provar seu sangue.

Quando abri o closet, descobri que ele havia sido esvaziado, deixando apenas uma grande placa e minhas botas de combate no fundo.

Prezada Vivien,

Nem pense nisso. Coloque o vestido.

Obrigado gentilmente,

Jeeves.

Touché, Timmy. Coloquei o vestido, incapaz de deixar de apreciar a textura macia dele deslizando contra minha pele. Eu me senti como uma deusa nisso, o que foi ao mesmo tempo fortalecedor e me deu um caso grave de síndrome do impostor. Voltei para a sala, mas estava vazia. Precisando de algo para fazer com as mãos, fiz uma trança francesa no cabelo.

Quando Grim saiu de seu quarto, ele estava vestindo apenas uma calça preta. Seus pés estavam descalços e seu torso duro e esculpido estava exposto para meu prazer visual. *Bolsas de sangue sagrado.* Lutei contra a baba que ameaçava vazar pelo canto da minha boca.

Droga, cérebro, Jenkins puxou aquela alavanca? Os garotos que comandavam meu cérebro estavam recebendo uma redução total no salário. Mas o corpo de Grim era uma obra-prima, desde seus ombros largos e musculosos até seu abdômen cônico e tanquinho. Ele também tomou banho e seu cabelo molhado caiu sobre sua testa, embora ele tentasse empurrá-lo para trás, sua pele cor de caramelo brilhava com a umidade. E que Deus ajude um vampiro, mas o corte de seus quadris era positivamente pecaminoso. Era a trilha perfeita para um dedo, ou talvez uma língua seguir.

Mas em meio a todo esse desejo que meu corpo sentia, me incitando a atacar e montar Grim de uma só vez, havia uma necessidade diferente. Isso me deixou fraca e tonta. Antes, eu nunca detectei o que corria em suas veias, mas agora o ouro líquido sob sua pele me chamava. Eu queria afundar minhas presas nele novamente e me perder.

Minhas mãos tremiam até que eu as fechei em punhos. Eu estava ansiosa. Ruim. Sangue humano era uma coisa, mas eu nunca poderia me permitir beber de Grim novamente.

As feições do deus à minha frente eram feitas de pedra, não revelando nada. Eu me senti tímida sob seu olhar, meu estômago se contorcendo. Então, levantei meu queixo e olhei para trás. Grim não reagiu, ele nem sequer me deu uma olhada, o que achei um pouco ofensivo. Afinal, eu parecia um maldito anjo aqui. Eu teria feito alguma piada ou criticado ele se não houvesse algo no ar desde que voltamos dos túneis. Pendia tão pesado quanto roupas encharcadas em um varal.

Seus olhos tocaram meu pescoço e depois meus pés. Eu enrolei o pedaço de couro em volta do pescoço novamente e troquei as sandálias pelas botas de combate de salto alto.

Fiz o meu melhor para lutar contra minha luxúria, desejo e fome enquanto a desconfiança dividia o ar entre nós como o mar vermelho. Beber seu sangue mudou as coisas entre nós em um nível básico e inegável. Eu não permitiria que minha necessidade física por ele ditasse minha ação.

— O que eu sou agora? — Perguntei.

Quando Grim finalmente encontrou meu olhar novamente, ele disse: — Você pagou o preço pela alma do menino.

— Você disse que não poderia colher minha alma.

— Eu não colhi. Eu amarrei.

— O que isso significa?

Ele não respondeu, apenas continuou a me encarar com seu olhar negro, como se estivesse olhando para uma mulher morta. Mas eu estava morta-viva.

Apesar de Jenkins e o resto da equipe controlarem as engrenagens do bom senso em meu cérebro, caminhei para frente até ficar na frente dele. Eu poderia fazer isso. Estar perto dele e controlar todos os meus gritos.

Minha voz era baixa, perigosa. — Diga-me. Não vou perguntar de novo.

— Fizemos um vínculo de sangue e agora você pertence a mim.

— Pertence a você? — Então me lembrei. Grim falou dos tempos antigos onde os sekhors eram escravos dos deuses. — Você me fez sua escrava?

Eu poderia ter bebido o sangue dele, mas foi Grim quem desviou o poder de mim. Ele puxou e tirou de mim até possuir quase tudo de mim.

Então me lembrei de como ele me ordenou que saísse dele e pulei para trás. Eu não me movi por vontade própria, foi o comando de Grim que me controlou. Foi o mesmo empurrão que Landon Crane deu em minha mente quando ele alimentou minha sede e me colocou em cima de Jamal.

— Mas seu destino não foi totalmente decidido. — Ele me fez sinal para entrar no elevador quando ele abriu sem olhar para mim. — Existe uma autoridade que nem eu posso desafiar.

Lembrando-me do medo de Timothy, segui Grim.

Lembrei-me de como ele uma vez bateu as mãos em cada lado da minha cabeça aqui. Como sua fúria se transformou em luxúria enquanto ele se pressionava contra mim. Mesmo enquanto ele me repreendia, eu estava excitada, querendo irritá-lo ainda mais, como ele fez na minha.

Agora o espaço entre nós era pesado e frio. Ele passou por mim para apertar o botão preto e o elevador desceu suavemente. Quando as portas se abriram novamente, ele pegou meu braço. Eu não tinha certeza se era para me impedir de correr ou porque eu poderia cair.

A constatação de que eu era prisioneira de Grim me deixou como os escombros de uma torre caída. Eu não sabia o que pensar ou fazer, então deixei que ele me conduzisse pela antecâmara. As tochas brilhavam, lançando sombras sinistras pela sala.

Talvez qualquer monstro que estivesse na sala ao lado contasse comigo. Não me importei. Eu permaneceria prisioneira ou deixaria de existir. De qualquer forma, minha vida não era mais minha. Em vez disso, ele me conduziu ao redor de seu trono até a parede atrás dele. Eu não tinha notado antes, mas um mural antigo de uma balança gigante decorava a parede.

Grim colocou a mão na parede e fechou os olhos. A luz brilhou ao redor de sua mão até que as paredes se separaram em uma explosão de luz. Nós passamos. Quando o brilho diminuiu, me encontrei com Grim em uma praia de areia preta. Os juncos altos farfalhavam enquanto os pássaros pretos grasnavam, cruzando um céu azul claro. Quando olhei para trás, descobri que qualquer vestígio da antecâmara havia desaparecido.

Joguei as mãos sobre a cabeça, esperando virar cinzas. O pânico fechou minha garganta. Grim puxou meus braços. — Você está segura aqui. Essa é uma estrela diferente — disse ele, apontando para o sol.

— Então não estamos mais na Terra? Estamos em um planeta diferente?

Ele balançou sua cabeça. — Não é um planeta diferente. É para lá que as almas dignas vão depois de serem consideradas dignas da vida após a morte.

— Espere, isso é o paraíso? — O choque fez meus olhos se arregalarem como pires.

— De certa forma. Sim, foi referido assim — disse Grim.

Huh. Não vi nenhuma padaria ou café. Quão grande seria o céu se você não conseguisse nenhum biscoito?

— Ahoy — um homem gritou. Um velho grisalho, com membros em forma de cabo de vassoura e uma brilhante barba branca acenou-nos para o seu barco preto brilhante que me lembrou de uma gôndola. Ele se apoiou em um cajado que havia enfiado na água para evitar que flutuasse.

Sem uma palavra, Grim me levantou e caminhou pelo pântano antes de me depositar no barco.

— Eu poderia ter caminhado sozinha — resmunguei, cruzando os braços. Grim pulou ao meu lado.

— E arruinar suas botas de combate?

— Então esta é ela, hein? — O homem de cabelos brancos bufou enquanto empurrava o barco para longe da costa. Ele tinha os olhos azuis mais brilhantes que eu já vi, mas uma carranca que poderia envergonhar uma freira. — Ela é o motivo de todo esse alarido? Ela não deveria estar aqui. Quando ele descobrir que você a trouxe aqui, será um inferno a pagar.

— Calma, Hraf-haf — disse Grim.

— Não diga a ele para ficar quieto. — Coloquei as mãos nos quadris. — Você não pode mandar em todo mundo. Se o capitão quiser me julgar na cara, posso aceitar muito bem.

As sobrelanceiras do velho se ergueram. Então um sorriso se espalhou por seu rosto e descobri que seus dentes eram ainda mais brancos que seus cabelos. — Ah, eu gosto dessa. — Então, virando-se para Grim, ele disse: — Você ouviu isso? Não sou apenas um barqueiro normal, sou um capitão.

Dei um tapinha em seu ombro enquanto ele fazia o barco deslizar para frente, cortando a água cristalina. — Absolutamente. Todo homem que tem um barco não é capitão? — Hraf-haf, o barqueiro, passou a falar tudo sobre seu barco e como ele mesmo o construiu e não havia outro igual. Mesmo que eu não tenha entendido metade do que ele falou, balancei a cabeça como se entendesse. Ele ajudou a me distrair do nervosismo que me deixava enjoada. Grim ficou em silêncio, mas em vez de olhar para onde o barqueiro estava nos levando, ele se virou para me observar.

Assim que chegamos a outra costa, me vi olhando para um enorme palácio. Isso me lembrou dos templos do Egito, exceto que, embora fossem estruturas antigas e em ruínas, brilhavam como se fossem novas. A estrutura foi pintada em coloridos azuis, verdes e brancos.

Saudei Hraf-haf e disse que aquele foi o passeio de barco mais tranquilo que já fiz. Ele riu e então capturou minha mão, dando um beijo nas costas dela. — Foi um prazer conhecê-la, senhorita. Pena que ele provavelmente vai matar você.

Um arrepio percorreu minha espinha. Quem? Quem iria me matar? Este parecia ser um lugar tão legal. Certamente ninguém jamais foi assassinado aqui.

Antes que eu pudesse responder, Grim me levantou mais uma vez em seus braços e me carregou pela curta distância até aterrissar.

O barqueiro apoiou-se no cajado e acenou.

Caminhamos pelo templo até chegarmos a um conjunto de portas enormes. Grim parou, olhando para elas com receio. Ele não queria entrar.

Então, em um movimento, ele me puxou para ele enquanto seus lábios pressionavam os meus. O beijo foi abrasador. O fogo zuniu através de mim. Minhas entranhas se transformaram em uma massa trêmula, desesperada e indefesa. Eu queria me perder em Grim e esquecer tudo, menos a aspereza de sua mandíbula com a barba por fazer. Eu queria suas mãos perfeitas e sexy em mim em todos os lugares. Eu estava prestes a explodir em um inferno de fogo se não arrancasse suas roupas e provasse cada centímetro de sua pele caramelada decadente. Então eu beberia seu sangue e cairia para trás no espaço enquanto sua força vital bombeava através de mim novamente.

Apesar da cacofonia de desejos carentes e desejosos, consegui ficar perfeitamente imóvel sob sua boca habilidosa. Quando ele recuou, interrompendo o beijo, meu peito apertou. Eu merecia um adesivo de estrela dourada – dane-se, eu merecia uma medalha, uma tiara, joias da coroa por resistir àquele beijo. No entanto, de alguma forma eu consegui.

— Para o que foi isso? — Eu disse, orgulhosa de minha voz não soar tão trêmula quanto eu pensava.

— Para dar sorte — disse Grim. Seus olhos eram da cor de chocolate amargo derretido.

Eu apertei meus punhos com tanta força que minhas unhas cortaram as palmas das mãos. A dor me ajudou a não ser arrebatada por seu poder místico.

— Não preciso de sorte — consegui dizer em tom mordaz. Ele não precisava saber que me transformou em pudim e deixou uma necessidade escorregadia entre minhas coxas.

Uma de suas sobrancelhas ergueu-se quase imperceptivelmente. — Quem disse que eu estava falando sobre você? — Grim deu um passo à frente e deu uma batida forte e rítmica na porta.

Eu estava confusa, excitada e apavorada. O que ele quis dizer com não era para mim?

Para que o deus da morte poderia precisar de sorte? Ele era invulnerável. Certo?

Grim revirou os ombros para trás. Ele estava nervoso. Eu nunca soube que Grim estava nervoso. Irritado, claro. Irritado, muitas vezes, e por mim. Mas nervoso? Bem, se ele estava nervoso, isso significava que eu deveria encher minha calcinha com tijolos.

As portas se abriram lentamente e sem a ajuda de ninguém. Grim avançou com passos medidos e eu fiz tudo o que pude para não tropeçar nos pés. De repente, desejei não ter usado as botas. Elas ecoaram alto pelo chão de pedra.

Era parte palácio, parte oásis. Colunas douradas ornamentadas emolduravam antigas imagens egípcias e hieróglifos que adornavam as paredes com tons de marrom, turquesa e laranja queimada. Caminhamos por um piso de arenito em direção ao que parecia ser um estrado elevado sob um mirante. Isso me lembrou do trono que vi na antecâmara de Grim, mas este era cem vezes maior.

Não havia teto aqui, permitindo que o sol do meio-dia aquecesse minha pele. A plataforma do trono era cercada por águas cintilantes que funcionavam como um fosso em miniatura cheio de grama alta e elegantes pássaros parecidos com cegonhas.

Atrás do trono, uma parede oscilava entre outro mural ornamentado e um oásis aberto que inspirava paz simplesmente olhando para ele.

Mas você sabe o que não instilou paz?

O cara sentado no trono. Ele tinha pele azul-gelo e olhos grandes, cor de mirtilo, sem íris. Um chapéu alto e branco ligeiramente enrolado no topo, combinando com sua roupa branca de pijama. A princípio, pensei que suas roupas brancas estavam brilhando, mas logo percebi que era muito difícil olhar diretamente para o homem. Ele brilhava e efervescia com um poder cru e inspirador que penetrou em meus ossos. Havia uma estranheza nele que causou arrepios de alarme na minha nuca e na minha espinha.

Ele não reconheceu nossa abordagem.

Admito que eu não gostava muito de mitologia, mas sabia algumas coisas básicas da escola. E não havia dúvida de quem era esse grande mamba jamba¹¹. Se o ser ao meu lado era Anúbis, então o deus à nossa frente era Osíris.

Quando ele piscou, quase fiz xixi e caí no chão. Eu não me lembrava de quando Grim me pegou pelo braço, mas ele foi a única coisa que me segurou enquanto minhas pernas se transformavam em líquido.

¹¹ Gíria comumente usada pra algo positivo e grandioso.

Aqueles olhos azuis focaram em mim e tudo em mim se acalmou. Parecia que lasers estavam atravessando minha cabeça até os pés, me examinando em busca de alguma coisa.

Quando o deus falava, era como ouvir centenas de vozes diferentes e individuais ao mesmo tempo. — Você matou o mestre sekhor.

— Ela fez isso. — Grim confirmou, mas parou quando Osíris levantou a mão.

— Deixe-a falar por si mesma.

Suprimi um arrepio de medo. Pisar em ovos não era meu forte. Falar com casca de ovo, menos ainda.

— Eu fiz, você é, uh, Alteza. — Com Grim foi uma provocação, mas com Osíris, eu quis dizer isso. Na presença dele, eu estava dolorosamente consciente do verme sem sentido que eu era. Não, eu era mais baixa do que isso, a terra que um verme escavava.

Osíris inclinou levemente a cabeça. Mais uma vez, fiquei impressionada com sua estranheza. — E ainda assim você é um mestre sekhor.

Balancei a cabeça, não confiando em mim mesma para dizer alguma coisa. Grim me trouxe diante de Osíris para julgamento, percebi. O capitão Hraf-haf estava certo. Eu não precisava me preocupar em ser escrava de Grim, Osíris iria me eliminar da existência.

A atenção de Osíris mudou para Grim e o alívio tomou conta de mim como se eu tivesse sido libertada de algum raio trator que me mantinha no lugar.

— E você a amarrou a você. — Mais uma vez, as palavras foram ditas com uma curiosidade distante.

— Eu fiz. Ela queria que eu salvasse um menino e concordou com o preço — disse Grim.

— Um preço proibido.

— Ela não sabia e tem sido uma aliada útil...

Um estrondo ecoou pela sala, embora não houvesse nenhum som real. Grim parou de falar.

Caralho. Não suje este lindo vestido, não suje este lindo vestido.

— Na verdade, ela ajudou a descobrir a conspiração — disse Osíris, os olhos voltando para mim. Mais uma vez, a pressão se abateu sobre mim de todos os lados. Embora tentasse parecer o menos ameaçador possível, tive certeza de que meus olhos estavam arregalados.

Grim falou novamente. — Qadesh estava por trás da conspiração, mas ela escapou...

Outro estalo silencioso ecoou pela sala.

Algo brilhou na escada que levava até onde Osíris estava sentado. Como uma miragem entrando em foco, logo vi Qwynn pairando no ar, completamente nua. Ela não parecia consciente da nossa presença enquanto segurava as orelhas, os olhos cheios de terror absoluto. Embora eu não pudesse ouvi-la, parecia que ela estava gritando.

Osíris falou novamente. — Qadesh foi detida e sua punição está sendo cumprida.

A maneira como ele disse isso me fez pensar que ela nem estava lá, que talvez fosse apenas algum tipo de holograma dela, onde quer que ela estivesse.

Eu não gostei nem um pouco da vagabunda, mas minhas mãos coçavam para tirá-la de qualquer cone de inferno em que ela parecia estar envolvida. Vê-la com uma dor abjeta me irritou de uma maneira que eu não esperava. Eu acreditava na justiça, mas não acreditava na tortura.

Qwynn desapareceu de vista novamente e ficamos em silêncio. Apenas o chilrear dos sapos e o ocasional bater de asas preenchiam o espaço.

Osíris falou novamente, desta vez com a voz menos tensa, mas ainda sobrenatural. — Qwynn era um peão, assim como o mestre sekhor. Há uma conspiração entre nós e não sei quem está por trás disso.

Pelo que Grim me contou, Qwynn não era motivada nem inteligente o suficiente para fazer uma façanha tão grande, aparentemente papai Osíris concordou.

— Preciso saber quem está tentando perturbar o equilíbrio. — Osíris piscou. Como um piscar de olhos poderia ser assustador? Jurei que, se sobrevivesse a isso, praticaria no espelho até conseguir a mesma quantidade de intimidação.

— Você acredita ser o alvo? — Grim perguntou.

— Eu acredito. E acredito que seja um dos nossos. Você provou ser fiel. Desejo que você descubra a origem desta conspiração, acabe com ela e me traga o perpetrador.

Grim inclinou a cabeça. — Como lhe agradar.

Osíris inclinou a cabeça na direção de Grim. — Quanto ao sekhor. Ela provou ser útil, como você diz. Mas a existência dela é proibida, assim como o vínculo de sangue que você formou com ela. O que você tem a dizer em sua defesa, Anúbis?

Arrisquei um olhar quando Grim não respondeu. Sua mandíbula estava rígida e seus olhos brilhavam com talvez lealdade? Orgulho? Obrigação? Eu não tinha certeza, mas depois de um momento Osíris assentiu levemente. — Eu entendo.

Eu não entendo. Grim não respondeu em voz alta, então como Osíris “entendeu”?

A ideia de que o deus poderia ler mentes de repente me encheu de medo. Caso ele quisesse escutar meus pensamentos, me forcei a encher minha mente com lixo inútil.

Memes de gato, lama, aquela foto de pau que tirei de um dos meus saltos.

Droga.

Um jingle de cola, o caminho que eu costumava seguir até minha cafeteria favorita, pornografia amadora explícita e grosseira.

Droga dupla.

— Você manterá a sekhor sob sua supervisão. Ela irá ajudá-lo a descobrir essa conspiração. Ela fará o que ela faz de melhor.

Espere, o quê?

As portas se abriram atrás de nós mais uma vez.

— Espere, é isso? Eu posso viver?

A mão de Grim apertou meu braço com tanta força que pensei que meu músculo pudesse sair da minha carne.

Os olhos de Osíris pousaram em mim novamente, fazendo-me arrepender de ter falado em voz alta. — Anúbis conhece as regras.

Você tem uma vantagem rara e passageira. Não me faça arrepender-se de ter concedido isso.

Resisti à vontade de saudar enquanto Anúbis me arrastava para fora da sala do trono às pressas, provavelmente com medo de que eu dissesse mais alguma coisa.

Voltamos para Hraf-haf. Ele sorriu. — Fico feliz em ver que você viveu para ver outro dia, senhorita.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS



Esperei até voltarmos à antecâmara para fazer minhas perguntas.

— O que ele quis dizer com ‘farei o que faço de melhor’?

Grim não respondeu imediatamente.

— Agora. Você está me contando tudo agora. Não vou esperar mais, então você pode acabar com essa besteira enigmática.

— Caçar. Você caça pessoas e caça sekhors. Você até suspeitou de Qwynn, onde eu estava cego para suas habilidades mais uma vez. Osíris quer que você me ajude a descobrir a conspiração contra ele porque caçar é o que você faz de melhor. Um dos deuses busca o caos e a agitação. Isso não é uma transgressão pequena.

Cruzei os braços, ainda tentando acompanhar. — E como devemos fazer isso? Vá de porta em porta ao redor do mundo e pergunte a cada deus se eles fizeram isso? Quantos são? Além disso, não viajo bem. Fico doente em aviões.

Grim não conseguiu disfarçar o sorriso.

— O quê? O que é tão engraçado?

— Você divaga quando está nervosa.

— Você arruma seu terno quando está nervoso — respondi.

Sua expressão se esvaziou. — Não precisamos viajar pelo mundo para ver o resto dos deuses.

— E por que isto? — Eu bati meu pé.

Grim sentou-se no braço de seu trono, com um pé no assento, posicionando-se em uma pose incrivelmente sedutora. — Porque eles estão todos aqui. Em Las Vegas.

Meu pé parou.

Ele entrelaçou os dedos. — Todos os deuses residem na Strip. Como sou dono de Sinopolis, eles reivindicaram outros hotéis desse tipo. Eles estão todos aqui.

Todos os deuses estavam em um só lugar. Em Las Vegas. Foi daí que se originou o ditado *o que acontece em Vegas, fica em Vegas*? Porque senão um deus pode te dar uma surra.

— Quais são as regras? — Perguntei, referindo-me novamente à nossa conversa com papai Osíris.

Ele falou mais devagar. — Acho que você já sabe que o sangue humano não irá mais sustentá-la.

Balancei a cabeça, não confiando em mim mesma para falar.

— Isso é porque agora você está ligada a mim. Você precisa do meu sangue, e somente do meu sangue, para permanecer viva.

O chão caiu debaixo de mim? Eu chequei. Não. Deve ter sido meu coração caindo do peito. — Literalmente, o sangue de mais ninguém? Nem mesmo outros deuses?

Grim balançou a cabeça, sua expressão tão séria quanto só a própria Morte poderia fazer.

— Você não apenas controla o que eu como, você pode controlar minha vontade. Como costumavam fazer antigamente — eu disse, ouvindo o rosnado em minha voz. — Já estou farta disso com Crane.

Ele estava de pé em um piscar de olhos. — Não vou abusar do poder, Vivien.

— É o suficiente que você tenha isso em primeiro lugar. — Ele não entendeu. Eu tinha trabalhado tanto para sair do controle de alguém e acabar assim... me perguntei se isso não seria pior do que a morte para mim.

— Há apenas uma regra à qual vou obrigá-la — disse ele, agora se elevando sobre mim.

Minha respiração ficou presa na garganta. Eu não queria estar vinculada. Não queria ficar presa tendo que me alimentar de Grim. Eu queria voltar para meu apartamento de má qualidade e descobrir uma maneira de transformar minha vidinha sem sentido em algo que eu realmente quisesse. Talvez aprender como ser uma confeitadeira e abrir

uma loja, encontrar um pequeno açougue onde eu pudesse conseguir sangue.

— Você não pode contar a ninguém que os deuses andam entre eles.

Um torno invisível apertou minha garganta com tanta força que minhas mãos se ergueram como se quisessem arrancar de mim a força invisível. Passou depois de alguns segundos, eu sabia que Grim usou seu poder para me amarrar magicamente.

O que significava que na primeira oportunidade eu iria procurar um alto-falante e ver se conseguia pronunciar as palavras.

— É isso? — Olhei carrancuda para Grim, odiando o poder que ele tinha sobre mim. — Posso ir agora?

— Você terá que ficar por perto já que precisa do meu sangue.

A irritação explodiu em mim. — Você tem que ser tão...

— O quê? — Ele perguntou, erguendo a sobrancelha.

— Você tem que agir com tanta frieza e cálculo como se isso fosse uma transação comercial?

— Foi uma transação. Dei ao menino mais tempo nesta Terra e você servirá ao vínculo de sangue.

— Diga-me a verdade, você escolheu o preço porque sabia que isso me faria odiar você?

Ele passou a mão frustrado pelo cabelo escuro e rebelde. — O que faz você pensar que eu quero que você me odeie intencionalmente?

— Porque você estava com medo do que estava crescendo entre nós. Você sentiu algo por mim e teve que parar com isso, e não teve coragem de me matar. — Lágrimas encheram meus olhos e eu me odiei por isso.

Grim me agarrou pelos ombros, me puxando para ele, me beijando novamente. Era feroz, quente e possessivo. Minha alma disparou com o contato e então despencou do penhasco onde ele me empurrou. Eu nunca poderia amar alguém que me controlasse. Eu o empurrei de cima de mim. Um tapa sonoro ecoou pelo ar. Minha mão doeu onde acertei sua maçã do rosto perfeita.

Os olhos de Grim ficaram vazios.

— Nunca mais. Você nunca mais poderá fazer isso.

Um sorriso absolutamente predatório curvou seus lábios. — Só se você implorar.

Eu me virei e me afastei para que ele não pudesse ver as lágrimas caindo. Eu o odiava e ainda assim nunca poderia escapar dele agora.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO



— Por que você fez isso?

Não reagi, embora Timothy me pegasse de surpresa, esgueirando-se por trás. Ele agora estava em ordem mais uma vez.

— Por que eu a deixei beber meu sangue? Porque eu não poderia levar a alma dela pela de Jamal. Era a única opção.

— Hum. — Timothy observou Vivien recuando ao meu lado. Ele não acreditou em mim.

A verdade era muito mais aterrorizante. Eu precisava de Vivien. Eu não poderia acabar com ela, então a acorrentei a mim por toda a eternidade. E ela me odiaria por tanto tempo.

Ou pelo menos enquanto Osíris a considerasse útil. Mas desenterrar uma conspiração entre os deuses poderia levar anos, séculos, talvez milênios. Ou tudo poderia explodir com a queda de um poderoso martelo em questão de horas. De qualquer forma, Vivien viveria um pouco mais.

— Você disse a ela que quebrou todas as regras do livro para salvá-la?

— Não importa. Ela me despreza. Eu a aprisionei.

— E agora você tem uma fraqueza que eu nunca vi você se entregar.

Eu me virei para ele. — Você não deve contar a ela. Assim como você não deve contar a ela o que aconteceria se ela bebesse muito do meu sangue.

Timothy fungou. — Eu nunca.

Vivien me deixou fraco, em mais de um aspecto. Ela me fez esquecer o dever e a responsabilidade. Embora eu quisesse acreditar

que tinha feito as coisas com base em um cálculo frio, minhas emoções tomaram conta de mim. Depois que pensei que eles já haviam endurecido.

Agora o truque era ficar perto de Vivien sem realmente estar perto dela. Suspirei e sentei no meu trono. Havia muitos julgamentos com os quais eu deveria prosseguir, eu poderia aproveitar a distração.

Embora eu soubesse que não haveria nada que pudesse apagar aqueles olhos verdes brilhantes, cheios de paixão, a sensação dos lábios dela sob os meus, ou a dor do tapa no meu rosto.

Não houve descanso para os ímpios e certamente nunca para a Morte.

EPÍLOGO



— Então este é o seu novo lugar? — Miranda perguntou enquanto eu lhe servia uma taça de vinho tinto. Até servi uma para mim. Eu não queria deixar aquele idiota do Landon Crane estragar nada para mim. Eu me forçaria a amar o vinho, apesar da coisa horrível que ele fez comigo. Parecia justo.

Confessei a Miranda o que fiz a Jamal, esperando que ela atirasse em mim. Em vez disso, ela agarrou minha mão e disse que sabia que não era culpa minha. Afinal, eu o salvei. Ele recebeu alta do hospital e teve muitas longas conversas com sua mãe sobre o que eles antes pensavam ser verdade sobre este mundo. Ela lhe dissera: — A vida tem a capacidade infinita de nos surpreender. Neste caso, criaturas sombrias e assustadoras que nunca pensamos que poderiam existir. Mas isso também significa que existem infinitas possibilidades para a expressão do amor, da esperança e do bem no mundo. — Informei a ela que era órfã e exigi que ela me adotasse imediatamente.

Quando perguntei se Jamal tinha medo de mim, ela explicou que ele achava que eu era um super-herói. Ele sabia que eu era manipulada pelos bandidos. Eu absolutamente não chorei quando ela me disse isso.

Então contei a Miranda sobre o vínculo de sangue, que agora só poderia beber o sangue de Grim e que havia abandonado os humanos para sempre. Nem precisava de correção. Ela sabia que ele era diferente, só não sabia como. Miranda só sabia que ultimamente esteve perto de muitos seres sobrenaturais. Graças a Deus ela era a garota mais legal e durona que eu conhecia e não se transformou em uma poça incoerente de medo. Eu queria ser ela quando crescesse.

A mão de Miranda envolveu o balão de vidro gigante, quando eu o passei para ela e disse: — De jeito nenhum eu iria morar naquela cobertura com sua majestade.

Embora ele raramente passasse algum tempo lá em cima, razão pela qual era uma grande prisão improvisada para mim, em primeiro lugar, ainda era dele. Cheirava a ele, seu gosto estava em toda parte e era inevitável. Posso estar com rédea curta, mas pretendia aproveitar cada centímetro.

— Então eu exigi minhas próprias acomodações. Ainda estou no mesmo hotel, mas você não adora? — Perguntei a Miranda. Estávamos em uma das maiores suítes de Sinopolis, completa com dois quartos, uma cozinha e uma piscina infinita que se estendia até o vidro e dava para as luzes cintilantes da Strip. Claro, cortinas blackout resistentes foram instaladas para evitar que eu acabasse em uma pilha de cinzas.

— Quero dizer — disse ela, olhando para as pilhas de roupas por toda parte — É impressionante que você tenha destruído tudo com tanta força em quanto, seis horas?

— Consegui o cartão de crédito de Sua Majestade e fiz muitas compras online. — Examinei as mini montanhas que fiz. — E ainda estou tentando descobrir meu novo visual. Jane tinha um certo estilo, mas agora sou Vivien. E Vivien deu uma mudada total. Só não descobri qual ainda.

Miranda olhou minha bagunça com a censura mal contida que só uma mãe consegue fazer. — E uma empregada virá buscar tudo isso?

— Exatamente. — Eu balancei a cabeça, tilintando meu copo contra o dela. Jamal estava dormindo na casa de um amigo, nos deixando uma noite feliz de meninas. E agora que eu tinha lembranças, podia contar o número dessas ocasiões nos dedos de uma mão.

Ela encolheu os ombros e suspirou, parecendo desistir da vontade de me dar um sermão para que eu continuasse, e tomou um gole de seu copo. — Então você já vai me dizer o que Grim é? Ou Timothy ou aqueles outros dois idiotas que lutaram contra aqueles vampiros comigo?

Tomei um gole mais longo da taça. Ainda queria que fosse uma cerveja. Fiel à palavra de Grim, eu estava fadada a não revelar a identidade dos deuses. Ah, acredite, eu tentei. Imediatamente, muitas vezes, com Miranda, na verdade, mas eu mal conseguia respirar toda vez que tentava. Minha garganta apertava as palavras antes que elas pudessem realmente subir.

— Você sabe que não posso — eu disse. — Por que você pergunta?

Miranda beliscou a haste da taça de vinho e a rolou entre os dedos. — Grim me ofereceu um cargo em sua equipe de segurança, aqui em Sinopolis.

Eu congelo. — Você vai aceitar?

— É a de chefe da segurança. O trabalho vem com moradia, cinco vezes o salário que eu recebia em Castlegate, e os benefícios são de outro mundo. Ele até prometeu que o proprietário de Castlegate não iria resistir, pois cuidaria pessoalmente de compensar minha transferência.

A ideia de que eu poderia me precipitar e incomodar Miranda sempre que quisesse fez meu coração disparar. Eu estava planejando fazer isso de qualquer maneira, visto que os hotéis estão conectados por um corredor sem janelas, mas seria muito mais satisfatório fazer isso as custas de Grim.

— Mas eu não sei que tipo de homem Grim é.

Ele não é um homem.

Dei de ombros. — Pelo que posso dizer, ele trata sua equipe muito bem, até onde eu sei, ele não faz nenhuma merda obscura, se é isso que você está perguntando.

— Então posso dizer a ele que aceitarei o trabalho pela manhã.

Apertei e corri ao redor do bar para apertar Miranda em um abraço que quase quebrava os ossos. Depois nos deitamos no sofá e conversamos sobre como Jamal estava, escolhendo as roupas, algumas das quais eu a forcei a levar com ela porque ela tinha um corpo forte e músculos de braço bem definidos. Mais cedo do que eu gostaria, Miranda voltou para casa, cheia de coquetéis, em um táxi. De alguma forma, de tudo isso eu sairia com uma amiga. Isso foi mais do que eu tive na minha vida anterior. E com certeza não era nada.

Meu telefone tocou. Era um texto.

GRIM

Você está atrasada para o jantar.

Respirei fundo, embora não precisasse disso. Seria assim agora. Eu teria que pedir sangue a ele todas as noites.

Indo para minha nova pilha de sapatos, peguei um novo par de botas de combate com pontas de aço saindo delas.

Minha raiva e meu medo ainda estavam frescos como uma maldita margarida. Em essência, Grim me possuía. Ele jurou que não abusaria do poder, mas eu sabia que o controle era tudo para ele. Mais cedo ou mais tarde, ele escorregaria e puxaria minha coleira com tanta força que eu engasgaria com ela.

Deixando cair as botas, mudei de ideia, um brilho brilhante me atingiu. Peguei o biquíni rubi que usei quando estava brincando de isca. Isso foi realmente há apenas uma semana?

Coloquei alguns saltos altos e amarrei uma “capa” preta transparente em volta da cintura. Eu explicaria que, claro, gostaria de dar um mergulho depois da refeição.

Grim poderia se parabenizar por deter o poder em nosso relacionamento, mas eu pretendia fazê-lo se arrepender de cada segundo disso.

Todo segundo.

EPÍLOGO BÔNUS

Epílogo bônus quando Vivien vai e encontra Grim para aquela 'bebida'.

— Vamos acabar com isso — eu disse, entrando na cobertura de Grim. — Tenho planos de sair.

Infelizmente, eu estava conversando para uma sala vazia. Chega de entrar com todos os colhões e ser dona da sala.

Quando abri a porta do escritório da biblioteca, encontrei Grim sentado à sua mesa.

— Vamos acabar logo com isso. Tenho planos de sair. — Hmm, a segunda tomada foi boa, mas eu realmente tive muito mais força com a primeira.

Grim ficou de pé, as pontas dos dedos roçando o topo de sua elegante mesa executiva de madeira. Embora ele estivesse impecável de terno, como sempre, seu cabelo escuro estava desgrenhado e seus olhos injetados. Se eu não soubesse melhor, diria que o Deus da Morte estava passando por angústia ou ansiedade. Mas ele provavelmente estava chateado por não poder julgar tantas almas quanto planejava desde que lidou com a “bagunça de vampiros”, como ele sempre chamava.

Eu vesti um biquíni brilhante e uma capa transparente que revelava mais do que cobria.

Ele não disse nada. Apenas ficou ali, me estudando com uma intensidade que provocou arrepios nos braços e no torso nu.

Eu estava aqui para jantar, mas era ele quem parecia estar com fome.

— O quê? — O silêncio entre nós quebrou como um elástico, quebrando a tensão.

Com passos lentos e lânguidos, ele contornou sua mesa. — A mudança foi realmente necessária?

O pânico subiu pela minha garganta enquanto ele se aproximava de mim. Achei que estava pronta para enfrentá-lo, mas cada célula do meu corpo gritava para me virar e correr. Como se sentisse minha necessidade de fugir, ele parou perto de sua mesa.

— Eu precisava de espaço. Meu próprio espaço. Para administrar minha própria vida, agora que tenho uma. Ou, uh, uma não-vida.

— Você acha que vou controlar você?

Um peso pesado caiu sobre mim como um cobertor. — Você tem o poder de controlar minha vontade através do nosso, como você chamou isso? Laço de sangue?

Ele abriu a boca, provavelmente para protestar, mas eu continuei. — Você é um maníaco por controle de primeira ordem. É apenas uma questão de tempo até que você aproveite esse poder. — Quando minha voz ficou tão rouca?

Um flash passou por seus olhos. Descrença? Dor talvez? Então aquela máscara suave de frescor voltou ao seu lugar. Ele começou a vir em minha direção novamente, num ritmo lento e medido.

— Não posso dizer que sempre aprovei as coisas que você veste, diz ou faz, mas Vivien...

Meu coração não batia, mas onde deveria estar batendo, uma bobina se apertava a cada passo que ele dava em minha direção, até que pensei que iria quebrar e explodir. Quando Grim parou na minha frente, ele baixou a cabeça, o cabelo escuro caindo em seus olhos quentes de uísque. — Eu não desejo mudar você. — Algo não identificável brilhou naquelas profundezas douradas.

Em vez de cruzar os braços sobre o peito num débil ato de autopreservação, rolei os ombros para trás e quebrei o pescoço. — Ótimo, super, podemos acabar logo com isso?

Um suspiro curto e frustrado emergiu dele quando percebeu que não havia nada que pudesse dizer para me convencer de que eventualmente não abusaria de seu poder. Isso é tudo que as pessoas fizeram, tentaram controlar as situações. Como deus, ele só poderia ser pior. Não havia nenhuma parte de mim que pudesse confiar nele. O que me doeu mais do que eu gostaria de admitir.

Estávamos unidos apenas para encontrar o mestre, mas mesmo em meio à nossa luta pelo poder, uma espécie de camaradagem foi construída. Claro, ele pretendia me matar, eu aproveitaria todas as oportunidades para escapar, mas bem lá no fundo, era como se estivéssemos jogando um jogo. Ou pelo menos foi assim que me senti. Ele provavelmente não conheceria um jogo se alguém o envolvesse em um tapete voador e enfiasse cartas de Uno em sua boca.

Mas você não poderia jogar com alguém que tinha todas as cartas e você não tinha nenhuma.

Grim estendeu a mão e desabotoou os botões da camisa. Embora eu não ache que ele estava tentando ser sexual intencionalmente, seus movimentos eram muito suaves, muito intensos, muito... eróticos.

Eu disse a mim mesma que a única razão pela qual minha boca estava salivando era porque finalmente conseguiria beber sangue, mas pude ouvir os homenzinhos correndo em meu cérebro murmurando: — Mentirosa, mentirosa, calças pegando fogo.

Ele puxou o colarinho aberto, expondo o ombro para mim, mas de repente eu senti que era eu quem estava exposta demais. Pressionei minhas mãos trêmulas contra a cobertura transparente de minhas coxas, desejando agora ter usado mais do que apenas um biquíni. Havia uma paciência profunda e constante nele enquanto me observava, esperando que eu fizesse meu movimento.

Então, aproximei-me do prato, por assim dizer, abaixei meus lábios até seu pescoço, enquanto tentava ignorar a agitação em meu estômago, o cheiro delicioso que ele cheirava e o quão forte e firme ele era.

Meus dentes afundaram em seu pescoço e como da última vez, assim que seu sangue atingiu minha língua foi como se eu tivesse sido arremessada para fora deste mundo em uma estrela cadente. Tudo ao meu redor explodiu quando o universo se revelou para mim. Fiquei pasma, mas também dolorosamente consciente de quão pequena e insignificante eu era. Os seres mortais não foram feitos para compreender esse reino abrangente, em constante mudança e expansivo. Ambos pesavam sobre mim como mil toneladas enquanto arrancavam o chão sob meus pés.

Então, quando ficou demais, tudo desapareceu, deixando apenas Grim e eu. Os meus gemidos eram demasiado altos para os meus ouvidos, mas não consegui impedi-los. Grim respirou fundo, como se estivesse experimentando um pouco do prazer que eu estava sentindo. De repente, ele era toda a gravidade que eu precisava, eu nunca suportaria me afastar dele.

Uma mão gentilmente segurou minha nuca, os dedos se enroscando em meu cabelo, encorajando outro gemido enquanto meus dedos dos pés se curvavam. Eu já tinha sentido tanto frio antes e agora o calor disparou através de mim até que eu mesma me tornei uma estrela brilhante e ardente.

Eu queria me entregar a ele, de todas as maneiras possíveis, até que nossos átomos se fundissem.

Não.

Eu não poderia me perder assim.

Uma onda de sentido me cortou e usei-a para colocar minhas mãos em seu peito antes de me lançar para trás, empurrando-me para longe.

Eu me vi sentada no sofá que estava atrás de mim, ofegando e tocando com os dedos o sangue ainda manchado em meus lábios, uma cacofonia de emoções explodindo em mim.

Eu o queria. Eu o odeio. Eu nunca poderia viver sem ele novamente.

Alfinetadas quentes de lágrimas perfuraram meus olhos.

— Vivien? — A voz de Grim era rouca e incerta. Como se ele fosse o vulnerável aqui, mas não era. Era eu quem precisava dele por toda a eternidade, e era demais. Eu trabalhei tanto para ter certeza de que nunca precisaria confiar em ninguém e agora não tinha escolha. A ambrosia do sangue dele na minha boca ficou acre.

— Vivien — ele disse novamente.

Então, num piscar de olhos, eu estava do outro lado da sala, no elevador, de repente saí correndo pelo saguão e entrei na noite quente das ruas de Las Vegas, descalça e de biquíni. Eu mal via para onde estava indo, só queria me perder na multidão. Fingir que eu era um desses humanos normais, responsável pelo meu próprio destino.

Mal registrei os vaio e assobios que ouvi ao passar por um grupo de homens. Eles não podiam me tocar. De alguma forma, todos ao meu redor pareciam tão pequenos, insignificantes, como se não pudessem me tocar e eu soubesse que não podiam.

Mas Grim poderia. De todas as maneiras possíveis, ele poderia me levar, quer eu lhe desse permissão ou não, isso me assustou além da medida. Eu não tinha certeza se poderia voltar e vê-lo. Se eu morresse de fome ou caísse sob seu controle novamente, eu sabia o que escolheria.

Ainda assim, eu percebi o olhar dele quando voei para fora de lá como um morcego saído do inferno. Miséria, arrependimento e preocupação, todos direcionados a mim.

Não. Eu não poderia fazer isso. Não poderia fingir que ele era meu aliado. Ele era o deus da Morte e tinha poder absoluto sobre mim, e por isso eu nunca poderia confiar nele, ou perdoá-lo pelo que ele fez.

Continua...

